



# A ILHA DO TESOURO

ROBERT LOUIS  
STEVENSON



Principis  
A small logo consisting of a stylized tree with a single trunk and two branches, centered below the publisher's name.



ROBERT LOUIS  
STEVENSON

A ILHA DO  
TESOURO

Tradução  
Monique D'Orazio





Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original

*Treasure island*

Texto

Robert Louis Stevenson

Tradução

Monique D'Orazio

Diagramação e revisão

Casa de Ideias

Produção e projeto gráfico

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

Navalnyi/Shutterstock.com;

Rosovskyi/Shutterstock.com;

pingebat/Shutterstock.com;

Gleb Guralnyk/Shutterstock.com;

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S847i Stevenson, Robert Louis, 1850-1894

A ilha do tesouro [recurso eletrônico] / Robert Louis Stevenson ; traduzido por Monique D'Orazio. - Jandira, SP : Principis, 2021.

240 p. ; ePUB ; 7,1 MB. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: Treasure island

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-282-2 (Ebook)

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura inglesa. I. D'Orazio, Monique. II. Título. III. Série.

2021-156

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

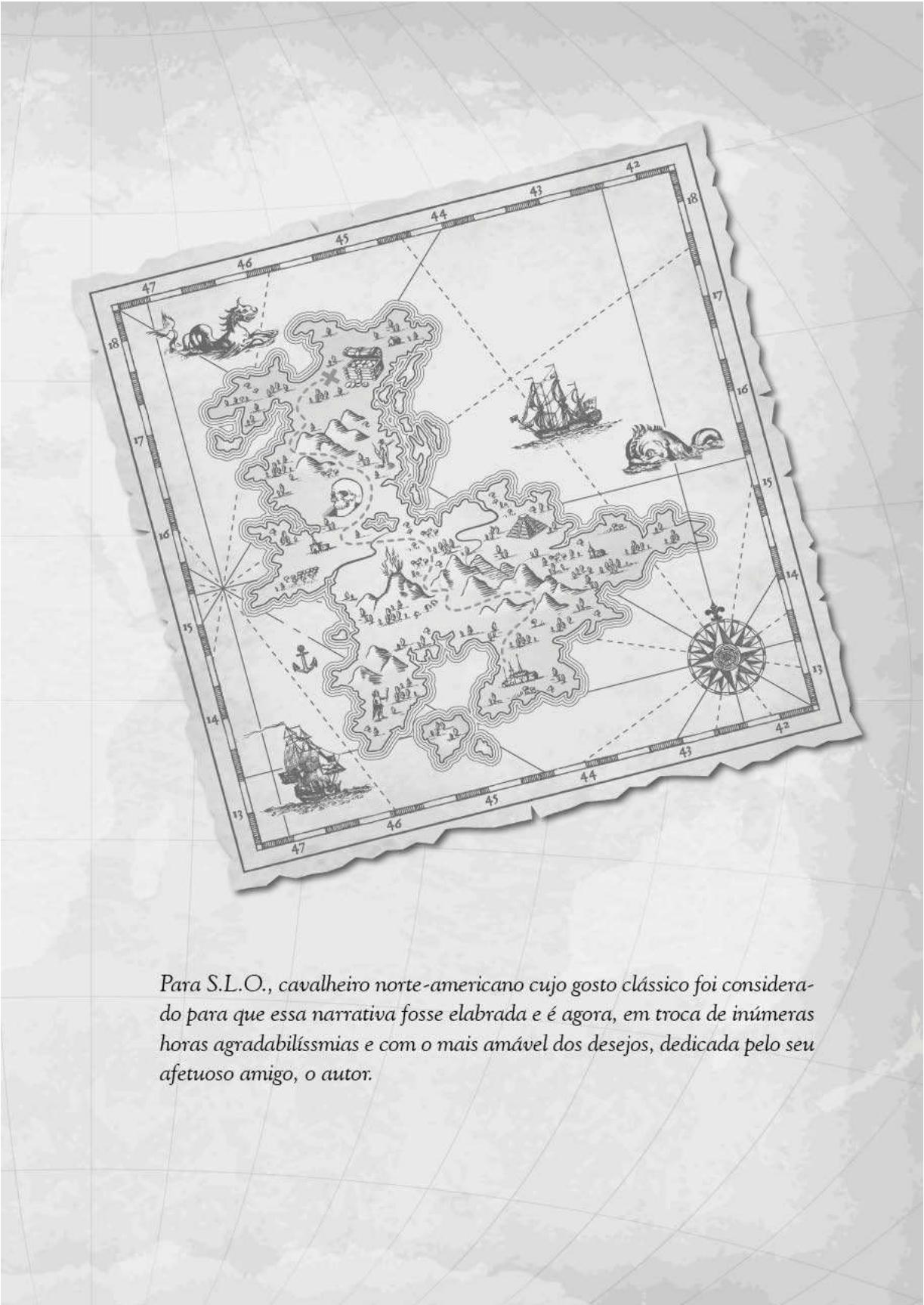
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1<sup>a</sup> edição em 2020

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



*Para S.L.O., cavaleiro norte-americano cujo gosto clássico foi considerado para que essa narrativa fosse elaborada e é agora, em troca de inúmeras horas agradabilíssimas e com o mais amável dos desejos, dedicada pelo seu afetuoso amigo, o autor.*





## Ao comprador hesitante

*Se os contos e as melodias de marinheiro,  
Tempestade e aventura, calor e frio,  
Se escunas, ilhas e ilhados,  
E bucaneiros, e ouro enterrado,  
E todo o romance antigo, recontado  
Exatamente ao modo do passado,  
Podem agradar, como há muito têm me agradado,  
Aos jovens mais sábios de hoje:*

*— Assim seja, e vamos lá! Se não desejarem,  
Se os jovens estudiosos  
Já se esqueceram dos antigos apetites ditosos,  
Kingston, ou Ballantyne, o Bravo,  
Ou Cooper dos bosques e das ondas:  
Assim seja, também! E eu posso  
Com todos os meus piratas compartilhar a sepultura*





Parte 1

# O VELHO BUCANEIRO





# O velho lobo do mar na Almirante Benbow



Pelo fato de o fidalgo Trelawney, o dr. Livesey e o resto desses cavalheiros terem me pedido para escrever todos os pormenores a respeito da Ilha do Tesouro, do começo ao fim, sem nada ocultar, a não ser a localização da ilha, e isso só porque lá ainda há tesouro não reclamado, pego minha pena no ano da graça de 17... e volto ao momento em que meu pai administrava a estalagem Almirante Benbow e o velho marinheiro moreno com o corte de sabre se alojou pela primeira vez sob nosso teto.

Eu me lembro dele como se fosse ontem, quando veio em direção à porta da estalagem, andando pesadamente, e seu baú de marinheiro vinha seguindo atrás, sobre um carrinho de mão. Era um homem alto, forte, pesado, de cor castanha, uma trança alcatroada<sup>1</sup> caindo sobre o ombro do casaco imundo azul, suas mãos calejadas e cobertas de cicatrizes, com unhas quebradas e pretas, e o corte de sabre cruzando uma face, em um tom branco sujo e lívido. Eu me lembro dele olhando em volta da enseada, assobiando para si mesmo e, então, começando aquela velha canção do mar, que depois ele passou a cantar com tanta frequência:

*Quinze homens sobre o baú do defunto  
Iô-ho-ho e uma garrafa de rum!*

A voz alta, antiga e vacilante parecia ter sido afinada e quebrada nas barras do cabrestante. Então, ele bateu na porta com aquele pedaço de pau, que parecia uma alavanca de cabrestante e, quando meu pai apareceu, bradou asperamente que lhe trouxesse um copo

de rum. Quando lhe foi entregue, ele bebeu lentamente, como um conchedor, demorando-se no sabor e ainda olhando ao redor para as falésias e para cima, onde estava nossa placa.

— Esta é uma enseada conveniente — disse ele, enfim — e uma taverna de localização aprazível. Há muita gente aí, companheiro?

Meu pai lhe disse que não, muito pouca gente, o que era uma grande pena.

— Bem — disse ele —, então este é o ancoradouro certo para mim. Aqui, marujo — gritou para o homem que empurrava o carrinho de mão —, traga isso e ajude a levar meu baú para cima. Vou ficar aqui um pouco — ele continuou. — Sou um homem simples; rum, toucinho e ovos é o que eu quero, e aquele lugar lá em cima para ver os navios a distância. Como você pode me chamar? Pode me chamar de capitão. Oh, entendi o que você quer... aí está — e ele jogou três ou quatro moedas de ouro na soleira. — Pode me dizer quando eu tiver gasto tudo isso — disse, feroz como um comandante.

E por pior que fosse o estado de sua vestimenta e por mais grosseiro que fosse seu modo de falar, ele não tinha nada da aparência de um homem que navegava na frente do mastro, mas pareceu-me um imediato ou contramestre acostumado a ser obedecido ou a bater. O homem que veio com o carrinho de mão nos disse que o correio o deixara pela manhã diante do Royal George. Havia perguntado sobre estalagens ao longo da costa e, ouvindo falar bem da nossa, eu suponho, que foi descrita como solitária, a escolhera dentre as demais para seu local de residência. E isso foi tudo o que pudemos saber a respeito do nosso hóspede.

Por costume, ele era um homem muito silente. Todo dia rondava a enseada ou estava em cima das falésias com uma luneta de latão; ficava a noite toda sentado em um canto da sala de estar próximo à lareira e bebia uma mistura muito forte de rum e água. Em geral, não falava quando falavam com ele, apenas erguia o olhar de modo repentina e feroz e bufava pelo nariz como uma buzina de nevoeiro; nós e as pessoas que passavam pela nossa casa aprendemos a deixá-lo em paz. Todos os dias, quando voltava de seu passeio,

perguntava se algum homem do mar tinha aparecido pela estrada. No começo, achamos que era a falta de companhia de gente como ele que o fazia perguntar; mas, por fim, começamos a perceber que ele desejava evitá-los. Quando um marinheiro de fato parava na Almirante Benbow (e de vez em quando alguns paravam, chegando pela estrada costeira, vindos de Bristol), ele o observava pela cortina da porta, antes que entrasse no salão, certificando-se de permanecer quieto como um rato, quando alguém assim estava presente. Para mim, pelo menos, não havia nenhum segredo sobre o assunto, pois eu partilhava, de certa forma, de seus alarmes. Ele tinha me puxado de canto, um dia, e me prometido uma moeda de prata de quatro pence no primeiro dia de cada mês, se eu ficasse “de olho aberto para um homem do mar de uma perna só” e o informasse disso no momento em que este aparecesse. Com bastante frequência, quando chegava o primeiro dia do mês e eu me dirigia a ele para coletar meu salário, o velho marinheiro apenas bufava pelo nariz e me fitava de cima a baixo, mas, antes do fim da semana, ele pensava melhor e me dava a moeda de quatro pence, repetindo as ordens de “ficar de olho no homem do mar de uma perna só”.

De que forma o sujeito assombrava meus sonhos, eu não preciso lhes dizer. Nas noites de tormenta, quando o vento sacudia os quatro cantos da casa e a arrebentação rugia ao longo da enseada e subia pelas falésias, eu o via de mil formas e com mil expressões diabólicas. Ora a perna era cortada no joelho, ora, no quadril; ora ele era um tipo monstruoso de criatura que nunca teve mais do que uma perna só e, esta, no meio do corpo. Vê-lo saltar e correr e me perseguir pulando as sebes e os fossos era o pior dos pesadelos. E, de modo geral, paguei muito caro pela minha cota mensal de quatro pence, na forma desses devaneios abomináveis.

Contudo, embora eu me apavorasse tanto com a ideia do homem do mar de uma perna só, tinha muito menos medo do próprio capitão do que de qualquer outra pessoa que o conhecesse. Houve noites em que ele tomava mais rum e água do que sua cara

aguentava; e então ele, às vezes, se sentava e cantava suas velhas canções perversas do mar, sem se importar com ninguém; mas outras vezes ele gritava pedindo rodadas de bebida e forçava toda a freguesia trêmula a ouvir suas histórias ou a fazer coro com sua cantoria. Com frequência, ouvi a casa tremer com “lô-ho-ho, e uma garrafa de rum”, todos os vizinhos se juntando a ele como se suas vidas dependessem disso, com medo da morte à espreita, e cada um cantando mais alto do que o outro para evitar se expor. Nesses rompantes, ele era o sujeito mais visceral já conhecido; ele batia a palma sobre a mesa pedindo o silêncio de todos; ele voava apaixonadamente de raiva quando lhe faziam uma pergunta ou, às vezes, porque ninguém estava atento e assim ele julgava que a companhia não estava acompanhando sua história. Ele também não permitia que ninguém saísse da estalagem até que ele tivesse bebido até ficar sonolento e partisse cambaleando para a cama.

Suas histórias eram o que mais assustava as pessoas. Eram histórias terríveis – sobre enforcamentos e gente andando na prancha e sobre tempestades no mar e sobre as Ilhas Tortugas e atos e lugares selvagens no Mar do Caribe. Pelo seu próprio relato, ele deve ter vivido entre alguns dos homens mais perversos que Deus já permitiu cruzar o mar, e a linguagem que ele usava para narrar essas histórias chocava nossas pessoas simples do interior, quase tanto quanto os crimes que ele descrevia. Meu pai dizia sempre que a estalagem seria arruinada, pois as pessoas logo cessariam de vir para serem tiranizadas e menosprezadas, e depois despachadas, trêmulas, para suas camas; mas eu realmente acredito que a presença dele nos fez bem. As pessoas ficavam assustadas naquela época, mas em retrospecto, elas até que gostaram; foi uma grande emoção em uma vida pacata do campo, e houve até um grupo de homens mais jovens que fingiam admirá-lo, chamando-o de um “verdadeiro lobo do mar” e um “velho marujo curtido pelo sal”, e nomes assim, dizendo que ali estava o tipo de homem que fazia a Inglaterra ser temida no mar.

Por um lado, de fato, ele nos trouxe uma boa cota de ruína, pois ficou, semana após semana, e se demorou mês após mês, até que todo o dinheiro já tivesse se esgotado havia muito tempo e, mesmo assim, meu pai nunca teve a coragem de insistir em receber mais. Se alguma vez ele fazia menção a isso, o capitão bufava tão alto que se poderia dizer que rugia, e encarava meu pobre pai até que ele saísse do recinto. Vi meu pai torcendo as mãos após tal rejeição, e tenho certeza de que o aborrecimento e o terror em que ele vivia devem ter apressado grandemente sua morte precoce e infeliz.

Durante todo o tempo em que viveu conosco, o capitão não fez uma mudança sequer em sua vestimenta que não fosse comprar meias de um mascate. Uma das pontas de seu chapéu tricórnio tinha caído, e ele o deixou pendurado daquele dia em diante, embora fosse um grande incômodo quando soprava o vento. Lembro-me da aparência de seu casaco, que ele próprio remendava lá em cima no quarto dele, e que, antes do fim, não era nada além de remendos. Ele nunca escrevia ou recebia uma carta, e nunca falava com ninguém que não fossem os vizinhos e, com estes, na maior parte, apenas quando bêbado de rum. O grande baú do pirata, nenhum de nós o viu aberto.

Só uma vez ele foi contrariado, e isso foi no final, quando meu pai estava em caminho avançado no declínio que o levou. O dr. Livesey veio no fim de uma tarde para ver o paciente, comeu um pouco do jantar que minha mãe ofereceu e foi para o salão fumar um cachimbo até seu cavalo vir da aldeia, pois não tínhamos nenhum estábulo na velha Benbow. Segui-o até lá e lembro-me de observar o contraste que o médico de aparência impecável, alegre, com o seu talco da peruca branco como neve<sup>2</sup> e os olhos brilhantes e negros, seus modos agradáveis, criava em comparação aos camponeses indóceis, e, acima de tudo, com aquele espantalho imundo, corpulento e de olhos baços do nosso pirata, sentado, já tendo excedido em sua cota de rum, com os braços sobre a mesa. De repente, ele – isto é, o capitão – começou a cantarolar sua canção eterna:

*Quinze homens sobre o baú do defunto  
Iô-ho-ho e uma garrafa de rum!  
A bebida e o diabo já cuidaram do resto  
Beba, e o diabo já cuidou do resto  
Iô-ho-ho e uma garrafa de rum!*

No começo, eu tinha suposto que “o baú do defunto” era idêntico à grande caixa dele que estava no andar de cima, na frente do quarto, e o pensamento tinha se imiscuído nos meus pesadelos com o tal do homem do mar de uma perna só. Mas a essa altura, nós todos já tínhamos deixado de prestar qualquer atenção específica à música; não era nova, naquela noite, para ninguém a não ser para o dr. Livesey, e nele eu observei que não produzia um efeito agradável, pois ele ergueu os olhos por um momento, com certa irritação, antes de continuar a conversa com o velho Taylor, o jardineiro, sobre uma nova cura para o reumatismo. Nesse meio-tempo, o capitão foi gradualmente se alegrando com sua música e, por fim, bateu a mão sobre a mesa diante dele de uma maneira que todos nós sabíamos que significava silêncio. As vozes pararam de imediato, todas menos a do dr. Livesey; como antes, ele continuou a falar com clareza e cordialidade, e dando leves pitadas rápidas no cachimbo, entre cada palavra ou duas. O capitão o fitou por um tempo, bateu a mão na mesa de novo, lançou um olhar ainda mais fulminante e, por fim, praguejou em voz baixa, com vilania:

– Silêncio, aí, entre os conveses!  
– Estava falando comigo, senhor? – disse o médico; e quando o rufião dissera-lhe, com uma outra blasfêmia, que, sim, ele estava: – Eu tenho só uma coisa a dizer, senhor – respondeu o médico –, que se continuar bebendo rum, o mundo em breve vai ter um patife muito sujo a menos!

A fúria do velho camarada foi terrível. Ele se levantou de um salto, sacou e abriu o canivete de marinheiro e, equilibrando-o aberto na palma da mão, ameaçou prender o médico na parede.

O médico nem mesmo se mexeu. Dirigiu-se a ele como antes, por cima do ombro e no mesmo tom de voz, bastante elevado, para que

todo o salão pudesse ouvir, mas perfeitamente calmo e firme:

– Se não guardar essa faca no seu bolso neste instante, eu juro, pela minha honra, que o senhor vai enfrentar a força na próxima sessão do tribunal.

Depois seguiu-se uma batalha de olhares entre eles, mas o capitão logo cedeu, guardou a arma e retomou seu assento, resmungando como um cão que tinha apanhado.

– E agora, senhor – continuou o médico –, já que agora eu sei que existe um tal sujeito no meu distrito, pode ter certeza de que vou ficar de olho no senhor dia e noite. Não sou apenas médico; sou um magistrado; e se eu pegar um sussurro de queixa contra o senhor, nem que seja apenas por uma demonstração de incivilidade como a de hoje, vou tomar providências eficazes para caçá-lo e removê-lo de tudo isso. E tenho dito.

Logo depois, o cavalo do dr. Livesey chegou à porta e ele se afastou, mas o capitão conservou sua paz naquela noite e por muitas outras noites depois.

Marinheiros do período retratado, o século XVIII, costumavam tratar o cabelo trançado com o mesmo alcatrão que usavam para impermeabilizar as cordas e as velas do navio. (N.T.) No período retratado, homens atentos à moda usavam perucas que eram branqueadas com talco. (N.T.)

# Cão Preto aparece e desaparece



Não foi muito tempo depois disso que ali ocorreu o primeiro dos eventos misteriosos que nos livraram, enfim, do capitão, embora não nos livrasse, como vocês verão, de seus assuntos. Era um inverno frio e severo, com geadas longas e duras e pesados vendavais; e estava clara desde o início a pouca probabilidade de que meu pobre pai visse a primavera. Ele afundava dia a dia, e minha mãe e eu tínhamos toda a estalagem em nossas mãos e ficamos ocupados o suficiente para não prestarmos muita atenção ao nosso hóspede desagradável.

Era uma manhã de janeiro, muito cedo – uma manhã gelada, cortante –, toda a enseada estava coberta de geada cinzenta, as ondas lambiam levemente as pedras, o sol ainda estava baixo, mal tocava o topo das colinas, e brilhava no mar ao largo. O capitão tinha acordado mais cedo do que o habitual e saído para a praia, a espada balançando debaixo da saia ampla do velho casaco azul, sua luneta de latão debaixo do braço, o chapéu inclinado sobre a cabeça. Eu me lembro de seu hálito deixar um rastro como fumaça, quando ele saiu a passos largos, e o último som que ouvi dele quando contornou a grande pedra foi um grande resmungo de indignação, como se sua mente ainda estivesse matutando sobre o dr. Livesey.

Bem, mamãe estava lá em cima com meu pai, e eu estava arrumando a mesa do desjejum antes do retorno do capitão, quando a porta do salão se abriu e entrou um homem que eu nunca tinha visto antes. Ele era uma criatura pálida, sebenta, com dois dedos

faltando na mão esquerda e, embora usasse uma espada, não se parecia muito com um guerreiro. Eu sempre ficava de olho aberto para homens do mar, com uma perna ou duas, e lembro que esse me intrigou. Ele não era do tipo marinheiro, embora fosse, ainda assim, também envolto por uma aura de mar.

Perguntei-lhe o que ele gostaria de pedir, e ele disse que tomaria rum; mas quando eu estava saindo dali para buscá-lo, ele se sentou em cima de uma mesa e acenou para que eu me aproximasse. Parei onde estava, com meu guardanapo na mão.

– Venha aqui, filhinho – disse ele. – Chegue mais perto.

Dei um passo em sua direção.

– Esta aqui é a mesa posta para meu companheiro Bill? – perguntou ele, com um certo olhar de soslaio.

Eu lhe disse que não conhecia seu companheiro Bill, e que aquela mesa era para uma pessoa hospedada na nossa casa, que chamávamos de capitão.

– Bem – disse ele –, meu companheiro Bill poderia muito bem ser chamado de capitão. Ele tem um corte em uma face e modos muito agradáveis, em especial quando à base da bebida, o meu companheiro Bill. Digamos que, em uma hipótese, seu capitão tenha um corte em uma das faces, e digamos, por exemplo, que a face é a direita. Ah, bem! Eu disse. Agora vejamos, meu companheiro Bill está aqui nesta casa?

Eu disse que ele estava fora, caminhando.

– Para que lado, filhinho? Para que lado ele foi?

E quando eu tinha apontado a rocha e lhe dito como era provável que o capitão retornasse, e como isso ocorreria em breve, além de ter respondido a algumas perguntas, ele continuou:

– Ah, isso vai ser tão bom quanto bebida para meu amigo Bill.

A expressão de seu rosto quando ele disse essas palavras não era nada agradável, e eu tive meus motivos para pensar que o estranho estava enganado, mesmo supondo que não estava brincando. Contudo, não era assunto meu, pensei; e além do mais, era difícil saber o que fazer. O estranho ficou logo ao lado da porta

da estalagem, espiando pela esquina como um gato à espera de um rato. Uma hora saí para a estrada, mas ele imediatamente me chamou de volta, e como não obedeci depressa o suficiente para seu gosto, uma transformação das mais horríveis acometeu seu rosto gorduroso, e ele me chamou praguejando de um jeito que me fez dar um pulo. Tão logo retornei, ele retomou seus modos anteriores, meio bajulador, meio sarcástico, deu-me um tapinha no ombro, disse-me que eu era um bom menino e que ele tinha gostado muito de mim.

– Eu tenho um filho meu – disse ele –, igual a você, como se fossem dois blocos, e ele é todo o orgulho do meu coração. Mas a coisa mais importante para os meninos é disciplina, filho... disciplina. Ora, se tivesse navegado com Bill, você não teria ficado lá para que falassem com você duas vezes; não você. Esse nunca era o jeito do Bill fazer as coisas, nem dos que navegavam com ele. E, aqui, com certeza, está meu amigo Bill, com uma luneta debaixo do braço. Deus lhe abençoe o velho coração, com toda a certeza. Você e eu podemos voltar para o salão, filho, ficaremos atrás da porta e vamos dar uma pequena surpresa para o Bill, que Deus lhe abençoe o coração, eu repito.

Assim falando, o estranho voltou comigo para o salão e me colocou atrás dele no canto, para que nós dois ficássemos ocultos pela porta aberta. Eu estava muito inquieto e assustado, como podem imaginar, e contribuiu um tanto para meus medos observar que o estranho certamente estava amedrontado também. Ele livrou o punho da espada e soltou-a da bainha; e, todo o tempo que ficamos ali esperando, ele continuou engolindo em seco como se sentisse o que costumamos chamar de um nó na garganta.

Finalmente entrou o capitão, bateu a porta atrás de si, sem olhar para a direita ou para a esquerda, e marchou em linha reta pelo cômodo até onde seu desjejum esperava por ele.

– Bill – disse o estranho, com uma voz que eu achei que ele intencionava fazer grande e corajosa.

O capitão girou nos calcanhares e ficou de frente para nós; toda a cor acastanhada havia abandonado sua face, e seu nariz estava azulado; ele tinha o jeito de um homem que vê um fantasma, ou o maligno, ou algo pior, se é que alguma coisa pode ser pior; e, palavra de honra, eu me compadeci de vê-lo, transformado em questão de instantes, tão velho e doente.

— Ora, Bill, você me conhece; você conhece um velho companheiro do mar, Bill, decerto — disse o estranho.

O capitão deu uma espécie de suspiro.

— Cão Preto! — disse ele.

— E quem mais? — devolveu o outro, ficando cada vez mais à vontade. — Cão Preto como sempre fui, vindo para ver seu velho companheiro Billy, na estalagem Almirante Benbow. Ah, Bill, Bill, já vimos muita coisa, nós dois, desde que perdi essas duas garras — disse ele, levantando a mão mutilada.

— Olhe aqui — disse o capitão —, você me encontrou; aqui estou eu; bem, então, fale; o que foi?

— É você mesmo, Bill — devolveu Cão Preto —, está com você, Billy. Vou aceitar um copo de rum desta pobre criança aqui, de quem já comecei a gostar; e vamos nos sentar, por gentileza, e falarmos francamente, como velhos companheiros de bordo.

Quando voltei com o rum, eles já estavam sentados um de cada lado da mesa de desjejum do capitão — Cão Preto, ao lado da porta e sentado de lado, para ficar com um olho no velho companheiro, e outro, como pensei, em sua retirada.

Ele me pediu para sair e deixar a porta aberta.

— Nenhum de seus buracos de fechadura para mim, filho — ele disse; e eu os deixei juntos e me retirei para a taverna.

Por um longo tempo, embora eu certamente tenha feito o meu melhor para ouvir, não consegui captar nada além de um murmúrio baixo; mas, depois, as vozes começaram a ficar cada vez mais altas, e eu consegui discernir uma ou duas palavras, blasfêmias, em geral, do capitão.

– Não, não, não, não; e fim de conversa! – ele bradou uma vez. E novamente: – E se a questão for trocar, que se troque tudo, eu digo.

Então, de repente, houve uma tremenda explosão de xingamentos e outros ruídos – a cadeira e a mesa caíram em uma confusão, um choque de aço em seguida, e depois um grito de dor, e no instante seguinte, eu vi o Cão Preto voando pelos ares, e o capitão perseguindo-o acaloradamente, ambos com as espadas em riste, e o primeiro sangrando pelo ombro esquerdo. Bem na porta, o capitão mirou no fugitivo, um tremendo último corte, que lhe teria certamente partido a coluna, não tivesse sido interceptado por nossa grande placa da Almirante Benbow. Dá para ver o talho na parte mais baixa da borda até hoje.

Esse golpe foi o último da batalha. Uma vez lá fora, na estrada, Cão Preto, apesar de sua ferida, mostrou possuir um par impecável de calcanhares, desaparecendo pela beira da colina em meio minuto. O capitão, por sua vez, ficou olhando para a placa como um homem pasmo. Então, ele passou a mão sobre os olhos várias vezes e, finalmente, voltou para dentro da casa.

– Jim – disse ele –, rum. – E, enquanto falava, ele cambaleou um pouco e se apoiou com a mão na parede.

– Está ferido? – exclamei.

– Rum – ele repetiu. – Tenho de ir embora daqui. Rum! Rum!

Corri para buscar, mas eu havia ficado instável por tudo o que se passara e quebrei um copo, sujando a torneira, e enquanto ainda estava me controlando, ouvi uma forte queda na sala de visitas e corri, para encontrar o capitão estatelado no chão. No mesmo instante, minha mãe, alarmada com os gritos e brigas, veio correndo pelas escadas para me ajudar. Entre nós, levantamos a cabeça dele. Ele estava respirando muito ruidosamente, com dificuldade, mas seus olhos estavam fechados e seu rosto exibia uma cor horrível.

– Minha nossa, minha nossa senhora – gritou minha mãe –, que desgraça sobre esta casa! E seu pobre pai doente!

Entretanto, não sabíamos o que fazer para ajudar o capitão, e nem o que mais pensar, a não ser que ele havia sido ferido de morte na rusga com o estranho. Levei o rum, decerto, e tentei colocá-lo goela abaixo, mas seus dentes estavam firmemente fechados e as mandíbulas eram fortes como ferro. Foi um alívio feliz para nós quando a porta se abriu e o dr. Livesey entrou, em sua visita ao meu pai.

— Oh, doutor! — nós gritamos. — O que vamos fazer? Onde ele está ferido?

— Ferido? Uma ova! — disse o médico. — Não mais ferido do que você ou eu. O homem teve um derrame, como eu o alertei. Agora, Sra. Hawkins, apenas suba para junto do seu marido e não lhe diga, se possível, nada a respeito disso. De minha parte, vou fazer o melhor para salvar a vida triplamente inútil desse sujeito; Jim, traga-me uma bacia.

Quando voltei com a bacia, o médico já tinha rasgado a manga do capitão e exposto o grande braço musculoso. Era tatuado em vários lugares. “Aqui está a sorte”, “Um vento bom” e, “Billy Bones e seu desejo” tinham sido executados com muita clareza no antebraço; e mais para cima, perto do ombro, havia um desenho de uma forca e um homem pendurado pelo pescoço, feito, como refleti, com grande esmero.

— Profético — disse o médico, tocando a imagem com o dedo. — E agora, mestre Billy Bones, se este for seu nome, nós vamos dar uma olhada na cor do seu sangue. Jim — disse ele —, você tem medo de sangue?

— Não, senhor — respondi.

— Bem, então — disse ele —, você segura a bacia. — E com isso ele lancetou uma veia.

Uma grande quantidade de sangue foi tirada antes que o capitão abrisse os olhos e observasse os arredores com o olhar anuviado. Primeiro, ele mostrou reconhecimento ao médico com uma carranca inconfundível; depois, seu olhar recaiu sobre mim, e ele pareceu

aliviado. Entretanto, de repente, sua cor mudou, e ele tentou se levantar, gritando:

– Onde está o Cão Preto?

– Não há nenhum Cão Preto aqui – disse o médico –, exceto o que você tem rondando suas costas. Você andou bebendo rum; teve um derrame, precisamente como eu lhe disse; e eu acabei, muito contra minha vontade, de arrastá-lo pelos cabelos para fora da cova. Agora, sr. Bones...

– Esse não é meu nome – ele interrompeu.

– Como se eu me importasse – retornou ao médico. – É o nome de um bucaneiro conhecido meu; e eu o trato assim por uma questão de abreviar, e o que eu tenho a lhe dizer é o seguinte: um copo de rum não vai matá-lo, mas se tomar um, vai tomar outro e outro, e eu aposto a minha perua que se não diminuir logo, você vai morrer. Entende isso? Morrer e vai para onde é o lugar dele, como o homem na Bíblia. Bem, agora vamos, faça um esforço. Eu o ajudarei a chegar até a cama, para variar.

Entre nós, com muito trabalho, conseguimos içá-lo até lá em cima e deitá-lo na cama, onde sua cabeça caiu no travesseiro como se ele estivesse quase desfalecendo.

– Agora, fique sabendo – disse o médico –, que estou de consciência limpa: para você, o nome do rum é morte.

E com isso ele saiu para ver meu pai, levando-me com ele pelo braço.

– Isso não é nada – disse ele logo que fechou a porta. – Eu o sangrei o suficiente para mantê-lo quieto por algum tempo; ele deve ficar uma semana deitado onde está; isso é o melhor para ele e para você; mas outro derrame o faria sossegar.

# A marca negra



Por volta do meio-dia, parei na porta do capitão com algumas bebidas refrescantes e medicamentos. Ele estava deitado de forma muito parecida com a que o tínhamos deixado, apenas um pouco mais para cima, e parecia fraco e ansioso.

– Jim – ele disse –, você é o único aqui que vale alguma coisa, e sabe que eu sempre fui bom para você. Não houve um mês em que eu não lhe desse uma moeda de quatro pence, para você. E, agora, veja, amigo, estou no fundo do poço e fui abandonado por todos; e Jim, você vai me trazer uma caneca de rum, agora, não vai, companheiro?

– O médico... – eu comecei.

Ele desatou a xingar o médico, em uma voz fraca, mas sinceramente.

– Os médicos não entendem de nada – ele disse –, e aquele médico lá, ora, o que ele sabe sobre homens do mar? Já estive em lugares quentes como o inferno e vi companheiros caindo ao meu redor com febre amarela, e a terra abençoada sacudindo como o mar durante os terremotos... O que o médico sabe de terras assim? E eu vivi à base de rum, é o que lhe digo. Para mim, ele tem sido a carne e a bebida, como um homem e uma mulher; e se eu não puder ter meu rum, serei como um pobre casco velho em uma costa a sotavento, meu sangue vai estar em suas mãos, Jim, e nas daquele médico que não entende de nada. – E ele voltou a praguejar por alguns instantes. – Olhe, Jim, como meus dedos tremem – ele continuou no tom de súplica. – Não consigo... mantê-los parados, não consigo. Não bebi uma gota que fosse neste dia abençoado. Aquele médico é um tolo, eu lhe digo. Se eu não tomar

um gole de rum, Jim, vou ter os horrores; eu já vi alguns deles. Vi o velho Flint naquele canto ali, atrás de você; nítido como se fosse impresso, eu o vi; e se eu tiver os horrores, sou um homem que viveu duro, vou tornar isso um inferno. Aquele seu médico mesmo disse que um copo não me faria mal. Eu lhe dou um guinéu de ouro por um golinho, Jim.

Ele foi ficando cada vez mais agitado, e isso me deixou alarmado por causa de meu pai, que estava muito mal naquele dia e precisava de silêncio; além do mais, eu fora reassegurado, quando ele citou as palavras do médico, mas fiquei um pouco ofendido com a oferta de suborno.

– Não quero nada do seu dinheiro – disse eu –, além do que você deve ao meu pai. Vou lhe trazer um copo e nada mais.

Quando eu lhe trouxe a bebida, ele a agarrou com avidez e bebeu tudo.

– Sim, sim – disse ele –, agora está um pouco melhor, com certeza. E a propósito, companheiro, aquele médico disse quanto tempo eu devo ficar aqui neste velho ancoradouro?

– Uma semana, pelo menos – disse eu.

– Com mil trovões! – ele exclamou. – Uma semana! Não posso fazer isso; a essa altura eles já teriam colocado a marca negra em mim. Aqueles marinheiros de água doce estão se preparando para pegar o vento no meu encalço neste exato momento abençoado; esses marinheiros de meia-tigela não sabem cuidar do que é deles e querem afanar o que é dos outros. E isso, por acaso, é camaradagem de lobos do mar, é o que eu lhe pergunto. Mas sou uma alma que economiza. Nunca desperdicei meu rico dinheirinho, e também não o perdi; e vou ludibriá-los de novo. Não tenho medo deles. Vou partir para outra freguesia, companheiro, e fazer com que percam o tempo deles de novo.

Enquanto assim falava, ele tinha se levantado da cama com grande dificuldade, segurando-se no meu ombro com uma força que quase me fez gritar, e movendo as pernas como se fossem um peso morto. Suas palavras espirituosas, como eram no significado,

infelizmente contrastavam com a fraqueza da voz com que tinham sido proferidas. Ele parou um instante quando se colocou em posição sentada na beira da cama.

– Aquele médico mexeu comigo – ele murmurou. – Meus ouvidos estão zunindo. Deite-me de novo.

Antes que eu pudesse fazer muita coisa para ajudá-lo, ele tinha caído de novo em sua antiga posição no leito, onde ficou por um momento, em silêncio.

– Jim – ele disse algum tempo depois –, você viu aquele homem do mar hoje?

– O Cão Preto? – perguntei.

– Ah! O Cão Preto – disse ele. – *Ele* não presta; mas há outros que o fazem parecer brincadeira de criança. Agora, se eu não puder sair daqui de maneira alguma, e eles colocarem a marca negra em mim, sabe, é do meu antigo baú que eles estão atrás; você deve montar em um cavalo... você sabe montar, não sabe? Bem, então, você monta em um cavalo e vai... bem, sim, é o que eu vou fazer!... Para aquele eterno médico que não sabe de nada e diga a ele para reunir toda a tripulação... magistrados e tudo o mais... e ele deve trazer todos eles para a Almirante Benbow... toda a tripulação do velho Flint, homens e meninos, todos os que sobraram. Eu era o imediato, era sim, o imediato do velho Flint e sou o único que conhece o lugar. Ele me deu em Savannah, enquanto agonizava, do jeito que eu estou agora, veja você. Mas não abra a boca, a menos que coloquem a marca negra em mim, ou a menos que você veja o Cão Preto de novo ou um homem do mar de uma perna só, Jim... ele acima de todos.

– Mas o que é a marca negra, capitão? – perguntei.

– É uma intimação, companheiro. Eu lhe digo se eles a usarem. Mas mantenha os olhos abertos, Jim, e eu vou dividir com você meio a meio, pela minha honra.

Ele devaneou um pouco mais, sua voz cada vez mais fraca; mas logo depois de eu lhe dar o remédio, o qual ele tomou como se fosse criança, com a observação, “Se algum marinheiro já quis um

remédio na vida, esse fui eu”, ele finalmente caiu em um sono pesado, como um desmaio, em que o deixei. O que deveria ter feito se tudo tivesse ido bem, eu não sei. Provavelmente eu deveria ter contado a história toda para o médico, pois sentia um medo mortal de o capitão se arrepender de suas confissões e dar cabo de mim. Mas no frigir dos ovos, meu pobre pai morreu de repente naquela noite, o que deixava de lado todos os outros assuntos. Nossa angústia natural, as visitas dos vizinhos, a organização do funeral e todo o trabalho da estalagem para ser levado adiante nesse ínterim me mantiveram tão ocupado que eu tinha pouco tempo para pensar no capitão, que dirá ter medo dele.

Ele desceu na manhã seguinte, com toda a certeza, e fez suas refeições como de costume, embora tenha comido pouco e bebido, eu receio, mais do que sua cota usual de rum, pois ele mesmo se serviu na taverna, de cara feia e bufando pelo nariz, e ninguém ousou contrariá-lo. Na noite anterior ao funeral, ele estava mais bêbado do que nunca; e foi chocante, naquela casa de luto, ouvi-lo cantar sua velha e feia canção do mar; mas fraco como ele estava, temíamos todos pela sua morte, e o médico de repente estava ocupado com um caso a muitos quilômetros de distância e nunca mais passava por perto da casa depois da morte do meu pai. Afirmei que o capitão estava fraco e, de fato, ele parecia mais enfraquecer do que recuperar as forças. Ele subia e descia escadas com dificuldade, e ia do salão para a taverna e vice-versa e, às vezes, colocava o nariz fora da porta para sentir o cheiro do mar, segurando-se às paredes durante todo o caminho para se apoiar e respirando difícil e depressa, como um homem subindo uma montanha íngreme. Ele nunca chegava a se dirigir a mim, e é minha convicção que ele tinha até esquecido das confidências feitas; mas seu temperamento estava mais volátil e, apesar da fraqueza corporal, ele se mostrava mais violento do que nunca. O capitão tinha um modo alarmante agora, quando estava bêbado, de sacar a espada e deixá-la à mostra diante dele em cima da mesa. Apesar de tudo isso, ele dava cada vez menos atenção às pessoas ao redor e

parecia se fechar em seus próprios pensamentos e devaneios. Uma vez, por exemplo, para nossa extrema perplexidade, ele entoou uma canção diferente, uma canção de amor de um rei, que ele deve ter aprendido durante a juventude, antes de ter começado a seguir os caminhos do mar.

Assim, as coisas se passaram até que, um dia depois do funeral, e aproximadamente três horas de uma tarde amarga, nebulosa e gelada, eu estava parado na porta por um momento, cheio de pensamentos tristes sobre meu pai, quando vi alguém se aproximando lentamente ao longo da estrada. Era claro que se tratava de um cego, pois ele tateava com um bastão diante dele e usava uma grande echarpe verde sobre os olhos e nariz; e ele era encurvado, como se pela idade ou pela fraqueza e usava um enorme abrigo de marinheiro com capuz que o fazia parecer positivamente deformado. Nunca vi uma figura de aparência mais terrível na minha vida. Ele parou a uma pequena distância da estalagem e levantou a voz em um estranho chamado cantado, dirigido ao ar diante dele.

– Algum amigo poderia informar a um pobre cego, que perdeu a visão preciosa na defesa altruísta de seu país natal, a Inglaterra (e que Deus abençoe o Rei George!), onde ou em que parte deste país ele estaria agora?

– O senhor está na Almirante Benbow, Black Hill Cove, meu bom homem – disse eu.

– Eu ouço uma voz – retorquiu ele –, uma voz jovem. Pode me dar a sua mão, meu jovem amigo, e me levar para dentro?

Estendi a mão, e a criatura horrível, de fala mansa, sem olhos, agarrou-a em questão de segundos, com um aperto ferrenho. Levei tanto susto que tentei puxar, mas o cego me arrastou para perto dele com uma única ação de seu braço.

– Agora, menino – disse ele –, leve-me ao capitão.

– Senhor – disse eu –, dou-lhe minha palavra que não me atrevo.

– Ah – ele zombou –, basta! Leve-me imediatamente ou vou quebrar seu braço.

E ele deu, enquanto falava, uma chave que me fez gritar.

– Senhor – disse eu –, eu lhe digo. O capitão não é mais o que ele costumava ser. Ele se senta com uma espada exposta. Outro cavalheiro...

– Vamos lá, marchando – interrompeu ele; e eu nunca ouvi uma voz tão cruel, fria e feia como a daquele cego. Intimidou-me mais do que a dor e eu comecei a obedecê-lo imediatamente, entrando sem desvio pela porta e seguindo para o salão, onde nosso velho bucaneiro doente estava sentado, entorpecido pelo rum. O cego se manteve perto de mim, segurando-me em punho de ferro e apoiando em mim quase mais peso do que eu poderia sustentar. – Leve-me diretamente até ele e quando eu estiver à vista, grite: “Aqui está um amigo paravê-lo, Bill”. Se não o fizer, eu vou fazer isso. – E com essas palavras ele me deu uma torção que eu achei que seria capaz de me fazer desfalecer. Entre uma coisa e outra, eu estava tão absolutamente apavorado em relação ao mendigo cego que me esqueci de meu terror pelo capitão, assim que abri a porta do salão, gritei as palavras que o cego tinha me mandado dizer, com uma voz trêmula.

O pobre capitão levantou os olhos, e em um só olhar, o rum o abandonou e o deixou sóbrio, fitando o recém-chegado. A expressão no rosto dele não era tanto de terror, mas de doença mortal. Ele fez um movimento para se levantar, mas não acredito que tivesse força suficiente no corpo.

– Agora, Bill, sente-se onde está – disse o mendigo. – Se por um lado eu não enxergo, posso ouvir um dedo sendo esticado. Amigos, amigos, negócios à parte. Estenda a mão esquerda. Menino, pegue a mão esquerda dele pelo pulso e a aproxime da minha direita.

Nós dois obedecemos ao pé da letra, e eu o vi passar algo do oco de sua mão que sustentava o bastão para a palma do capitão, que foi fechada ao redor do objeto imediatamente.

– E agora está feito – disse o cego; e com essas palavras ele de repente me soltou e, com incrível precisão e agilidade, saiu às pressas do salão e pegou a estrada, de onde, enquanto eu ainda

estava imóvel, eu podia ouvir seu bastão toc-toc-toqueando a distância.

Levou algum tempo para eu ou o capitão conseguirmos recuperar nossos sentidos, mas logo depois, e mais ou menos no mesmo momento, eu lhe soltei o pulso, que eu ainda estava segurando, e ele puxou a mão e olhou fixamente para a palma.

– Dez horas! – ele gritou. – Seis horas. Ainda podemos superá-los. – E ele se pôs em pé.

No mesmo instante, ele cambaleou, colocou a mão na garganta, ficou oscilando por um momento sobre as próprias pernas e, então, com um som peculiar, caiu de cara com todo o seu peso no chão.

Corri até ele na mesma hora, chamando minha mãe. Mas a pressa foi toda em vão. O capitão tinha sido morto por um surto gigantesco de apoplexia. É uma coisa curiosa de entender, pois eu certamente nunca gostara do homem, embora ultimamente tivesse começado a sentir pena dele, mas tão logo vi que ele estava morto, desatei a chorar. Foi a segunda morte que conheci, e a tristeza da primeira estava ainda fresca no meu coração.

# O baú do pirata



Não perdi tempo, é claro, em contar à minha mãe tudo o que eu sabia e talvez deveria ter dito a ela antes, e nós nos encontramos, de repente, em uma situação difícil e perigosa. Uma parte do dinheiro do homem – se ele tivesse mesmo algum – certamente era devida a nós, mas não era provável que os companheiros de bordo do nosso capitão, em especial, os dois espécimes que eu vira, Cão Preto e o mendigo cego, estivessem inclinados a abrir mão de seu butim, na forma de pagamento pelas dívidas do defunto. A ordem do capitão para montar um cavalo imediatamente e ir atrás do Doutor Livesey teria deixado minha mãe sozinha e desprotegida, algo que eu não poderia cogitar. De fato, parecia impossível para qualquer um de nós permanecer muito tempo na casa; o cair das brasas na lareira da cozinha e o próprio tique-taque do relógio já nos enchia de alarme. A vizinhança, para os nossos ouvidos, parecia ser assombrada por passos que se aproximavam; e entre o cadáver do capitão no piso da sala e o pensamento daquele detestável mendigo cego rondando as imediações e pronto para voltar, havia momentos em que, como diz o ditado, eu tinha medo da própria sombra. Era preciso resolver uma questão com rapidez, e nos ocorreu, ao fim, irmos juntos e procurarmos ajuda na aldeia vizinha. Dito e feito. Sem chapéu como estávamos, corremos na mesma hora às beiras do escurecer e na bruma gelada.

A aldeia não ficava a muitas centenas de metros dali, embora fora da vista, do outro lado da enseada próxima; e o que muito me incentivou, ficava na direção oposta de onde o cego tinha aparecido e para onde ele, provavelmente, tinha retornado. Não fazia muitos minutos que estávamos na estrada, embora, às vezes, parássemos

para esperar um o outro e ouvir. Porém, não havia nenhum som incomum – nada além do quebrar das ondas e dos ruídos dos habitantes do bosque.

Já era hora da luz de velas, quando chegamos à aldeia, e nunca vou esquecer o quanto eu me animei de ver a luz amarela brilhando nas portas e janelas; mas, como se provou, era a melhor das ajudas que viríamos a ter naquela vizinhança. Pois – vocês pensariam que os homens fossem ter vergonha na cara – nenhuma alma consentiu em voltar conosco para a Almirante Benbow. Quanto mais falávamos dos nossos problemas, mais – homem, mulher e criança – eles se confinavam no abrigo de suas casas. O nome do capitão Flint, embora fosse estranho para mim, era bem conhecido por alguns ali e carregava um grande peso de terror. Alguns dos homens que tinham trabalhado no campo, do lado mais distante da Almirante Benbow, lembravam-se, além do mais, de terem visto vários estranhos na estrada e, tomando-os por contrabandistas, fugiram em disparada; e um, enfim, tinha visto um pequeno lugre no que chamamos de Kitt's Hole. Por falar nisso, qualquer um que fosse conhecido do capitão era o suficiente para deixá-los apavorados até a morte. Em resumo, enquanto podíamos encontrar várias pessoas dispostas o bastante para ir ter com o dr. Livesey, que residia em outra direção, nenhum nos ajudaria a defender a estalagem.

Dizem que a covardia é infecciosa; mas então, por outro lado, a discussão é um grande encorajador; e assim, quando cada um dissera o que tinha para dizer, minha mãe lhes deu um sermão. Ela não iria, declarou, perder o dinheiro que pertencia a seu filho sem pai:

– Se nenhum de vocês ousa – ela acrescentou –, Jim e eu ousaremos. Nós voltaremos pelo caminho que fizemos para chegar aqui, e um magro agradecimento a vocês, seus homens grandes, pesados e covardes. Vamos conseguir abrir aquele baú, nem que a gente morra tentando. E vou lhe agradecer por aquela bolsa, Sra. Crossley, para trazer de volta o dinheiro que é nosso por direito.

É claro que eu disse que iria com minha mãe e é claro que todos reclamaram da nossa temeridade, mas mesmo assim nem um homem sequer quis nos acompanhar. Tudo o que eles fizeram foi me dar uma pistola carregada para o caso de sermos atacados, e prometeram deixar os cavalos prontos e selados, caso fôssemos perseguidos em nosso retorno, enquanto um rapaz iria para a residência do médico, à procura de assistência armada.

Meu coração batia forte quando nós dois partimos naquela noite em nosso empreendimento perigoso. A lua cheia começava a se erguer e perscrutava, férrea, ao redor das bordas superiores do nevoeiro, e isso aumentou nossa pressa, pois era evidente, antes de pegarmos o caminho de volta, que tudo ficaria claro como o dia, e nossa partida, exposta aos olhos de quaisquer observadores. Deslizamos ao longo das sebes, silenciosos e velozes, e também não ouvimos nem vimos nada que aumentasse nossos terrores, até que, para nosso alívio, a porta da Almirante Benbow houvesse fechado atrás de nós.

Passei o ferrolho imediatamente e ficamos parados, ofegantes por um momento, no escuro, sozinhos em casa com o corpo do capitão morto. Então, minha mãe pegou uma vela no balcão da taverna, e de mãos dadas, nós avançamos para o salão.

Ele estava deitado do jeito que o tínhamos deixado, de costas, de olhos abertos e com um braço estendido.

– Abaixe as venezianas, Jim – sussurrou minha mãe. – Eles podem chegar e ver lá de fora. E agora – disse ela, tão logo eu tinha feito isso –, nós temos que pegar a chave *daquilo*; e quem é que vai tocá-lo, eu gostaria de saber! – E ela deu uma espécie de soluço quando disse as palavras.

Na hora eu fiquei de joelhos. No piso próximo à mão do capitão havia um pequeno círculo de papel, enegrecido de um lado. Eu não poderia duvidar que fosse a *marca negra*; e ao pegá-la, eu encontrei escrito do outro lado, em uma caligrafia muito boa e muito clara, a seguinte mensagem: “Você tem até as dez horas de hoje”.

– Ele tinha até as dez, mãe – disse eu; e bem quando eu disse, nosso velho relógio começou a tiquetaquear. Esse ruído repentino nos deixou chocados de susto; mas a notícia era boa, pois eram apenas seis.

– Agora, Jim – ela disse –, essa chave.

Apalpei nos bolsos dele, um após o outro. Algumas moedinhas, um dedal e alguma linha e agulhas grandes, um pedaço de tabaco em corda mordido na ponta, o punhal com cabo torto, uma bússola de bolso e uma caixa de lata era tudo o que continham, e eu comecei a me desesperar.

– Talvez esteja pendurada no pescoço – sugeriu minha mãe.

Superando uma forte repugnância, eu abri sua camisa na altura do pescoço, e ali, decerto, pendurada em um pedaço de corda alcatroada, a qual cortei com seu próprio punhal, encontrei a chave. Diante desse triunfo, nos enchemos de esperança e subimos às pressas, sem demora, para o quartinho onde ele tinha dormido por tanto tempo e onde sua arca estivera desde o dia de sua chegada.

Por fora, era como o baú de qualquer outro marinheiro, a inicial “B” tinha sido gravada na superfície com um ferro quente, e as quinas estavam um tanto moídas e quebradas pelo uso prolongado e agressivo.

– Dê-me a chave – disse minha mãe; e embora a fechadura estivesse bem emperrada, ela virou a chave e levantou a tampa em um piscar de olhos.

Um forte cheiro de tabaco e alcatrão subiu do interior, mas nada podia ser visto na parte superior, exceto uma muda de roupas muito boas, cuidadosamente escovadas e dobradas. Nunca tinham sido usadas, minha mãe disse. Debaixo disso, a miscelânea começava – um quadrante, um canequim de lata, vários rolos de tabaco, dois pares de pistolas muito bonitas, um pedaço de barra de prata, um relógio velho espanhol e algumas outras bugigangas de pouco valor, na maior parte, feitas no estrangeiro, um par de bússolas incrustadas de bronze e cinco ou seis conchas curiosas das Índias Ocidentais. Desde aquele dia, com frequência, eu me perguntei por

que ele carregaria essas conchas consigo em sua vida errante, cheia de culpa e assombrada.

Até o momento, não tínhamos encontrado nada de qualquer valor, a não ser a prata e as bugigangas, e nenhuma das duas coisas estava ao nosso alcance. Embaixo havia um velho abrigo de usar a bordo, branqueado pelo sal marinho em muitos bares portuários. Minha mãe o puxou com impaciência, e ali estavam, diante de nós, as últimas coisas no baú, uma trouxa amarrada em lona encerada, e o que parecia ser papéis, e uma bolsa de lona que provocou, assim que tocada, o tilintar do ouro.

– Eu vou mostrar a esses patifes que sou uma mulher honesta – disse minha mãe. – Vou pegar o valor da dívida que ele tem comigo e nem um centavo a mais. Segure a bolsa da Sra. Crossley. – E ela começou a contar o dinheiro do capitão, passando as moedas da bolsa do capitão para a bolsa que eu estava segurando.

Foi um trabalho longo e difícil, pois as moedas eram de todos os países e tamanhos – dobrões e *louis d'ors*, guinéus e moedas de prata espanhola e não sei mais o quê, todos guardados juntos ao acaso. Os guinéus, também, eram os mais escassos, e era apenas com esses que minha mãe sabia contabilizar.

Quando estávamos no meio dessa tarefa, de repente, coloquei a mão no braço dela, pois tinha ouvido no ar gelado e silencioso um som que fez meu coração vir parar na boca – o toc-toc-toc do cajado do cego sobre a estrada congelada. Aproximava-se mais e mais, enquanto estávamos sentados prendendo a respiração. Então bateu secamente na porta da estalagem, e logo ouvimos a maçaneta girar e o ruído do ferrolho enquanto o ser maldito tentava entrar; e depois houve um longo tempo de silêncio, tanto dentro quanto fora. Finalmente as pancadas recomeçaram e, para nossa indescritível alegria e gratidão, morreram lentamente, afastando-se de novo até que deixasse de ser ouvido.

– Mãe – disse eu –, pegue tudo e vamos sair daqui. – Pois eu tinha certeza de que a porta trancada devia ter parecido suspeita e traria todo o vespeiro sobre nós, embora o quanto eu era grato por

ter passado o ferrolho, ninguém que não tivesse conhecido aquele cego terrível poderia saber.

Mas minha mãe, por mais que estivesse assustada, não consentia em levar uma fração mais do que lhe era devida e estava obstinadamente disposta a se contentar com menos. Ainda não eram sete, ela disse, ainda faltava muito; ela conhecia os direitos dela e os faria serem respeitados; e ela ainda estava discutindo comigo quando um pequeno assobio baixo soou a uma boa distância colina acima. Aquilo era o suficiente e mais do que suficiente para nós dois.

– Vou levar o que eu tenho aqui – ela disse, levantando-se de um salto.

– E eu vou levar isto para compensar a contagem – disse eu, pegando o pacote do encerado.

No momento seguinte, ambos estávamos tateando no andar de baixo, deixando a vela perto do baú vazio; e quando abrimos a porta na vez seguinte, estávamos batendo em retirada com tudo. Não tínhamos começado um instante cedo demais. O nevoeiro estava se dispersando depressa; a lua já brilhava bem límpida nas terras altas de ambos os lados; e era apenas na parte inferior do vale e em volta da porta de taverna que um véu fino ainda se dependurava, ininterrupto, para ocultar os primeiros passos da nossa fuga. Em bem menos da metade do caminho para o vilarejo, um pouquinho só além da parte inferior do morro, iríamos entrar na área banhada pela luz da lua. E isso também não era tudo, pois o som de vários passos correndo já chegava aos nossos ouvidos, e quando olhamos para trás naquela direção, uma luz jogando para lá e para cá e ainda rapidamente avançando nos mostrou que um dos recém-chegados carregava um lampião.

– Meu querido – disse minha mãe de repente –, pegue o dinheiro e vá. Eu vou desmaiá.

Aquele certamente era o fim para nós dois, eu pensei. Como amaldiçoei a covardia dos vizinhos; como culpei minha pobre mãe pela sua honestidade e sua ganância, por sua temeridade passada

e por sua fraqueza presente! Estávamos bem à beira da pontezinha, por sorte; e eu ajudei minha mãe, cambaleando como estava, à margem, onde, com toda a certeza, ela deu um suspiro e caiu no meu ombro. Não sei como foi que encontrei forças para fazê-lo, e receio que tenha sido feito de forma não muito eficiente, mas consegui arrastá-la para baixo, pela margem e um pouco sob a proteção do arco. Mais adiante eu não consegui movê-la, pois a ponte era baixa demais para permitir me arrastar por debaixo dela. Então nós tivemos que ficar – minha mãe quase que totalmente exposta e ambos em um raio que ainda conseguíamos ouvir a estalagem.

# A última do cego



Minha curiosidade, de certa forma, era mais forte do que meu medo, pois eu não podia permanecer onde estava e, mesmo assim, me encolhi de volta à margem, de onde, protegendo minha cabeça atrás de um arbusto de giestas, poderia controlar a estrada diante da nossa porta. Mal tinha assumido minha posição, quando meus inimigos começaram a chegar, sete ou oito deles, correndo depressa, pés batendo freneticamente na estrada, e o homem com o lampião, alguns passos à frente. Três homens corriam juntos, lado a lado; e eu notei, mesmo no meio da névoa, que o homem do meio desse trio era o mendigo cego. No momento seguinte, a voz dele me provou que eu estava certo.

– Ponham a porta abaixo! – ele exclamou.

– Sim, senhor! – responderam dois ou três; e às pressas eles se aproximaram da Almirante Benbow, o portador da lanterna os seguindo; e então eu conseguia vê-los parar e conseguia ouvir diálogos em voz baixa, como se eles estivessem surpresos de encontrar a porta aberta. Mas a pausa foi breve, pois o cego emitiu suas ordens novamente. Sua voz soava mais alto e mais estridente, como se ele estivesse encolerizado de ímpeto e fúria.

– Entrem, entrem, entrem! – ele gritou, e os amaldiçoou pela demora.

Quatro ou cinco obedeceram de imediato, dois permanecendo na estrada com o mendigo formidável. Houve uma pausa; em seguida, um grito de surpresa e então uma voz berrando da casa:

– Bill está morto!

Mas o cego praguejou contra eles novamente pela demora.

– Revistem-no, alguns de vocês, seus grumetes covardes, e os outros subam para buscar o baú – ele bradou.

Eu podia ouvir o tropel de seus pés, sacudindo nossas escadas velhas, de um jeito que a casa deve ter sacudido junto. Imediatamente depois, surgiram novos sons de espanto; a janela do quarto do capitão foi escancarada com uma pancada e um tilintar de vidro quebrado, e um homem se debruçou ao luar, pondo a cabeça e os ombros para fora, e se dirigiu ao mendigo cego na estrada abaixo dele.

– Pew! – ele gritou. – Já estiveram aqui antes de nós. Alguém revirou o baú de dentro para fora.

– Está lá? – rugiu Pew.

– O dinheiro está.

O homem cego amaldiçoou o dinheiro.

– O punho de Flint, eu quero dizer – ele gritou.

– Não o estamos vendendo aqui de jeito nenhum – devolveu o homem.

– Ei, você aqui embaixo, está com o Bill? – o cego gritou novamente.

E o outro sujeito, provavelmente o que permanecera no andar de baixo para revistar o corpo do capitão, veio até a porta da stalagem.

– Bill já foi saqueado – disse ele. – Não sobrou nada.

– Foi essa gente da stalagem... foi aquele menino. Queria ter arrancado os olhos dele! – gritou o cego, Pew. – Quase não faz tempo nenhum e eles estavam com a porta trancada, quando testei. Espalhem-se, rapazes, e os encontrem.

– Com certeza, eles deixaram a vela deles aqui – disse o sujeito da janela.

– Espalhem-se e os encontrem. Virem a casa do avesso! – reiterou Pew, batendo o cajado na estrada.

Depois seguiu-se um grande tumulto por toda a nossa antiga stalagem, pés pesados batendo para lá e para cá, mobília jogada, portas chutadas, até que as próprias ecoaram de novo e os homens

saíram novamente, um após o outro, para a estrada e declararam que não estávamos em parte alguma. E o mesmo apito que tinha alarmado a mim e à minha mãe, enquanto mexíamos no dinheiro do capitão morto, mais uma vez era claramente audível noite adentro, mas desta vez repetido duas vezes. Eu tinha pensado ser a trombeta do cego, por assim dizer, conclamando sua tripulação à invasão, mas agora descobri que era um sinal da encosta em direção à aldeia e, de seu efeito sobre os bucaneiros, um sinal para avisar do perigo iminente.

– É Dirk outra vez – disse um. – Duas vezes! Vamos ter que bater em retirada, marujos.

– Em retirada, uma ova! – exclamou Pew. – Dirk foi um tolo e um covarde desde o início. Não dê atenção a ele. Eles devem estar por perto; não podem estar longe; vocês estão com as mãos neles. Espalhem-se e procurem, seus cães sarnentos! Com mil demônios! – ele exclamou. – Se eu tivesse olhos!

O apelo pareceu produzir algum efeito, pois dois dos homens começaram a procurar aqui e ali, entre os troncos das árvores, mas sem entusiasmo, pensei, e um tanto preocupados com seu próprio perigo o tempo todo, enquanto os demais permaneciam, irresolutos, na estrada.

– Vocês estão com as mãos no dinheiro, seus tolos, e ainda assim vocês hesitam! Seriam ricos como reis se pudessem encontrá-lo, e vocês sabem que está aqui, e mesmo assim fazem corpo mole. Não teve um de vocês que ousasse enfrentar Bill, e eu o fiz... um cego! E estou a perder a minha chance por causa de vocês! Vou ser um mendigo pobre, rastejante, esfregando coisas em troca de rum, quando eu poderia estar andando de carruagem! Se vocês tivessem a coragem de um caruncho no biscoito, vocês ainda poderiam alcançá-los.

– Calma, Pew, temos os dobrões! – resmungou um.

– Eles podem ter escondido a coisa abençoada – disse outro.

– Leve os Georges, Pew, e não fique aí aos berros.

Berros era a palavra certa; a raiva de Pew se elevou muito diante dessas objeções até quem enfim, quando sua paixão tomou o controle completamente, ele golpeou o cajado a torto e a direito em sua cegueira, e mais de uma vez ouviu-se o objeto colidir pesadamente com alguém.

Os homens, por sua vez, xingaram o malfeitor cego de volta, ameaçaram-no em termos horríveis e tentaram, em vão, pegar a vara e arrancá-la das mãos dele.

Essa contenda foi nossa salvação, pois enquanto ela ainda estava aquecida, outro som veio do topo da colina, do lado da aldeia – o galope de cavalos. Quase ao mesmo tempo, um tiro de pistola, rápido e certeiro, veio pela beira da sebe. E isso foi claramente o último sinal de perigo, pois os bucaneiros deram meia-volta na mesma hora e fugiram, espalhando-se para todas as direções, um rumo ao mar, margeando a enseada; outro na diagonal, visando à colina; e assim por diante, de modo que, em meio minuto, não restava sinal de nenhum deles a não ser de Pew. Eles o tinham desertado, se era de pânico ou para se vingar de suas palavras cortantes ou das pancadas do cajado, eu não sei; mas ali ele ficou para trás, de um lado para o outro, pela estrada em desespero, tateando e chamando por seus companheiros. Finalmente ele tomou um rumo errado e correu alguns passos por mim, indo para a aldeia, gritando:

– Johnny, Cão Preto, Dirk – e outros nomes –, vocês não vão deixar o velho Pew, companheiros, não o velho Pew!

Bem nessa hora, o ruído dos cavalos chegou ao topo da colina, e quatro ou cinco cavaleiros entraram em nosso raio de visão, sob a luz do luar e desceram a galope pela encosta como uma enxurrada.

Nesse momento, Pew viu seu erro, virou-se com um grito e correu diretamente para a vala e nela ele caiu rolando. Porém, ele estava em pé de novo em um segundo e correu mais uma vez, agora absolutamente desnorteado, bem no caminho dos cavalos mais próximos.

O cavaleiro tentou salvá-lo, mas foi em vão. Para baixo foi Pew, com um grito que ecoou alto pela noite; e os quatro cascos o atropelaram e espezinharam e seguiram em frente. Ele caiu de lado, em seguida, desabou levemente em cima do rosto e não se mexeu mais.

Levantei com um pulo e saudei os cavaleiros. Eles estavam apeando, de qualquer forma, horrorizados com o acidente; e logo vi quem eles eram. Um, seguindo atrás dos demais, era um rapaz que tinha ido da aldeia para a residência do dr. Livesey; o resto eram oficiais de receita, os quais ele tinha encontrado pelo caminho, e com quem teve a inteligência de retornar mais que depressa. Algumas notícias do lugre em Kitt's Hole tinham encontrado o caminho até o Fiscal Dance e o colocado em nossa direção naquela noite, e a essa circunstância, minha mãe e eu devíamos nossa preservação da morte.

Pew estava morto; morto como uma pedra. Quanto à minha mãe, tão logo a havíamos levado até a aldeia, um pouco de água fria e sais a fizeram recobrar os sentidos, e ela não estava mais afetada pelo terror, embora ainda continuasse a lamentar o excedente do dinheiro que lhe cabia. Nesse meio-tempo, o fiscal cavalgou, o mais rápido que pôde, para Kitt's Hole; mas seus homens tinham que apear e tatear pelo desfiladeiro, conduzindo e, às vezes, puxando os cavalos e sentindo um medo contínuo de emboscadas; portanto, não foi grande questão de surpresa que, quando chegaram ao fundo de Kitt's Hole, o lugre já havia partido, embora ainda estivesse próximo na enseada. Ele chamou a embarcação. Uma voz respondeu, dizendo-lhe para ficar fora do luar ou ganharia uns tiros, e, ao mesmo tempo, uma bala passou zunindo perto de seu braço. Logo em seguida, o lugre dobrou o promontório e desapareceu. sr. Dance ficou ali, como ele disse “tal qual um peixe fora d’água”, e tudo o que pôde fazer foi despachar um homem para B... para avisar as autoridades marítimas. – E isso – disse ele – é tão bom quanto qualquer coisa. Eles saíram ilesos, e há um fim. Só que –

acrescentou – eu me alegro de ter pisoteado os calos do mestre Pew. – Pois, a essa altura, ele já tinha ouvido a minha história.

Voltei com ele para a Almirante Benbow, e vocês não podem imaginar uma casa em tal estado de destruição; até o relógio tinha sido jogado abaixo por aqueles sujeitos em sua caçada furiosa atrás de minha mãe e eu; e apesar de nada na verdade ter sido levado, exceto a bolsa do dinheiro do capitão e um pouco de prata da caixa registradora, pude ver imediatamente que estávamos arruinados. O sr. Dance não pôde fazer nada diante da cena.

– Eles levaram dinheiro, você diz? Bem, então, Hawkins, eles estavam atrás de que fortuna? Mais dinheiro, eu suponho?

– Não, senhor; acho que não é dinheiro – respondi eu. – Na verdade, senhor, acredito que estou com o objeto no meu bolso do peito; e para dizer a verdade, eu gostaria de colocá-lo em lugar seguro.

– Com toda a certeza, menino; tem razão – disse ele. – Eu vou levá-lo, se preferir.

– Pensei que talvez o dr. Livesey... – comecei.

– Perfeitamente correto – ele interrompeu muito alegremente. – Perfeitamente correto: um aristocrata e um magistrado. E, agora que penso nisso, eu mesmo também poderia pegar meu cavalo e ir até lá sozinho e reportar a ele ou ao fidalgo. Mestre Pew está morto, no fim das contas; não que eu me arrependa, mas ele está morto, veja bem, e pessoas irão atribuir esse fato contra um agente da receita de Sua Majestade, se for possível que façam isso. Agora, eu lhe digo, Hawkins, se quiser, eu o levo junto.

Agradeci-o vivamente pela oferta, e nós voltamos para a aldeia, onde estavam os cavalos. Quando comuniquei minha mãe do meu propósito, os animais já estavam selados.

– Dogger – disse o sr. Dance –, você tem um bom cavalo; leve este rapaz atrás de você.

Tão logo eu estava montado, segurando a correia de Dogger, o fiscal deu a ordem, e o grupo se pôs em um trote saltitante a caminho da casa do dr. Livesey.

# Os papéis do capitão



Cavalgamos em passo apertado por todo o caminho até chegarmos à porta do dr. Livesey. A casa estava toda escura na frente.

O sr. Dance me disse para saltar e bater, e Dogger deu-me um estribo para que eu usasse de apoio para o pé. A porta foi aberta, quase no mesmo instante, pela criada.

– O dr. Livesey está? – perguntei.

– Não, ela me disse, ele viera para casa à tarde, mas tinha ido ao solar para o jantar e passar a noite com o fidalgo.

– Então, vamos lá, rapazes – disse o sr. Dance.

Dessa vez, como a distância era curta, eu não montei, mas corri com a tira de couro do estribo de Dogger até os portões e depois por uma via longa, desfolhada, sob o luar, até onde a linha branca dos edifícios do solar fazia frente para ambos os lados em um grande jardim antigo. Ali o sr. Dance apeou e, levando-me com ele, foi admitido na casa, com uma só palavra.

O criado nos levou por uma passagem sem brilho e, ao fim, para uma biblioteca grandiosa, toda ladeada de estantes e bustos em cima delas, onde o fidalgo e o dr. Livesey estavam sentados, cachimbo em mãos, de ambos os lados de uma lareira brilhante.

Eu nunca tinha visto o fidalgo tão de perto. Ele era um homem alto, mais de um metro e oitenta, de proporções largas e um rosto achatado, rústico, todo curtido, avermelhado e enrugado pelas longas viagens. As sobrancelhas eram muito pretas e se moviam prontamente, e isso lhe dava certo ar de temperamento... não ruim, poder-se-ia dizer... mas rápido e elevado.

— Entre, sr. Dance — disse ele, muito imponente e condescendente.

— Boa noite, Dance — disse o médico, com um aceno de cabeça. — E boa noite para você, amigo Jim. Que bons ventos os trazem aqui?

O fiscal levantou-se, reto e rígido, e contou a história como se fosse uma aula; e vocês veriam como os dois cavalheiros se inclinaram para a frente e se entreolharam, e esqueceram de fumar em sua surpresa e interesse. Quando ouviram de que forma minha mãe tinha voltado para a estalagem, o dr. Livesey deu um grande tapa na coxa, e o fidalgo exclamou: “Bravo!” e quebrou seu longo cachimbo contra a grade da lareira. Muito antes do final, o sr. Trelawney (esse, como vocês se recordarão, era o nome do fidalgo) tinha se levantado do seu lugar e estava caminhando pelo cômodo, e o médico, como se para ouvir melhor, havia tirado a peruca polvilhada de talco e ficou ali, parecendo muito estranho, realmente, com seu próprio cabelo preto cortado rente.

Por fim, o sr. Dance terminou a história.

— Sr. Dance — disse o fidalgo —, o senhor é um companheiro muito nobre. E quanto a passar por cima daquele malfeitor negro atroz, eu considero um ato de virtude, senhor, como pisar em uma barata. Este rapaz, Hawkins, é um trunfo, eu percebo. Hawkins, pode tocar o sino? O sr. Dance deve tomar uma cerveja.

— E então, Jim — disse o médico —, você está com o objeto que eles estavam procurando, não está?

— Aqui comigo, senhor — eu disse e lhe entreguei o pacote do encerado.

O médico deu uma olhada, como se os dedos estivessem coçando para abri-lo; mas em vez de fazer isso, ele o colocou discretamente no bolso do casaco.

— Fidalgo — disse ele —, quando Dance tiver tomado sua cerveja, claro, partirá em serviço de Sua Majestade; mas pretendo manter Jim Hawkins aqui para dormir na minha casa, e com sua permissão, eu proponho que devemos mandar trazer torta fria e deixar que ele coma o jantar.

– Como desejar, Livesey – disse o fidalgo. – Hawkins merece mais do que torta fria.

Então uma torta grande de pombo foi trazida e colocada sobre uma mesa lateral, e eu me esbaldei no jantar, pois estava com a fome de um falcão, enquanto sr. Dance recebeu mais elogios e foi, em seguida, dispensado.

– E agora, fidalgo – disse o médico.

– E agora, Livesey – disse o fidalgo no mesmo fôlego.

– Um de cada vez, uma de cada vez – riu o dr. Livesey. – Ouviu falar desse Flint, eu suponho?

– Ouvir falar dele! – gritou o fidalgo. – Ouvir falar dele, você diz! Ele era o bucaneiro mais sedento de sangue que já navegou os sete mares. Barba Negra era uma criança perto de Flint. Os espanhóis tinham um medo tão prodigioso dele que, digo-lhe, senhor, às vezes, eu me orgulhava de ser inglês. Eu vi suas velas superiores com estes olhos, partindo de Trinidad, e o covarde filho de um barril de rum com quem eu viajei ficando para trás... ficando para trás, senhor, em Porto de Espanha.

– Bem, eu mesmo já ouvi falar dele na Inglaterra – disse o médico.

– Mas o ponto é, ele tinha dinheiro?

– Dinheiro! – exclamou o fidalgo. – Já ouviu a história? Atrás de que esses vilões estavam que não fosse dinheiro? O que lhes interessa a não ser dinheiro? Para que eles arriscariam sua carcaça velhaca se não fosse para ganhar dinheiro?

– Isso em breve nós saberemos – respondeu o médico. – Mas você está tão estranhamente exaltado e declamatório que não consigo absorver uma palavra. O que quero saber é o seguinte: supondo que eu tenha aqui no meu bolso alguma pista de onde Flint enterrou seu tesouro; esse tesouro valeria muita coisa?

– Muita coisa, senhor! – gritou o fidalgo. – Eis o que valeria: se tivermos a pista de que fala, eu mando aparelhar um navio na doca de Bristol, e levo você e Hawkins aqui conosco, e eu vou ter esse tesouro nem que eu passe um ano procurando.

– Muito bem – disse o médico. – Agora, então, se Jim estiver de acordo, vamos abrir o pacote. – E o colocou diante dele, sobre a mesa.

O pacote tinha sido fechado com costura, e o médico teve que pegar seu estojo de instrumentos e cortar os pontos com a tesoura médica. Continha duas coisas – um livro e um papel selado.

– Antes de tudo, tentaremos o livro – observou o médico.

O fidalgo e eu ficamos espreitando por cima de seu ombro, enquanto ele abria, pois o dr. Livesey tinha feito a gentileza de acenar para que eu me aproximasse dando a volta na mesa lateral, onde eu estava comendo, para desfrutar da diversão da busca. Na primeira página, havia apenas alguns fragmentos de escrita, tais como os que um homem com uma caneta na mão pode fazer em momento de ócio ou de prática. Um era o mesmo que a marca da tatuagem, “Billy Bones e seu desejo”; e então, “Sr. W. Bones, imediato”, “Chega de rum”, “Foi nos arredores de Palm Key que ele conseguiu”, e alguns outros fragmentos, na maioria palavras avulsas e coisas ininteligíveis. Não pude deixar de me perguntar quem é que tinha conseguido e o que é que tinha conseguido. Provavelmente uma punhalada nas costas.

– Não há muita instrução aí – disse o dr. Livesey, ao prosseguir.

As dez ou doze páginas seguintes estavam cheias de uma curiosa série de registros. Havia uma data em uma extremidade da linha e, na outra, uma soma de dinheiro, como em livros contábeis comuns, mas em vez de textos explicativos, apenas um número variado de cruzes entre os dois. No dia 12 de junho de 1745, por exemplo, uma soma de setenta libras tornou-se claramente devida a alguém, e não havia nada além de seis cruzes para explicar a causa. Em alguns casos, para ter certeza, acrescentava-se o nome de um lugar, como “Arredores de Caracas” ou um mero registro de latitude e longitude, como  $62^{\circ} 17' 20''$ ,  $19^{\circ} 2' 40''$ .

A sequência de registros durava quase vinte anos; o montante de registros individuais ia ficando cada vez maior e, ao final, uma

somatória tinha sido feita depois de cinco ou seis adições erradas, e essas palavras haviam sido acrescentadas: "Bones, sua fatia".

— Não consigo ver nem pé nem cabeça nisso — disse o dr. Livesey.

— A coisa é tão clara como o meio-dia — gritou o fidalgo. — Este é o livro contábil do cão de coração negro. Estas cruzes representam os nomes dos navios que eles afundaram ou as cidades que saquearam. Os montantes são a parte do patife, e onde ele temia uma ambiguidade, vejam que acrescentou uma explicação para ficar mais claro. — Arredores de Caracas, ora; vejam, este aqui era algum navio infeliz que partiu da costa de Caracas. Deus ajude as pobres almas que o tripulavam. Viraram coral há muito tempo.

— Certo! — disse o médico. — Veja o que é ser um viajante. Certo! E os montantes aumentam, vejam, conforme ele progride na hierarquia.

Havia pouca coisa mais no livro, a não ser algumas localizações de lugares anotadas nas folhas em branco mais para o final, e uma tabela para converter dinheiro francês, inglês e espanhol em um valor comum.

— Homem parcimonioso! — exclamou o médico. — Ele não era o tipo de ser enganado.

— E agora — disse o fidalgo —, o outro.

O papel que tinha sido selado em vários lugares com um dedal que servia de selo; o próprio dedal, talvez, que eu tinha encontrado no bolso do capitão. O médico abriu os selos com muito cuidado e ali surgiu o mapa de uma ilha, com latitude e longitude, sondagens, nomes dos montes e baías e enseadas e cada detalhe que seria necessário para

levar um navio até um ancoradouro seguro em sua costa. Tinha quinze quilômetros de comprimento e cinco do outro lado, em forma de, digamos, um dragão gordo em pé, e tinha dois ótimos portos sem litoral, e uma colina na parte central, onde estava marcado "A Luneta". Havia várias adições de uma data posterior, mas acima de tudo, três cruzes de tinta vermelha — duas na parte norte da ilha, uma na sudoeste e, ao lado desta última, a mesma tinta vermelha, e

em uma caligrafia pequena e cuidadosa, muito diferente dos garranchos do capitão, com essas palavras: *Grosso do tesouro aqui.*

No verso, na mesma caligrafia, havia mais informações:

*Árvore alta, flanco da Luneta, com uma ponta para o N de NNE.*

*Ilha do Esqueleto ESE e por E.*

*Três metros.*

*As barras de prata estão no depósito do Norte; pode encontrá-lo na trilha da colina leste, dez braças ao Sul do penhasco negro que tem a face.*

*As armas são fáceis de achar, na colina de areia, Ponto N. do cabo da Enseada Norte que tem o E e um quarto ao N.*

J. F.

Isso era tudo; mas breve como era e, para mim, incompreensível, encheu o fidalgo e o dr. Livesey de prazer.

— Livesey — disse o fidalgo —, desista dessa clínica miserável imediatamente. Amanhã eu começo a viagem para Bristol. Dentro de três semanas, três semanas!, duas semanas, dez dias, nós vamos ter o melhor navio, senhor, e a tripulação mais seleta da Inglaterra. Hawkins virá como camaroteiro. Você vai dar um camaroteiro famoso, Hawkins. Você, Livesey, é o médico de bordo; eu sou o almirante. Vamos levar Redruth, Joyce e Hunter. Teremos ventos favoráveis, uma passagem rápida e não teremos a menor dificuldade em encontrar o local e o dinheiro para comer, para nos esbaldar para todo o sempre.

— Trelawney — disse o médico —, vou com você; eu aceito, assim como Jim, que seria valioso para a empreitada. Só tenho medo de um homem.

— E quem é? — exclamou o fidalgo. — Dê o nome desse cão, senhor!

— Você — respondeu o médico —, pois não consegue manter essa língua dentro da boca. Nós não somos os únicos que sabem deste papel. Aqueles sujeitos que atacaram a estalagem esta noite (destemidos, lâminas desesperadas, com certeza), e o resto que

ficou a bordo do lugre, e mais, ouso dizer, não muito longe, certo como o dia e a noite e, sem sombra de dúvida, vão querer pôr as mãos nesse dinheiro. Nenhum de nós pode ficar sozinho até chegarmos ao mar. Jim e eu devemos ficar juntos enquanto isso; você vai levar Joyce e Hunter quando seguir para Bristol, e do primeiro ao último, nenhum de nós deve respirar uma palavra do que descobrimos.

– Livesey – retornou o fidalgo –, você está sempre do lado da verdade. Minha boca vai ser um túmulo.



Parte 2

## O COZINHEIRO DO NAVIO



# Vou para Bristol



Demorou mais do que o fidalgo tinha previsto para que estivéssemos prontos para o mar e nenhum dos nossos planos iniciais – nem mesmo os do dr. Livesey, de me manter ao lado dele – pôde ser realizado como queríamos. O doutor teve que ir a Londres em busca de médico para tomar conta de sua clínica; o fidalgo estava trabalhando a todo vapor em Bristol; e eu vivia no solar sob a responsabilidade do velho Redruth, o guarda-caça, quase como um prisioneiro, mas cheio de sonhos do mar e as mais encantadoras expectativas de aventuras e ilhas estranhas. Eu passava horas debruçado sobre o mapa, de cujos detalhes eu ainda me lembro. Sentado junto à lareira na sala da governanta, eu me aproximava da ilha nos meus devaneios, de todos os ângulos possíveis; explorava cada acre de sua superfície; subia mil vezes aquela colina alta, que eles chamavam de Luneta e, do topo, aproveitava as vistas mais maravilhosas e cambiantes. Às vezes, a ilha estava coalhada de selvagens, com os quais lutávamos, às vezes, cheia de animais perigosos que nos caçavam, mas em todas as minhas fantasias não me ocorreu nada tão estranho e trágico como nossas verdadeiras aventuras.

Assim as semanas passaram, até que um belo dia, chegou uma carta endereçada ao dr. Livesey, com esta adição:

*Deverá ser aberta, em caso de ausência, por Tom Redruth ou pelo jovem Hawkins.*

Obedecendo a essa ordem, encontramos, ou melhor, encontrei – pois o guarda-caça era ruim de leitura de qualquer coisa que não fossem letras impressas – a seguinte notícia importante:

*Estalagem Velha Âncora, Bristol, 1.º de março, 17...*

*Caro Livesey, como eu não sei se você está no solar ou ainda em Londres, envio esta missiva para ambos os endereços. O navio foi comprado e equipado. Encontra-se ancorado, pronto para o mar. Você nunca imaginou uma escuna mais doce – uma criança pode navegá-la – duzentas toneladas; de nome Hispaniola. Eu a consegui por intermédio de meu velho amigo, Blandy, que provou ser o trunfo mais surpreendente. O camarada admirável literalmente escravizou meu interesse, assim como, posso dizer, o de todos em Bristol, tão logo receberam notícias do porto para onde zarparíamos – tesouro, quero dizer.*

– Redruth – disse eu, interrompendo a carta. – O dr. Livesey não vai gostar disso. O fidalgo já anda falando, afinal.

– Bem, quem tem mais direito? – rosnou o guarda-caça. – Seria bem estranho se o fidalgo não falasse em nome do dr. Livesey, é o que eu penso.

Diante disso, desisti de todas as tentativas de comentário e continuei a ler:

*Foi o próprio Blandy que encontrou o Hispaniola e, pela negociação mais admirável, comprou-a por uma ninharia. Há uma classe de homens em Bristol que nutre preconceitos monstruosos contra Blandy. Eles chegam a ponto de declarar que essa criatura honesta faria qualquer coisa por dinheiro, que o Hispaniola pertencia a ele, e que ele o vendeu para mim por um preço absurdamente alto – a mais transparente das calúnias. Nenhum deles se atreve, contudo, a negar os méritos do barco. Até o momento, não deu nenhum problema. Os trabalhadores, por certo – montadores e tudo o mais – foram de uma lentidão irritante; mas esse detalhe foi curado pelo tempo. O que mais me causou problemas foi a tripulação. Desejei uma turma de vinte homens – para o caso de nativos, bucaneiros ou os franceses odiosos aparecerem – e tive o aborrecimento do diabo de encontrar apenas meia dúzia, até que o golpe mais notável de sorte me*

*trouxe o que eu precisava. Eu estava parado na doca, quando, por um mero acidente, comecei a conversar com ele. Descobri que era um velho marinheiro, que mantinha uma taverna, que conhecia todos os homens do mar em Bristol, tinha perdido a saúde em terra e queria uma boa ocupação como cozinheiro para voltar ao mar. Ele havia manquitulado até lá naquela manhã, disse ele, para sentir o cheiro do sal. Fiquei monstruosamente comovido – você também teria ficado – e, por pura piedade, eu o contratei naquela hora e lugar para ser o cozinheiro do navio. Long John Silver, ele se chama e perdeu uma perna; mas isso eu considerei uma recomendação, já que ele a havia perdido prestando serviço ao país, sob Hawke,<sup>3</sup> o imortal. Ele não tem pensão, Livesey. Imagine a era abominável em que vivemos! Bem, senhor, eu acabara de encontrar um cozinheiro, mas era uma tripulação que eu tinha descoberto. Eu e Silver reunimos em alguns dias um grupo dos marujos mais durões que se poderia imaginar – não bonitos de se ver, mas sujeitos, pela cara, donos do espírito mais indomável. Declaro que poderíamos lutar contra uma fragata. O próprio Long John se livrou de dois, dentre os seis ou sete que eu já tinha arregimentado. Ele me mostrou em questão de instantes que eles eram exatamente o tipo de marinheiros de primeira viagem que deveríamos temer em uma aventura de importância. Estou na mais magnífica saúde e no mais magnífico espírito, comendo como um touro, dormindo como uma árvore, ainda assim, não vou aproveitar um momento sequer até eu ouvir meus velhos encerados batendo pesadamente sobre o cabrestante. Para o mar, aí vamos nós, ho! Dane-se o tesouro! É a glória do mar que virou minha cabeça. Portanto, agora venha assumir seu posto, Livesey; se tem respeito por mim, não perca uma hora sequer. Deixe o jovem Hawkins ir agora mesmo ver a mãe dele, com Redruth de guarda-costas; e, em seguida, venham ambos com velocidade total para Bristol.*

*John Trelawney*

*P. S. – não lhe disse que Blandly, que, a propósito, enviará uma embarcação auxiliar atrás de nós se não aparecermos até o final de agosto, encontrou um sujeito admirável para mestre de vela – um homem duro, de que eu me arrependo, mas em todos os outros aspectos, um tesouro. Long John Silver descobriu um homem muito competente para imediato, um homem chamado Arrow. Tenho um contramestre que toca gaita de fole, Livesey; Então as coisas irão à moda dos homens de guerra a bordo do bom navio Hispaniola. Esqueci de lhe dizer que Silver é um homem de substância; sei pelo meu próprio conhecimento que ele tem uma conta no banco, que nunca foi sacada. Ele deixa a esposa para gerenciar a estalagem; e como ela é uma mulher de cor, um par de velhos solteirões como você e eu pode ser poupadão de supor que é a esposa, tanto como a saúde, que o manda de volta para a vagabundagem. J. T.*

*P. P. S. – Hawkins pode ficar uma noite com a mãe. J. T.*

Podem imaginar a excitação em que me colocou essa carta. Eu estava um tanto fora de mim tamanha a alegria; e se alguma vez eu detestei um homem, esse foi o velho Tom Redruth, que não sabia fazer nada além de resmungar e lamentar. Qualquer um dos assistentes de guarda-caça teria alegremente trocado de lugar com ele; mas esse não foi o prazer do fidalgo, e o prazer do fidalgo era como lei entre eles todos. Ninguém a não ser o velho Redruth ousaria sequer resmungar.

Na manhã seguinte, eu e ele partimos a pé para a Almirante Benbow, e lá encontrei minha mãe em boa saúde e em bons humores. O capitão, que tinha sido a causa de tanto desconforto por tanto tempo, fora parar onde os ímpios não incomodam mais. O fidalgo mandara reparar tudo, e os aposentos comuns e a placa haviam sido repintados, e ele também mandara acrescentar alguns móveis – acima de tudo, uma bela poltrona para minha mãe na taverna. Ele tinha encontrado para ela um rapaz como aprendiz, para que ela não desejasse contratar ninguém quando eu estivesse fora.

Foi ao ver o rapaz que eu entendi, pela primeira vez, minha situação. Até aquele momento, eu vinha pensando nas aventuras que me aguardavam; de forma alguma na casa que eu estava deixando; e agora, diante desse estranho desajeitado, que iria ficar no meu lugar ao lado de minha mãe, tive meu primeiro ataque de lágrimas. Acho que dei ao menino uma vida de cão, pois como ele era novo no trabalho, tive centenas de oportunidades de corrigi-lo e de menosprezá-lo, e não demorei em me aproveitar de todas elas.

A noite passou e, no dia seguinte, depois do jantar, Redruth e eu estávamos em marcha novamente na estrada. Eu disse adeus à minha mãe e à enseada, onde vivi desde que nascera, e à querida e velha Almirante Benbow – desde que fora repintada, já não era mais tão querida. Um dos meus últimos pensamentos foi sobre o capitão, que tantas vezes tinha caminhado ao longo da praia com seu chapéu tricórnio, a bochecha com o corte de sabre e sua velha luneta de latão. No momento seguinte, tínhamos virado a esquina e minha casa estava fora de vista.

O correio nos apanhou, já no ocaso, no Royal George, no urzedo. Viajei imprensado entre Redruth e um robusto senhor de idade, e apesar do movimento rápido e do ar frio da noite, devo ter cochilado um bom tanto desde o início e depois dormi como uma pedra colina acima e vale abaixo, etapa após etapa da viagem, pois quando acordei, enfim, foi por um soco nas costelas, momento em que abri os olhos e descobri que estávamos parados em frente a um grande edifício em uma rua de cidade, e que o dia já tinha nascido fazia muito tempo.

– Onde estamos? – perguntei.

– Bristol – disse Tom. – Desça.

O sr. Trelawney havia se hospedado em uma estalagem próxima das docas para fiscalizar o trabalho na escuna. Precisamos caminhar até lá, e nosso caminho, para minha grande satisfação, seguia ao longo dos cais e ao lado da grande multidão de navios de todos os tamanhos e cordames e nações. Em um, marinheiros estavam cantando durante o trabalho; em outro, havia homens nos

ares, alto acima da minha cabeça, pendurados em cordas que não pareciam não mais espessas do que a teia de uma aranha. Embora eu tivesse vivido na costa toda a minha vida, parecia que nunca estivera perto do mar até aquele dia. O cheiro de alcatrão e sal era algo novo. Eu vi as mais maravilhosas figuras de proa, que tinham visitado lugares longínquos sobre o oceano. Vi, além disso, muitos marinheiros velhos, com brincos de argola nas orelhas e bigodes enrolados em cachos, rabichos alcatroados e seu andar arrogante e desajeitado típico do mar; e se eu tivesse visto reis ou arcebispos em mesmo número, não poderia ter me sentido mais feliz.

E eu iria para o mar também, para o mar em uma escuna, com um contramestre que tocava gaita de fole e marinheiros cantores de rabo de cavalo, para o mar, com destino a uma ilha desconhecida, e para procurar tesouros enterrados!

Enquanto eu ainda estava nesse sonho delicioso, vimo-nos, de repente, em frente a uma grande hospedaria e encontramos o fidalgo Trelawney, todo paramentado como um oficial do mar, vestido de tecidos azuis grossos, ao sair pela porta, com um sorriso no rosto e a imitação capital do andar de um marinheiro.

– Aqui estão vocês – ele exclamou –, e o médico chegou ontem à noite de Londres. Bravo! A tripulação do navio está completa!

– Oh, senhor – perguntei –, quando zarpamos?

– Zarpar! – disse ele. – Zarparemos amanhã!

Edward Hawke (1705-1781), um importante almirante da marinha inglesa. (N.T.)

# Na placa da Luneta



Logo que acabei o desjejum, o fidalgo me deu um recado dirigido a John Silver, do estabelecimento, cuja placa dizia “Luneta”, e disse-me que eu encontraria o lugar facilmente seguindo a linha das docas e prestando atenção para encontrar uma pequena taverna com uma grande luneta de latão como placa. Eu parti muito feliz pela oportunidade de ver algo além de navios e marinheiros e fui serpenteando entre uma grande multidão de pessoas, carros e fardos, pois a doca agora estava em seu período de maior movimento, até que encontrei a taverna em questão.

Era um lugarzinho de entretenimento bem animado. A placa havia sido recém-pintada; as janelas tinham cortinas vermelhas impecáveis; o chão tinha sido lixado até ficar limpo. Havia uma rua de cada lado e uma porta aberta para ambos, o que dava ao grande cômodo baixo uma boa iluminação natural, apesar das nuvens de fumaça de tabaco.

Os fregueses eram, na maioria, homens do mar, e falavam tão alto que eu me demorei à porta, quase com medo de entrar.

Enquanto eu esperava, um homem saiu de uma sala ao lado, e de relance tive certeza de que deveria ser Long John. Sua perna esquerda havia sido cortada perto do quadril, e debaixo do ombro esquerdo ele carregava uma muleta, que era manejada com maravilhosa destreza. Ele ia pulando com ela como se fosse um pássaro. Ele era muito alto e forte, com uma cara grande como um presunto – comum e pálida, mas inteligente e soridente. De fato, ele parecia estar com o mais alegre dos espíritos, assobiando enquanto se movimentava entre as mesas, com uma palavra cordial ou um tapa no ombro de seus fregueses favorecidos.

Bem, para dizer a verdade, desde a primeira menção a Long John na carta do fidalgo Trelawney, eu havia guardado certo medo na mente de que ele pudesse acabar se revelando ser o exato marinheiro de uma perna só, cuja chegada eu vigiava na velha Benbow. Mas um olhar para o homem diante de mim foi o suficiente. Eu tinha visto o capitão, Cão Preto e o homem cego, Pew, e achava que sabia como era um bucaneiro – uma criatura muito diferente, de acordo com a minha opinião, desse stalajadeiro limpo e de temperamento gentil que eu ora via.

Reuni toda a minha coragem, de repente, cruzei o limiar e andei diretamente até onde o homem estava, apoiado em sua muleta, conversando com um freguês.

– Sr. Silver, senhor? – perguntei, segurando o bilhete.

– Sim, meu rapaz – disse ele. – Este é o meu nome, decerto que é. E você seria? – E então, quando viu a carta do fidalgo, ele pareceu ter algo que achei ser um sobressalto.

– Oh! – disse ele, muito alto e oferecendo a mão. – Entendi. Você é nosso novo camaroteiro; é um prazer conhecê-lo.

E ele pegou a minha mão no seu grande aperto firme.

Bem nessa hora, um dos clientes do lado mais distante se levantou subitamente e seguiu para a porta. Ficava perto dele, e ele estava na rua em questão de instantes. Mas sua pressa tinha chamado minha atenção, e eu o reconheci de relance. Era o homem de cara ensebada, com dois dedos faltantes que tinha vindo primeiro à Almirante Benbow.

– Oh – gritei. – Segurem-no! É o Cão Preto!

– Eu não me importo duas moedas quem ele é – exclamou Silver.

– Mas ele não pagou a conta. Harry, corra e pegue-o.

Um dos outros que estava mais próximo da porta levantou-se de um salto e começou a perseguição.

– Nem que seja o almirante Hawke, ele deverá pagar a conta! – declarou Silver; e depois, soltando minha mão: – Quem você disse que era? – perguntou ele. – Cão o quê?

– Preto, senhor – disse eu. – O sr. Trelawney não lhe falou dos bucaneiros? Esse era um deles.

– Verdade? – gritou Silver. – Na minha casa! Bem, corra e ajude Harry. Um daqueles cães do mar, pois então? Era você que estava bebendo com ele, Morgan? Venha aqui.

O homem a quem ele chamou de Morgan – um marinheiro velho, grisalho, rosto cor de mogno – avançou muito timidamente, rolando seu fumo.

– Diga, Morgan – disse Long John, muito severamente –, você nunca colocou os olhos naquele Cão... Cão Preto antes, colocou?

– Não, senhor – disse Morgan, com uma saudação.

– Você não sabia o nome dele, não é?

– Não, senhor.

– Pelos poderes, Tom Morgan, é bom para você! – exclamou o stalajadeiro. – Se você estivesse mancomunado com essa gente, nunca mais colocaria outro pé na minha casa, pode contar com isso. E o que ele estava lhe dizendo?

– Não faço a menor ideia, senhor – respondeu Morgan.

– Você chama isso que tem sobre os ombros de cabeça ou de uma bendita bigota? – exclamou Long John. – Não faz ideia, é! Talvez não lhe ocorra fazer ideia de com quem estava falando, quem sabe? Vamos, fale, sobre o que ele estava tagarelando? Viagens, capitães, navios? Desembuche! O que era?

– Estávamos falando do castigo de passar por baixo da quilha – respondeu Morgan.

– Passar por debaixo da quilha, foi? É uma coisa muito adequada, também, pode contar com isso. Volte para seu lugar de grumete, Tom.

E, depois, enquanto Morgan voltava ao seu lugar, Silver me acrescentou em um sussurro confidencial muito lisonjeiro, como eu pensei:

– Ele é um homem honesto, esse Tom Morgan, só é estúpido. E agora – ele correu para fora novamente, aos gritos. – Vejamos... Cão Preto? Não, eu não conheço o nome, não eu. Embora eu ache

que... sim, já vi o marujo. Ele costumava vir aqui com um mendigo cego, ele costumava.

– Ele fazia isso, pode ter certeza – disse eu. – Também conheci esse cego. O nome dele era Pew.

– Era mesmo! – exclamou Silver, bastante animado. – Pew! Decerto o nome era esse. Ah, ele parecia um tubarão, ele parecia! Se alcançarmos esse Cão Preto, agora, teremos novidades para o capitão Trelawney! Ben é um bom corredor; poucos marinheiros correm melhor do que Ben. Ele deve conseguir alcançá-lo, jogá-lo no chão, mão sobre mão, pelos poderes! Ele falou sobre passar pela quilha, falou? Eu é que vou passá-lo pela quilha!

O tempo todo em que essas palavras jorravam de sua boca, ele caminhava de um lado para o outro, batendo o pé e a muleta pela taverna, dando tapas em mesas com tamanha mostra de exaltação, que teria convencido um juiz do tribunal de Londres ou a força policial. Minhas suspeitas tinham sido despertadas completamente ao encontrar Cão Preto na Luneta, e eu observava o cozinheiro atentamente. Mas ele era muito profundo e muito ligeiro e muito inteligente para mim, e quando os dois homens tinham voltado sem fôlego e confessado que tinham perdido o rastro do sujeito na multidão, e foram enxovalhados como ladrões, eu colocaria minha mão no fogo pela inocência de Long John Silver.

– Agora veja aqui, Hawkins – disse ele –, essa é uma bendita coisa difícil para um homem como eu, não acha? E há o capitão Trelawney. O que ele vai pensar? E aqui estou eu, recebendo esse maldito filho de um holandês sentado na minha casa, bebendo do meu rum! E depois vem você e me diz com todas as letras; e então eu deixo que ele pregue uma peça em todos nós e saia, sorrateiro, diante desses meus benditos olhos que a terra há de comer! Ora, Hawkins, faça-me justiça com o capitão. Você é um garoto, você é, mas é brilhante como pintura nova. Percebi quando você entrou aqui. Bem, agora vamos lá: o que eu poderia fazer com essa velha perna de pau com a qual eu manco? Quando eu era um mestre

marinheiro, eu o teria alcançado, mão sobre mão, dando-lhe umas sacudidas, eu teria; mas agora...

E então, de repente, ele parou, e seu queixo caiu como se ele tivesse se lembrado de algo.

– A conta! – ele explodiu. – Três rodadas de rum! Ora, raios que o partam, se eu não tivesse esquecido minha conta!

E caindo sobre um banco, ele riu até que as lágrimas correram pelo seu rosto. Não consegui deixar de me juntar a ele, e nós rimos juntos, acesso após acesso de riso, até a taverna se unir.

– Ora, mas que belo bezerro do mar eu sou! – disse ele, enfim, enxugando as bochechas. – Você e eu vamos nos dar bem, Hawkins, pois acredite em mim quando digo que eu deveria ser considerado um marinheiro de primeira viagem. Mas vamos agora, prepare-se para ir. Isso não vai funcionar. Dever é dever, companheiros. Vou colocar o meu velho chapéu tricórnio e me unir com você ao capitão Trelawney, e relatar esse caso. Pois veja, é sério, jovem Hawkins; e nem você nem eu vamos sair disso com o que eu ousaria chamar de crédito. Nem você também, diria você; nada inteligente. Nenhum de nós dois é inteligente. Mas macacos me mordam! Essa foi boa sobre a minha conta.

E ele começou a rir de novo, e com tanto gosto, que, embora eu não visse a mesma graça que ele via, fui obrigado novamente a me unir a ele em sua alegria.

Em nossa pequena caminhada ao longo dos cais, ele se fez o companheiro mais interessante, contando-me sobre os diferentes navios pelo qual estávamos passando, os cordames, a tonelagem e a nacionalidade, explicando o trabalho que estava acontecendo – como um estava sendo descarregado, outro estava sendo carregado e um terceiro estava sendo aprestado para o mar – e o tempo todo ele me contava alguma pequena anedota sobre navios ou marinheiros ou repetia um dito náutico até que eu os aprendesse perfeitamente. Comecei a ver que ali estava um dos melhores possíveis companheiros de viagem.

Quando chegamos à estalagem, o fidalgo e o dr. Livesey estavam sentados juntos, terminando uma garrafa de cerveja com uma torrada, antes que eles fossem embarcar na escuna para uma visita de inspeção.

Long John me contou a história do início ao fim, com uma grande dose de humor e a mais perfeita verdade.

– Foi assim que aconteceu, não foi, Hawkins? – ele contava, ora ou outra, e eu sempre confirmava tudo.

Os dois cavalheiros lamentaram que Cão Preto tivesse se safado, mas todos concordamos que não havia nada a ser feito e, depois de ter sido elogiado, Long John pegou a muleta e partiu.

– Toda a tripulação a bordo às quatro esta tarde – exclamou o fidalgo atrás dele.

– Sim, senhor – gritou o cozinheiro, no caminho.

– Bem, fidalgo – disse o dr. Livesey –, não ponho muita fé nas suas descobertas, de maneira geral; mas vou lhe dizer isto: John Silver me agrada.

– O homem é um trunfo e tanto – declarou o fidalgo.

– E agora – acrescentou o médico –, Jim pode subir a bordo conosco, não?

– Decerto que pode – disse o fidalgo. – Tire o chapéu, Hawkins, e vamos ver o navio.

# Pólvora e armas



O *Hispaniola* repousava a uma pequena distância, e nós passamos ao largo de figuras de proa e ao redor de proas de muitos outros barcos, e seus cabos muitas vezes enroscavam em nossos calcanhares e, às vezes, se dependuravam acima de nós. Finalmente, no entanto, chegamos a ele e fomos recebidos e cumprimentados ao subirmos a bordo pelo imediato, sr. Arrow, um velho marinheiro moreno com brincos nas orelhas e um olhar de soslaio. Ele e o fidalgo já estavam se tratando como amigos, mas observei logo que as coisas não eram as mesmas entre o sr. Trelawney e o capitão.

Este último era um homem de aparência severa que parecia irritado com tudo a bordo e foi logo nos dizer por quê, pois mal tínhamos chegado à cabine, quando um marinheiro nos seguiu.

– O capitão Smollett, senhor, deseja lhe falar – disse ele.

– Estou sempre às ordens do capitão. Mande-o entrar – disse o fidalgo.

O capitão, que estava logo atrás de seu mensageiro, entrou de imediato e fechou a porta atrás de si.

– Bem, capitão Smollett, o que tem a dizer? Está tudo bem, eu espero; tudo em ordem e pronto para zarpar?

– Bem, senhor – disse o capitão –, melhor falar claramente, eu acredito, mesmo correndo o risco de ofensa. Não gosto desta viagem, não gosto dos homens e não gosto do meu imediato. Curto e grosso.

– Talvez o senhor não goste do navio? – indagou o fidalgo, muito zangado, como eu podia ver.

– Isso eu não posso dizer, senhor, não tendo visto a embarcação ser testada no mar – disse o capitão. – Ela parece boa; mas não posso dizer.

– Possivelmente o senhor não goste do seu empregador, também? – disse o fidalgo.

Mas aqui, o dr. Livesey interrompeu.

– Fique um pouco – disse ele –, fique um pouco. Essas perguntas não servem para nada a não ser produzir mal-estar. O capitão falou demais ou falou de menos, e eu sou obrigado a dizer que preciso de uma explicação para as palavras dele. O senhor diz que não gosta desta viagem. Posso saber por quê?

– Eu fui empregado, senhor, sob o que chamamos de ordens seladas por aquele cavalheiro, para navegar neste navio para onde ele me mandasse ir – disse o capitão. – Até aí tudo bem. Mas agora eu acho que todos os homens do convés sabem mais do que eu. Não acho isso justo, veja; o senhor acha?

– Não – disse o dr. Livesey. – Eu não.

– Em segundo lugar – continuou o capitão –, fiquei sabendo que vamos em busca de um tesouro; fiquei sabendo disso por mim mesmo, eu fiquei. Pois bem, esse negócio de tesouro é um trabalho delicado; não gosto de viagens de tesouro de forma nenhuma, e não gosto delas, acima de tudo, quando são secretas e quando (peço perdão, sr. Trelawney) o segredo foi contado até para o papagaio.

– O papagaio de Silver? – perguntou o fidalgo.

– É força de expressão – disse o capitão. – Quando todo mundo já abriu o bico, quero dizer. É minha convicção que nenhum dos senhores sabe atrás do que estão, mas eu vou dizer o que eu acho: vida ou morte e uma corrida acirrada.

– Isso é tudo claro e, ouso dizer, é verdade – respondeu o dr. Livesey. – Assumimos o risco, mas não somos tão ignorantes quanto o senhor acha que somos. Em segundo lugar, o senhor diz que não gosta da tripulação. Não são bons marinheiros?

– Não gosto deles, senhor – retornou o capitão Smollett. – E acho que eu deveria ter ficado com a escolha nas minhas próprias mãos,

se quer saber.

– Talvez devesse – respondeu o médico. – Meu amigo deveria, talvez, ter levado o senhor com ele; mas o deslize, se houver um, não foi intencional. E não gosta do sr. Arrow?

– Não gosto, senhor. Acredito que ele é um bom marinheiro, mas é próximo demais da tripulação para ser um bom oficial. Um imediato deve ser reservado, não beber com os marujos do convés!

– Está querendo dizer que ele bebe? – exclamou o fidalgo.

– Não, senhor – respondeu o capitão –, só que é familiar demais com os marujos.

– Bem, agora fale às claras, capitão – pediu o médico. – Diga o que quer.

– Bem, senhores, estão mesmo determinados a partir nessa viagem?

– Como o ferro – respondeu o fidalgo.

– Muito bem – disse o capitão. – Então, como me ouviram muito pacientemente dizendo coisas que eu não podia provar, ouçam-me dizer mais algumas palavras. Eles estão colocando pólvora e armas no porão frontal. Veja bem, há um lugar bom debaixo da cabine; por que não os colocar lá? Primeiro ponto. Depois, vocês estão trazendo quatro pessoas da gente de vocês, e me dizem que alguns deles serão alojados na frente. Por que não lhes dar alojamento aqui ao lado da cabine? Segundo ponto.

– Nada mais? – perguntou o sr. Trelawney.

– Mais uma coisa – disse o capitão. – Já houve falatório demais.

– Um absurdo de falatório – concordou o médico.

– Vou dizer o que ouvi – continuou capitão Smollett –, que vocês têm o mapa de uma ilha, que há cruzes no mapa para mostrar onde está o tesouro, e que a ilha se encontra... – E então nomeou a latitude e longitude exatamente.

– Eu nunca disse isso – exclamou o fidalgo – para uma alma sequer!

– Os homens sabem, senhor – retrucou o capitão.

– Livesey, deve ter sido você ou Hawkins – declarou o fidalgo.

– Não importa muito quem foi – respondeu o médico. E eu podia ver que nem ele nem o capitão deram muita atenção aos protestos do sr. Trelawney. Nem eu, decerto, pois ele tinha a língua solta; no entanto, neste caso, acho que ele estava realmente certo e que ninguém havia falado sobre a situação da ilha.

– Bem, cavalheiros – prosseguiu o capitão –, não sei quem tem esse mapa; mas o que eu acho é que deve ser mantido em segredo até mesmo de mim e do sr. Arrow. Caso contrário, peço que me deixem pedir demissão.

– Compreendo – disse o médico. – Deseja que nós deixemos esse assunto no escuro e que tornemos a popa do navio uma guarnição, manejada pelos amigos dos meus, e provisionada com todas as armas e a pólvora a bordo. Em outras palavras, o senhor teme um motim.

– Senhor – disse o capitão Smollett –, sem intenção de ofender, eu nego seu direito de colocar palavras na minha boca. Nenhum capitão, senhor, teria justificativa para ir ao mar de jeito nenhum se tivesse indícios para afirmar algo assim. Quanto ao sr. Arrow, acredito que ele é completamente honesto; alguns dos homens também; até onde eu sei, todos podem ser. Mas sou responsável pela segurança do navio e pela vida de cada homem a bordo dele. Estou vendo as coisas acontecerem, como eu penso, não do jeito certo. E eu lhes peço para tomar certas precauções ou me permitir abandonar meu alojamento. E isso é tudo.

– Capitão Smollett – começou o médico, com um sorriso –, já ouviu a fábula da montanha e do rato? Peço que me desculpe, ouso dizer, mas o senhor me lembra dessa fábula. Quando o senhor veio aqui, eu apostei a minha peruca, quis dizer mais do que isso.

– O doutor é inteligente – disse o capitão. – Quando cheguei aqui eu quis ser dispensado do serviço. Não pensei que o sr. Trelawney iria ouvir uma palavra que fosse.

– Não mais do que eu pensaria – exclamou o fidalgo. – Se Livesey não estivesse aqui eu teria mandado o senhor para o diabo que o

carregue. Mesmo assim, eu ouvi. Farei como deseja, mas meu conceito do senhor caiu.

– Faça como quiser, senhor – disse o capitão. – Vai descobrir que cumpro o meu dever.

E com isso ele se foi.

– Trelawney – disse o médico –, contrariando todas as minhas noções, acreditei que você conseguiu trazer dois homens honestos a bordo com você: esse e John Silver.

– Silver, se quiser – exaltou-se o fidalgo. – Mas quanto a esse charlatão intolerável, declaro que considero a conduta dele o contrário do que se espera de um homem, de um marinheiro e de um inglês.

– Bem – disse o médico –, é o que veremos.

Quando chegamos ao convés, os homens já tinham começado a tirar as armas e a pólvora, cantarolando o *lô-ho-ho* durante a tarefa, enquanto o capitão e o sr. Arrow supervisionavam.

O novo arranjo era do meu agrado. A escuna toda tinha sido remanejada; seis leitos tinham sido trazidos para a popa do que antes tinham sido os fundos do porão principal; e esse conjunto de cabines só era ligada à cozinha e à proa por uma passagem mastreada do lado do porto. Tinha sido originalmente previsto que o capitão, o sr. Arrow, Hunter, Joyce, o médico e o fidalgo ocupassem esses seis leitos. Agora Redruth e eu ficaríamos em dois deles e o sr. Arrow e o capitão iriam dormir no convés com os marujos. O espaço tinha sido ampliado de cada lado, de modo que poderia quase ser chamado de prisão. Muito baixo ficava ainda, é claro; mas havia espaço para pendurar duas redes, e até mesmo o imediato parecia satisfeito com o arranjo. Até ele, talvez, tivesse ficado na dúvida quanto à tripulação, mas é apenas um palpite, pois como vocês devem ouvir, não tivemos o benefício de sua opinião por muito tempo.

Estávamos todos dedicados no trabalho, transferindo a pólvora e os leitos, quando um ou dois homens restantes, além de Long John com eles, saíram de um bote.

O cozinheiro veio pulando a lateral com a destreza de um macaco, e assim que ele viu o que estava fazendo:

- Então *ho*, companheiros! – disse ele. – O que é isso?
- Estamos transferindo a pólvora, homem – respondeu um.
- Ora, pelos poderes – exclamou Long John –, se fizermos isso, vamos perder a maré da manhã!
- Minhas ordens! – disse o capitão, em poucas palavras. – Pode descer, homem. A tripulação vai querer o jantar.
- Sim, senhor – respondeu o cozinheiro e, tocando seu topete, ele desapareceu, na mesma hora, em direção à cozinha.
- Esse é um bom homem, capitão – disse o médico.
- Muito provável, senhor – respondeu o capitão Smollett. – Cuidado com isso, homens... cuidado. – Ele correu até os camaradas que estavam erguendo a pólvora; e depois, de repente me observando examinar o pequeno canhão que carregávamos à meia-nau, um longo canhão de 9 libras. – Aqui você, camaroteiro – ele gritou –, saia daí! Vá com o cozinheiro e ache alguma coisa para fazer.

E então enquanto eu estava indo às pressas, eu o ouvi dizer, bem alto, para o médico:

- Não vou tolerar favoritos no meu navio.

Garanto que eu compartilhava bastante da opinião do fidalgo e odiava o capitão profundamente.

# A viagem



Passamos toda aquela noite em um grande rebuliço, arrumando cada coisa em seu lugar, e barcos cheios dos amigos do fidalgo, o sr. Blandly e gente como ele iam chegando para lhe desejar uma boa viagem e um retorno seguro. Nunca passamos uma noite na Almirante Benbow em que tive metade do trabalho; por isso eu estava moído quando, um pouco antes do amanhecer, o contramestre soou a corneta, e a tripulação começou a operar as barras do cabrestante para içar âncora. Nem que eu estivesse duas vezes mais cansado, no entanto, poderia ter deixado o convés; tudo era muito novo e interessante para mim – as ordens breves, a nota estridente do apito, os homens tomando seus lugares às pressas sob o fulgor das lanternas do navio.

– Pois bem, Homem do Churrasco, puxe a canção – gritou uma voz.

– A antiga – gritou outro.

– Sim, sim, marujos – disse Long John, que estava à espera, com a muleta debaixo do braço e, de imediato, proferiu no ar as palavras que eu conhecia tão bem: – Quinze homens sobre o baú do defunto...

E então toda a tripulação entrou no coro:

– Iô-ho-ho e uma garrafa de rum!

E, no terceiro “Hô！”, manejaram as barras diante deles com vontade.

Esse momento emocionante me levou de volta para a velha Almirante Benbow em questão de segundos, e eu parecia ouvir a voz do capitão repetindo o refrão. Mas logo a âncora foi erguida; logo ela estava pingando sobre o tombadilho; logo as velas

começaram a ser desfraldadas, e a terra começou a se mover com velocidade dos dois lados; e antes que eu pudesse me deitar para arrebatar uma hora de sono, o *Hispaniola* começou a viagem para a Ilha do Tesouro.

Não vou relatar essa viagem em detalhes. Foi bastante próspera. O navio provou ser um bom navio, a tripulação era formada de marinheiros capazes, e o capitão entendia perfeitamente do seu ofício. Mas antes de chegarmos à costa da Ilha do Tesouro, duas ou três coisas que aconteceram precisavam ser contadas.

O sr. Arrow, antes de tudo, se mostrou ainda pior do que o capitão temera. Ele não tinha nenhum comando sobre os homens, que faziam o que queriam com ele. Porém, isso não foi o pior de tudo, pois depois de um dia ou dois no mar, ele começou a aparecer no convés com olhos nebulosos, as bochechas vermelhas, língua gaguejante e outras marcas de embriaguez. Vez após vez, ele recebia ordens de voltar para baixo em desgraça. Às vezes, ele caía e se cortava; às vezes, ele ficava o dia todo deitado no pequeno catre em um canto do porão; às vezes, por um dia ou dois, ele ficava quase sóbrio e frequentava seu trabalho pelo menos razoavelmente.

Entretanto, nunca conseguíamos descobrir onde ele conseguia a bebida. Esse era o mistério do navio. Podíamos vê-lo o quanto fosse, mas não podíamos fazer nada para resolver; e quando perguntávamos cara a cara, ele só ria se estivesse embriagado, e se estivesse sóbrio, negava solenemente que tinha bebido alguma coisa que não fosse água.

Não era apenas inútil como oficial e uma má influência entre os homens, mas estava claro que, nesse ritmo, ele logo se mataria de uma vez, por isso, ninguém ficou muito surpreso, nem muito triste, quando, em uma noite escura, navegando contra a corrente, ele desapareceu por completo e não foi mais visto.

– Ao mar! – disse o capitão. – Bem, senhores, isso nos poupa o trabalho de colocá-lo a ferros.

Mas lá estávamos nós, sem um imediato; e era necessário, claro, promover um dos homens. O contramestre, Job Anderson, era o homem mais provável a bordo a assumir a vaga, e, embora ele mantivesse o título antigo, serviu de certa maneira como imediato. O sr. Trelawney seguira o mar, e seu conhecimento o tornava muito útil, pois ele mesmo ficava de vigia quando o tempo estava bom. E o timoneiro, Israel Hands, era um marinheiro cuidadoso, astuto, velho e experiente, em quem poderíamos confiar quase tudo sempre que necessário.

Ele era um grande confidente de Long John Silver e a menção de seu nome me leva a falar do cozinheiro do nosso navio, o Homem do Churrasco, como os marujos o chamavam.

A bordo, ele carregava a muleta por uma corda no pescoço, para ter as duas mãos tão livres quanto possível. Era uma visão e tanto observá-lo encostar o pé da muleta nas divisórias internas do navio, e, apoiado nela, oscilando a cada movimento da embarcação, continuando a cozinar como se fosse alguém seguro em terra firme. Ainda mais estranho eravê-lo nos tempos mais fechados andando pelo convés. Ele tinha uma ou duas cordas presas para ajudá-lo a atravessar os locais mais amplos – os brincos do Long John, era como o chamavam; e ele se locomovia de um lugar para o outro, ora usando a muleta, ora acompanhando as correias, tão depressa quanto um outro homem andaria. Ainda assim, alguns dos homens que haviam navegado com ele antes expressaram pena aovê-lo tão reduzido.

– Ele não é um homem comum, o Homem do Churrasco – disse-me o timoneiro. – Ele teve uma boa educação em seus dias de jovem, e sabe falar como um livro quando está no espírito; e corajoso: um leão não é nada ao lado de Long John! Eu o vi agarrar quatro e bater as cabeças umas nas outras... Ele desarmado.

Toda a tripulação o respeitava e até mesmo o obedecia. Ele tinha um jeito de falar com cada um e de fazer um serviço específico para todos. Comigo ele era incansavelmente gentil e sempre feliz em me

ver na cozinha, que ele mantinha limpa e brilhante, os pratos pendurados e polidos e seu papagaio em uma gaiola em um canto.

— Venha, Hawkins — ele dizia —, venha ter um dedo de prosa com John. Ninguém é mais bem-vindo do que você, meu filho. Sente-se e ouça a novidade. Aqui está o capitão Flint. Eu chamo meu papagaio de capitão Flint, em homenagem ao bucaneiro famoso. Aqui o capitão Flint estava prevendo o sucesso de nossa viagem. Não estava, capitão?

E o papagaio dizia, com grande rapidez “Moedas de prata! Moedas de prata! Moedas de prata!” até a gente ficar se perguntando se ela não ficava sem fôlego, ou até John jogar o lenço sobre a gaiola.

— Pois bem, esse pássaro — dizia ele — tem, talvez, duzentos anos de idade, Hawkins: na maioria, eles vivem para sempre; e se alguém já viu mais maldade, deve ter sido o diabo em pessoa. Esse papagaio navegou com England, o grande capitão England, o pirata. Ele esteve em Madagascar e em Malabar, no Suriname, na Providência e em Portobello. Ele estava no resgate dos navios de prata naufragados. Foi lá que aprendeu “Moedas de prata” e não me admira; trezentos e cinquenta mil delas, Hawkins! Ele estava no embarque do vice-rei das Índias na partida de Goa, ele estava; e olhando para ela agora, você acharia que ele era um bebê. Mas você sentiu o cheiro da pólvora, não foi, capitão?

— Prepare-se para ir — o papagaio gritava.

— Ah, ele é bem-feitinho, ele é — o cozinheiro dizia e lhe dava o açúcar que tirava do bolso, e depois a ave bicava as barras e praguejava na hora, passando a crença de maldade. — Pronto — John acrescentava —, não dá para entrar na chuva sem se molhar, rapaz. Aqui está este pobre velho pássaro inocente que tenho, soltando fogo pelas ventas e sem ter a menor ideia, pode contar com isso. Ele poderia praguejar do mesmo jeito, de certa maneira, na frente do capelão. — E John tocava o topete de uma forma solene que me fazia pensar que ele era o melhor dos homens.

Por outro lado, o fidalgo e o capitão Smollett se tratavam de modo muito distante. O fidalgo não dizia o que realmente pensava do assunto; ele detestava o capitão. O capitão, por sua vez, nunca falava; mas, quando falavam com ele, era afiado, curto e grosso, e não desperdiçava uma palavra sequer. Ele sustentava, quando encurrulado, que parecia ter se enganado sobre a tripulação, que alguns deles eram tão ágeis quando ele queriavê-los e que todos tinham se comportado razoavelmente bem. Quanto ao navio, o capitão tinha adquirido uma afeição extremosa por ele.

— Ele responde perfeitamente quando na direção do vento em uma situação difícil, tanto quanto um homem tem o direito de esperar de sua esposa casada, senhor. Mas — ele acrescentava — tudo o que eu digo é: ainda não voltamos para casa e eu não gosto desta viagem.

O fidalgo, diante disso, dava as costas e marchava de um lado para o outro pelo convés, queixo empinado.

— Um nada mais desse homem — ele dizia — e eu vou acabar explodindo.

Enfrentamos condições climáticas adversas, o que apenas serviu para provar as qualidades do *Hispaniola*. Todos os homens a bordo pareciam muito contentes e talvez tivessem sido difíceis de agradar se não o estivessem, pois é minha crença que nunca houve um porão de navio mais asqueroso desde que Noé foi lançado ao mar. Bebida dupla estava correndo por esse motivo; havia pudim de vez em quando. Por exemplo, quando o fidalgo ficava sabendo que era aniversário de algum dos homens, e sempre havia um barril de maçãs, aberto e encostado na porção central do navio, para que os marujos se servissem à vontade.

— Ainda não vi nada de bom sair disso — disse o capitão ao dr. Livesey. — Mimar a tripulação do castelo de proa é o mesmo que produzir demônios. Essa é a minha crença.

Mas algo bom veio do barril de maçãs, como vocês ouvirão, pois se não fosse por isso, não teríamos tido nenhuma advertência e talvez todos tivéssemos perecido pelas mãos da traição.

Não foi assim que aconteceu.

Tínhamos navegado com os alísios para encontrarmos os ventos que nos levariam para a ilha que buscávamos – não tenho permissão para ser mais explícito – e agora estávamos a toda velocidade por ele e de vigia dia e noite. Estábamos perto do último dia da viagem externa pela mais ampla estimativa; em algum momento naquela noite, ou no mais tardar antes do meio-dia próximo, deveríamos avistar a Ilha do Tesouro. Estábamos seguindo para Sul-Sudoeste e tínhamos uma brisa constante de través e um mar calmo. O *Hispaniola* prosseguiu regularmente, mergulhando o gurupés de vez em quando com um borriço de água do mar. Tudo estava de vento em popa; todos estavam nos espíritos mais corajosos, porque agora estávamos tão perto do fim da primeira parte da nossa aventura.

Pois bem, logo após o anoitecer, quando todo o meu trabalho tinha acabado e eu estava a caminho do meu beliche, ocorreu-me que eu gostaria de comer uma maçã. Corri para o convés. Toda a vigia estava a postos, procurando a ilha. O homem no leme observava o farfalhar das velas e assobiava para si mesmo de leve, e era o único som exceto o ruído do mar contra a popa e ao redor dos costados do navio.

Entrei de corpo inteiro naquele barril de maçãs e descobri que não havia sobrado uma fruta sequer; mas sentado ali no escuro, fosse pelo som das águas e o jogar do navio, ou eu peguei no sono, ou estava prestes a fazê-lo, quando um homem pesado se sentou com certo choque perto de mim. O barril sacudiu quando o sujeito inclinou os ombros contra ele, e eu estava prestes a pular quando o homem começou a falar. Era a voz de Silver e antes que eu o tivesse ouvido falar uma dúzia de palavras, que não ia me mostrar por nada no mundo, mas fiquei ali, tremendo e ouvindo, na curiosidade e medo extremos, pois por essa dúzia de palavras, eu entendi que a vida de todos os homens honestos a bordo dependia de mim e só de mim.

# O que ouvi no barril de maçãs



— Não, eu não — disse Silver. — Flint era o capitão; eu era o intendente, com minha perna de pau. No mesmo fogo cruzado em que perdi a perna, o velho Pew perdeu a vista. Foi um cirurgião mestre aquele que me amputou — tinha frequentado faculdade e tudo —, latim pelo visto e tudo o mais; mas ele foi enforcado como um cão e seco ao sol como o resto, em Corso Castle. Esses eram os homens de Roberts, vindos em razão de mudar os nomes dos navios — *Royal Fortune* e assim por diante. Enfim, se o navio era batizado, então que ficasse, eu digo. Assim foi com *Cassandra*, que nos trouxe a todos em segurança para casa desde Malabar, depois que England levou o vice-rei das Índias; assim foi com o velho *Walrus*, antigo navio de Flint, como já o vi coberto de sangue vermelho e prestes a afundar de tanto ouro.

— Ah! — gritou outra voz, a do marujo mais novo a bordo e, evidentemente, cheio de admiração. — Ele era o melhor de todos, o Flint!

— Davis também era um homem, por todos os relatos — disse Silver. — Eu nunca naveguei com ele; primeiro com England, depois com Flint, essa é a minha história; e agora aqui por minha própria conta, de certa maneira. Fiz uma fortuna de novecentos com England, e de dois mil com Flint. Nada mal para um marujo, tudo guardado no banco. Agora não é necessário ganhar, a renda resolve, pode contar com isso. Cadê os homens todos do England agora? Eu não sei. Onde está o Flint? Ora, a maior parte deles está a bordo deste aqui, e feliz em ganhar pudim, mendigando antes disso, alguns deles. O velho Pew, que perdeu as vistas e acharia que era uma pena, gasta mil e duzentas libras por ano, como um

lorde no Parlamento. Onde está ele agora? Bem, agora ele está muito bem morto; mas por dois anos antes disso, raios que o partam, o homem estava morrendo de fome! Ele mendigava e roubava, e cortava gargantas e passava fome fazendo isso, pelos poderes!

– Bem, não serviu para muita coisa, afinal – disse o jovem marinheiro.

– Não tem muita utilidade para os tolos, pode apostar, nem isso, nem nada – declarou Silver. – Mas, olhe aqui: você é jovem, você é, mas é brilhante como uma pintura nova. Eu vi isso quando coloquei meus olhos em você, e vou lhe falar de homem para homem.

Vocês podem imaginar como me senti quando ouvi esse velhaco abominável se dirigindo a outro com as mesmas palavras de lisonja que tinha usado comigo. Acho que, se eu tivesse sido capaz, eu o teria matado através do barril. No entanto, ele continuou, sem saber que estava sendo ouvido.

– Eis o que penso sobre cavalheiros da fortuna. Eles vivem sem regras e correm o risco de serem condenados à força, mas comem e bebem como galos de briga, e quando uma viagem chega ao fim, ora, são centenas de libras e não centenas de centavos que eles têm nos bolsos. Pois bem, a maioria vai em busca de rum e de uma boa aventura, e depois volta para o mar novamente só com a camisa do corpo. Mas não é assim que faço. Eu guardo tudo, um pouco aqui, um pouco lá e nada de muito em lugar nenhum, para não levantar suspeita. Estou com cinquenta anos agora, acredite; assim que eu voltar desta viagem, vou me estabelecer como um cavalheiro de verdade. Também já era hora, diria você. Ah, mas vivi tranquilamente, nunca me privei de nada que o coração deseja, e dormi bem e comi com fartura durante todos os meus dias, menos no mar. E como foi que eu comecei? Um marujo diante do mastro, como você!

– Bem – disse o outro –, mas todo o resto do dinheiro agora acabou, não acabou? Você não ousa mostrar o rosto em Bristol depois disto.

– Ora, onde você acha que poderia estar? – perguntou Silver, ironicamente.

– Em Bristol, em bancos e lugares – respondeu seu companheiro.

– Estava – disse o cozinheiro. – Estava onde baixamos as âncoras. Porém, minha velha patroa está com tudo a essa altura. E a Luneta foi vendida, arrendamento, reputação e equipamentos; e a velha partiu para me encontrar. Eu lhe diria onde, pois confio em você, mas criaria inveja entre os marujos.

– E você pode confiar na sua patroa? – perguntou o outro.

– Cavalheiros da fortuna – retornou o cozinheiro – geralmente confiam pouco entre eles, e estão certos, pode contar com isso. Mas eu tenho um jeito comigo, eu tenho. Quando um marujo dá uma de traiçoeiro, um que me conhece, quero dizer, não vai estar no mesmo mundo em que o velho John. Alguns tinham medo do Pew, e outros temiam o Flint; mas o próprio Flint tinha medo de mim. Tinha medo e era orgulhoso. Eles eram a tripulação mais durona do mar, a do Flint; o próprio diabo teria temido ir ao mar com eles. Muito bem, eu lhe digo, não sou um homem de farda, e você já viu como sou boapraça, mas quando eu era contramestre, “cordeiros” não era a palavra para definir os velhos bucaneiros de Flint. Ah, pode ter a certeza de si mesmo no navio do velho John.

– Bem, agora eu lhe digo – respondeu o rapaz. – Eu não gostava desse trabalho nem um quarto do que eu gosto agora depois de ter essa conversa com você, John; mas minha mão está nisso agora.

– E você é um rapaz corajoso, e esperto também – respondeu Silver, com um aperto de mãos tão vigoroso que o barril todo sacudiu –, e nunca coloquei meus olhos em uma figura melhor para um cavalheiro da fortuna.

A essa altura, eu tinha começado a entender o significado dos termos dele. Por “cavalheiro da fortuna”, ele claramente não queria dizer nada mais nem menos que um pirata comum, e a pequena cena que eu tinha ouvido era o último ato na corrupção de um dos marujos honestos – talvez, o último que restava a bordo. Mas nesse ponto vi que logo seria dispensado, pois quando Silver

deu um assobio, um terceiro homem veio andando e se sentou perto da dupla.

– Dick já está certo – disse Silver.

– Ah, eu sabia que Dick estava certo – respondeu a voz do timoneiro, Israel Hands. – Ele não é bobo, aquele Dick. – E ele mascou o fumo e cuspiu. – Mas olhe aqui – continuou –, eis o que quero saber, Homem do Churrasco: quanto tempo vamos ficar para cá e para lá nessa lengalenga como se estivéssemos em uma bendita balsa? Eu já estou farto do capitão Smollett; ele já me humilhou por tempo suficiente, com mil trovões! Quero entrar naquela cabine, eu quero. Eu quero os picles, os vinhos e tudo mais.

– Israel – disse Silver –, sua cabeça não é grande coisa e nunca foi. Mas você é capaz de ouvir, eu acho; como se vê, suas orelhas são grandes o suficiente. Pois bem, aqui está o que eu digo: você vai dormir na proa, e vai viver ao máximo, e vai falar manso, e vai ficar sóbrio até eu dar o sinal; pode contar com isso, filho.

– Bem, eu não nego, por acaso nego? – rosnou o timoneiro. – O que eu digo é, quando? Isso é o que eu digo.

– Quando! Pelos poderes! – gritou Silver. – Bem, agora, se você quer saber, eu vou lhe dizer quando. No último instante em que eu puder é quando. Aqui há um marinheiro de primeira classe, o capitão Smollett, que maneja o bendito navio por nós. Aqui está aquele fidalgo e aquele médico com um mapa e tal. Não sei onde está, ou por acaso sei? Não mais do que você, é o que você diz. Bem, então quero dizer que esse fidalgo e esse médico devem encontrar as coisas e nos ajudar a trazê-las a bordo, pelos poderes. Então veremos. Se eu tivesse confiança em vocês, seus filhos de um holandês, eu faria o capitão Smollett nos levar para trás meio caminho de novo antes de atacarmos.

– Ora, nós somos todos marinheiros a bordo deste navio, eu acho – disse o rapaz, Dick.

– Somos todos homens do castelo de proa, você quer dizer – estrilou Silver.

– Nós podemos aprumar uma rota, mas quem é que a define? É aí que todos vocês, cavalheiros, divergem, do primeiro ao último. Se dependesse de mim, eu faria o capitão Smollett nos levar de volta para os alísios, pelo menos; então não teríamos benditos erros de cálculo e uma colher de água por dia. Mas eu sei de que laia vocês são. Vou terminar com eles na ilha, assim que a grana estiver a bordo, e é uma pena. Mas nunca se está feliz até se estar bêbado. Que um raio me parta, eu tenho um coração doente para navegar com gente como vocês!

– Calma, Long John! – exclamou Israel. – Quem está deixando você zangado?

– Ora, quantos navios você pensa que eu já vi abordados para a batalha? E quantos rapazes ágeis já vi secando ao sol do cais de execução? – gritou Silver. – E tudo por essa mesma pressa e pressa e pressa. Está me ouvindo? Já vi uma coisa ou duas no mar, eu já. Se ao menos você fosse capaz de manter o curso e se colocar a barlavento, vocês andariam de carruagem, vocês andariam. Mas você não! Eu conheço você. Você terá a boca cheia de rum pela manhã e será enforcado.

– Toda a gente sabia que você era como uma espécie de capelão, John; mas há outros que poderiam tripular e controlar a rota tão bem quanto você – disse Israel. – Eles gostavam de um pouco de diversão, eles gostavam. Não eram tão calejados, de maneira alguma, mas tiveram sua aventura, como companheiros alegres, todos eles.

– E então? – disse Silver. – Bem e onde estão eles agora? Pew era daquele tipo e morreu na mendicância. Flint era, e ele morreu de rum em Savannah. Ah, eles eram uma bela tripulação, eles eram! Só que, onde estão eles agora?

– Mas – perguntou Dick – quando os pegarmos de jeito, o que vamos fazer com eles, hein?

– É de um homem assim que eu gosto! – gritou o cozinheiro, com admiração. – Isso é o que eu chamo de ir direto ao ponto. Bem, o que você acha? Jogá-los em terra firme como escravos? Esse teria

sido o jeito de England. Ou fazê-los em picadinho como se fossem carne de porco? Esse já teria sido o método de Flint ou o de Billy Bones.

– Billy era o homem certo para isso – disse Israel. – “Os mortos não mordem”, diz ele. Bem, ele mesmo também está morto agora; ele conhece o lado de lá agora; e se alguma vez houve um marujo bruto no porto, esse era o Billy.

– Você tem razão – disse Silver –, bruto e pronto para a ação. Mas, atenção aqui, eu sou um homem tranquilo, sou um cavalheiro, diz você; mas desta vez é sério. Dever é dever, companheiros. Dou meu voto: morte. Quando eu estiver no Parlamento e andando de carruagem, não quero nenhum desses advogados de mar dentro da cabine quando estivermos voltando para casa, fazendo coisas inesperadas, como o diabo em orações. Esperar é o que eu digo; mas quando chegar a hora, pois bem, a toda vela!

– John – exclamou o timoneiro –, você é um homem e tanto!

– Você vai dizer isso, Israel, quando vir com os próprios olhos – disse Silver. – Eu só reclamo uma coisa... eu reclamo Trelawney. Vou arrancar a cabeça de bezerro dele do corpo com estas mãos, Dick! – acrescentou, interrompendo. – Levante-se como um bom rapaz e me traga uma maçã, para molhar minha goela.

Vocês podem imaginar o terror em que eu me encontrava! Eu deveria ter dado um salto dali e fugido se tivesse encontrado forças, mas meus braços, pernas e coração me fizeram titubear. Ouvi Dick começar a se levantar e então alguém aparentemente o conteve, e a voz de Hands exclamou:

– Oh, alto lá! Nem comece a beber dessa água suja, John. Vamos provar um pouco do rum.

– Dick – disse Silver –, confio em você. Coloquei um medidor no barril, fique sabendo. Aqui está a chave; encha um caneco e traga para cá.

Aterrorizado como eu estava, não pude deixar de pensar com meus botões que deveria ter sido como o sr. Arrow conseguia a aguardente que o destruiu.

Dick tinha acabado de sair e, durante sua ausência, Israel falou diretamente no ouvido do cozinheiro. Captei apenas uma palavra ou duas, e, mesmo assim, tomei conhecimento de notícia importante, pois, além das migalhas que tinham o mesmo propósito, esta frase inteira me foi audível: “Nem um outro homem deles deve se juntar a nós”. Portanto, havia ainda homens leais a bordo.

Quando Dick voltou, um após o outro do trio pegou o caneco e o bebeu: um “à sorte”, outro com um “este aqui é para o velho Flint” e o próprio Silver dizendo, em um tipo de canção: “Este aqui vai para nós, e paciência, piquetes, muitos prêmios e muitos banquetes”.

Só então uma espécie de brilho recaiu sobre mim dentro do barril e, olhando para o alto, descobri que a lua tinha subido e estava prateando o topo da mezena e brilhando esbranquiçada na orça da vela dianteira; e quase ao mesmo tempo, a voz do vigia gritou:

– Terra à vista!

# Conselho de guerra



Houve um grande tropel de passos em todo o convés. Eu podia ouvir as pessoas subindo aos tropeções da cabine e do castelo de proa e, escorregando em um instante para fora do meu barril, mergulhei atrás da vela dianteira, dei uma guinada na direção da popa e saí para o convés aberto a tempo de me juntar a Hunter e ao dr. Livesey, que seguiam às pressas para a proa.

Ali toda a tripulação já estava reunida. Um cinturão de nevoeiro tinha se levantado quase simultaneamente ao surgimento da lua. Adiante, a Sudoeste de onde estávamos, avistamos duas colinas baixas, separadas por cerca de um quilômetro e meio, e erguendo-se de uma delas havia uma terceira colina mais alta, cujo pico estava ainda enterrado na neblina. Todas as três pareciam afiadas e cônicas em sua forma.

Isso foi o que eu vi, quase como se em meio a um sonho, pois ainda não tinha me recuperado do meu medo horrendo de um ou dois minutos antes. E então ouvi a voz do capitão Smollett proferindo ordens. O *Hispaniola* foi ajustado alguns graus mais na direção do vento e agora navegava uma rota que resvalaria pela ilha pelo lado leste.

– E agora, homens – disse o capitão, quando tudo estava ajustado ao nosso destino –, algum de vocês já viu aquela terra adiante?

– Eu já vi, senhor – afirmou Silver. – Já aportei lá com um navio mercante no qual eu era o cozinheiro.

– A ancoragem é para o Sul, atrás de um ilhéu, imagino? – perguntou o capitão.

– Sim, senhor; eles o chamam de Ilha do Esqueleto. Antes, em geral, era um lugar para piratas, e um marujo que tínhamos a bordo

conhecia os nomes desse lugar. A colina mais ao Norte eles chamavam de Colina do Mastro Dianteiro; existem três colinas em uma linha para o Sul: Dianteiro, Principal e Mezena, senhor. Mas a do Mastro Principal, aquele grande com as nuvens em cima, eles geralmente chamam de Luneta, por causa de uma vigia que eles montavam ali quando estavam ancorados fazendo limpeza, pois é onde eles limpavam os navios, senhor, com sua licença.

– Tenho um mapa aqui – disse o capitão Smollett. – Veja se é esse o lugar.

Os olhos de Long John fulguravam quando ele pegou o mapa, mas quando viu que o papel era novo, soube que estava fadado à decepção. Esse não era o mapa que tínhamos encontrado no baú de Billy Bones, mas uma cópia exata, completa em todos os aspectos – nomes e alturas e sondagens – com a única exceção das cruzes vermelhas e das anotações escritas. Mesmo no alto de seu provável aborrecimento, Silver teve a presença de espírito de escondê-lo.

– Sim, senhor – disse ele –, este é o lugar, decerto que é, e foi muito lindamente desenhado. Quem será que o fez, eu me pergunto? Os piratas eram ignorantes demais, eu acho. Sim, aqui está: “Ancoradouro do capitão Kidd”, bem o nome que meu colega lhe deu. Há uma corrente forte que segue para o Sul e depois vira para o Norte, subindo a costa Oeste. O senhor estava correto – disse ele – em acertar a rota e não abordar a ilha de frente. Pelo menos, se sua intenção fosse atracar na ilha e quererar, e não há melhor lugar para isso do que nestas águas.

– Obrigado, homem – disse o capitão Smollett. – Vou lhe pedir mais tarde para nos dar uma ajuda. Pode ir.

Fiquei surpreso com a frieza com que John declarava seu conhecimento da ilha, e admito que fiquei meio assustado quando o vi se aproximando de mim. Ele não sabia, é certo, que eu ouvira sua pequena reunião de dentro do tambor de maçãs, e mesmo assim eu estava tão horrorizado com sua crueldade, duplicidade e poder, que

mal consegui esconder um estremecimento quando ele colocou a mão em cima do meu braço.

— Ah — disse ele — este é um bom lugar, esta ilha, um bom lugar para um rapaz pisar em terra firme. Você vai tomar banho e vai subir em árvores e vai caçar cabras, você vai; e vai subir naquelas colinas, você mesmo como um cabrito. Porque isso aqui faz de mim jovem outra vez. Eu ia esquecer da minha perna de pau, eu ia. É bom ser jovem e ter dez dedos nos pés, e pode contar com isso. Quando você quiser sair para explorar um pouco, pode chamar o velho John, e ele vai fazer um lanche para você levar junto.

E dando o mais amigável dos apertos nos meus ombros, ele saiu mancando e desceu.

O capitão Smollett, o fidalgo e o dr. Livesey estavam conversando juntos no tombadilho e, por mais ansioso que eu estivesse para lhes contar a minha história, não ousei interrompê-los abertamente. Enquanto eu ainda estava pescando nos meus pensamentos alguma desculpa provável, o dr. Livesey me chamou ao seu lado. Ele tinha deixado o cachimbo lá embaixo e como era um escravo do tabaco, isso significava que eu deveria ir buscá-lo; mas assim que eu estava perto o suficiente para falar e não ser ouvido, desatei imediatamente:

— Doutor, deixe-me falar. Leve o capitão e o fidalgo para a cabine e crie algum pretexto para chamar por mim. Tenho uma notícia terrível.

O médico alterou um pouco o semblante, mas no momento seguinte, ele de novo era o senhor de si.

— Obrigado, Jim — ele disse bem alto —, isso era tudo que eu queria saber. — Como se ele tivesse me feito uma pergunta.

E com isso ele girou nos calcanhares e se juntou novamente aos outros dois. Eles conversaram juntos um pouco, e embora nenhum deles se alarmasse ou elevasse a voz ou mesmo assobiasse, estava claro o suficiente que o dr. Livesey tinha comunicado meu pedido, pois a próxima coisa que ouvi foi o capitão dando uma

ordem para Job Anderson e toda a tripulação que estava reunida no convés.

— Meus rapazes — disse o capitão Smollett —, tenho uma palavrinha a dar. Esta terra que avistamos é o lugar para onde estávamos indo. Como o sr. Trelawney é um cavalheiro muito generoso, como todos sabemos, só me pediu para trocar uma ou duas palavras, e como eu pude dizer a ele, todos os homens a bordo cumpriram seu dever, de fio a pavio, de forma como eu nunca imaginei que pudesse ser melhor; pois bem, ele, eu e o doutor vamos descer para a cabine e beber à sorte e saúde de vocês, e vocês receberão sua bebida para beber à *nossa* sorte e saúde. Vou dizer o que penso disso: acho excelente. E se vocês pensam como eu, vão dar uma salva de palmas do mar para o cavalheiro que o fez.

Os aplausos seguiram — era um procedimento normal; mas ecoou tão sincero e vigoroso que eu confesso que mal pude acreditar que eram os mesmos homens que estavam tramando para derramar nosso sangue.

— Mais um viva para o capitão Smollett! — exclamou Long John, quando as primeiras ovações passaram.

E essas também aconteceram com vontade.

Em seguida, os três cavalheiros desceram e, não muito depois, mandaram um recado dizendo que Jim Hawkins era esperado na cabine.

Encontrei os três sentados ao redor de uma mesa, com uma garrafa de vinho espanhol e algumas passas diante deles, e o médico fumando como uma chaminé, com a peruca sobre o colo, e este, eu sabia, era um sinal de que ele estava agitado. A janela da popa estava aberta, pois fazia uma noite de calor, e dava para ver a lua brilhando por trás, na esteira de espuma do navio.

— Pois bem, Hawkins — disse o fidalgo —, você tem algo a dizer. Fale.

Fiz como foi pedido e, por mais curto que eu deixasse o relato, contei todos os detalhes da conversa de Silver. Ninguém me

interrompeu... até que tinha chegado ao fim, nenhum dos três fez sequer um movimento, mas mantiveram os olhos na minha cara do início ao fim.

— Jim — disse o dr. Livesey —, sente-se.

E me fez sentar à mesa ao lado deles, serviu-me um copo de vinho, encheu minhas mãos com passas, e todos os três, um após o outro e cada um com um movimento de reverência com a cabeça, bebeu à minha boa saúde e à gratidão que tinham por mim, por minha sorte e coragem.

— Neste caso, capitão — disse o fidalgo —, o senhor estava certo e eu estava errado. Admito minha estupidez e aguardo as suas ordens.

— Não mais estúpido do que eu, senhor — respondeu o capitão. — Nunca ouvi falar de uma tripulação que pretendia se amotinar sem que houvesse sinais prévios disso, pois qualquer homem que tenha olhos na cara vê a malícia e toma medidas de acordo. Mas esta tripulação — acrescentou — pregou-me uma peça.

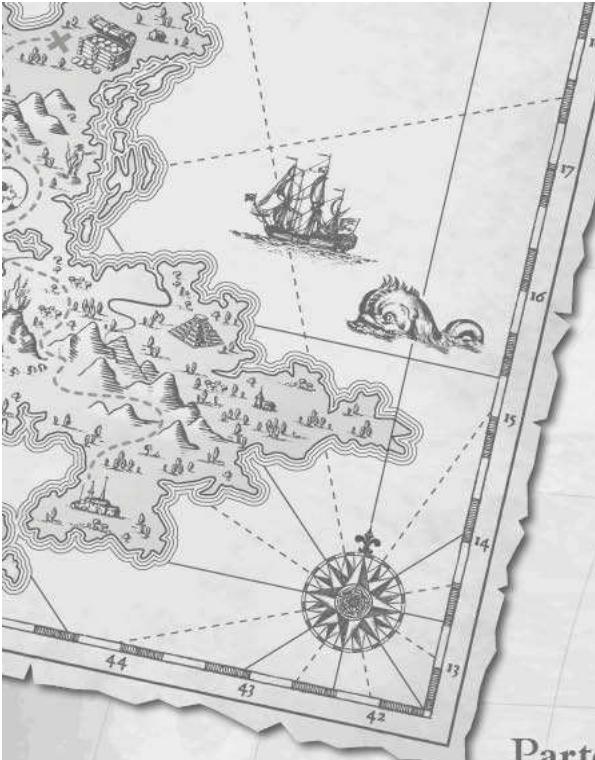
— Capitão — disse o médico —, com a sua permissão, há Silver. Um homem muito notável.

— Ele ficaria muito bem pendurado em uma verga, senhor — devolveu o capitão. — Mas isso é conversa; isso não leva a nada. Vejo três ou quatro pontos, e com a permissão do sr. Trelawney, vou citá-los.

— O senhor é o capitão. É o senhor que deve falar — disse o sr. Trelawney, solene.

— Primeiro ponto — começou o sr. Smollett. — Temos que prosseguir, pois não podemos voltar. Se eu der a palavra de partir, eles vão se insurgir imediatamente. Segundo ponto, temos tempo adiante de nós; pelo menos até que esse tesouro seja encontrado. Terceiro ponto, existem homens fiéis na tripulação. Agora, senhor, a revolta vai estourar cedo ou tarde, e o que eu proponho é agarrar a oportunidade pelos cabelos, como diz o ditado, e iniciar a briga quando eles menos esperarem. Podemos contar, eu presumo, com os criados da sua própria casa, sr. Trelawney?

- Como se fosse eu – declarou o fidalgo.
- Três – contou o capitão –; conosco são sete, contando com Hawkins aqui. Pois bem, os marujos honestos?
- Provavelmente os homens de Trelawney – disse o médico –, aqueles que ele escolheu sozinho antes de aceitar a palavra de Silver.
- Nenhum deles – respondeu o fidalgo. – Hands era um dos meus.
- Eu achei que poderia ter confiado em Hands – acrescentou o capitão.
- E pensar que eles são todos ingleses! – exclamou o fidalgo. – Senhor, a vontade que eu poderia ter era de explodir o navio.
- Bem, cavalheiros – disse o capitão –, o melhor que eu posso dizer não é muito. Vamos atracar, por gentileza, e ficar de vigia. É uma coisa difícil para um homem, eu sei. Seria mais agradável partir para a briga. Mas não há nada que possamos fazer até que conheçamos quem são nossos homens. Atracar, esperar a calmaria passar, é minha visão.
- O Jim aqui – disse o médico – pode nos ajudar mais do que ninguém. Os homens não são tímidos com ele, e Jim é um rapaz notável.
- Hawkins, coloquei uma fé prodigiosa em você – acrescentou o fidalgo.  
Comecei a me sentir muito desesperado por causa disso, pois me sentia completamente indefeso; e ainda, por uma sequência estranha das circunstâncias, era exatamente por mim que vinha a segurança. Entretanto, podíamos falar quanto quiséssemos, mas havia apenas sete dentre vinte e seis homens em que sabíamos que poderíamos confiar; e desses sete, um dele era um garoto, de modo que os homens feitos do nosso lado eram seis para os dezenove deles.



Parte 3

# MINHA AVENTURA EM TERRA FIRME

---



# Como começou minha aventura em terra firme



A aparência da ilha quando saí ao convés na manhã seguinte tinha se alterado completamente. Embora a brisa agora houvesse cessado completamente, tínhamos feito um longo percurso durante a noite e agora estávamos parados a cerca de oitocentos metros a Sudeste da porção inferior da costa leste. Um bosque acinzentado cobria uma grande parte da superfície. Essa tonalidade uniforme era interrompida por riscas de amarelo da areia nas terras inferiores e por muitas árvores de grande porte da família do pinho, superando as demais em altura – algumas isoladamente, algumas em grupos; mas a coloração geral era uniforme e triste. As colinas se elevavam claramente acima da vegetação em pináculos de rocha nua. Todas tinham formas estranhas, e a Luneta, que era, por uma vantagem de cem ou cento e vinte metros, a mais alta da ilha, da mesma forma que era a mais estranha em configuração, erguendo-se vertiginosamente de quase todos os lados, e depois cortada no topo como um pedestal de colocar uma estátua em cima.

O *Hispaniola* oscilava tanto que os embornais estavam debaixo das ondulações do oceano. Os burros da retranca estavam forçando os poleames, o leme batia para lá e para cá e o navio inteiro chiava, rangia e pulava como uma fábrica. Tive que me agarrar firme ao contraestai, e o mundo girou vertiginosamente diante dos meus olhos, pois, se eu era marinheiro suficiente quando estávamos navegando, ficar parado e ser sacudido com o navio como se fosse uma garrafa era algo que eu nunca aprendi a suportar sem sentir

náuseas ou algo parecido, especialmente pelas manhãs, de estômago vazio.

Talvez fosse isso – talvez fosse o aspecto da ilha, com seus bosques cinzentos e melancólicos, e torreões selvagens de pedra e o quebrar das ondas que podíamos ver e ouvir formando espuma ao trovejar contra a praia íngreme – pelo menos, embora o sol brilhasse forte e quente, e os pássaros costeiros estivessem pescando e grashando a toda a nossa volta, e vocês pensariam que todos ficariam contentes de chegar a terra firme depois de passar tanto tempo no mar, pelo contrário, meu coração afundou no peito, como diz o ditado, e foi parar nas minhas botas; e desde o primeiro olhar odiei o mero pensamento da Ilha do Tesouro.

Tínhamos uma manhã de trabalho árduo pela frente, pois não havia sinal algum de vento, e os botes tinham que ser baixados e remados, e o navio precisava ser virado cinco ou seis quilômetros pela ponta da ilha e depois subir pela passagem estreita até o ancoradouro atrás da Ilha do Esqueleto. Ofereci-me para um dos barcos, quando isso não era, claro, da minha conta. O calor era sufocante, e os homens resmungavam ferozmente sobre seu trabalho. Anderson estava no comando do meu bote, e em vez de manter a tripulação controlada, ele resmungava mais alto que o pior dos marinheiros.

– Bem – disse ele, praguejando em seguida –, não é para sempre.

Pensei que era um sinal muito ruim, pois até aquele dia os homens tinham cumprido suas tarefas vivamente e de bom grado; mas a simples visão da ilha havia relaxado os cordões da disciplina.

Durante todo o caminho, Long John ficou ao lado do timoneiro capitaneando o navio. Ele conhecia a passagem como a palma da mão, e embora o homem administrando a corrente de sondagem encontrasse maior profundidade, em toda parte, do que estava descrito no mapa, John não hesitou nem mesmo uma vez.

– A correnteza da vazante é tão forte que escavou o leito – disse ele – e essa passagem parece que foi cavada, por assim dizer, com uma pá.

Trouxemos a embarcação apenas até onde a âncora estava marcada no mapa, pouco mais de meio quilômetro de cada costa; a ilha principal de um lado, e a Ilha do Esqueleto de outro. O fundo era de areia limpa. O mergulho de nossa âncora mandou nuvens de pássaros revoando e grasnando sobre a floresta, mas em menos de um minuto eles estavam de volta e tudo voltou ao silêncio.

O lugar era todo cercado de terra, mergulhado na floresta, as árvores chegavam até onde a maré alta alcançava, as margens em geral eram planas e o topo das colinas formava um arco, a distância, em uma espécie de anfiteatro, um aqui, outro ali. Dois riachos, ou melhor, dois pântanos, esvaziavam-se em um lago, como poderíamos chamá-lo; e a vegetação ao redor dessa parte da costa tinha um tipo de brilho venenoso. No navio, não víamos nada da casa ou da paliçada, pois estavam completamente enterrados entre árvores; e se não fosse pelo mapa na cabine, poderíamos ter sido os primeiros a já ter ancorado ali desde que a ilha se erguera dos mares.

Não havia sequer um sopro de brisa, nem um som que não fosse do quebrar das ondas ribombando a uns oitocentos metros ao longo das praias e contra as rochas do lado externo. Um cheiro peculiar estagnado pairava sobre o ancoradouro – um cheiro de folhas encharcadas e de troncos de árvore apodrecidos. Observei o médico fungar e fungar, como alguém sentindo cheiro de um ovo podre.

– Não sei quanto ao tesouro – disse ele –, mas aposto a minha peruca que há febres aqui.

Se a conduta dos homens tinha sido alarmante no barco, tornou-se verdadeiramente ameaçadora quando voltaram a bordo do navio. Ficaram no convés rosnando uns com os outros, compenetrados em conversas. Uma ordem mínima era recebida com um olhar sombrio a contragosto e depois obedecida com desleixo. Até mesmo os marujos honestos devem ter sido contagiados, pois não havia um homem a bordo para corrigir o outro. Motim, estava claro, pairava sobre nós como uma nuvem de trovoada.

E não éramos só nós, do grupo da cabine, que percebíamos o perigo. Long John estava em meio a um trabalho árduo indo de grupo em grupo, desfazendo-se em bons conselhos, e ninguém poderia ter dado um exemplo melhor. Ele se superava e muito em disposição e civilidade; ele era todo sorrisos para todos. Se uma ordem era dada, John estaria com a muleta em punho em um instante, com o mais vivaz “Sim, sim, senhor!” do mundo; e quando não havia mais nada a fazer, ele ficava entoando música atrás de música, como se para ocultar o descontentamento dos demais.

De todos os aspectos sombrios daquela tarde lúgubre, essa ansiedade óbvia por parte de Long John parecia a pior.

Fizemos uma reunião na cabine.

– Senhor – disse o capitão –, se eu arriscar outra ordem, todo o navio vai passar por cima de nós em fuga. Veja bem, senhor, a situação é essa. Recebi uma resposta espinhosa, não? Bem, se eu rebato o impropério, lanças aparecem em dois tempos; se não falo nada, Silver verá que tem algo por trás disso, e o jogo acabou. Agora, só podemos depender de um homem.

– E de quem é? – perguntou o fidalgo.

– Silver, senhor – respondeu o capitão. – Ele está tão ansioso quanto o senhor e eu para apaziguar as coisas. Essa é uma pequena desavença; ele vai convencê-los a mudar de atitude tão logo tiver oportunidade, e o que eu proponho é lhe dar a oportunidade. Vamos dar aos homens uma tarde em terra firme. Se todos eles forem, ora, vamos lutar do navio. Se nenhum deles for, pois bem, então defenderemos a cabine e que Deus defenda o homem que é direito. Se alguns forem, guarde minhas palavras, senhor, Silver vai trazê-los a bordo novamente mansos como cordeirinhos.

Assim ficou decidido; pistolas carregadas foram entregues a todos os homens confiáveis; confiamos em Hunter, Joyce e Redruth, e eles receberam a notícia com menos surpresa e um espírito melhor do que tínhamos esperado, e então o capitão foi ao convés e se dirigiu à tripulação:

– Meus rapazes – disse ele –, tivemos um dia quente e todos estão cansados e de mau humor. Um passeio pela praia não vai fazer mal a ninguém. Os botes ainda estão na água; vocês podem levá-los tantos quanto quiserem e passar a tarde em terra. Vou dar um disparo com a pistola meia hora antes do pôr do sol.

Acredito que os tolos camaradas devem ter pensado que iriam dar de cara com o tesouro tão logo desembarcassem, pois todos saíram do mau humor em questão de segundos e deram vivas que começaram a ecoar na colina distante e fizeram os pássaros se erguerem em revoada mais uma vez, grasnando ao redor do ancoradouro.

O capitão era muito inteligente para criar animosidades. Ele desapareceu de vista em questão de instantes, deixando Silver para organizar os grupos, e acho que foi bom mesmo. Ele estava no convés, não poderia mais fingir que não entendia a situação. Estava tão claro como o dia. Silver era o capitão com uma tripulação poderosamente rebelde. Os marujos honestos – e logo pude ver a comprovação de que ainda tínhamos homens assim a bordo – deviam ser sujeitos muito estúpidos. Ou então, acho que a verdade fosse esta: todos os homens estavam descontentes pelo exemplo dos líderes – alguns apenas estavam mais do que outros; e alguns, sendo boas pessoas em grande parte, não podiam mais ser liderados e nem compelidos a fazer nada mais. Uma coisa era ser ocioso e fazer corpo mole, mas outra era tomar o navio e assassinar homens inocentes.

Por fim, no entanto, o grupo foi definido. Seis camaradas iriam ficar a bordo, e os treze restantes, incluindo Silver, começaram a embarcar.

Foi então que surgiu na minha cabeça a primeira das ideias loucas que contribuíram tanto para salvar as nossas vidas. Se seis homens fossem deixados por Silver, estava claro que nosso grupo não poderia tomar e defender o navio; e já que sobravam apenas seis, era igualmente evidente que o grupo da cabine não precisava de mim naquele momento. Ocorreu-me de uma vez a ideia de ir para

terra firme. Em um instante eu tinha deslizado pela lateral e me encolhido no vão de proa do bote mais próximo, e, quase no mesmo instante, a pequena embarcação iniciou o trajeto.

Ninguém me notou, apenas o remador de proa dizendo:

– É você aí, Jim? Abaixe a cabeça. – Mas Silver, de outro barco, lançou um olhar penetrante e chamou para ver se era eu mesmo; e naquele momento eu comecei a lamentar o que tinha feito.

As tripulações apostaram corrida para a praia, mas o barco no qual eu estava, com alguma vantagem dianteira e sendo mais leve e mais bem manejado, disparou à frente de seu companheiro, e a proa tinha encalhado entre as árvores da costa e eu havia agarrado um galho e me içado para a moita mais próxima, enquanto Silver e o resto ainda estava a cerca de cem metros para trás.

– Jim, Jim! – Ouvi-o gritar.

Mas vocês podem supor que não dei atenção nenhuma; pulando, abaixando-me e atravessando a vegetação, corri em linha reta até que não aguentasse mais correr.

# O primeiro golpe



Fiquei tão contente em ter me safado de Long John que comecei a me divertir e a olhar à minha volta com algum interesse, observando aquela terra tão estranha onde eu me encontrava.

Eu havia cruzado um trecho pantanoso, cheio de salgueiros, juncos e estranhas árvores bizarras pantanosas; e agora tinha saído em um terreno aberto ondulante e arenoso, de um quilômetro e meio, pontuado por alguns pinheiros e um grande número de árvores contorcidas, não diferentes do carvalho em tamanho, mas pálido em sua folhagem, como os salgueiros. Do lado oposto do campo aberto estava uma das colinas, com dois picos pitorescos e escarpados, reluzindo vividamente ao sol.

Agora eu sentia pela primeira vez a alegria da exploração. A ilha era desabitada; meus companheiros de viagem eu tinha deixado para trás, e nada vivia diante de mim a não ser animais selvagens e aves. Eu virava para cá e para lá entre as árvores. Aqui e ali havia plantas floridas, desconhecidas para mim; aqui e ali eu via cobras, e uma delas ergueu a cabeça de uma saliência de rocha e silvou para mim com um barulho não muito diferente do giro de um pião. Mal sabia que ela era um inimigo mortal e que o barulho era o som do famoso chocalho.

Então, cheguei a um matagal longo daquelas árvores parecidas com o carvalho – um carvalho perene, ouvi depois que se chamava – que crescia ao longo da areia como um espinheiro, os galhos curiosamente retorcidos, a copa compacta, como palha. O bosque se estendia desde o topo de uma das colinas de areia, espalhando-se e ficando mais alto à medida que prosseguia até chegar ao amplo brejo de juncos, por meio do qual o mais próximo dos riachos

seguia, encharcado, até o ancoradouro. O pântano fumegava sob o sol forte, e o contorno da Luneta tremeluzia através da neblina.

De repente, teve início uma espécie de agitação entre os juncos; um pato selvagem voou com um *quack*, outro seguiu, e logo toda a superfície do pântano era uma grande nuvem de pássaros piando e descrevendo círculos no ar. Julguei na mesma hora que alguns dos meus companheiros deviam estar se aproximando pelas beiras do brejo. E eu não estava enganado, pois logo ouvi os sons muitos distantes e baixos de vozes humanas, as quais, enquanto eu continuava a prestar atenção, foram ficando cada vez mais altas e próximas.

Isso me colocou em um grande temor, e eu rastejei debaixo do abrigo do carvalho mais próximo e ali fiquei agachado, ouvindo atentamente e tão silencioso quanto um rato.

Outra voz respondeu, e então a primeira voz, que reconheci ser de Silver, mais uma vez desatou a contar uma história e prosseguiu por um longo tempo, em um fôlego só, interrompido apenas de vez em quando pelo outro. Pelo som, eles deviam estar conversando com seriedade, quase ferozmente; mas nenhuma palavra distinta chegou aos meus ouvidos.

Finalmente, os falantes pareciam ter parado e talvez se sentado, pois não apenas pararam de se aproximar, como os próprios pássaros começaram a ficar mais quietos e a se acomodar novamente em seus lugares no pântano.

E então eu comecei a sentir que estava negligenciando minha tarefa, que, já que eu havia tão imprudentemente desembarcado com esses facínoras, o mínimo que eu podia fazer era ouvi-los em suas conversas, e que era meu dever simples e óbvio me aproximar tanto quanto fosse possível, sob a proteção favorável das árvores agachadas.

Eu conseguia saber quase exatamente em que direção estavam os falantes, não só pelo som de suas vozes, mas também pelo comportamento de alguns pássaros que ainda permaneciam suspensos, alarmados, sobre a cabeça dos intrusos.

Rastejando de quatro, segui firme e constantemente na direção deles, até que, por fim, erguendo a cabeça em uma abertura entre as folhas, pude ver claramente dentro de um pequeno vale verde ao lado do pântano, bem fechado pelas árvores, onde Long John Silver e o outro tripulante estavam cara a cara, conversando.

O sol batia diretamente sobre eles. Silver tinha jogado o chapéu ao lado, no chão, e seu rosto grande, liso, de pele clara, todo brilhante por causa do calor, estava erguido para o do outro homem em uma certa forma de apelo.

— Marujo — ele dizia —, é só porque considero você como o pó do ouro, o pó do ouro, e pode contar com isso! Se eu não acreditasse absolutamente em você, acha que eu estaria aqui para avisá-lo? Já está tudo acertado. Você não pode fazer nem desfazer; é para salvar seu pescoço que estou falando, e se um dos selvagens soubesse, onde eu estaria, Tom? Agora me diga, onde eu estaria?

— Silver — disse o outro homem, e observei que ele não era apenas vermelho de rosto, mas falava rouco como um corvo, e sua voz tremia também, como uma corda esticada. — Silver — disse ele —, você está velho e você é honesto ou tem a reputação de ser; e também tem dinheiro, o que muitos pobres marinheiros não têm; e você é valente, ou estou enganado. E você me dirá que vai se deixar ser desviado do caminho por aquele tipo de marujos de água doce? Não, você! Tão certo quanto Deus está me vendo, eu prefiro perder a mão. Se eu me rebelar contra meu dever...

E então de repente ele foi interrompido por um barulho.

Eu tinha encontrado um dos marujos honestos — bem, ali, naquele instante mesmo, chegava notícia de outro. Distante, pelo pântano ergueu-se, de repente, um som como o grito de raiva e, em seguida, outro atrás desse; e então um grito horrível e longo. As rochas da Luneta fizeram eco dele uma vintena de vezes; toda a tropa de aves do pântano se ergueu escurecendo o céu, com um zunido simultâneo; e muito tempo depois aquele grito de morte ainda estava ressoando no meu cérebro, o silêncio tinha reestabelecido seu império e apenas o ruído dos pássaros descendo uma vez mais

e o ribombar da arrebentação distante perturbavam a languidez da tarde.

Tom dera um salto com o som, como um cavalo em resposta às esporas, mas Silver não tinha piscado um olho. Ele ficou ali onde estava, apoiado levemente sobre a muleta, vigiando seu companheiro como uma cobra prestes a dar o bote.

– John! – disse o marinheiro, esticando a mão.

– Tire as mãos! – exclamou Silver, pulando um metro para trás, ao que me pareceu, com a velocidade e a segurança de um ginasta treinado.

– Tiro as mãos, se você quiser, John Silver – disse o outro. – É a consciência pesada que pode fazer você me temer. Mas em nome dos céus, me diga, o que foi aquilo?

– Aquilo? – repetiu Silver, sorrindo, mais cauteloso do que nunca, seu olho, um mero ponto na cara grande, mas reluzente como um caquinho de vidro. – Aquilo? Ah, imagino que seja o Alan.

E neste momento, Tom reagiu bruscamente como um herói.

– Alan! – ele chamou. – Então que a alma dele descanse em paz por ter sido um marinheiro de verdade. E quanto a você, John Silver, há muito tempo que você é amigo meu, mas a partir de agora não é mais. Se eu morrer como um cão, vou morrer no meu dever. Você matou Alan, não matou? Mate-me também, se puder. Mas eu o desafio.

E com isso, esse companheiro corajoso virou as costas diretamente para o cozinheiro e partiu a caminhar para a praia, mas ele não estava destinado a ir longe. Com um grito, John agarrou o galho de uma árvore, desvencilhou-se da muleta que estava debaixo da axila e lançou o míssil improvisado pelo ar. Acertou o pobre Tom, de ponta e com violência impressionante, bem entre os ombros no meio de suas costas. Suas mãos voaram para o alto e ele soltou uma espécie de suspiro ao cair.

Se ele foi ferido muito ou pouco, ninguém jamais poderia dizer. Talvez o suficiente; a julgar pelo som, suas costas foram quebradas ali mesmo. Mas ele não teve tempo para se recuperar. Silver, ágil

como um macaco, mesmo sem perna ou muleta, estava em cima dele no momento seguinte e duas vezes tinha enterrado a faca até o cabo naquele corpo indefeso. De meu lugar oculto, eu podia ouvi-lo ofegar alto ao desferir cada golpe.

Eu não sei exatamente o que é desmaiar, mas sei que pelos instantes seguintes o mundo todo passou diante dos meus olhos em uma névoa rodopiante; Silver e os pássaros, e a alta colina Luneta, dando voltas e voltas, indo e voltando diante dos meus olhos, e toda a sorte de sinos soando e vozes distantes gritando no meu ouvido.

Quando recuperei o controle de mim mesmo novamente, o monstro já tinha se recomposto, muleta debaixo do braço, o chapéu na cabeça. Bem diante dele, Tom deitado imóvel no relvado; porém, o assassino não lhe deu a menor importância, limpando a faca manchada de sangue por algum tempo sobre uma folha de grama. Todo o resto não se alterou, o sol ainda brilhava sem piedade no pântano fumegante e no alto pináculo da montanha, e eu mal podia me convencer de que um assassinio tinha realmente acontecido e que uma vida humana fora cruelmente ceifada havia um instante, bem diante dos meus olhos.

Mas então John colocou a mão no bolso, pegou um apito e soprou várias lufadas moduladas que ecoaram sobre o ar aquecido. Eu não sabia dizer, é claro, o significado do sinal, mas imediatamente ele despertou meus medos. Mais homens viriam. Eu poderia ser descoberto. Eles já haviam matado duas das pessoas honestas; depois de Tom e Alan, eu não poderia ser o próximo?

imediatamente comecei a me desvencilhar do esconderijo e a rastejar novamente, com a velocidade e o silêncio que eu pudesse conseguir, para a parte mais aberta do bosque. Conforme o fazia, pude ouvir o chamado indo e voltando entre o velho bucaneiro e seus companheiros, e esse som de perigo me emprestou asas. Assim que eu estava longe do bosque, corri como nunca tinha corrido antes, quase sem me importar com a direção do meu voo, contanto que me levasse para longe dos assassinos; e conforme eu

corria, o medo cresceu e cresceu em mim até que se tornou uma espécie de delírio.

De fato, alguém poderia estar mais inteiramente perdido do que eu? Ao disparar da arma do capitão, como eu me atreveria a descer aos botes entre esses demônios, ainda fumegando de seu crime? Por acaso, o primeiro que me visse não torceria meu pescoço como o de uma ave? Minha própria ausência não seria para eles uma prova do meu alarme, e, portanto, do meu conhecimento fatal? Era o fim, pensei. Adeus para o *Hispaniola*; adeus para o fidalgo, para o médico e para o capitão! Nada sobraria para mim que não fosse a morte por inanição, ou a morte pelas mãos dos amotinados.

Durante todo esse tempo, como disse, eu ainda estava correndo e, sem me dar conta de nada, eu tinha chegado próximo ao sopé da colina pequena com dois picos, e chegara a uma parte da ilha onde os carvalhos perenes ficavam cada vez mais esparsos e se pareciam mais com as árvores da floresta em seu porte e dimensões. Misturando-se a elas estavam alguns pinheiros dispersos, alguns de quinze, outros chegando a quase vinte metros de altura. O ar também tinha um odor mais fresco do que mais lá para baixo, ao lado do pântano.

E aqui um novo alarme me fez parar onde estava, com o coração disparado no peito.

# O homem da ilha



Da lateral da colina, que ali era íngreme e pedregosa, um jorro de cascalho foi desalojado e caiu chocalhando e saltitando entre as árvores. Meus olhos viraram-se instintivamente naquela direção, e eu vi uma figura saltar com grande rapidez para trás do tronco de um pinheiro. O que era, se urso ou homem ou macaco, eu não teria como saber. Parecia escuro e desgrenhado; mais eu não sabia. Entretanto, o terror dessa nova aparição me fez parar.

Ao que parecia, agora eu estava encurralado em duas direções: atrás de mim, os assassinos; diante de mim, o indescritível à espreita. E imediatamente comecei a preferir os perigos que eu conhecia àqueles que eu não conhecia. O próprio Silver pareceu menos terrível em contraste com essa criatura da floresta, e eu me virei nos calcanhares e, olhando bruscamente por cima do ombro, comecei a refazer meus passos na direção dos botes.

Instantaneamente a figura reapareceu fazendo um grande arco e interceptando meu caminho. Eu estava cansado, de qualquer forma; mas se estivesse com as mesmas forças com a qual me levantei pela manhã, teria visto que era em vão competir em velocidade com tal adversário. De tronco em tronco a criatura se locomovia com a destreza de um veado, correndo como homem, sobre duas pernas, mas diferente de qualquer homem que eu já vira, pois quase se dobrava para a frente enquanto corria. Entretanto, ainda era um homem; disso eu não tinha mais dúvidas.

Comecei a recordar o que eu ouvira falar de canibais. Eu estava na iminência de pedir ajuda. Porém, o simples fato de que ele era um homem, por mais selvagem que fosse, tinha me tranquilizado um pouco, e meu medo de Silver começou a reviver em proporção.

Fiquei parado, portanto, tentei encontrar algum método de fuga; e enquanto eu pensava nisso, a lembrança da minha pistola me brilhou na mente. Tão logo me recordei de que não estava indefeso, a coragem novamente fulgurou em meu coração e eu virei resolutamente de frente para aquele ilhéu e caminhei depressa em sua direção.

Dessa vez, ele estava oculto por outro tronco de árvore; mas deve ter me observado atentamente, pois assim que comecei a me mover em sua direção ele reapareceu e deu um passo para me encontrar. Então ele hesitou, recuou, veio para a frente outra vez e, por fim, para minha admiração e confusão, atirou-se de joelhos e estendeu as mãos entrelaçadas em súplica.

Diante disso, eu parei novamente.

– Quem é você? – perguntei.

– Ben Gunn – ele respondeu, e sua voz soava rouca e estranha, como uma fechadura enferrujada. – Sou o pobre Ben Gunn, eu sou; e não falei com um cristão nestes três anos.

Eu podia ver agora que ele era um homem branco como eu e que suas feições eram até agradáveis. Sua pele, onde estava exposta, estava queimada pelo sol; até mesmo seus lábios estavam pretos, e seus olhos claros pareciam bastante surpreendentes em um rosto tão escuro. De todos os mendigos que eu vira ou imaginara, esse era o chefe em desmazelo. Ele estava vestido com farrapos de lona de navio velho e outros panos, e essa extraordinária colcha de retalhos era toda unida por um sistema das mais diversas e incongruentes amarrações, botões de latão, pedaços de pau e voltas de tecido alcatroado. Ao redor da cintura, ele usava um cinto de couro com fivelas de latão velho, a única coisa sólida em todo seu paramento.

– Três anos! – eu exclamei. – Você naufragou?

– Não, companheiro – disse ele –, fui ilhado.

Eu tinha ouvido a palavra, e sabia que significava um tipo horrível de punição bastante comum entre os bucaneiros, em que o infrator

era desembarcado na praia com pouca pólvora e munição e depois abandonado em alguma ilha desolada e distante.

– Três anos ilhado – ele continuou –, e vivi de cabras desde então e de frutas silvestres e de ostras. Onde quer que um homem esteja, digo eu, um homem consegue cuidar de si próprio. Mas, companheiro, meu coração dói por uma dieta cristã. Por acaso você não teria um pedaço de queijo com você, teria? Não? Bem, em muitas longas noites eu sonhei com queijo, torrado, principalmente, e acordei de novo, e aqui eu estava.

– Se alguma vez eu subir a bordo novamente – disse eu –, você terá queijo aos quilos.

Todo esse tempo em que ele tinha apalpado coisas no meu casaco, alisando as minhas mãos, olhando para as minhas botas e, em geral, nos intervalos de seu discurso, mostrava-me um prazer infantil na presença de uma criatura como ele. Entretanto, com as minhas últimas palavras, ele animou-se em uma espécie de matreirice assustada.

– Se alguma vez você subir a bordo novamente, você diz? – ele repetiu. – Ora, mas o que vai impedi-lo?

– Não, você – foi a minha resposta.

– E você está certo – ele declarou. – Agora, você, como você se chama, amigo?

– Jim – eu lhe disse.

– Jim, Jim – repetiu ele, pelo visto, bastante satisfeito. – Bem, veja, Jim, vivi uma dureza que você ficaria envergonhado de ouvir. Por exemplo, não acha que tive uma mãezinha devota olhando por mim? – ele perguntou.

– Não em particular – respondi.

– Bem – disse ele –, mas eu tive, especialmente devota ela era. E eu era um rapaz educado, devoto e podia recitar meu catecismo tão rápido que você nem conseguiria separar uma palavra de outra. E eis que resultou nisso aqui, Jim, e começou com um joguinho de azar sobre as benditas lápides! Foi assim que começou, mas foi mais longe do que isso; e assim minha mãe me contou e previu

tudo, ela fez, a mulher devota! Mas foi a Providência que me colocou aqui. Eu já pensei em tudo nesta ilha solitária, e voltei para a religiosidade. Você não me vê mais tomando tanto rum, apenas um dedinho para dar sorte, claro, na primeira chance que tenho. E tenho que ser bom, e vou fazer de tudo para conseguir isso. E, Jim – olhando ao seu redor e baixando a voz a um sussurro –, eu sou rico.

Naquele momento tive a certeza de que o pobre rapaz tinha enlouquecido em sua solidão, e eu suponho que devo ter deixado o sentimento transparecer no meu rosto, pois ele repetiu a declaração calorosamente:

– Rico! Rico! Eu disse. E vou lhe contar uma coisa: vou fazer de você um homem, Jim. Ah, Jim, você vai abençoar suas estrelas, vai sim, você foi o primeiro que me encontrou!

E nesse momento, de repente, começou a cair uma sombra sobre seu rosto, e ele apertou a mão sobre a minha mão e levantou um dedo indicador ameaçador diante dos meus olhos.

– Agora, Jim, diga a verdade: aquele não é o navio do Flint? – ele perguntou.

Neste momento, tive uma feliz inspiração. Comecei a acreditar que eu tinha encontrado um aliado, e lhe respondi de imediato:

– Não é o navio do Flint, e Flint está morto; mas vou dizer uma verdade, já que você me pergunta: há alguns homens da tripulação do Flint a bordo; azar para todos nós.

– Nenhum homem... de uma perna... só? – ele ofegou.

– Silver? – eu perguntei.

– Ah, Silver! – disse ele. – Esse era o nome dele.

– Ele é o cozinheiro e também o líder do motim.

Ele ainda estava me segurando pelo pulso e, nesse momento, deu uma torção.

– Se você foi enviado por Long John – disse ele –, vou ser morto como um porco e eu sei disso. Mas onde você estava, você acha?

Eu tinha tomado minha decisão em questão de instantes, e à guisa de resposta, eu lhe contei toda a história da nossa viagem e a

situação em que nos encontrávamos. Ele me ouviu com o mais intenso interesse, e quando terminou, ele me deu um tapinha na cabeça.

– Você é um bom rapaz, Jim – ele disse –, e vocês todos estão em um beco sem saída, não? Bem, você acabou de depositar sua confiança em Ben Gunn. E Ben Gunn é o homem de quem vocês precisam para sair dessa. Você acharia provável, veja bem, que o seu fidalgo se mostre um homem generoso em caso de ajuda, ele estando no beco sem saída, como você mencionou?

Contei-lhe que o fidalgo era o mais generoso dos homens.

– Sim, mas veja você – continuou Ben Gunn –, eu não quis dizer me arrumar um emprego de porteiro e uma roupa de libré e tudo o mais; isso não é o meu estilo, Jim. O que quero dizer é, ele concordaria em dar, digamos, mil libras desse dinheiro que já está praticamente esperando para ser meu?

– Tenho certeza de que ele iria – disse eu. – Já estava certo que toda a tripulação partilharia do dinheiro.

– E uma passagem para casa? – acrescentou ele, com um olhar de grande perspicácia.

– Ora – exclamei –, o fidalgo é um cavalheiro. E além do mais, se nos livramos dos outros, vamos precisar da sua ajuda para levar a embarcação para casa.

– Ah – disse ele –, vão precisar mesmo. – E ele parecia muito aliviado. – Agora vou lhe contar uma coisa – ele continuou. – Vou lhe contar só isso e nada mais. Eu estava no navio de Flint quando ele enterrou o tesouro; ele e mais seis... seis marinheiros fortes. Eles ficaram em terra quase uma semana, e nós, para cima e para baixo a bordo do velho *Walrus*. Um belo dia, o sinal foi disparado, então apareceu Flint, vindo sozinho em um pequeno bote, e a cabeça envolta em uma echarpe azul. O sol estava subindo, e ele estava branco como a morte, quando apareceu perto da proa. Mas, lá estava ele, veja, e os outros seis estavam todos mortos. Mortos e enterrados. Como ele fez isso, nenhum dos outros homens a bordo conseguiu decifrar. Foi batalha, assassinato e morte súbita, no

mínimo: ele contra seis. Billy Bones era o imediato; Long John, ele era o contramestre; e perguntaram a ele onde estava o tesouro. “Ah”, disse ele, “vocês podem descer para a praia, se quiserem, e ficar”, disse ele, “mas o navio vai estar pronto para encontrar mais, com mil trovões!”, foi isso o que ele disse.

“Bem, eu estive em outro navio, três anos atrás, e nós avistamos esta ilha. ‘Rapazes’, eu disse, ‘é aqui que está o tesouro de Flint; vamos atracar e encontrá-lo’. O capitão não gostou nada disso, mas meus companheiros queriam, por isso nós desembarcamos. Doze dias eles procuraram, e a cada dia eles ouviam coisas mais feias ditas por mim, até que uma bela manhã, toda a tripulação retornou a bordo. ‘Quanto a você, Benjamin Gunn’, disse um deles, ‘aqui está um mosquete’, disse ele, ‘e uma pá e uma picareta. Você pode ficar aqui e encontrar o dinheiro do Flint por si mesmo’, eles disseram.

“Bem, Jim, por três anos eu estive aqui, e não comi nenhuma comida de cristão desde aquele dia até hoje. Mas, agora, olhe aqui; olhe para mim. Por acaso eu pareço um marinheiro da frente do mastro? Não, você diria. E eu não era mesmo, digo eu.”

E com isso ele piscou e me apertou com força.

– Apenas mencione essas palavras para o seu fidalgo, Jim – ele continuou. – Ele não era mesmo: essas palavras. Por três anos, ele foi o homem desta ilha, de dia e de noite, faça chuva ou faça sol; e, às vezes, ele talvez rezava (diz você) e, às vezes, ele talvez pensasse na velha mãe, quem sabe se está viva (dirá você); mas a maior parte do tempo de Gunn (isto é o que você vai dizer), a maior parte de seu tempo ele dedicou a outro assunto. E então você vai dar-lhe um beliscão, como eu vou fazer agora.

E ele me beliscou novamente da forma mais confidencial.

– Então – ele continuou –, então você vai lá e vai dizer isso: Gunn é um bom homem (você vai dizer), e ele deposita muito mais confiança, muito mais confiança, veja bem, em um cavalheiro de nascença, do que nesses cavalheiros da fortuna, sendo que ele mesmo é um.

– Bem – respondi –, eu não entendo uma palavra do que você está dizendo, mas isso não tem a menor importância; pois como é que eu vou embarcar?

– Ah – disse ele –, essa é a encrenca, com certeza. Bem, há o meu barco, que fiz com minhas duas mãos. Eu o guardo debaixo da rocha branca. Se acontecer o pior, podemos tentar usá-lo depois do anoitecer. Oi! – ele exclamou. – O que foi isso?

Bem nesse momento, embora o sol ainda tivesse uma ou duas horas no céu, todos os ecos da ilha foram despertos e rugiram ao estrondo de um canhão.

– Eles começaram a lutar! – eu gritei. – Siga-me.

E eu comecei a correr em direção ao ancoradouro, todos os meus terrores esquecidos, enquanto perto, ao meu lado, o homem ilhado em suas peles de cabra trotou fácil e levemente.

– Esquerda, esquerda – disse ele –, mantenha-se à esquerda, amigo Jim! Debaixo das árvores com você! Foi onde matei minha primeira cabra. Elas não descem mais para cá agora; agora ficam todas confinadas no topo do mastro, morrendo de medo de Benjamin Gunn. Ah! E há o *cetemério*. – Cemitério, ele devia querer dizer. – Está vendo os montes? Eu vinha até aqui rezar, uma hora ou outra, quando eu achava que talvez fosse dia de domingo. Não era uma grande capela, mas parecia mais solene; e então, diz você, Ben Gunn estava desprivilegiado, sem capelão, sem nem mesmo uma Bíblia e uma bandeira, você diz.

Assim ele ia falando enquanto corria, nem esperando nem recebendo nenhuma resposta.

O tiro de canhão foi seguido, após um intervalo considerável, pelos disparos de armas de pequeno calibre.

Outra pausa e, então, nem a quatrocentos metros à minha frente, avistei a bandeira do Reino Unido tremulando no ar acima do bosque.



Parte 4

## A PALIÇADA

---



# Narrativa continuada pelo médico: como o navio foi abandonado



Era cerca de uma e meia – três badaladas, no dizer do mar – quando os dois botes chegaram à praia, vindos do *Hispaniola*. O capitão, o fidalgo e eu estávamos discutindo assuntos na cabine. Se houvesse uma lufada de vento, teríamos caído sobre os seis amotinados que haviam sido deixados a bordo conosco, largado a âncora e partido para o mar. Mas o vento estava ausente; e para completar a nossa impotência, Hunter desceu com a notícia de que Jim Hawkins descera sorrateiramente em um bote e teria seguido para a praia com o resto.

Nunca me ocorreu duvidar de Jim Hawkins, mas estávamos temerosos pela segurança dele. Com os ânimos em que os homens se encontravam, parecia-me que tínhamos uma chance de cinquenta por cento de ver o rapaz novamente. Corremos para o convés. O piche borbulhava nas emendas; o cheiro fétido daquele lugar me deu náusea; se alguma vez um homem sentiu o cheiro de febres e de disenteria, foi naquele ancoradouro abominável. Os seis patifes estavam sentados resmungando sob uma vela no castelo de proa; em terra víamos os escalerões atados, e um homem sentado em cada um deles, bem perto de onde o rio entrava na ilha. Um deles estava assobiando o “Lillibullero”.

Esperar era desesperador, e foi decidido que Hunter e eu deveríamos desembarcar com o bote em busca de informações.

Os escalerões já tinham sido encostados à direita, mas Hunter e eu seguimos em frente, na direção da paliçada que havia no mapa. Os dois homens que haviam sido deixados de guarda nos barcos pareceram se agitar ao darem como a nossa aparição; “Lillibullero” parou, e eu avistei o par discutindo o que eles deveriam fazer. Se tivessem saído para contar ao Silver, tudo poderia ter acontecido de forma completamente diferente; mas eles tinham suas ordens, eu suponho, e decidiram sentar-se calmamente onde estavam e retomarem o canto do “Lillibullero”.

Havia uma ligeira curva na costa e eu manejei o barco para colocá-la entre nós; assim, mesmo antes de atracarmos, já tínhamos perdido os dois botes de vista. Pulei para fora e cheguei o mais próximo que pude, correndo ao máximo, com um grande lenço de seda debaixo do meu chapéu para refrescar e um par de pistolas já prontas, por segurança.

Eu não tinha percorrido cem metros quando alcancei a paliçada.

E foi isso o que encontrei: uma nascente de água límpida que brotava quase no topo de uma colina. Bem, sobre a colina e cercando a fonte, tinham erguido rusticamente uma casamata feita de troncos, apta a abrigar duas vintenas de pessoas, se necessário, e com orifícios para disparar mosquetes de todos os lados. Por toda a volta, tinham limpado um espaço amplo de terreno, e então o lugar era completo por uma cerca de estacas de quase dois metros de altura, sem porta ou abertura, forte demais para ser posta abaixo sem tempo hábil e trabalho árduo, e aberta demais para proteger os sitiantes. As pessoas na casa de troncos tinham todas as vantagens; permaneciam tranquilas no abrigo e atiravam nos outros como perdizes. Tudo o que desejavam era uma boa vigia e alimentos; pois, na ausência de uma completa surpresa, eles poderiam ter assegurado o controle daquele lugar contra um regimento.

O que particularmente chamou minha atenção foi a fonte. Pois, embora tivéssemos um lugar bom o suficiente na cabine do *Hispaniola*, com uma abundância de armas e munições e coisas

para comer e excelentes vinhos, uma coisa havia sido esquecida – não tínhamos água. Eu estava pensando nisso quando ressoou pela ilha o grito de um homem às portas da morte. Eu não era novo às mortes violentas – eu, que servira à Sua Alteza Real, o duque de Cumberland, e também ganhara um ferimento em Fontenoy – mas sei que meu pulso pulou um batimento. “Jim Hawkins se foi”, foi meu primeiro pensamento.

É uma coisa ter sido um velho soldado, porém mais ainda ter sido um médico. No nosso ofício, não há tempo para titubear. Por isso, tomei uma decisão naquele instante, e sem tempo a perder, retornoi à orla e pulei a bordo do bote.

Por obra da fortuna, Hunter remou em um ritmo bom. Fizemos a água voar, e o bote estava logo emparelhado com a embarcação principal e assim eu subi a bordo da escuna.

Eu os encontrei todos abalados, como era natural. O fidalgo estava sentado, branco como lençol, pensando no mal para o qual ele tinha nos levado a todos! E um dos seis marujos do castelo de proa estava um pouco melhor.

– Há um homem – disse o capitão Smollett, acenando em direção a ele com a cabeça – novo para este trabalho. Ele veio quase desfalecendo, doutor, quando ouviu o grito. Outro toque de leme e aquele homem se juntou a nós.

Contei meu plano para o capitão, e entre nós resolvemos os detalhes do que seria feito.

Colocamos o velho Redruth na cozinha entre a cabine e o castelo de proa, com três ou quatro mosquetes carregados e um colchão para proteção. Hunter trouxe o barco sob a porta de popa, e Joyce e eu começamos a abastecê-la com latas de pólvora, mosquetes, sacos de biscoitos, barris de carne de porco, um barril de conhaque e meu baú inestimável de remédios.

Nesse meio-tempo, o fidalgo e o capitão permaneceram no convés e Smollett saudou o timoneiro, que era o principal homem a bordo.

– Sr. Hands – disse ele –, aqui estamos nós dois com um par de pistolas cada um. Se algum de vocês seis fizer um sinal de qualquer natureza, será um homem morto.

Eles ficaram uns bons instantes embasbacados, e após uma pequena consulta, um por um desceu para os alojamentos frontais, pensando, sem dúvida, em nos pegar pelas costas. Mas quando viram Redruth esperando por eles na cozinha, eles voltaram pelo navio na mesma hora, e uma cabeça despontou novamente no convés.

– Para baixo, cão! – gritou o capitão.

E a cabeça subiu novamente; e não ouvimos mais nada, por enquanto, daqueles seis marinheiros muito covardes.

A essa altura, jogando as coisas no barco do jeito que vinham, nós o carregamos o máximo que podíamos ousar fazê-lo. Joyce e eu saímos pela porta de popa, e seguimos novamente para a orla, com a máxima velocidade que os remos poderiam nos levar.

Essa segunda viagem despertou bastante a atenção dos vigias na costa. “Lillibullero” foi abandonada outra vez; e antes de os perdermos de vista atrás do pequeno ponto, um deles voltou às pressas para a praia e desapareceu. Fiquei dividido entre prosseguir e mudar meus planos e destruir os botes deles, mas eu temia que Silver e os outros pudessem estar por perto, e tudo poderia muito bem ir por água abaixo por nos esforçarmos demais.

Logo tocamos a terra no mesmo lugar de antes e nos pusemos a abastecer a casamata. Todos os três fizeram a primeira viagem, carregados pesadamente de provisões, e jogamos nossas coisas por sobre a paliçada. Em seguida, deixando Joyce para guardá-las – um só homem, decerto, mas com meia dúzia de mosquetes –, Hunter e eu retornamos para o bote e pegamos mais uma remessa de provisões. Em seguida, procedemos sem parar para recuperar o fôlego, até a carga toda ter sido transferida, quando os dois empregados assumiram sua posição na casamata de troncos, e eu, com todas as minhas forças, retornei para o *Hispaniola*.

Que nós devêssemos ter arriscado uma segunda carga de barco parece mais destemido do que realmente era. Eles tinham a vantagem de números, claro, mas tínhamos a vantagem de armas. Nenhum dos homens em terra tinha um mosquete, e antes que pudessem entrar no alcance de tiro da pistola, nós nos vangloriamos de que poderíamos dar conta de uma meia dúzia, pelo menos.

O fidalgo estava me esperando na janela de popa, toda sua iminência de desmaios agora desaparecida. Ele pegou a espia e a amarrou firme, e nós nos pusemos a carregar o bote como se nossas vidas dependessem disso. Carne de porco, pólvora e biscoitos eram a carga, com apenas um mosquete e uma espada para o fidalgo, para mim, para Redruth e para o capitão. O resto das armas e da pólvora nós jogamos ao mar em duas braças e meia de água, de forma que vissemos o brilho do aço muito abaixo de nós ao sol, no leito limpo arenoso.

A essa altura, a maré estava começando a baixar, e o navio estava jogando ao redor da âncora. As vozes eram fracamente ouvidas chamando na direção dos dois escaleres na praia; e embora isso nos reassegurasse em relação a Joyce e Hunter, que estavam bem para o Leste, advertiu nosso grupo para partir.

Redruth retirou-se do seu lugar na cozinha e pulou no bote, que depois demos a volta no navio, para ficar mais prático para o capitão Smollett.

– Agora, homem – disse ele –, está me ouvindo?

Não houve resposta do castelo de proa.

– É com você, Abraham Gray –, é com você que estou falando.

Ainda assim não veio resposta.

– Gray – retomou o sr. Smollett, um pouco mais alto –, estou abandonando este navio e ordeno que você siga o seu capitão. Sei que, no fundo, você é um bom homem, e ouso dizer que nenhum de vocês é tão mau quanto ele faz parecer. Estou com meu relógio aqui em mãos; eu lhe dou trinta segundos para se juntar a mim.

Houve uma pausa.

– Vamos, meu bom amigo – continuou o capitão –, não se demore tanto. Estou arriscando a minha vida e a vida destes bons cavalheiros a cada segundo que passa.

Houve uma agitação repentina, um som de golpes, e então Abraham Gray irrompeu de lá com um corte de faca na lateral da face e veio correndo até o capitão como um cão que ouve o chamado de um apito.

– Eu estou com o senhor – disse ele.

E no momento seguinte, ele e o capitão tinham embarcado conosco, e nós tínhamos zarpado com um impulso.

Já havíamos abandonado o navio, mas ainda não estávamos em terra em nossa paliçada.

# Narrativa continuada pelo médico: a última viagem do bote



Essa quinta viagem foi bastante diferente das outras. Em primeiro lugar, o pequeno frasco que usávamos de barco se encontrava gravemente sobrecarregado. Cinco homens adultos e três deles – Trelawney, Redruth e o capitão – com mais de um metro e oitenta de altura já eram mais do que o bote tinha sido feito para transportar. Acrescentássemos a isso a pólvora, a carne de porco e os sacos de pão. Os costados do barco estavam afundando à popa. Várias vezes afundamos um pouquinho na água e meus calções e as pontas do meu casaco estavam completamente encharcados antes de termos percorrido cem metros.

O capitão nos fez nivelar o barco, e nós conseguimos deixá-lo um pouco mais estável. Mesmo assim, tínhamos medo até de respirar.

Em segundo lugar, a vazante estava prosseguindo – uma corrente forte ondulava para o Oeste pela bacia e depois para o Sul e em direção ao mar, pelos estreitos pelos quais tínhamos entrado naquela manhã. Até mesmo as ondas eram um perigo para nossa embarcação sobrecarregada, mas o pior de tudo foi que nós fomos desviados de nosso curso verdadeiro e nos afastamos do nosso ancoradouro apropriado atrás do cabo. Se deixássemos a corrente nos levar, acabaríamos encontrando a praia ao lado dos escaleres, onde os piratas poderiam aparecer a qualquer momento.

– Não consigo mantê-lo na rota certa para a paliçada, senhor – eu disse ao capitão. Eu estava no leme, enquanto ele e Redruth, dois homens joviais, estavam nos remos. – A maré não para de puxar. Não dá para remarem um pouco mais forte?

– Não sem inundar o barco – disse ele. – O senhor deve aguentar aí, por favor. Aguente até ver que está conseguindo controlar.

Eu tentei e descobri, por tentativa e erro, que a maré continuava a puxar-nos para o Oeste, até eu ter virado a proa para o Leste, ou mais ou menos nos ângulos certos para onde devíamos ir.

– Nunca vamos chegar à praia neste ritmo – disse eu.

– Se é o único curso que conseguimos manter, senhor, devemos seguir assim – devolveu o capitão. – Devemos nos manter contra a corrente. Veja, senhor – ele continuou –, se deixássemos a rota seguir a sotavento do local de desembarque, é difícil dizer em que altura vamos chegar à praia, além da chance que temos de sermos abordados pelos escalerões; considerando que, se mantivermos esta rota, a corrente deve aliviar, e então nós poderemos retornar para o ponto certo da costa.

– A corrente já diminuiu, senhor – disse o homem Gray, que estava sentado mais à proa. – Agora já pode soltar um pouco.

– Obrigado, meu amigo – disse eu, quase como se nada tivesse acontecido, pois todos tinham entrado em um acordo tácito de tratá-lo como um dos nossos.

De repente, o capitão falou novamente, e eu pensei que sua voz estava um pouco alterada.

– O canhão! – disse ele.

– Eu pensei nisso – respondi, pois tinha certeza de que ele estava pensando em um bombardeio do forte. – Eles nunca conseguiriam levar o canhão para a ilha, e, se fizerem isso, nunca conseguiriam transportá-lo pela floresta.

– Olhe para a popa, doutor – respondeu o capitão.

Tínhamos esquecido totalmente do canhão de nove libras; e, para nosso horror, os cinco bandidos estavam ocupados nele, tirando-o da jaqueta, como eles chamavam a capa de lona forte sob a qual o canhão navegava. Não só isso, mas passou pela minha mente, ao mesmo tempo, que a munição e a pólvora para o canhão tinham sido deixados para trás, e um golpe de machado colocaria tudo na posse dos malfeitores a bordo.

– Israel era artilheiro do Flint – disse Gray, com a voz rouca.

De qualquer forma, colocamos o bote no curso certo para o ancoradouro. Porém, a essa altura, tínhamos saído tanto da correnteza que mantivemos o leme constante, mesmo em nosso ritmo lento de remadas, e eu consegui mantê-lo em curso constante para o objetivo. Entretanto, o pior de tudo foi que com o curso que agora eu sustentava, tínhamos virado o costado, e não a popa, na direção do *Hispaniola*, e éramos um alvo do tamanho de uma porta de celeiro.

Eu podia ouvir e ver o patife Israel Hands, que havia enchedo a cara de *brandy*, abastecendo o canhão sobre o convés.

– Quem é o melhor atirador? – perguntou o capitão.

– O sr. Trelawney, sem dúvida – disse eu.

– Sr. Trelawney, pode me fazer a gentileza de acertar um daqueles homens, senhor? Hands, se possível – disse o capitão.

Trelawney estava frio como aço. Ele olhou pela mira de sua arma.

– Agora – gritou o capitão –, tenha cuidado com essa arma, senhor, ou vai inundar o barco. Todos a postos para nivelar o barco quando ele mirar.

O fidalgo levantou a arma, os remos cessaram e nós nos inclinamos para o outro lado para manter o equilíbrio, e tudo foi tão bem contrabalançado que não entrou uma gota de água no barco.

A essa altura, eles haviam posicionado o canhão virado sobre o suporte giratório, e Hands estava na boca com o pilão, e, consequentemente, era o mais exposto. No entanto, não tivemos sorte, pois assim que Trelawney disparou, ele se abaixou, o projétil passou zunindo por cima dele e foi um dos outros quatro que tombou.

O grito que ele deu foi ecoado não apenas por seus companheiros a bordo, mas por um grande número de vozes da costa, e ao olhar naquela direção eu vi os outros piratas se reunindo assim que saíram da floresta e pulando em seus lugares a bordo dos botes.

– Aí vêm os escaleres, senhor – disse eu.

– Então vamos dar o fora – gritou o capitão. – Agora não importa se nós o inundarmos. Se não conseguirmos chegar à praia, tudo acabou.

– Apenas um dos escalerões está sendo tripulado, senhor – acrescentei –, a tripulação do outro provavelmente vai dar a volta na costa para nos interceptar.

– Eles terão que correr bastante, senhor – devolveu o capitão. – Marujos em terra firme, sabe. Não é com eles que eu me importo; é com o canhão giratório. Vai ser um jogo de boliche! Nem minha criada poderia errar. Diga-nos, fidalgo, quando encontrar o alvo, e nós vamos conter a água.

Nesse meio-tempo, nosso curso estava sendo seguido em um ritmo bom, para um barco tão sobrecarregado, e apenas pouca água estava entrando nesse processo. Agora estávamos bem perto; trinta ou quarenta remadas e deveríamos conseguir atracá-lo, pois a maré vazante já tinha desnudado uma estreita faixa de areia abaixo do grupo de árvores. O escaler não precisava mais ser temido; a pontinha dele já tinha sido oculta de nossos olhos. O baixar da maré, que tinha tão cruelmente nos atrasado, estava agora fazendo uma reparação e atrasando nossos agressores. A única fonte de perigo era o canhão.

– Se eu ousasse – disse o capitão –, pararia para escolher outro homem.

Mas estava claro que eles não deixariam que nada atrasasse o disparo. Eles não pararam nem para olhar o companheiro caído, embora ele não estivesse morto e eu o avistasse tentando se arrastar.

– Pronto! – gritou o fidalgo.

– Já! – gritou o capitão, rápido como um eco.

E ele e Redruth recuaram com uma grande alcada que deixou a popa pesadamente debaixo d'água. O estrondo do canhão irrompeu no mesmo instante. Esse foi o primeiro que Jim ouviu; o som do tiro do fidalgo nem sequer chegou até ele. Onde a bola passou, nenhum de nós soube precisamente, mas imagino que deve ter sido acima

das nossas cabeças, e que o vento que ela movimentou contribuiu para o desastre.

De qualquer forma, o barco afundou pela popa, muito suavemente, em quase um metro d'água, deixando o capitão e eu um de frente para o outro, em pé. Os outros três afundaram inteiros e irromperam de novo, encharcados e cuspindo borbulhas de água.

Até o momento não houvera nenhum grande dano. Nenhuma vida fora perdida, e poderíamos chegar à praia em segurança. Mas lá se foram todas as nossas provisões por água abaixo, e para piorar as coisas, apenas duas armas, dentre cinco, permaneciam em estado de uso. A minha, eu tinha apanhado dos meus joelhos e erguido sobre a cabeça, por uma espécie de instinto. Quanto ao capitão, ele já trazia a sua por cima do ombro por uma bandoleira e, como um homem sábio, com a trava para cima. As outras três tinham afundado com o barco.

Para incrementar nossa preocupação, ouvimos vozes já se aproximando pela floresta ao longo da orla, e corríamos não apenas o perigo de sermos alvejados atrás da palicada, em nosso estado um tanto debilitado, mas o medo que tínhamos diante de nós era que, se Hunter e Joyce haviam sido atacados por meia dúzia de homens, tinham mantido o juízo e a conduta de permanecerem firmes. Hunter era confiável, isso nós sabíamos; Joyce era um caso duvidoso – um homem agradável e educado para ser um criado de dentro e para escovar as roupas do patrão, mas não inteiramente adequado para ser um homem de guerra.

Com tudo isso em mente, nós alcançamos a praia o mais rápido que podíamos, deixando para trás o pobre bote e uma boa metade de toda a nossa pólvora e de nossas provisões.

# Narrativa continuada pelo médico: o final da luta do primeiro dia



Prosseguimos em nossa melhor velocidade pela faixa de floresta que agora nos separava da paliçada e, a cada passo, ouvíamos a voz dos bucaneiros cada vez mais próxima. Logo já podíamos ouvir os passos de sua correria e o quebrar dos galhos, com os quais eles se deparavam ao cruzar um pouco de vegetação mais alta.

Comecei a perceber que não conseguiríamos fugir do confronto direto e comecei a me preparar.

– Capitão – disse eu –, Trelawney tem um tiro certeiro. Dê-lhe a sua arma; a dele está imprestável.

Eles trocaram de armas, e Trelawney, silenciosa e friamente como se mostrava desde o início da agitação, hesitou um instante para ver se tudo estava apto para a ação. Ao mesmo tempo, observando que Gray estava desarmado, eu lhe dei minha espada. Alegrou nosso coração o vermos cuspir na mão, franzir as sobrancelhas e fazer a lâmina assobiar no ar. Estava claro em cada linha do seu corpo que nosso novo homem valia o que comia.

Quarenta passos adiante, chegamos à borda da floresta, e eu avistei a paliçada diante de nós. Encontramos o cercado aproximadamente no meio do lado sul e, quase ao mesmo tempo, sete amotinados – Job Anderson, o contramestre, na liderança deles – apareceram em pleno brado no canto sudoeste.

Fizeram uma pausa como se pegos de surpresa e, antes que se recuperassem, não apenas o fidalgo e eu como também Hunter e

Joyce da casamata tivemos tempo de disparar. Os quatro tiros saíram em uma saraivada dispersa, mas deram conta do serviço: um dos inimigos chegou a cair, e o resto, sem hesitação, virou-se e mergulhou nas árvores.

Após a recarga, andamos pela parte externa da paliçada para ver o inimigo caído. Estava morto como pedra – um tiro no coração.

Começamos a nos regozijar por termos sido bem-sucedidos quando, bem naquele momento, uma pistola disparou no mato, uma bala assobiou perto da minha orelha, e o pobre Tom Redruth tropeçou e caiu no chão. Tanto o fidalgo quanto eu devolvemos o disparo, mas como não tínhamos em que mirar, provavelmente foi apenas pólvora desperdiçada. Em seguida, recarregamos e voltamos nossa atenção para o pobre Tom.

O capitão e Gray já o estavam examinando, e vi com atenção parcial que tudo havia acabado.

Creio que a prontidão do nosso revide em forma de disparos tinha espalhado os amotinados uma vez mais, pois nós pudemos, sem incômodo adicional, erguer o pobre e velho guarda-caça por cima da paliçada e carregá-lo, gemendo e sangrando, para dentro da casa de troncos.

O pobre coitado não havia proferido uma palavra de surpresa, queixa, medo ou mesmo de aquiescência desde o começo de nossos problemas até agora, quando o tínhamos deitado na casa de troncos para morrer. Ele ficara como um cavalo de Troia atrás de seu colchão na cozinha; ele tinha seguido cada ordem em silêncio, com obstinação e com eficiência; ele era o mais velho do nosso grupo por uns vinte anos de diferença; e agora, taciturno, velho, servo fiel, era ele que tinha de morrer.

O fidalgo se ajoelhou ao lado dele e lhe beijou a mão, chorando como uma criança.

- Estou partindo, doutor? – Redruth perguntou.
- Tom, meu amigo – disse eu –, você vai para casa.
- Queria ter dado uma lição neles com a arma antes – ele respondeu.

– Tom – disse o fidalgo –, diga que você me perdoa, por favor?  
– Isso seria respeitoso da minha parte para com o senhor, fidalgo?  
– foi a resposta. – Seja como for, que assim seja, amém!

Depois de algum tempo de silêncio, ele sugeriu que alguém poderia ler uma oração.

– É o costume, senhor – acrescentou, desculpando-se. E não muito depois, sem outra palavra, ele se foi.

Enquanto isso, o capitão, que eu já havia notado que estava espantosamente inchado no peito e nos bolsos, mostrou-se carregado de suprimentos: a bandeira britânica, uma Bíblia, um rolo de corda robusta, uma pena, tinta, o diário de bordo e uma boa quantidade de tabaco. Ele encontrara um abeto comprido caído e aparado no cercado. Com a ajuda de Hunter, ele o deixou em pé em um canto da casa, onde os troncos se cruzavam e criavam um ângulo. Em seguida, subindo no telhado, com as próprias mãos, ele hasteou a bandeira.

Isso pareceu lhe causar um grande alívio. Ele entrou de novo na cabana e se pôs a contabilizar os suprimentos como se nada mais existisse. Contudo, não deixou de observar os últimos momentos de Tom e, assim que o homem se foi, o capitão veio com outra bandeira e, reverente, estendeu-a sobre o corpo.

– Não deixe isso afetá-lo, senhor – disse ele, apertando a mão do fidalgo. – Está tudo bem com ele; não há nada a temer por um tripulante que foi alvejado no cumprimento de seu dever com o capitão e com o proprietário. Pode não ser uma boa teologia, mas é um fato.

Então ele me puxou de lado.

– Dr. Livesey – começou –, para daqui a quantas semanas o senhor e o fidalgo esperam o bote auxiliar?

Eu disse-lhe que não era uma questão de semanas, mas de meses, e que se não estivéssemos de volta até o fim de agosto, Blandy mandaria nos encontrar, mas não antes disso.

– Pode calcular por si mesmo – disse eu.

– Ora, sim – respondeu o capitão, coçando a cabeça. – E mesmo com todas as enormes precauções, senhor, por todas as dádivas da Providência, devo dizer que fomos perseguidos muito de perto, como se navegássemos à bolina cerrada.

– Como assim? – perguntei.

– É uma pena, senhor, que tenhamos perdido aquela segunda carga. Isso é o que quero dizer – respondeu o capitão. – Quanto à pólvora e à munição, daremos um jeito. Mas as rações estão muito curtas... tão curtas, dr. Livesey, que talvez estejamos em melhor situação sem essa boca extra.

E ele apontou para o corpo morto sob a bandeira.

Bem nessa hora, com um rugido e um zunido, uma bala de canhão passou sobre o telhado da casa de troncos e despencou muito além de onde estávamos, no bosque.

– Ooh! – disse o capitão. – Atirem à vontade! Vocês já têm pouca pólvora, meus rapazes.

Na segunda tentativa, a mira foi melhor, e a bala desceu dentro da paliçada, espalhando uma nuvem de areia, mas sem causar maiores danos.

– Capitão – disse o fidalgo –, a casa é completamente invisível do navio. Deve ser na bandeira que eles estão mirando. Não seria mais sensato colocá-la para dentro?

– Atacar minhas cores! – gritou o capitão. – Não, senhor, não vou fazer isso. – E assim que ele disse as palavras, acho que todos concordamos com ele, pois a bandeira não significava apenas um bom sentimento de coragem dos homens do mar; era uma boa política e mostrava aos nossos inimigos que nós desprezávamos seu canhão.

Durante toda a noite eles continuaram bombardeando estrondosamente. Bala após bala passava direto ou caía perto ou levantava areia de dentro do carcado, mas eles tinham que atirar tão alto que a bala despencava em um ângulo muito fechado e se enterrava na areia fofa. Não tínhamos nenhum ricochete a temer e, embora uma bala houvesse entrado no telhado da casa e pingado

de novo no chão, logo nos acostumamos a esse tipo de brincadeira espalhafatosa, e não lhe prestamos mais atenção do que a um grilo.

— Há um aspecto bom em tudo isso — observou o capitão. — A floresta diante de nós provavelmente já está livre. A maré já deve ter recuado bastante; nossas provisões já devem estar expostas na areia. Voluntários para ir e trazer de volta nossa carne de porco.

Gray e Hunter foram os primeiros a se apresentar. Bem armados, saíram sorrateiramente da palicada, mas a missão se revelou inútil. Os amotinados foram mais ousados do que imaginamos, ou depositaram mais confiança na artilharia de Israel. Pois quatro ou cinco deles estavam ocupados carregando nossas provisões e se mandando com elas para um dos escalerões ali próximo, remando de vez em quando para mantê-lo firme contra a corrente. Silver estava bem perto da popa, em comando; e cada um dos homens agora havia se armado com um mosquete retirado de algum compartimento secreto que porventura eles tivessem.

O capitão estava debruçado em seu diário de bordo, e aqui está o começo do registro:

*Alexander Smollett, capitão; David Livesey, médico do navio; Abraham Gray, oficial carpinteiro; John Trelawney, proprietário; John Hunter e Richard Joyce, empregados do proprietário, agricultores — sendo todos os que permaneceram fiéis dentre a tripulação do navio — com provisões para dez dias, racionando as porções, desembarcaram no dia de hoje e hastearam as cores britânicas na casamata da Ilha do Tesouro. Thomas Redruth, servo do proprietário, homem da terra, baleado pelos amotinados; James Hawkins, camaroteiro —*

E nesse mesmo momento, eu fiquei me perguntando sobre o destino do pobre Jim Hawkins.

Um chamado do lado da terra.

— Alguém está nos chamando — disse Hunter, que estava de guarda.

– Doutor! Fidalgo! Capitão! Olá, Hunter, é você? – vieram os gritos.

E eu corri para a porta a tempo de ver Jim Hawkins, são e salvo, pulando a paliçada.

# Narrativa retomada por Jim Hawkins: a guarnição na paliçada



Assim que Ben Gunn viu a bandeira, ele parou de chofre, contendo-me pelo braço, e se sentou.

– Agora – disse ele –, esses são os seus amigos, com toda a certeza.

– É muito mais provável que sejam eles do que os amotinados – respondi.

– Isso! – ele exclamou. – Ora, em um lugar como este, onde ninguém aporta a não ser os cavalheiros da fortuna, Silver hastearia a Jolly Roger,<sup>4</sup> não tenha nenhuma dúvida disso. Não, são os seus amigos. Também já houve tiros, e acho que seus amigos levaram a melhor; e eles desembarcaram e chegaram à velha paliçada, que foi feita anos e anos atrás pelo Flint. Ah, aquele sim que era inteligente, o Flint! Deixando de lado o rum, nunca se viu ninguém igual a ele. Ele não temia nada, ele não; apenas Silver... Silver era elegante como ele.

– Bem – disse eu –, pode ser que sim, e que assim seja; porém é mais uma razão para eu me apressar e me juntar aos meus amigos.

– Não, marujo – respondeu Ben –, não você. Você é um bom menino, ou estou enganado; mas é apenas um menino, e isso é tudo. Pois bem, Ben Gunn é astuto. O rum não me levaria até lá aonde você vai. Não, o rum não levaria, até eu ver seu cavalheiro de nascença e receber a palavra de honra dele. E não se esqueça das

minhas palavras; um tanto mais de confiança (é o que você vai dizer), muito mais confiança, e então o belisca.

E ele me beliscou pela terceira vez com o mesmo ar de esperteza.

– E quando desejarem ver Ben Gunn, você sabe onde encontrá-lo, Jim. No mesmo lugar onde você o encontrou hoje. E aquele que vier deve ter a coisa branca na mão e deve vir sozinho. Ah! E você vai dizer isso: “Ben Gunn”, diz você, “tem suas próprias razões”.

– Bem – falei –, acho que entendo. Você tem algo a propor e deseja ver o fidalgo ou o médico, e deverá ser encontrado onde eu o encontrei. Isso é tudo?

– “E quando?”, diz que você – ele acrescentou. – Ora, entre a observação do meio-dia e por volta das seis badaladas.

– Bom – disse eu –, e agora posso ir?

– Você não vai esquecer? – ele insistiu, ansiosamente. – Bastante confiança e motivos próprios, diz você. Motivos próprios; essa é a alma do negócio; de homem para homem. Bem, então – ainda me segurando –, acho que você pode ir, Jim. E, Jim, se avistar Silver, você promete que não vai vender Ben Gunn? Por nada desse mundo? Não, você diz. E se os piratas acamparem na praia, Jim, o que você diria, além de que as mulheres deles se tonariam viúvas pela manhã?

Aqui ele foi interrompido por um ruidoso estrondo, e uma bala de canhão passou rasgando pelas árvores e afundou na areia, nem cem metros de onde nós dois estávamos conversando. No momento seguinte, cada um de nós tinha corrido para uma direção diferente.

Por uma boa hora, clangores frequentes sacudiram a ilha, e balas não paravam de cair na floresta. Eu mudava de esconderijo para esconderijo, sempre perseguido, ou foi o que me pareceu, por aqueles terríveis “mísseis”. Mas já no final do bombardeio, embora ainda não ousasse me aventurar na direção da paliçada, onde as balas mais caíam, eu começara, de certa forma, a recuperar minha coragem, e depois de um longo desvio para o Leste, arrastei-me até as árvores na beira da praia.

O sol já havia se posto, a brisa do mar balançava as árvores da floresta, fazendo ondular a superfície cinzenta do ancoradouro; também a maré estava no ponto mais distante, e grandes porções de areia se descobriam; o ar, após o calor do dia, causava-me frio por dentro do casaco.

O *Hispaniola* ainda se encontrava onde havia ancorado; mas, com certeza, lá estava a Jolly Roger – a bandeira negra da pirataria – tremulando em seu mastro. Enquanto eu observava, veio outro clarão vermelho e outro estrondo que propagou ecos ruidosos, e mais uma bala de canhão voou zunindo pelo ar. Foi o último dos disparos de canhão.

Fiquei por algum tempo observando a azáfama que sucedera o ataque. Os homens demoliam algo com machados na praia perto da paliçada – o pobre bote, depois eu descobri. Adiante, perto da foz do rio, um grande incêndio incandescia o ar no meio das árvores e, entre esse ponto e o navio, um dos escaleres usados pelos piratas continuava indo e vindo; os homens, os quais eu vira tão sombrios, gritavam com os remadores como se fossem crianças. Contudo, havia uma nota em suas vozes que sugeria rum.

Longamente, refleti que poderia voltar para a paliçada. Eu já havia descido bastante pela restinga baixa e arenosa que cercava o ancoradouro pelo lado leste e se unia à Ilha do Esqueleto a meio do caminho; e agora, enquanto me colocava em pé, via, a alguma distância ainda mais para baixo da restinga e subindo entre os arbustos baixos, uma rocha isolada, muito alta e peculiarmente branca de cor. Ocorreu-me que aquela poderia ser a pedra branca mencionada por Ben Gunn, e que algum dia ou outro poderíamos precisar de um barco e eu deveria saber onde procurar por um.

Então contornei a floresta até retornar o lado traseiro ou o lado da paliçada voltado para a orla, e logo fui calorosamente recebido pelo grupo leal.

Assim que contei minha história, comecei a olhar em volta de mim. A casa era feita com troncos de pinho cortados de forma irregular: teto, paredes e piso. Em vários pontos, o assoalho se localizava a

trinta ou quarenta e cinco centímetros acima da superfície da areia. Havia um alpendre diante da porta e, debaixo dele, a pequena nascente brotava em uma bacia artificial de um tipo bastante estranho – não diferente de uma caldeira de ferro de um grande navio, sem o fundo, enterrada “até as beiradas”, como o capitão dizia, no meio da areia.

Pouco tinha sido deixado além da estrutura externa da casa, mas em um canto ali havia uma laje de pedra à guisa de lareira e um antigo cesto de ferro oxidado para conter o fogo.

Para obter a madeira da casa, as árvores das encostas da colina e de toda a parte interna da paliçada tinham sido cortadas, e podíamos perceber pelos tocos o bosque bonito e imponente que tinha sido destruído. A maior parte do solo havia sido erodida pelas chuvas ou levada pela encosta com a remoção das árvores; apenas onde o riacho corria a partir da caldeira é que um canteiro grosso de musgo e algumas samambaias e pequenos arbustos rastejantes ainda estavam verdes no meio da areia. Muito próximo do entorno da paliçada – perto demais para oferecer defesa, eles disseram – o bosque ainda florescia, alto e denso, todo cheio de abetos do lado do interior, mas, na direção do mar, havia uma grande mistura de carvalhos perenes.

A brisa fria da noite, da qual falei, assobiava em cada fenda do edifício rude e borrifava pelo piso com uma chuva contínua de areia fina. Havia areia nos nossos olhos, areia em nossos dentes, areia sobre o nosso jantar, areia dançando na fonte na base da caldeira, exatamente como mingau no início da fervura. Nossa chaminé era um orifício quadrado no telhado; de modo que apenas uma pequena parte da fumaça encontrava seu caminho para fora, e o resto pairava pela casa e nos mantinha tossindo e lacrimejando.

Acrescentasse a isso, Gray, o homem novo, que estava de cara amarrada com uma bandagem devido a um corte que ele conseguira ao fugir dos amotinados, e aquele pobre e velho Tom Redruth, ainda não enterrado, deitado ao largo da parede, duro e austero, debaixo da Union Jack.<sup>5</sup>

Se tivessem nos deixado ficar ociosos, sentados, teríamos todos caído na melancolia, mas o capitão Smollett não era o homem para permitir esse tipo de coisa. Todos os presentes foram convocados diante dele, e fomos divididos em turnos de vigia. O médico, Gray e eu, em um turno; o fidalgo, Hunter e Joyce, no outro turno. Embora estivéssemos todos cansados, dois foram mandados para trazer lenha; dois mais foram designados a cavar uma cova para Redruth; o médico foi nomeado o cozinheiro; eu fui posto de sentinelas na porta; e o capitão ia passando de uma atividade a outra, mantendo nosso moral elevado e ajudando sempre que fosse necessário.

De tempos em tempos, o médico vinha até a porta para tomar um pouco de ar e descansar os olhos, que quase lhe foram defumados nas órbitas, e, sempre que ele vinha, tinha uma palavra para mim.

— Aquele homem, Smollett — uma vez ele comentou —, é um homem melhor do que eu. E quando eu digo isso, Jim, quer dizer muita coisa.

Outra hora, ele veio e ficou em silêncio por um instante, depois inclinou a cabeça de lado e olhou para mim.

— Esse Ben Gunn é um homem confiável? — ele perguntou.

— Não sei, senhor — disse eu. — Não sei bem se ele é certo da cabeça.

— Se há qualquer dúvida sobre isso, então ele é — retornou ao médico. — Não se pode esperar que um homem que passou três anos roendo as unhas em uma ilha deserta, Jim, pareça certo da cabeça como você ou eu. Isso não está na natureza humana. Era com queijo que você disse que ele sonhava?

— Sim, senhor, queijo — respondi.

— Bem, Jim — ele continuou —, veja só o benefício de ser frugal com a comida. Você já viu minha caixa de rapé, não viu? E nunca me viu usar rapé; o motivo é que na minha caixa de rapé, eu carrego um pedaço de queijo parmesão, um queijo feito na Itália, muito nutritivo. Bem, esse é para Ben Gunn!

Antes que o jantar fosse comido, enterramos o velho Tom na areia e ficamos um tempo ao redor dele, segurando o chapéu na mão, em

meio à brisa. Um bom tanto de lenha tinha sido levado para dentro, mas não o suficiente para o gosto do capitão, e ele abanou a cabeça e nos disse que “devíamos voltar ao trabalho pela manhã, com mais vigor”. Então, depois de termos jantado a carne de porco, e cada um ter tomado um bom copo forte de *brandy*, os três líderes se reuniram em um canto para discutir as nossas perspectivas dali para a frente.

Parecia que estavam com os nervos à flor da pele e sem saber o que mais fazer, já que as provisões estavam tão reduzidas a ponto de morrermos de fome, rendidos, muito antes de a ajuda chegar. Porém, nossas melhores esperanças, ficou decidido, eram matar os bucaneiros ou até que eles recolhessem a bandeira ou que fugissem com o *Hispaniola*. De dezenove homens, eles já haviam sido reduzidos a quinze, outros dois estavam feridos e pelo menos um – o homem baleado ao lado do canhão – estaria gravemente ferido, se não morto. A cada vez que tivéssemos chances de atirar neles, precisávamos abraçá-la, salvando nossa própria vida, com o mais extremo cuidado. E além disso, tínhamos dois bons aliados – o rum e o clima.

Quanto ao primeiro, embora estivéssemos a oitocentos metros de distância, podíamos ouvir os homens na algazarra e na cantoria, cantando até altas horas da noite; e quanto ao segundo, o médico apostava sua peruca, acampados onde eles estavam no pântano e desprovidos de remédios, a metade estaria de costas antes de uma semana.

– Então – acrescentou ele –, se não formos todos alvejados antes, eles vão ficar felizes em guardar as coisas deles na escuna, prontos para partir. É melhor o navio do que nada, e eles podem retornar à vida de pirata, eu suponho.

– O primeiro navio que eu perco na vida – disse o capitão Smollett.

Eu estava morto de cansaço, como vocês podem imaginar; e quando me deitei, não foi até depois de um grande tempo virando de um lado para o outro, que dormi como um tronco de madeira.

Os demais já tinham se levantado havia muito tempo e tomado o desjejum e aumentado a pilha de lenha em quase a metade do que já tínhamos, quando acordei com um alvoroço de vozes.

— Bandeira de trégua! — Ouvi alguém dizer; e depois, imediatamente, com um grito de surpresa: — É Silver em pessoa!

E em resposta a isso, levantei-me de um salto, esfregando os olhos, e corri para o buraco na parede.

A famosa bandeira dos piratas, preta com o crânio e os ossos cruzados. (N.T.)  
Outro nome pelo qual a bandeira britânica é conhecida. (N.T.)

# A embaixada de Silver



Com toda a certeza, havia dois homens do lado de fora da paliçada, um deles acenando um pano branco; o outro, ninguém menos do que o próprio Silver, parado ali placidamente.

Ainda era bem cedo e a manhã mais fria dentre as quais eu passei fora – um frio que gelava até a medula. O céu estava claro e sem nuvens no alto, e as copas das árvores brilhavam rosadas ao sol nascente. Mas onde Silver estava com seu lugar-tenente, tudo ainda permanecia nas sombras, e eles estavam mergulhados até os joelhos em um vapor esbranquiçado baixo que havia se desprendido do pântano durante a noite. O frio e o vapor, tomados em conjunto, davam um testemunho infeliz daquela ilha. Era um lugar plenamente úmido, febril e insalubre.

– Fiquem dentro da casa, homens – disse o capitão. – Aposto dez para um que isso é uma artimanha.

Então ele saudou o bucaneiro.

– Quem vem lá? Mostre-se ou atiramos.

– Bandeira de trégua! – exclamou Silver.

O capitão estava no alpendre, mantendo-se cuidadosamente fora do caminho de um tiro traiçoeiro, caso fosse a intenção disparar. Ele se virou e falou para nós:

– A turma de vigia do médico, a postos. Dr. Livesey, assuma o posto do lado norte, por favor; Jim, a Leste; Gray, a Oeste. A turma que fica: todos carreguem os mosquetes. Atenção, homens, e tomem cuidado.

E então ele se virou novamente para os amotinados.

– E o que vocês querem com sua bandeira de trégua? – ele bradou.

Desta vez foi o outro homem que respondeu:

– É o capitão Silver, senhor, pedindo para vir a bordo e fazer um acordo – ele gritou.

– Capitão Silver! Não o conheço. Quem é ele? – gritou o capitão. E o ouvimos acrescentar para si mesmo: – Capitão, é isso? Puxa vida, e eis que ele foi promovido!

Long John respondeu por si mesmo:

– Eu, senhor. Esses pobres rapazes me escolheram como capitão, após a deserção do senhor. – Colocando uma ênfase particular sobre a palavra “deserção”. – Estamos dispostos a nos submeter, se pudermos entrar em um acordo, e não queremos nada de confusão. Tudo o que peço é a sua palavra, capitão Smollett, para me deixar sair sã e salvo desta paliçada, e um minuto para sair da linha de tiro caso uma arma seja disparada.

– Meu homem – disse o capitão Smollett –, não tenho a menor vontade de falar com você. Se quiser falar comigo, pode vir, isso é tudo. Se houver qualquer traição, será da sua parte, e que o Senhor o ajude.

– É o suficiente, capitão – gritou alegremente Long John. – Uma palavra do senhor é o suficiente. Eu conheço um cavalheiro quando vejo um, e pode contar com isso.

Podíamos ver o homem que carregava a bandeira de trégua tentando segurar Silver. Também não foi nenhum espanto, vendo a frieza na resposta do capitão. Mas Silver riu dele em voz alta e lhe deu um tapa nas costas, como se a ideia de se alarmar fosse um absurdo. Em seguida, ele avançou para a paliçada, ergueu a muleta por cima, levantou uma perna e, com grande vigor e habilidade, conseguiu pular a cerca e cair em segurança do outro lado.

Vou confessar que eu estava muito absorto na cena que se desenrolava para ser da menor serventia como sentinelas; na verdade, já tinha abandonado o buraco na parede leste onde eu fora posicionado e havia me aproximado furtivamente do capitão, que agora estava sentado na soleira da porta, com os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça apoiada nas mãos, e os olhos fixos na água

que borbulhava da velha caldeira de ferro na areia. Ele estava assobiando: "Venham, moças e rapazes".

Silver teve uma dificuldade tremenda para subir a colina. Contra a inclinação da encosta, os tocos grossos das árvores e a areia fofa, ele e sua muleta eram indefesos como um navio no olho do vento. Mas ele continuou na tarefa como um homem em silêncio e, por fim, chegou diante do capitão, a quem ele saudou na forma mais galante. Silver estava paramentado no seu melhor; um casaco azul imenso cheio de botões de latão, batendo no joelho, e um belo chapéu com rendas estava no topo de sua cabeça.

– Aqui está você, homem – disse o capitão, levantando a cabeça.  
– É melhor se sentar.

– Não vai me deixar entrar, capitão? – reclamou Long John. – Está fazendo uma manhã bem fria, decerto que está, senhor, para ficar sentado do lado de fora em cima da areia.

– Ora, Silver – disse o capitão –, se você tivesse a decência de ser um homem honesto, estaria sentado dentro da sua cozinha. Isso é obra sua. Ou você é o cozinheiro do meu navio, e você era bem tratado nessa função, ou é o capitão Silver, um amotinado e um pirata comuns, e então irá para a forca!

– Bem, bem, capitão – retornou o cozinheiro do navio, sentando-se na areia como lhe havia sido oferecido –, o senhor terá que me dar uma mãozinha para me levantar de novo, isso é tudo. Um belo lugar o senhor tem aqui. Ah, aí está Jim! A melhor das manhãs para você, Jim. Doutor, ofereço meus serviços. Ora, aí estão todos vocês, juntos como uma família feliz, por assim dizer.

– Se tem algo a dizer, homem, é melhor dizê-lo – apressou o capitão.

– Certíssimo, capitão Smollett – respondeu Silver. – Dever é dever, decerto que é. Bem agora, veja só, foi um bom espetáculo o seu ontem à noite. Não nego que foi um bom espetáculo. Alguns de vocês são muito habilidosos com a alavanca do cabrestante. E também não vou negar, mas uma parte do meu pessoal ficou chocada; talvez todos estivessem chocados; talvez eu é que fiquei

chocado; talvez seja por isso que eu esteja aqui. Mas guarde minhas palavras, capitão, isso não vai acontecer duas vezes, com mil trovões! Vamos ter que ficar de sentinela e folgar um pouco no rum. Talvez ache que somos uma vela solta no olho do vento, mas lhe digo que eu estava sóbrio; apenas cansado como um cão; e se tivesse acordado um segundo mais cedo, eu teria apanhado vocês no ato, eu teria. Ele não estava morto quando cheguei a ele, ele não estava.

– E então? – disse o capitão Smollett, tão frio quanto possível.

Tudo o que Silver dissera era um enigma para ele, mas ninguém imaginaria pelo tom de voz do capitão. Quanto a mim, eu comecei a ter uma ideia. As últimas palavras de Ben Gunn me voltaram à mente. Comecei a supor que ele tinha feito uma visita aos bucaneiros enquanto todos estavam caídos de embriaguez ao redor da fogueira, e me dei conta com certa felicidade de que tínhamos apenas catorze inimigos com que lidar.

– Bem, aqui está – disse Silver. – Queremos esse tesouro e nós vamos tê-lo: esse é o nosso ponto! Vocês prefeririam salvar suas vidas quanto antes melhor, eu acho; e esse é o ponto de vocês. Vocês têm um mapa, não têm?

– É possível – respondeu o capitão.

– Pois bem, vocês têm, eu sei disso – retrucou Long John. – Não precisa ser tão cruel com um homem; isso não tem um pingo de serventia, e pode contar com isso. O que quero dizer é: nós queremos seu mapa. Agora, eu nunca quis causar mal nenhum, não eu.

– Isso não vai funcionar comigo, homem – interrompeu o capitão.

– Nós sabemos exatamente o que você pretendia fazer, e não nos importamos, pois agora, veja só, você não poderá pôr nada disso em prática.

E o capitão olhou para ele com calma e procedeu a encher um cachimbo.

– Se Abe Gray... – Silver disse de repente.

– Alto lá! – exclamou o sr. Smollett. – Gray não me disse nada, e eu não lhe perguntei nada; e além do mais, eu faria você e essa ilha inteira explodirem da face da água em forma de labaredas. Então essa é minha opinião para você sobre o assunto, homem.

Esse pequeno rompante exaltado pareceu acalmar Silver. Ele vinha se irritando pouco a pouco, mas depois disso ele se conteve.

– Já basta – disse ele. – Eu não definiria limites ao que os cavalheiros poderiam considerar um navio em perfeitas condições, ou não, do jeito que estava. E já que o senhor está prestes a pitar um cachimbo, capitão, vou me sentir livre para fazer o mesmo.

E encheu um cachimbo e o acendeu, e os dois homens ficaram sentados em silêncio, pitando por um bom tempo, ora olhando para o outro na cara, ora parando o fumo, ora se inclinando para cuspir. Vê-los era como ver uma encenação.

– Pois bem – retomou Silver –, aqui está. Dê-nos o mapa para chegarmos ao tesouro, e pare de atirar contra os pobres homens do mar e lhes acertar as cabeças enquanto dormem. Faça isso, e nós lhe ofereceremos uma escolha. Vocês podem vir a bordo conosco, tão logo o tesouro seja embarcado, e então eu lhes farei um juramento, darei minha palavra de honra, de despachar vocês em algum lugar seguro em terra. Ou, se não for do seu agrado, porque alguns dos meus homens são durões e têm históricos antigos de receber punição, então vocês podem ficar aqui, podem sim. Vou dividir as provisões com vocês, homem por homem; e presto meu juramento, como antes, para comunicar ao primeiro navio que eu avistar e mandá-lo até aqui para resgatar vocês. Agora, o senhor vai reconhecer que é uma proposta e tanto. Melhor nem dá para pensar em conseguir, veja bem. E eu espero – ele levantou a voz – que todos os marujos aqui nesta casamata ouçam minhas palavras, pois o que é dito para um é dito para todos.

O capitão Smollett levantou-se do lugar e bateu o cachimbo para as cinzas caírem na palma de sua mão esquerda.

– Isso é tudo? – ele perguntou.

– Até a última palavra, com mil trovões! – respondeu John. – Se recusarem, não me verão mais; só verão balas de mosquete.

– Muito bom – disse o capitão. – Agora você vai me ouvir. Se vierem a mim, um por um, desarmados, vou me certificar de colocá-los a ferros e levá-los para enfrentar um julgamento justo na Inglaterra. Se não quiserem, meu nome é Alexander Smollett, naveguei com as cores do meu soberano e despacharei vocês todos para Davy Jones.<sup>6</sup> Vocês não podem encontrar o tesouro e não podem pilotar o navio, pois não há um homem entre vocês apto a manejá-lo. Vocês não podem nos enfrentar. O próprio Gray escapou de cinco de vocês. Seu navio está na zona morta do vento, Mestre Silver; estão a sotavento, e logo vão descobrir. Permaneço aqui e é o que digo; e essas são as últimas palavras boas que você receberá de mim, pois em nome do céu, vou lhe meter uma bala nas costas da próxima vez em que o encontrar. Suma daqui, rapaz. Dê o fora, por favor, homem a homem, e o mais rápido que puder.

O rosto de Silver era um poema; seus olhos se arregalaram na cara com ira. Ele apagou o cachimbo.

– Ajude-me aqui! – ele gritou.

– Eu, não – devolveu o capitão.

– Quem vai me dar um auxílio para me levantar? – ele gritou.

Nenhum homem entre nós se moveu. Rosnando as mais abomináveis imprecações, ele se arrastou sobre a areia até agarrar o alpendre e se içar novamente sobre a muleta. Então ele cuspiu na fonte de água.

– Isso! – ele bradou. – É isso o que eu penso de vocês. Quando menos esperarem, vou esmagar sua velha casa de troncos como se fosse um barril de rum. Podem rir, com mil trovões, riam! Quando menos esperarem, vão estar dando risada do lado de lá. Os que morrerem serão os homens de sorte.

E com uma terrível blasfêmia, ele saiu aos tropeços, afundou na areia e foi ajudado a saltar a paliçada, depois de quatro ou cinco tentativas frustradas, pelo homem com a bandeira de trégua, e desapareceu entre as árvores um instante depois.

Figura lendária entre piratas e marinheiros supersticiosos, conhecida como a encarnação do mal. A expressão “ir para o baú/armário de Davy Jones” é uma metáfora que significa “ir parar no fundo do mar”, “morrer no mar”. (N.T.)

# O ataque



Tão logo Silver desapareceu, o capitão, que o estivera vigiando atentamente, virou-se para o interior da casa e não encontrou um homem sequer ainda no posto, à exceção de Gray. Era a primeira vez que o víamos com raiva.

– A seus lugares! – ele rugiu. E então, enquanto todos corríamos para os nossos lugares, ele disse: – Gray, vou colocar seu nome no diário de bordo; você se manteve no dever como um verdadeiro homem do mar. Sr. Trelawney, estou surpreso com o senhor. Doutor, pensei que tinha usado a farda do rei! Se foi assim que serviu em Fontenoy, senhor, estaria muito melhor no seu catre.

A turma de vigia do médico estava de volta em seus buracos nas paredes, o resto dos homens estava ocupado carregando os mosquetes sobressalentes, e todos com o rosto vermelho, pode ter certeza, e com a pulga atrás da orelha, como diz o ditado.

O capitão fixou o olhar por um tempo, em silêncio. Então ele falou:

– Meus rapazes – começou –, fui incisivo com Silver. Tirei-o do sério de propósito; e quando menos esperarmos, como ele disse, vamos ser abordados. Estamos em desvantagem numérica, nem preciso dizer isso, mas nós lutamos abrigados; e um minuto atrás eu teria dito que lutamos com disciplina. Não me resta nenhuma dúvida de que podemos derrotá-los, se vocês assim desejarem.

Em seguida, ele foi fazer as rondas e viu, como afirmou, que tudo estava limpo.

Dos dois lados estreitos da casa, Leste e Oeste, havia apenas dois buracos; no lado sul, onde se encontrava o alpendre, mais dois; e no lado norte, cinco. Havia um grupo de vinte mosquetes para nós sete; a lenha tinha sido juntada em quatro pilhas – mesas, poder-se-

ia dizer – uma mais ou menos no meio de cada lado, e em cada uma dessas mesas havia um pouco de munição e quatro mosquetes carregados e prontos, à mão dos defensores. No meio, as espadas estavam alinhadas.

– Jogue fora o fogo – disse o capitão –, o frio passou e não precisamos ter fumaça nos nossos olhos.

O cesto de ferro onde o fogo era aceso estava sendo carregado para fora pelo Sr. Trelawney, e as brasas incandescentes caíram entre a areia.

– Hawkins não tomou o desjejum. Hawkins, sirva-se e volte ao seu posto para comer – continuou o capitão Smollett. – Ânimo agora, meu rapaz; você já terá vontade antes de acabar. Hunter, sirva uma rodada de *brandy* para todos os marujos. E enquanto isso acontecia, o capitão completou, na própria mente, o plano de defesa.

– Doutor, o senhor vai assumir a porta – ele retomou a fala. – Veja e não se exponha; fique do lado de dentro e atire pelo alpendre. Hunter, assuma o lado Leste, ali. Joyce, fique do lado Oeste, meu amigo. Sr. Trelawney, o senhor é o melhor atirador. O senhor e Gray vão ficar desse lado norte, mais longo, com as cinco lacunas; é onde está o perigo. Se eles conseguirem chegar e atirar em nós pelos nossos próprios buracos na parede, as coisas começarão a ficar feias. Hawkins, nem eu nem você somos grande coisa na parte de artilharia; vamos ficar para carregar e dar suporte.

Como o capitão dissera, o frio havia passado. Assim que o sol alcançou o alto de nosso cinturão de árvores, caiu com todas as suas forças sobre a clareira e bebeu os vapores em uma lufada de ar. Logo a areia estava cozinhando, e a resina, derretendo nos troncos da casa. Jaquetas e casacos foram lançados de lado, camisas foram abertas no pescoço e arregaçadas até os ombros; e ficamos ali, cada um em seu posto, em uma febre de calor e ansiedade.

Uma hora passou.

– Maldição! – disse o capitão. – Isso é tão monótono como uma calmaria. Gray, vá dar uma olhada.

E bem nesse momento veio a primeira notícia do ataque.

– Por gentileza, senhor – disse Joyce –, se eu vir alguém devo abrir fogo?

– Eu já disse que sim! – gritou o capitão.

– Obrigado, senhor – retornou Joyce, com a mesma civilidade calma.

Nada se seguiu a isso por algum tempo, mas a observação tinha nos deixado a todos em alerta, apurando os olhos e os ouvidos – os mosqueteiros com seus equipamentos equilibrados nas mãos, o capitão no meio da casa e com a boca muito rígida e um franzido na testa.

Então se passaram alguns segundos, até que, de repente, Joyce posicionasse o mosquete e atirasse. O ecoar do tiro mal tinha desaparecido antes que fosse repetido e repetido de fora em uma saraivada dispersa, tiro atrás de tiro, como uma fileira de gansos, de cada lado do recinto. Várias balas atingiram a casa de troncos, mas não entraram; e à medida que a fumaça clareava e desaparecia, a paliçada e a floresta ao redor dela pareciam silenciosas e vazias como antes. Nem um ramo que fosse balançava, nenhum brilho do cano de mosquete traía a presença de nossos inimigos.

– Acertou seu homem? – perguntou o capitão.

– Não, senhor – respondeu Joyce. – Acho que não, senhor.

– É melhor mesmo dizer a verdade – murmurou o capitão Smollett. – Carregue a arma dele, Hawkins. Quantos diria que havia no seu lado, doutor?

– Eu sei precisamente – disse o dr. Livesey. – Três tiros foram disparados neste lado. Eu vi os três clarões: dois juntos e um mais distante, para o Oeste

– Três! – repetiu o capitão. – E quantos na sua, sr. Trelawney?

Mas essa pergunta não foi tão facilmente respondida. Muitos vieram pelo lado norte – sete pelos cálculos do fidalgo, oito ou nove de acordo com Gray. Do Leste e do Oeste apenas um único tiro fora

disparado. Estava claro, portanto, que o ataque se desenvolveria do lado Norte e que nos outros três lados, apenas seríamos incomodados por uma exibição de hostilidades. Mas o capitão Smollett não fez nenhuma mudança em seus arranjos. Se os amotinados conseguiram atravessar a paliçada, ele argumentou, eles iriam tomar posse do furo desprotegido e nos alvejar como ratos em nosso próprio forte.

Também não tínhamos muito tempo para pensar. De repente, com um grito de guerra alto, uma pequena nuvem de piratas saltou da floresta no lado norte e correu direto para a paliçada. No mesmo instante, abriu-se fogo mais uma vez na floresta, e um tiro de espingarda cantou ao atravessar a porta e transformou o mosquete do doutor em migalhas.

Os sitiantes formavam um enxame sobre a cerca como se fossem macacos. O fidalgo e Gray dispararam novamente e mais uma vez; três homens caíram, um do lado de dentro do cercado e dois ainda do lado de fora. Mas destes, um estava evidentemente mais assustado do que ferido, pois ele estava de pé novamente em questão de segundos e imediatamente desapareceu entre as árvores.

Dois tinham comido poeira, um tinha fugido, quatro tinham encontrado posições firmes dentro das nossas defesas, enquanto, do abrigo do bosque, sete ou oito homens, cada um evidentemente guarnecido por vários mosquetes, mantinham um assalto cerrado, porém inútil, sobre a casa de troncos.

Os quatro que tinham entrado seguiram em uma linha reta na direção ao edifício, gritando ao correr, e os homens entre as árvores gritaram de volta para encorajá-los. Vários tiros foram disparados, mas tal era a pressa dos atiradores que não pareceu ter surtido efeito. Em instantes, os quatro piratas tinham cercado o monte sobre o qual nós estávamos.

A cabeça de Job Anderson, o contramestre, apareceu na lacuna do meio.

– Ataquem-nos, todos os homens, todos os homens! – ele bradou.

No mesmo instante, outro pirata agarrou o mosquete de Hunter pelo cano, arrancou-o das mãos dele, posicionou-o na abertura da parede e, com um golpe impressionante, mandou o pobre coitado para o chão, inconsciente. Enquanto isso, um terceiro, correndo e sem ferimentos, deu a volta na casa, apareceu de repente na porta e caiu com a espada sobre o médico.

Nossa posição fora absolutamente revertida. Fazia apenas um instante que estávamos atirando, sob a proteção da casa, para um inimigo exposto; agora éramos nós que estávamos expostos e não podíamos evitar um ataque que fosse.

A casamata estava cheia de fumaça, à qual devíamos nossa relativa segurança. Gritos e confusão, os clarões e os ruídos dos tiros de pistola e um gemido alto ecoaram nos meus ouvidos.

– Para fora, rapazes, saiam e lutem, em campo aberto! Espadas!  
– bradou o capitão.

Apanhei uma espada curva da pilha e alguém, ao mesmo tempo, pegando outra, provocou um corte na altura dos nós dos meus dedos que quase nem senti. Saí porta afora em disparada para a luz límpida do céu. Alguém estava logo atrás, mas eu não sabia quem. Já, na frente, o médico estava perseguindo seu agressor colina abaixo e assim que meus olhos o encontraram, ele furou a defesa do inimigo e o mandou para o chão esparramado de costas com um grande corte no rosto.

– Ao redor da casa, rapazes! Ao redor da casa! – gritou o capitão; e mesmo na balbúrdia, percebi uma mudança em sua voz.

Mecanicamente, eu obedeci, virei para o Leste e, com minha espada em riste, corri até a esquina da casa. No momento seguinte, eu estava cara a cara com Anderson. Ele soltou um urro, e sua espada se elevou acima da cabeça, reluzindo ao sol. Eu não tinha tempo para sentir medo, mas enquanto o golpe ainda era iminente, saltei de lado e, errando o pé na areia macia, rolei com uma velocidade desenfreada ladeira abaixo.

Quando eu saíra da casa, os outros amotinados já estavam se avolumando e saltando sobre a paliçada para dar cabo de nós. Um

homem, de gorro vermelho de dormir, com sua espada curva na boca chegou até o topo e passou uma perna do outro lado. Bem, tão breve tinha sido o intervalo que, quando encontrei meu apoio dos pés novamente, tudo estava na mesma postura, o sujeito de gorro vermelho ainda a meio caminho, e a cabeça de outro acabava de despontar por cima da cerca. E ainda assim, nesse respiro, a luta acabara e a vitória era nossa.

Gray, seguindo-me de perto, tinha retalhado o grande contramestre antes que ele tivesse tempo para se recuperar de seu último golpe. Outro fora baleado através de uma das aberturas na parede no exato momento em que abrira fogo contra a casa e agora estava no chão agonizando, com a pistola ainda fumegante na mão. Um terceiro, como eu vira, o médico havia descartado em um golpe. Dos quatro que escalaram a paliçada, só um não tinha sido derrotado e, tendo largado a espada no campo de batalha, agora estava descendo o morro de novo com o medo da morte pairando sobre ele.

– Fogo! Fogo da casa! – gritou o médico. – E vocês, rapazes, voltem para o abrigo.

Mas suas palavras foram ignoradas, nenhum tiro foi disparado e o último assaltante conseguiu concretizar a fuga e desparecer com os demais na floresta. Em três segundos, nada permanecia do grupo de ataque a não ser os cinco que haviam tombado, quatro do lado de dentro e um do lado de fora da paliçada.

O médico, Gray e eu corremos a toda velocidade para o abrigo. Os sobreviventes logo estariam de volta ao lugar onde tinham deixado seus mosquetes, e a qualquer momento o fogo poderia recomeçar.

A casa, a essa altura, estava de certa forma livre da fumaça, e vimos de relance o preço que tínhamos pago pela vitória. Hunter estava ao lado de seu buraco na parede, atordoado; Joyce, perto do seu, com um tiro na cabeça para nunca mais se mexer novamente; enquanto, bem no centro, o fidalgo escorava o capitão, um tão pálido como o outro.

- O capitão está ferido – disse o sr. Trelawney.
- Eles fugiram? – perguntou o sr. Smollett.
- Todos os que conseguiram, fique certo disso – respondeu o médico. – Mas cinco deles nunca mais vão correr de novo.
- Cinco! – gritou o capitão. – Ora, assim é melhor. Cinco contra três nos deixa em quatro contra nove. Ficamos com probabilidades melhores do que tínhamos no início. Antes éramos sete para dezenove, ou achamos que assim fosse, e isso era bem ruim para suportar.\*



Parte 5

## MINHA AVENTURA NO MAR

---



# Como começou minha aventura no mar



Não houve nenhum retorno dos amotinados – nem mesmo outros disparos vindos do bosque. Eles tinham “comido sua ração do dia”, como definiu o capitão, e tínhamos o lugar só para nós e algum tempo de tranquilidade para cuidar dos feridos e almoçarmos. O fidalgo e eu cozinhamos do lado de fora, apesar do perigo, e, mesmo lá, nós mal nos dávamos conta do que estávamos fazendo, por causa do horror dos gemidos altos que chegavam a nós dos pacientes do médico.

Dentre os oito homens que haviam tombado durante a ação, apenas três ainda respiravam – aquele que um dos piratas tinha alvejado pela parede, Hunter e capitão Smollett; e destes, os dois primeiros estavam praticamente mortos; o amotinado realmente morreu sob a faca do médico, e Hunter, mesmo com todos os nossos esforços, nunca recobrou a consciência neste mundo. Ele ficou ali o dia todo, respirando ruidosamente, como o velho bucaseiro perto de casa, em Black Hill Cove, em seu ataque apoplético, mas os ossos do peito tinham sido esmagados pelo golpe, e o crânio se fraturara na queda, e algum tempo depois, na noite seguinte, sem sinal ou som, ele foi para junto do Criador.

Quanto ao capitão, seus ferimentos eram realmente graves, mas não perigosos. Nenhum órgão havia sido fatalmente ferido. A bala de Anderson – pois Job é que disparara primeiro – havia lhe quebrado a omoplata e triscado o pulmão, mas não gravemente; o segundo apenas havia rasgado e deslocado alguns músculos da panturrilha. Decerto iria se recuperar, disse o médico, mas, pelas

próximas semanas, ele não deveria andar e nem mexer o braço, nem mesmo falar se pudesse evitar fazê-lo.

Meu próprio corte accidental sobre os nós dos dedos era como picada de pulga. O dr. Livesey fez um curativo com gesso e puxou minhas orelhas no mesmo pacote.

Depois da refeição, o fidalgo e o médico se sentaram ao lado do capitão por algum tempo, em consultas; e quando eles haviam falado a contento de seus corações, sendo então um pouco depois do meio-dia, o médico pegou seu chapéu e as pistolas, pendurou uma espada, colocou o mapa no bolso e, com um mosquete sobre o ombro, cruzou a paliçada do lado norte e partiu com passos apressados entre as árvores.

Gray e eu estávamos sentados juntos na extremidade mais distante da casa, para ficarmos fora do alcance das vozes de nossos oficiais, que estavam reunidos; Gray tirou o cachimbo da boca e praticamente esqueceu de o colocar de novo, de tão perplexo que ele foi deixado pela ocorrência.

– Ora, em nome de Davy Jones – disse ele –, por acaso o dr. Livesey ficou louco?

– Mas não – disse eu. – Ele é o último desta tripulação que passaria por isso, eu penso.

– Bem, companheiro – retomou Gray –, louco ele pode não estar; mas se *ele* não está, ouça bem minhas palavras, eu estou.

– Eu acho – respondi eu – que o médico tem as ideias dele; e se eu estiver certo, ele está indo agora ver Ben Gunn.

Eu estava certo, como se mostrou mais tarde; mas naquele momento, na casa sufocante de tão quente e com a pequena porção de areia dentro da paliçada pegando fogo por causa do sol do meio-dia, comecei a ter outro pensamento na minha cabeça, que não era, de forma alguma, correto. O que comecei a fazer foi invejar o médico caminhando na sombra fresca da floresta com os pássaros acima dele e com o perfume agradável dos pinheiros, enquanto eu ficava ali grelhando, com as roupas coladas ao corpo como se fosse resina quente, e havia tanto sangue ao meu redor e

tantos pobres cadáveres espalhados por ali que eu criei um asco enorme daquele lugar, quase tão grande quanto o medo.

Durante o tempo em que eu estava lavando a casa de troncos, e depois lavando as coisas do almoço, essa repulsa e inveja iam crescendo e ficando mais e mais fortes, até que, enfim, estando perto de um saco de pão e como não havia ninguém me vendo, dei o primeiro passo em direção à minha fuga e enchi os bolsos do casaco com biscoitos.

Eu era um tolo, se quiserem colocar dessa forma, e certamente estava prestes a fazer uma tolice, um ato destemido demais; mas eu estava determinado a fazê-lo com todas as precauções ao meu alcance. Esses biscoitos, se mais nada acontecesse comigo, iriam ao menos me impedir de morrer de fome até que o dia seguinte já estivesse avançado.

O item seguinte que tomei em meu poder foi um par de pistolas, pois eu já tinha um chifre cheio de pólvora e balas, e me senti abastecido de armas.

Quanto ao plano que eu tinha em mente, não era de todo ruim em si mesmo. Eu iria descer à restinga de areia que separava o ancoradouro no Leste do mar aberto, encontrar a pedra branca que eu tinha observado na noite anterior e verificar se era mesmo ali ou não que Ben Gunn tinha escondido o barco dele, algo que valia muito a pena fazer, como ainda acrediro. Mas como eu tinha certeza de que não deveria receber permissão para deixar o recinto, meu único plano era sair à francesa e me esgueirar dali quando ninguém estivesse olhando, e esse era um jeito tão ruim de fazer as coisas, que tornava toda a ideia errada. Mas eu era apenas um menino e já havia tomado minha decisão.

Bem, no fim das contas, encontrei uma oportunidade admirável. O fidalgo e Gray estavam ocupados ajudando o capitão com os curativos, a orla estava vazia, e eu saí correndo na direção dela pulando a paliçada e adentrando o ponto onde a mata era mais fechada, e antes que minha ausência fosse notada, eu estava fora do alcance de um grito que fosse dos meus companheiros.

Essa era minha segunda loucura, muito pior do que a primeira, já que eu deixava apenas dois homens em condições físicas de proteger a casa; mas, como da primeira vez, foi uma ajuda que nos salvou a todos.

Segui caminho direto para a costa Leste da ilha, pois eu estava determinado a ir para o lado da restinga que dava para o mar, a fim de evitar todas as chances de ser avistado do ancoradouro. Já era o final da tarde, embora ainda estivesse quente e ensolarado. À medida que eu continuava a serpentejar pela floresta alta, podia ouvir de longe, adiante de mim, não apenas o ruído estrondoso da arrebentação, mas certo jogar da vegetação e um ranger dos galhos que me demonstravam que a brisa marinha estava mais forte do que o habitual. Logo, correntes de ar fresco começaram a chegar a mim e, poucos passos mais à frente, saí para as franjas espaçadas do bosque e vi o mar estendendo-se, azul e iluminado pelo sol, no horizonte e as ondas quebrando e jogando suas espumas ao longo da praia.

Nunca vi o mar calmo ao redor da Ilha do Tesouro. O sol podia estar ardendo no firmamento; o ar não oferecer uma possibilidade de respirar; a superfície estar lisa e azul; mas, ainda assim, esses grandes vagalhões continuariam quebrando na costa externa, estrondosos e ribombantes noite e dia; e eu duvidava que houvesse um ponto na ilha onde um homem pudesse estar fora do alcance de todo aquele barulho.

Caminhei ao largo da orla com grande prazer, até que, pensando que agora eu estava longe o suficiente para o Sul, abriguei-me debaixo de arbustos espessos e fui sorrateiramente e com cautela até o ápice da restinga.

Atrás de mim estava o mar; em frente, o ancoradouro. A brisa marinha, como se tivesse se exaurido por causa da violência não usual, já estava morrendo; havia sido sucedida por ares leves e intermitentes vindos do Sul e do Sudeste carregando grandes massas de bruma; e o ancoradouro, protegido do vento pela Ilha do Esqueleto, encontrava-se parado e pesado como da primeira vez

em que ali entráramos. O *Hispaniola*, naquele espelho inquebrável, era refletido com exatidão, do garlindéu até a linha d'água, com a Jolly Roger dos piratas hasteada no topo do mastro.

Ao longo da amurada estava um dos escaleres, Silver se encontrava à popa – ele eu sempre reconhecia –, enquanto um par de homens estava inclinado sobre os baluartes de popa, um com um gorro vermelho – o mesmo patife que eu tinha visto algumas horas antes, montado em cima da palicada. Aparentemente, estavam conversando e rindo, apesar de que, pela distância – mais de um quilômetro –, é claro, eu não tenha ouvido nenhuma palavra do que foi dito. De súbito, irrompeu o grito mais horrendo e sobrenatural, algo que me apavorou absurdamente de início, embora logo me lembresse da voz de capitão Flint, e até mesmo achei que conseguia imaginar o papagaio, com sua plumagem vívida, empoleirada sobre o pulso de seu mestre.

Logo depois, o bote zarpou dali e seguiu para a costa, e o homem de gorro vermelho e seu companheiro desceram para o alojamento contíguo à cabine.

Por volta da mesma hora, o sol tinha se escondido atrás da Luneta e, à medida que a bruma engrossava depressa, começou a escurecer para valer. Vi que eu não podia perder tempo nenhum se pretendesse encontrar o barco naquela noite.

A rocha branca, bastante visível acima das copas, ainda estava localizada a uns duzentos metros mais adiante pela restinga, e me custou um bom tanto para nela subir, engatinhando, muitas vezes, entre o matagal. A noite quase chegara quando coloquei a mão em suas encostas ásperas. Logo abaixo havia uma cavidade extremamente pequena de relva verde, escondida por bancos de terra e uma vegetação rasteira espessa que chegava à altura do joelho e ali crescia em abundância; e no centro da depressão, com toda a certeza, havia uma pequena barraca de peles de cabra, como as que os ciganos carregavam com eles para todo lado na Inglaterra.

Desci na pequena depressão, ergui a lateral da tenda e ali estava o barco de Ben Gunn – caseiro, se é que se podia chamar algo de caseiro; uma estrutura rústica e assimétrica de madeira dura, e esticado sobre ele estava uma cobertura de pele de cabra, com a lã voltada para dentro. A coisa era extremamente pequena, até para mim, e eu não conseguia imaginar que pudesse ter flutuado com um homem adulto. Havia uma tábua que servia de banco posicionada tão baixo quanto possível, uma espécie de tensor na proa e um par de remos para propulsão.

Eu não vira antes um coracle,<sup>7</sup> daqueles que os bretões antigos construíam, mas vi um depois daquele episódio e não posso fazer uma comparação mais justa ao barco de Ben Gunn do que dizer que era como o primeiro e o pior coracle já construído pelo homem. Mas a grande vantagem do coracle, esse barco certamente tinha, pois era excessivamente leve e portátil.

Bem, agora que tinha encontrado o barco, vocês pensariam que tivera minha cota de molecagem por ora, mas, naquele ínterim, tive uma nova ideia e me senti tão obstinadamente apegado a ela que teria levado a cabo de qualquer jeito, acredito, nem que desafiasse diretamente o próprio capitão Smollett. Tratava-se de me esgueirar sob a proteção da noite, cortar o cabo da âncora do *Hispaniola* para que o navio ficasse à deriva e aportasse onde bem entendesse. Eu já tinha me decidido que os amotinados, depois de sua expulsão durante a manhã, não tinham nenhuma outra vontade que não fosse levantar âncora e partir para o mar; essa atitude, refleti, seria algo sensato de impedir, e agora que eu via como eles haviam deixado seus vigilantes desprovidos de bote, pensei que minha ideia poderia ser posta em prática com pouco risco.

Sentei-me para aguardar o cair da escuridão, e fiz uma refeição farta de biscoitos. Era uma noite plenamente favorável para levar adiante meu propósito. A névoa agora encerrava todo o céu. À medida que os últimos raios de luz minguavam e desapareciam, a absoluta escuridão instalava-se na Ilha do Tesouro. E quando, finalmente, coloquei o coracle no ombro e fui andando com cautela

no escuro, aos trancos e barrancos, saindo da depressão onde eu fizera a refeição, havia apenas dois pontos visíveis em todo o ancoradouro.

Um deles era a grande fogueira na orla, em volta da qual os piratas derrotados se embebedavam no pântano. O outro, um mero borrão de luz sobre a escuridão, indicava a posição do navio ancorado. A embarcação havia girado com a vazante: a proa agora apontava em minha direção. – As únicas luzes a bordo estavam na cabine, e o que eu vi foi apenas um reflexo dos raios fortes no nevoeiro que fluíam da janela de popa.

A maré já tinha baixado havia algum tempo, e eu tive que percorrer um longo cinturão de areia pantanosa, onde afundei várias vezes até acima do tornozelo, antes de chegar à beira da água, que ia se afastando e adentrando um pouco seus limites. Com alguma força e destreza, coloquei meu coracle, com a quilha para baixo, na superfície.

Um bote rústico, geralmente oval, feito com uma estrutura de madeira e revestido por couro. (N.T.)

# A vazante da maré



O coracle – como tivera amplos motivos para saber antes de terminar minha tarefa com ele – era um barco bem seguro para uma pessoa da minha altura e do meu peso, flutuava bem e era ágil no mar; mas, em geral, era uma embarcação assimétrica e difícil de controlar. Por mais que eu me esforçasse, ele sempre puxava mais para o lado do que fazia qualquer outra coisa, e girar e girar era a melhor manobra que ele fazia. Até mesmo Ben Gunn admitira que o barco era “trabalhoso de manejar até que dominássemos seu jeito”.

Certamente eu não dominava seu jeito. O coracle virava em todas as direções, menos na que eu deveria seguir; a maior parte do tempo estávamos de lado, e eu tenho certeza de que nunca teria chegado ao navio se não fosse pela maré. Por sorte, por mais que eu remasse, a vazante ainda estava me puxando; e lá estava o *Hispaniola* bem à frente, impossível de errar.

Primeiro ele pairava diante de mim como um borrão de algo ainda mais negro do que a escuridão e, em seguida, seus mastros e casco começaram a tomar forma. No momento subsequente, como parecia (pois, quanto mais longe eu ia, mais veloz se tornava a corrente da maré), eu estava ao lado do cabo da âncora e agarrado a ele.

O cabo estava tenso como uma corda de arco, e a corrente da vazante era tão forte que a puxava da âncora. Ao redor de todo o casco, na escuridão, a corrente ondulante borbulhava ruidosamente como um pequeno riacho de montanha. Um corte com meu canivete do mar e o *Hispaniola* seguiria com a maré.

Até aí tudo bem, mas logo me ocorreu que as amarras tensas, ao serem cortadas de súbito, são algo perigoso como o coice de um

cavalo. Eu apostava dez para um que se eu fosse temerário a ponto de cortar o *Hispaniola* de sua âncora, eu e o coracle seríamos arremessados da água.

Isso me fez parar de chofre, e se a fortuna não tivesse me agraciado mais uma vez, eu teria que abandonar meu desejo. Mas os ares leves que tinham começado a soprar do Sudeste e do Sul haviam mudado com a caída da noite para o Sudoeste. Bem enquanto eu estava meditando, veio uma lufada que pegou o *Hispaniola* e o forçou a entrar na corrente; e, para minha grande alegria, senti a tensão da corda afrouxar um pouco nos meus dedos, e a mão com que eu a segurava afundou na água por um segundo.

Com isso, tomei minha decisão: peguei o canivete, abri-o com a ajuda dos dentes e cortei um fio após o outro, até o navio balançar apenas ligado por dois. Então fiquei imóvel, esperando para cortar esses últimos quando a tensão fosse aliviada uma vez mais por uma lufada de vento.

Todo esse tempo eu ouvira o som de gritos na cabine; mas, para dizer a verdade, minha mente ficara tão inteiramente ocupada com outros pensamentos que mal dei ouvidos. Agora, no entanto, quando não tinha mais nada para fazer, comecei a prestar mais atenção.

Uma voz que eu reconhecia pertencia ao timoneiro, Israel Hands, que fora artilheiro de Flint em outros tempos. O outro era, é claro, meu amigo do gorro vermelho. Os dois homens estavam claramente piores pelo efeito da embriaguez, e ainda continuavam a beber, pois enquanto eu prestava atenção, um deles, com um grito ébrio, abriu a janela de popa e jogou fora alguma coisa que eu supunha ser uma garrafa vazia. No entanto, não estavam apenas embriagados; era claro que estavam furiosamente zangados. Xingamentos voavam como granizo, e o tempo todo ecoava tal explosão que eu imaginava certo que acabaria em uma troca de socos. Apesar disso, toda vez a discussão passava e as vozes baixavam um pouco, até vir a crise seguinte, que passava sem resultado.

Na praia, eu podia ver o brilho da grande fogueira queimando calorosa entre as árvores costeiras. Alguém estava cantando uma antiga canção monótona de marinheiro, que decrescia no final e tremia ao pé de cada verso, e parecia não ter fim que não fosse a paciência do cantor. Eu a ouvira na viagem e me lembrava destas palavras:

*Na tripulação só restava um homem vivo,  
Que partira ao mar com setenta e cinco.*

E achei que era uma cantiga melancolicamente apropriada para uma tripulação que encontrara tantas perdas cruéis pela manhã. Mas, de fato, pelo que vi, todos aqueles bucaneiros eram calejados, insensíveis e impiedosos como o mar no qual navegavam.

Finalmente veio a brisa; a escuna deslizou e se aproximou na escuridão; senti a amarra relaxar mais uma vez e, com um bom esforço seco, cortei as últimas fibras da corda.

A brisa representava pouca ajuda ao coracle, e quase instantaneamente eu fui varrido para a proa do *Hispaniola*. Ao mesmo tempo, a escuna começou a rodar sobre o eixo da quilha, girando lentamente, uma ponta e a outra, pela corrente.

Trabalhei como um demônio, pois minuto a minuto esperava ser inundado; e como descobri que eu não conseguia levar o coracle em linha reta para fora da rota, passei a remar na direção da popa. Acabei conseguindo sair do caminho de meu vizinho perigoso e, assim que dei a última impulsão, minhas mãos se depararam com um cabo fino que estava sendo arrastado do lado de fora, entre os baluartes de popa. Agarrei-me no mesmo instante.

Por que tive a ideia de fazer isso, não sei dizer. No início foi por mero instinto, mas assim que tinha o cabo em minhas mãos e percebi firmeza nele, a curiosidade começou a me dominar e eu decidi dar uma olhada pela janela da cabine.

Coloquei uma das mãos acima da outra sobre o cabo e, quando julguei que estava próximo o bastante, levantei-me, correndo um

risco infinito, até metade da minha altura e assim avistei o teto e uma fresta do interior da cabine.

Nesse momento, a escuna e seu pequeno bote auxiliar estavam deslizando muito rapidamente pela água; de fato, já tínhamos alcançado o nível da fogueira no acampamento. O navio estava falando, como dizem os marinheiros, bem alto, atravessando as inúmeras ondas com um borifar de água incessante; e até eu colocar meu olhar acima da linha do parapeito da janela, pude compreender por que os vigias não tinham dado nenhum alarme. Um olhar, no entanto, foi suficiente; e foi apenas um olhar que ousei lançar fora daquele esquife instável. Mostrou-me Hands e seu companheiro engalfinhados em uma luta mortal, cada um com a mão na garganta do outro.

Deixei-me cair sobre o banco novamente, e já não era sem tempo, pois mais um pouco e eu estaria fora do coracle. Por um momento, não consegui ver nada além daqueles dois rostos furiosos e vermelhos de ira balançando um sobre o outro sob o lampião fumarento, e fechei os olhos para acostumá-los novamente com a escuridão.

A balada sem fim tinha acabado, finalmente, e toda a tripulação reduzida ao redor da fogueira entrou em um coro que eu ouvira tantas vezes:

*Quinze homens sobre o baú do defunto –  
Iô-ho-ho, e uma garrafa de rum!  
A bebida e o diabo já cuidaram do resto –  
Iô-ho-ho, e uma garrafa de rum!*

Eu estava justamente pensando no quanto a bebida e o diabo estavam ocupados naquele exato momento dentro da cabine do *Hispaniola*, quando fui surpreendido por uma repentina guinada do coracle. No mesmo instante, ele virou de bordo acentuadamente e pareceu mudar de direção. A velocidade, enquanto isso, tinha aumentado de modo estranho.

Abri os olhos na hora. A todo meu redor havia pequenas marolas, propagando-se do fundo com um barulho intenso e forte e de cor ligeiramente fosforescente. O próprio *Hispaniola*, a alguns metros de cuja esteira eu ainda estava sendo girado, pareceu engasgar no curso, e eu vi os mastros jogarem um pouco em meio ao negror da noite; ou melhor, quando olhei por mais tempo, tive a certeza de que o navio também estava rodopiando em direção ao Sul.

Olhei por cima do ombro sentindo o coração bater forte contra as costelas. Ali, bem atrás de mim, estava o brilho da fogueira. A corrente tinha virado perpendicularmente, varrendo com ela a escuna alta e o pequeno coracle dançante; cada vez mais depressa, cada vez borbulhando mais, cada vez marulhando mais, saiu girando pelo estreito curso d'água e seguiu para mar aberto.

De repente, a escuna na minha frente virou de bordo violentamente, talvez, uns vinte graus; e quase no mesmo momento um grito seguiu outro a bordo; ouvi o tropel de passos sobre a escada que vinha dos alojamentos e soube que os dois beberrões tinham, enfim, interrompido sua querela e despertado para a consciência de seu desastre iminente.

Deitei-me no fundo do esquife miserável e devotamente recomendei meu espírito ao Criador. Ao fim dos estreitos, tive a certeza de que iríamos cair em uma barreira de ondas quebrando furiosamente, onde todos os meus problemas seriam encerrados depressa; e, embora, talvez, eu suportasse morrer, não podia suportar olhar para meu destino que se aproximava.

Assim devo ter permanecido por horas, continuamente, espancado de um lado e de outro pelas vagas, molhado ora ou outra pelo espirro das águas, e sem nunca deixar de esperar que a morte me aguardava no mergulho seguinte. Gradualmente, o cansaço foi tomando conta de mim; uma dormência, um estupor ocasional invadiu minha mente mesmo no meio dos meus terrores, até que adormeci, enfim, tendo sobrevivido, e dentro do coracle fiquei deitado e sonhei com a minha terra e com a velha Almirante Benbow.

# A viagem do coracle



Era dia feito, quando acordei e me encontrei jogando ao sabor do mar na ponta sudoeste da Ilha do Tesouro. O sol estava alto, mas ainda escondido de mim por trás do grande volume da Luneta, que deste lado descia até quase chegar ao mar, na forma de penhascos formidáveis.

O Promontório Virada à Bolina e a Colina Mastro de Mezena estavam atrás de mim: a colina nua e escura; o promontório, cheio de penhascos com doze, quinze metros de altura e franjados com grandes massas de rocha caída. Mal dava uns quatrocentos metros até o mar, e meu primeiro pensamento foi remar até a terra.

Essa ideia logo foi abandonada. Entre as rochas caídas, as vagas quebravam e rugiam; reverberações ruidosas, borrifadas pesadas voavam e caíam, sucedendo uma a outra segundo a segundo; e eu me vi – se me aventurasse mais perto – destinado à morte sobre o terreno acidentado ou a gastar minhas forças em vão para escalar a escarpa.

E nem era tudo, pois se arrastando sobre plataformas de rocha ou se deixando cair ao mar estrondosamente, avistei enormes monstros pegajosos – caracóis macios, como eram, de incrível grandeza – quarenta ou sessenta deles juntos, fazendo as rochas reverberar seus rugidos.

Fiquei sabendo depois que eram leões-marinhos, inteiramente inofensivos. Mas seu aspecto visual, somado às dificuldades daquela costa e às alturas a que chegavam as ondas, foi mais do que o suficiente para me fazer repudiar aquele ponto de desembarque. Senti mais vontade de morrer de fome no mar do que de confrontar tais ameaças.

No entanto, eu tinha uma chance melhor, como supus, bem diante de mim. Ao Norte do Promontório Virada à Bolina, a terra se estendia por um longo caminho, expondo, na maré baixa, um longo trecho de areia amarela. Ao Norte disso, por sua vez, vinha outro cabo – o Cabo da Floresta, que estava marcado no mapa – enterrado entre os altos pinheiros verdejantes, que desciam para a beira do mar.

Lembrei-me do que Silver dissera sobre a corrente que segue para o Norte ao longo de toda a costa oeste da Ilha do Tesouro, e vendo de minha posição que eu já estava sob sua influência, preferi deixar o Promontório Virada à Bolina atrás de mim e reservar minhas forças para uma tentativa de desembarcar no Cabo da Floresta, de aparência mais amigável.

O mar ondulava suavemente. O vento soprava do Sul, constante e suave, sem que houvesse contrariedade entre ele e a corrente, de modo que as vagas subiam e desciam sem quebrar.

Se fosse diferente, há muito eu teria perecido; mas, da forma que aconteceu, era surpreendente a facilidade e a segurança com que meu barquinho pequeno e leve conseguia navegar. Muitas vezes, como ainda estava deitado no fundo e não mantinha mais do que um olho acima da amurada, eu via uma grande cúpula azul subindo e descendo perto de mim; mesmo assim, o coracle oscilava apenas um pouco, em uma dança, como se estivesse sobre molas e, então, descia pelo outro lado, até a parte mais baixa, levemente como um pássaro.

Comecei depois de um pouco a ficar muito destemido e me sentei para testar minhas habilidades no remo. Contudo, mesmo uma pequena mudança na disposição do peso produzia mudanças violentas no comportamento de um coracle. E eu mal tinha me movimentado e o barco já abria mão imediatamente da dança suave e descia de leve por uma encosta de água tão íngreme que me deixou zonzo, e bateu a proa, com um jorrar de água salgada, profundamente na lateral da onda seguinte.

Fiquei encharcado e apavorado, mas no mesmo instante voltei à minha antiga posição, com a qual o coracle pareceu encontrar seu caminho uma vez mais e me levar tão suavemente como antes entre as ondas. Estava claro que não se deveria interferir em seu curso e, dessa forma, já que eu não podia de modo algum influenciar seu rumo, que esperanças tinha eu de encontrar a terra?

Comecei a me sentir terrivelmente assustado, mas mantive a cabeça no lugar, apesar de tudo isso. Primeiro, movendo-me com todo cuidado, esvaziei gradualmente o coracle com meu chapéu de marinheiro; em seguida, elevando o olho mais uma vez acima da amurada, pus-me a estudar de que forma o barquinho conseguia deslizar com tamanha tranquilidade, ondulação após ondulação.

Descobri que cada onda, em vez de ser a montanha grande e reluzente que enxergamos da praia ou do convés de um navio, para todos os efeitos, era como qualquer cadeia de montanhas em terra seca, cheia de picos e vales e de ondulações suaves. O coracle, deixado para navegar a seu bel-prazer, virando de um lado para o outro, ia serpenteando, por assim dizer, no seu caminho entre essas partes mais baixas e evitava as encostas íngremes das ondulações e, mais além, os cumes mais elevados dos vagalhões.

“Pois bem”, pensei comigo mesmo, “é claro que devo ficar onde estou e não perturbar o equilíbrio; mas também é claro que posso colocar o remo para fora e, de tempos em tempos, em porções mais planas, dar um impulso ou dois na direção da praia”. Mal pensei e já me coloquei em atividade. Assim, eu ficava apoiado em meus cotovelos, na atitude mais desafiadora, e ora ou outra eu dava uma leve remada ou duas, para embicar a proa na direção da praia.

Era um trabalho muito lento e cansativo, ainda assim, eu visivelmente estava avançando; e à medida que nos aproximávamos do Cabo da Floresta, embora eu visse que acabaria infalivelmente errando o ponto certo, percorri uns cem metros para o Leste. Eu estava, de fato, próximo. Avistava as copas verdes e frescas das árvores balouçando juntas na brisa e senti a certeza de que deveria chegar ao promontório seguinte sem falhar.

Antes tarde do que nunca, pois agora eu começava a ser torturado pela sede. O brilho do sol no firmamento, sua luz, como se refletida mil vezes nas ondas, a água do mar que caía e secava sobre mim, recobrindo meus lábios de sal; tudo isso combinou-se para fazer minha garganta queimar e meu cérebro doer. A visão das árvores tão próximo do alcance quase me deixou doente de anseio, mas a corrente logo me levou além do ponto, e quando o próximo trecho de mar se abriu, avistei um sinal que alterou a natureza dos meus pensamentos.

Bem na minha frente, a menos de oitocentos metros, avistei o *Hispaniola*, com as velas hasteadas. Eu tinha certeza, claro, de que seria arrastado; mas estava tão aflito por falta de água que mal sabia se deveria comemorar ou lamentar a ideia, e muito antes de chegar a uma conclusão, a surpresa dominou por inteiro minha mente e eu não consegui fazer nada que não fosse fitar e me espantar.

O *Hispaniola* estava sob a vela grande e duas bujarronas, e a bela lona branca reluzia ao sol como neve ou prata. Quando o avistei pela primeira vez, todas as velas estavam desfraldadas; ele percorria uma rota mais ou menos um rumo a Noroeste, e eu presumi que os homens a bordo estavam dando a volta na ilha a caminho do ancoradouro. Agora, porém, começava a seguir mais e mais o rumo oeste, de forma que eu pensei que tinham me avistado e estavam me perseguindo. Por fim, no entanto, o navio encontrou o olho do vento e parou de chofre e ficou ali algum tempo, indefeso, com as velas tremulando.

– Homens desajeitados – disse eu. – Ainda devem estar bêbados como gambás. – E então pensei em como o capitão Smollett teria lhes posto em ação rapidamente.

Logo em seguida, a escuna saiu daquele ponto e encheu as velas do outro bordo, navegou depressa por um minuto ou dois e foi levada, outra vez, a parar no olho do vento. De novo e de novo isso se repetiu. E para cima e para baixo, Norte, Sul, Leste e Oeste, o *Hispaniola* navegava aos trancos e barrancos, e todas as repetições

terminavam do jeito que tinham começado, com velas batendo inutilmente. Tornou-se claro para mim que ninguém estava no leme. E se assim era, onde estavam os homens? Ou eles se encontravam totalmente bêbados ou tinham abandonado o barco, pensei, e talvez se eu conseguisse subir a bordo poderia devolver a embarcação ao seu capitão.

A corrente estava carregando coracle e escuna para o Sul a uma velocidade igual. Quanto à navegação desta última, era tão errática e intermitente e ela jogava ao sabor das ondas na direção contrária ao vento por tanto tempo que não avançava, se é que não recuava. Se eu ao menos me atrevesse a sentar e a remar, eu me certificaria de conseguir ultrapassá-la. O plano tinha um ar de aventura que me inspirou, e o pensamento do barril de água ao lado do alojamento dianteiro redobrou minha coragem crescente.

Levantei-me e fui recebido quase no mesmo instante por outra nuvem de respingos, mas, desta vez, permaneci determinado no meu propósito e me coloquei, com todas as minhas forças e cautela, a remar atrás do *Hispaniola* ao léeu. Atravessei um movimento tão pesado do mar que tive que parar para tirar a água, com o coração batendo depressa como as asas de um pássaro, mas gradualmente peguei o jeito da coisa e guiei o coracle entre as ondas, com apenas um eventual golpe acima da proa e um jorro de espuma no rosto.

Agora eu estava alcançando rapidamente a escuna; podia ver o bronze reluzir no leme, que batia de um lado para o outro, e, mesmo assim, nenhuma alma apareceu sobre o convés. Eu não tinha escolha em supor que a embarcação havia sido desertada. Se não, ao menos os homens estavam deitados, bêbados no andar de baixo, onde eu poderia encerrá-los, talvez, e fazer o que eu quisesse com o navio.

Por algum tempo, a escuna fez a pior coisa possível para mim: ficou parada. Estava apropriadamente quase diretamente para o Sul, virando de bordo, é claro, o tempo todo. Cada vez que ela girava, as velas se enchiam parcialmente e isso a recolocava no vento certo por um instante. Eu disse que era a pior coisa possível para mim, pois, por

mais indefesa que a escuna parecesse nessa situação, com a vela estalando como um canhão e os poleames girando e batendo no convés, ela ainda continuava a fugir de mim, não só com a velocidade da corrente, mas pela quantidade inteira de sua margem de manobra, que era, naturalmente, enorme.

Mas naquele momento, finalmente, eu tinha minha chance. A brisa diminuiu por alguns segundos, diminuiu muito, e com a corrente virando o navio aos poucos, o *Hispaniola* girava lentamente no seu eixo e, por fim, apresentou-me a popa, com a janela de cabine escancarada e o lampião sobre a mesa ainda ardendo mesmo entrado o dia. A vela principal estava caída como uma bandeira. O navio estava imóvel; seu único movimento era o da corrente.

No último trecho, eu havia perdido, mas agora, dobrando meus esforços, comecei mais uma vez a ser bem-sucedido na perseguição.

Eu não estava nem a cem metros do navio quando o vento voltou a soprar, provocando um estalo; as velas se encheram a bombordo e o navio retomou o curso, inclinando-se e deslizando como uma andorinha.

Meu primeiro impulso foi o desespero, mas o segundo foi no sentido da alegria. O navio girou de novo, até estar com o costado virado para mim, virou até ter percorrido a metade e depois dois terços e depois três quartos da distância que nos separava. Eu podia ver as ondas borbulhando esbranquiçadas debaixo da quilha dianteira. Imensamente alto, o veleiro olhava para mim, em minha estação baixa no coracle.

E então, de repente, comecei a compreender. Eu não tinha tempo para pensar; mal havia tempo para agir e me salvar. Eu estava na crista de uma onda quando a escuna veio inclinando-se sobre a próxima. O gurupés passou sobre a minha cabeça. Levantei-me bruscamente e saltei. Com meu impulso, o coracle foi mandado para debaixo d'água. Com uma das mãos, agarrei-me ao pau da giba, enquanto meu pé estava preso entre o estai e o brandal; e ainda agarrado a ele, ofegante, um golpe seco me comunicou que a quilha

da escuna havia encontrado o coracle e que eu estava preso, sem volta, ao *Hispaniola*.

# Meu ataque a Jolly Roger



Mas eu havia ganhado uma posição sobre o gurupés, quando a giba se encheu e estalou para o outro bordo, parecendo o repique de uma arma. A escuna tremeu até a quilha com a virada de bordo pela popa, mas, no momento seguinte, as outras velas ainda desfraldadas, a giba bateu de novo e ficou dependurada e inativa.

Isso havia quase me arremessado no mar; e então não perdi tempo, arrastando-me pelo gurupés, e desabei de frente no convés.

Eu estava a sotavento do castelo de proa, e a vela principal, que ainda estava desfraldada, escondia-me de uma certa porção do convés de popa. Não se via uma alma sequer. As tábuas do convés, que não tinham sido esfregadas desde o motim, exibiam a impressão de muitas pegadas, e uma garrafa vazia, quebrada no gargalo, rolava para cá e para lá como uma coisa viva nos embornais.

De repente, o *Hispaniola* entrou no caminho do vento. As bujarronas atrás de mim estalaram alto, a roda do leme bateu e o navio inteiro deu um solavanco e um estremecimento de dar náusea, e no mesmo momento a retranca girou para o interior do navio, as escotas gemendo nas polias, e mostrou-me o convés de popa a sotavento.

Havia os dois vigias, com certeza: gorro vermelho estava de costas, rígido como uma alavanca, com os braços estendidos como os de um crucifixo, arreganhando os dentes entre os lábios abertos; Israel Hands apoiado contra os baluartes, o queixo encostado no peito, as mãos abertas diante dele no convés, o rosto tão pálido, debaixo do bronzeado, como uma vela de sebo.

Por algum tempo, o navio se manteve galopando e sacolejando como um cavalo selvagem, velas desfraldando-se ora para bombordo, ora para estibordo, e a retranca balançando de um lado para o outro até o mastro ranger alto sob o esforço. De vez em quando, também borrifava uma nuvem de respingos de água sobre o baluarte, e um golpe pesado da proa do navio contra as ondas; condições climáticas bem mais adversas eram provocadas por esse enorme veleiro do que pelo meu coracle caseiro, agora enterrado no fundo do mar.

A cada salto da escuna, gorro vermelho deslizava para a frente e para trás, mas – o que era horrível de se ver – nem sua atitude nem seu esgar fixo de dentes arreganhados foram perturbados de forma alguma por aquele comportamento violento. Em cada salto também, Hands parecia afundar ainda mais em si mesmo e se deitar sobre o convés, o rosto escorregando cada vez mais para a frente, e o corpo inteiro deslizando para a popa, de forma que seu rosto se tornava, pouco a pouco, escondido de mim; e finalmente eu não via nada além da orelha e do cacho desgrenhado de um bigode.

Ao mesmo tempo, observei, ao redor dos dois, respingos de sangue escuro sobre as tábuas do convés e comecei a sentir certeza de que tinham matado um ao outro durante sua ira bêbada.

Enquanto eu estava assim olhando e pensando, em um momento calmo, quando o navio estava parado, Israel Hands virou-se parcialmente e com um gemido baixo se contorceu de volta para a posição em que eu o tinha visto primeiro. O gemido, que falava de dor e fraqueza mortal, e a maneira com que seu maxilar estava entreaberto molemente me atingiu direto no coração. Mas quando me lembrei da conversa que ouvira do barril de maçãs, toda a pena me abandonou.

Andei à ré até chegar ao mastro principal.

– Venha a bordo, Sr. Hands – eu disse em tom irônico.

Ele revirou os olhos pesadamente, mas estava muito mal para expressar surpresa. Tudo o que conseguiu fazer foi proferir uma palavra:

– *Brandy*.

Ocorreu-me que não havia tempo a perder, e esquivando-me da retranca, que mais uma vez bateu sobre o convés, escorreguei na popa e desci as escadas até a cabine.

Encontrei a maior cena de confusão que se poderia imaginar. Todos os armários trancados à chave haviam sido arrombados na busca pelo mapa. O chão estava grosso de lama onde rufiões haviam se sentado para beber ou confabular depois de vadear nos pântanos ao redor de seu acampamento. As anteparas, todas pintadas de um branco limpo e frisadas com dourado, exibiam uma estampa de mãos sujas. Dezenas de garrafas vazias tilintavam umas nas outras em cantos, ao sabor do movimento do navio. Um dos livros de medicina do doutor estava aberto sobre a mesa, metade das folhas evisceradas, suponho, para acender cachimbos. No meio disso tudo o lampião ainda lançava um brilho esfumaçado, obscuro e marrom como umbra.

Fui para o porão; ali, todos os barris tinham desaparecido, e garrafas de um número ainda mais surpreendente haviam sido bebidas e jogadas fora. Certamente, desde o início do motim, nem mesmo um daqueles homens deve ter permanecido sóbrio.

Vasculhando, encontrei uma garrafa com um pouco de *brandy*, para Hands; e para mim eu peguei biscoitos, algumas frutas em conserva, um grande punhado de passas e um pedaço de queijo. Com esses itens, voltei ao convés, larguei meu estoque atrás da cabeça do leme e bem longe do alcance do timoneiro, fui até o barril de água, e tomei uns bons goles, e depois, não até aquele momento, dei o *brandy* a Hands.

Ele deve ter bebido uns 150 mililitros em uma golada só antes de tirar a garrafa da boca.

– Sim – disse ele –, com mil trovões, mas eu queria um pouco disso!

Eu já tinha me sentado no meu próprio canto e começado a comer.

– Machucou-se muito? – perguntei a ele.

Ele resmungou, ou melhor, eu poderia dizer, ele latiu.

– Se aquele médico estivesse a bordo – ele disse –, eu estaria bem o suficiente em um piscar de olhos, mas não tenho sorte alguma, veja só, e isso é o que se passa comigo. Quanto àquele marinheiro de água doce, ele já está bem morto, ele está – acrescentou, indicando o homem de gorro vermelho. – Ele também não era grande coisa de homem do mar. E de onde diabos você veio?

– Bem – disse eu –, eu vim a bordo para tomar posse deste navio, sr. Hands; e faça a gentileza de me encarar como seu capitão até segunda ordem.

Ele me olhou amargamente, mas não disse nada. Um pouco da cor tinha voltado a suas bochechas, embora ele ainda parecesse muito doente e ainda continuasse a deslizar e a se firmar cada vez que o navio batia nas ondas.

– Como se vê – continuei –, não posso navegar com essas cores, Hands; e com a sua licença, vou recolhê-las. Melhor não ter bandeira nenhuma do que ter essa.

E novamente, desviando da verga errante, corri para a adriça e baixei a maldita bandeira negra, e a joguei ao mar.

– Deus salve o rei! – disse eu, balançando meu chapéu. – E chegamos ao fim do capitão Silver!

Ele me olhava intensa e maliciosamente, o queixo o tempo todo encostado no peito.

– Eu acho – ele começou, finalmente –, eu acho, capitão Hawkins, que você meio que vai querer voltar para a praia. Suponho que precisemos conversar.

– Ora, sim – disse eu –, com todo meu coração, sr. Hands. Fale.

E eu voltei à minha refeição com um bom apetite.

– Este homem – ele começou, acenando debilmente com a cabeça na direção do cadáver –, O'Brien era o nome dele, um irlandês asqueroso; esse homem e eu içamos as velas pretendendo velejar de volta. Bem, agora *ele* está morto, ele está; morto como um barril; e quem é que vai manejá-lo esse navio, eu não sei. Sem

mim, isso já lhe dá uma dica, você não é o homem certo, até onde eu sei. Agora, veja bem, você me dá comida e bebida e um cachecol velho ou lenço para eu amarrar no meu ferimento, pois faça, e vou lhe dizer como navegar a escuna, e assim ficamos quites, eu suponho.

– Vou contar uma coisa – disse eu –, eu não vou voltar para o ancoradouro do capitão Kidd. Pretendo entrar na Enseada Norte e encalhar a escuna tranquilamente por lá.

– Decerto que sim! – ele exclamou. – Ora, não sou um maldito grumete, afinal de contas. Estou vendo, não estou? Eu tentei expor meu caso, eu tentei, e perdi, e é você quem manda no meu destino. Enseada Norte? Pois bem, não tenho escolha, não tenho! Eu lhe ajudaria a navegar esse navio até a Doca da Execução,<sup>8</sup> com mil trovões! Eu ajudaria sim.

Bem, como me pareceu, havia algum sentido naquilo. Selamos nosso trato ali mesmo. Em três minutos eu estava com o *Hispaniola* velejando tranquilamente de vento em popa pela costa da Ilha do Tesouro, com boas esperanças de dobrar o cabo norte antes do meio-dia e dobrar de novo até a Enseada Norte antes da enchente, quando deveríamos conseguir encalhar o navio em segurança até que a maré baixasse e nos permitisse desembarcar.

Então, amarrei o leme e desci para meu baú, onde peguei um lenço de seda macia que pertencera à minha mãe. Com isso e com minha ajuda, Hands amarrou o grande ferimento de facada que ele havia recebido na coxa, e depois de ter comido um pouco e de ter tomado dois ou mais goles do *brandy*, ele começou a melhorar visivelmente, sentou-se mais ereto, falou mais alto e mais claro e parecia, de todas as formas, um outro homem.

A brisa nos foi de uma serventia admirável. Prosseguíamos a favor dela como se fôssemos um pássaro, a costa da ilha reluzindo, e a vista mudando minuto a minuto. Não muito depois, estávamos passando ao largo das terras altas e ondulando na costa do interior baixo e esparsamente pontilhado por pinheiros anões, e logo

estávamos além disso outra vez e dobrando a lateral de uma colina rochosa na qual a ilha terminava ao Norte.

Fiquei extremamente impressionado com meu novo comando e satisfeito com o tempo claro, ensolarado e com essa visão diferente da costa. Eu agora tinha água em abundância e coisas boas para comer, e minha consciência, que me repreendera com veemência pela deserção, foi acalmada pelo meu grande feito. Acho que não devia me restar mais nada para desejar que não fosse os olhos do timoneiro, que me seguiam com ironia pelo convés, e o estranho sorriso que aparecia continuamente no seu rosto. Era um sorriso que continha algo tanto de dor quanto de fraqueza – um sorriso desfigurado de velho; mas havia, além disso, um grão de escárnio, uma sombra da traição no seu semblante, que me observava engenhosamente, e me observava e me observava, em meu trabalho.

Local às margens do Rio Tâmisa, em Londres, onde os piratas eram enforcados. (N.T.)

# Israel Hands



O vento, atendendo aos nossos desejos, agora soprava para o Oeste. Podíamos prosseguir com muito mais facilidade do canto nordeste da ilha até a embocadura da Enseada Norte. No entanto, como não tínhamos poder para ancorar e não ousei encalhar a embarcação até a maré ter avançado mais um bom tanto; o tempo estava em nossas mãos. O timoneiro me dizia como manobrar o navio; após umas boas tentativas, eu consegui, e ambos ficamos sentados em silêncio para outra refeição.

– Capitão – disse ele, algum tempo depois, com o mesmo sorriso desconfortável –, há o meu velho companheiro, O'Brien; suponho que você vá querer lançá-lo ao mar. De modo geral eu não me importo e não sinto culpa nenhuma por encerrar os problemas dele, mas acho que ele não vá ficar aqui de enfeite, você acha?

– Não tenho força suficiente, e não gosto do trabalho; e aí ele vai ficar, por mim – disse eu.

– Este é um navio cheio de má sorte, este *Hispaniola*, Jim – ele prosseguiu, piscando. – Uma tropa de homens foi morta aqui neste *Hispaniola*. Uma porção de pobres marinheiros mortos desde que você e eu pegamos este navio em Bristol. Nunca vi tanta má sorte, não eu. E esse O'Brien, agora... Ele está morto, não está? Pois bem, não sou nenhum estudioso, e você é um rapaz que sabe ler e entender, e para dizer sem rodeios, você acha que os homens morrem de uma vez por todas, ou eles voltam à vida de novo?

– Você pode matar o corpo, sr. Hands, mas não o espírito; o senhor já deve saber disso – respondi. – O'Brien ali está em outro mundo e pode estar nos observando.

– Ah! – disse ele. – Bem, isso é uma pena. Parece que as matanças foram uma perda de tempo. De qualquer forma, espíritos não acham muita coisa, pelo que vi. Vou arriscar com os espíritos, Jim. Agora, você já falou à vontade e vou considerar gentileza se você descer lá na cabine e me trouxer um... bem, um... macacos me mordam! Não consigo acertar o nome disso; bem, você pode me trazer uma garrafa de vinho, Jim. Esse *brandy* aqui é forte demais para minha cabeça.

Bem, a hesitação do timoneiro parecia não ser natural, e quanto à ideia de que ele fosse preferir vinho a *brandy*, eu duvidava completamente. A história toda era um pretexto. Ele queria que eu deixasse o convés, isso era certo; mas com que propósito, eu nem podia imaginar. Seus olhos nunca encontraram os meus; eles ficavam vagando daqui para lá, para cima e para baixo, ora para o céu, ora com um olhar fugaz para o defunto O'Brien. O tempo todo ele continuava sorrindo e colocando a língua para fora, da maneira mais culpada e envergonhada, tanto que uma criança poderia dizer que ele estava inclinado a alguma maquinção. Minha resposta foi diligente, no entanto, pois vi onde estava minha vantagem e de que forma, com um camarada tão densamente estúpido, eu poderia esconder minha suspeita com facilidade até o fim.

– Um pouco de vinho? – eu disse. – Muito melhor. Prefere branco ou tinto?

– Bem, acho que os dois estão ótimos para mim, companheiro – ele respondeu –, contanto que seja forte e muito, que diferença faz?

– Tudo bem – respondi. – Vou trazer vinho do porto, sr. Hands. Mas vou ter que procurar.

Com isso eu desci para a cabine com todo o barulho que eu poderia fazer, tirei os sapatos e corri em silêncio pela cozinha comprida, subi a escada do castelo de proa e coloquei a cabeça no alojamento frontal. Eu sabia que ele não esperava me ver lá, no entanto, tomei todas as precauções possíveis, e a pior das minhas suspeitas com certeza provou-se verdadeira demais.

Ele se erguera da posição em que estava, apoiando-se nas mãos e joelhos e, embora a perna obviamente lhe causasse uma dor lancinante quando ele se mexia – pois eu o ouvi reprimir um gemido –, mesmo assim foi em um ritmo bom e ágil que ele atravessou todo o convés. Em meio minuto ele havia alcançado os embornais e pegado, de um rolo de corda, uma faca longa, ou melhor um punhal curto, manchado de sangue no punho. Ele olhou-o por um instante, colocando-o debaixo do queixo, testou a ponta na mão e, depois, escondeu-o às pressas no peito do casaco e arrastou-se de novo para seu antigo lugar encostado no baluarte.

Isso era tudo o que eu precisava saber. Israel conseguia se mover, agora estava armado e se passara por tamanho trabalho para se livrar de mim, estava claro que eu seria a vítima. O que ele faria depois – se ele tentaria rastejar pela ilha de uma ponta à outra desde a Enseada Norte até o acampamento entre os pântanos, ou se iria disparar o canhão na confiança de que seus companheiros fossem aparecer para ajudá-lo – era, é claro, mais do que eu poderia dizer.

Ainda assim, eu tinha certeza de que podia confiar nele em um ponto, já que nele os nossos interesses convergiam, e se tratava da disposição da escuna. Nós dois desejávamos que ela fosse encalhada em segurança, em um lugar protegido, para que, quando chegasse a hora, ela pudesse zarpar novamente, com o menor trabalho e perigo quanto fosse possível; e, até que isso fosse feito, eu considerava que minha vida certamente seria poupada.

Enquanto eu remoía o assunto na mente, não estava com o corpo parado. Eu voltara de fininho para a cabine, calçara mais uma vez os sapatos e colocara a mão aleatoriamente em uma garrafa de vinho, e depois, com essa desculpa, reapareci no convés.

Hands se encontrava onde eu o havia deixado, todo descaído e amontoado, com as pálpebras semicerradas como se estivesse fraco demais para suportar a luz. Ele olhou para cima, no entanto, quando me aproximei, arrancou o gargalo da garrafa como um homem que tinha feito aquilo muitas vezes e tomou um bom gole,

com seu brinde favorito de “À boa sorte!”. Então ele permaneceu quieto por algum tempo e, em seguida, puxando uma corda de fumo, implorou-me que cortasse um pedaço.

– Corte para mim um teco disso aqui – disse ele –, pois não tenho faca nenhuma e muito menos a força que eu já tive. Ah, Jim, Jim, acho que não dei certo na vida! Corte-me um pedaço, que provavelmente será o último, rapaz, porque vou para minha casa eterna e não há erro.

– Bem – disse eu –, vou cortar um pedaço de fumo, mas se eu fosse o senhor e achasse que estava tão ruim assim, eu faria minhas preces como um cristão.

– Por quê? – indagou ele. – Agora me diga por quê.

– Por quê? – exclamei. – Estava me perguntando agora mesmo sobre os mortos. O senhor traiu a confiança; viveu em pecado, em mentiras e em sangue; um homem que o senhor matou está deitado aos seus pés neste momento, e ainda me pergunta por quê?! Pela misericórdia de Deus, sr. Hands, é por isso.

Falei de modo um pouco exaltado, pensando no punhal sangrento que havia escondido no bolso dele, destinado, em seus pensamentos doentios, a acabar comigo. Ele, por sua vez, tomou uma grande golada do vinho e falou com a solenidade mais incomum.

– Durante trinta anos – ele disse –, eu naveguei pelos mares e vi o bem e o mal, o melhor e o pior, tempo bom e tempo ruim, provisões se esgotando, facas zunindo e o que mais houver para se ver. Bem, agora lhe digo, eu nunca vi bom nenhum derivar de bondade. Minha opinião é a de que a sorte está do lado de quem ataca primeiro; os mortos não mordem; essa é a minha visão. Amém e que assim seja. E agora, olhe aqui – acrescentou ele, de repente, mudando o tom de voz. – Já tivemos o suficiente desta tolice. A maré foi suficientemente boa até agora. Apenas aceite minhas ordens, capitão Hawkins, e vamos navegar pelo estreito e terminar isso de uma vez por todas.

Tudo posto, tínhamos no máximo três quilômetros e meio para percorrer; mas a navegação era delicada, a entrada para aquela ancoragem norte era não apenas estreita e rasa, mas havia terra a Leste e a Oeste, de modo que a escuna precisava ser manejada com cautela para entrar. Acho que eu fui um bom e ágil subalterno e tenho certeza de que Hands era um excelente piloto, pois fomos indo e indo, evitando os bancos, com uma certeza e uma perfeição que era uma beleza de se ver.

Mal tínhamos passados os promontórios e a ilha já se fechava ao nosso redor. As margens da Enseada Norte eram tão densamente arborizadas como aquelas no ancoradouro sul, porém, o espaço era mais longo, mais estreito e mais parecido com – o que na verdade era – o estuário de um rio. Bem diante de nós, no extremo Sul, vimos os destroços de um navio em suas últimas etapas de dilapidação. Havia sido uma grande embarcação de três mastros, mas estava exposto havia tanto tempo aos danos dos elementos da natureza que fora encoberto por grandes teias de algas marinhas pingando água e, no convés, arbustos costeiros haviam se enraizado e agora exibiam uma cobertura densa de flores. Era uma visão triste, mas nos mostrava que o ancoradouro era tranquilo.

– Agora – disse Hands –, olhe lá; é um belo trecho de praia para encalhar um navio. Areia plana e fina, intocada, árvores a toda volta e flores brotando naquele velho navio como se fosse um jardim.

– E uma vez encalhado – perguntei –, como vamos tirá-lo da areia novamente?

– Mas olhe só – ele respondeu –, você desembarca com um cabo até ali do outro lado quando a maré baixar, dá uma volta em um daqueles pinheiros grandes; traz para cá, dá a volta no cabrestante e fica esperando a maré encher. Quando chegar a maré alta, toda a tripulação puxa a corda, e o barco desencalha docemente como a natureza. E agora, rapaz, prepare-se. Agora estamos perto do lugar, e o navio está com força demais. Um pouco para estibordo... assim... em frente... estibordo... para bombordo, um pouco... em frente... em frente!

Assim ele emitiu as ordens, às quais eu atendia sem fôlego, até que, de repente, ele gritou:

– Agora, marujo, orçar! – Puxei a roda do leme com força para cima, e o *Hispaniola* girou veloz e foi em cheio rumo à costa baixa e arborizada.

A excitação dessas últimas manobras, de alguma forma, havia interferido na vigia que eu mantivera até o momento, com bastante afinco, no timoneiro. Mesmo naquele momento, eu estava tão absorto esperando o navio tocar a areia, que tinha me esquecido do perigo que pairava sobre minha cabeça, de modo que fiquei trepado acima dos baluartes de estibordo, observando as ondas espremendo-se largamente diante da proa. Poderia ter caído sem chance de lutar pela minha vida, caso uma súbita inquietude não tivesse tomado conta de mim e me fizesse virar a cabeça. Talvez fosse por ter ouvido um rangido ou visto a sombra dele movendo-se pelo canto do olho; talvez fosse um instinto, como o de um gato; mas, com certeza, quando olhei, ali estava Hands, já a meio caminho em direção a mim, com o punhal na mão direita.

Ambos talvez tenhamos gritado alto quando nossos olhos se encontraram, mas o meu foi o berro agudo do terror, e o dele, um rugido furioso como o de um rufião pronto para o ataque. No mesmo instante, ele atirou-se para a frente e eu saltei para o lado da proa. Quando fiz isso, larguei o leme, que bateu com força a sotavento, e acho que isso salvou minha vida, pois acertou Hands no peito, e o fez parar, por um instante, de chofre.

Antes que ele pudesse se recuperar, saí em segurança do canto onde ele me havia encurralado, com todo o convés agora por onde me esquivar. Logo adiante do mastro principal, parei, tirei uma pistola do bolso, mirei à queima-roupa, embora ele já houvesse se virado e estivesse vindo diretamente atrás de mim outra vez, e puxei o gatilho. O cão bateu, mas a isso não se seguiu nem o clarão e nem som; a pólvora era inútil encharcada pela água do mar. Amaldiçoei-me pela negligência. Por que eu não havia, muito antes, colocado pólvora nova e recarregado minhas únicas armas? Caso

contrário, não deveria estar passando por aquilo, como uma mera ovelha fujona em face do açougueiro.

Ferido como ele estava, foi impressionante o quanto conseguia se mover depressa, os cabelos grisalhos escorregando sobre o rosto, e o próprio rosto vermelho como um pavilhão escarlate de toda a pressa e fúria. Não me restava tempo para tentar a outra pistola, e também nem muita vontade, pois eu tinha certeza de que seria inútil. Uma coisa eu vi às claras: não deveria simplesmente retroceder diante dele, ou ele rapidamente iria me encurralar na proa da mesma forma como, fazia tão pouco tempo, ele me encurrallara na popa. Fosse assim capturado, uns vinte centímetros do punhal manchado de sangue seriam minha última experiência deste lado da eternidade. Coloquei as palmas contra o mastro principal, que tinha um bom tamanho, e esperei, sentindo a tensão em cada nervo meu.

Vendo que eu pretendia me safar, ele também parou; e um momento ou dois se passaram em fintas da parte dele e movimentos correspondentes, da minha. Era uma brincadeira que eu tinha brincado muitas vezes perto de casa, nas rochas de Black Hill Cove, mas nunca antes, podem ter certeza, com o coração tão loucamente descontrolado como agora. Ainda assim, como digo, era brincadeira de menino, e achei que conseguiria me garantir contra um marinheiro idoso ferido na coxa. Na verdade, minha coragem começou a se elevar tanto, que me permitiu destinar alguns pensamentos velozes no que seria o fim daquela situação, e, se por um lado eu via com certeza que poderia me safar por muito tempo, não via esperança de nenhuma fuga definitiva.

Bem, enquanto as coisas estavam nesse pé, de repente o *Hispaniola* encontrou barreira, brevemente e com um tremor, ao atingir a areia, e então, veloz como um soco, inclinou-se para bombordo até o convés formar um ângulo de quarenta e cinco graus e o equivalente a cerca de um barril de água espirrar pelos furos do embornal e parar, em uma piscina, entre o convés e o baluarte.

Ambos estávamos inclinados em questão de um segundo e rolamos, quase juntos, dentro dos embornais, e o morto de gorro vermelho, com os braços ainda abertos, tombou rigidamente atrás de nós. Tão próximos nós estávamos, de fato, que minha cabeça bateu no pé do timoneiro com *crack* que fez meus dentes tiritarem. Pancada e tudo, fui o primeiro a me levantar de novo, pois Hands se envolvera com o corpo do defunto. A súbita inclinação do navio havia feito do convés um lugar incompatível com a corrida; e precisei encontrar outra rota de fuga, e tudo isso com meu inimigo quase me tocando. Rápido como um pensamento, saltei para os ovéns da mezena, subi mão após mão e nem sequer tomei fôlego até estar sentado no alto da cruzeta.

Minha salvação tinha sido a prontidão; pois o punhal acertou nem a quinze centímetros abaixo de mim durante meu voo mastro acima; e ali estava Israel Hands com a boca aberta e a face virada para cima olhando para mim, uma estátua perfeita de surpresa e decepção.

Agora que eu tinha um momento para mim, não perdi tempo em trocar a pólvora da pistola, e então, tendo uma pronta para o serviço e, para redobrar as garantias, coloquei-me a tirar a carga da outra e a recarregá-la com tudo novo desde o início.

Meu novo propósito de súbito se fez claro na mente de Hands; ele começou a ver a sorte mudando contra ele, e depois de uma hesitação óbvia, ele também se lançou pesadamente nas cordas e, com o punhal nos dentes, começou a subir lenta e dolorosamente. Custou-lhe um sem-fim de tempo e gemidos para arrastar a perna ferida atrás dele, e calmamente eu tinha acabado meus preparativos antes que ele houvesse percorrido muito mais do que um terço do caminho para cima. Em seguida, com uma pistola em ambas as mãos, eu me dirigi a ele.

– Mais um passo, sr. Hands – falei –, e vou estourar os seus miolos! Os mortos não mordem, sabia? – acrescentei com uma risada.

Ele parou no mesmo instante. Eu podia ver pelos movimentos de seu rosto que ele estava tentando pensar, e que o processo era tão lento e laborioso que, na minha segurança recém-encontrada, eu ri alto. Finalmente, engolindo uma ou duas vezes em seco, ele falou, seu rosto ainda exibindo a mesma expressão de extrema perplexidade. Para falar, ele teve que retirar o punhal da boca, mas todo o resto permaneceu impassível.

– Jim – começou –, acho que estamos fadados, você e eu, e vamos ter que fazer um acordo. Eu teria pego você, não fosse por aquele solavanco, mas não tenho sorte nenhuma, não tenho; e agora acho que vou ter que erguer a bandeira de trégua, o que é duro, veja bem, para um mestre marinheiro como eu, para um grumete de navio como você, Jim.

Eu estava bebendo suas palavras e sorrindo, vaidoso como um galo em cima do muro, quando, em um piscar de olhos, sua mão direita voou sobre o ombro. Algo cantou como uma flecha pelo ar; senti um golpe e, em seguida, uma pancada intensa, e lá estava eu preso pelo ombro ao mastro. Na dor horrível e na surpresa do momento – não posso dizer que foi pela minha própria vontade, e tenho certeza de que foi sem um objetivo consciente –, minhas duas pistolas dispararam e as duas voaram das minhas mãos. E elas *não* caíram sozinhas; com um grito sufocado, o timoneiro soltou-se das amarras e mergulhou de cabeça na água.

# “Moedas de prata”



Devido à inclinação do navio, os mastros pendiam um bom tanto já sobre a água, e do lugar onde eu estava empoleirado sobre as cruzetas, não havia nada abaixo de mim além da superfície da baía. Hands, que não tinha subido tanto, estava, por conseguinte, mais perto do navio e caiu entre mim e os baluartes. Ele emergiu à superfície coberto por uma camada de espuma e sangue e depois afundou de novo, pela última vez. Quando a água se acalmou, eu o vi amontoado na areia limpa e clara, na sombra dos costados da embarcação. Um peixe ou dois passaram batendo as barbatanas perto do corpo. Às vezes, debaixo da água trêmula, ele parecia se mexer um pouco, como se estivesse tentando se levantar. Mas estava bem morto, depois de tudo isso, tendo levado um tiro e caído dentro d'água, e seria comida de peixe no mesmo lugar onde ele planejara minha morte.

Mal eu estava ciente disso, quando comecei a sentir náusea, vertigem e terror. O sangue quente escorria sobre minhas costas e no meu peito. O punhal, onde havia prendido meu ombro no mastro, parecia queimar como ferro em brasa; ainda assim, não eram tanto esses sofrimentos reais que me perturbavam, pois esses, ao que me parecia, eu poderia suportar sem nem um murmúrio sequer; era o horror na minha mente de que eu pudesse cair das cruzetas naquela água verde e parada, ao lado do corpo do timoneiro.

Agarrei-me com ambas as mãos até as unhas doerem e fechei os olhos como se para encobrir o perigo. Gradualmente, meu autocontrole foi retornando, meu pulso reduziu-se para um ritmo mais natural, e mais uma vez retomei o domínio sobre mim.

Meu primeiro pensamento foi o de arrancar o punhal, mas estava muito preso ou meus nervos falharam comigo, pois eu desisti com um tremor violento. Curiosamente, esse arrepião foi que deu conta da tarefa. A faca, na verdade, tinha chegado o mais próximo possível de errar o alvo; pois me segurava por um pedacinho de pele, e o tremor me libertara. O sangue começou a escorrer mais depressa, com certeza, mas eu era novamente meu próprio mestre e só estava pregado ao mastro pelo meu casaco e camisa.

Esses últimos eu rasguei com um puxão repentino. Em seguida, retornei ao convés descendo pelos convés de estibordo. Por nada no mundo eu teria me arriscado outra vez, agitado como eu estava, sobre as coberturas de bombordo da qual Israel caíra tão recentemente.

Desci e fiz o que podia com meu ferimento; doeu-me bastante e ainda sangrava livremente, mas não era profundo e nem perigoso, e também não me molestava muito quando eu usava o braço. Então olhei ao meu redor. Já que o navio era agora, de certa maneira, meu, comecei a pensar em livrá-lo de seu último passageiro – o defunto, O'Brien.

Ele tinha rolado, como eu disse, contra os baluartes, onde se encontrava como um tipo feio e disforme de boneco, em tamanho real, de fato, mas como era diferente da cor e da beleza da vida! Nessa posição eu poderia facilmente conseguir fazer o que eu queria com ele, e como o hábito pelas aventuras trágicas tinham exaurido quase todo o meu terror da morte, eu o peguei pela cintura como se ele fosse

um saco de farelo e, dando um bom impulso, derrubei-o ao mar. E lá ele se foi com um mergulho ressoante; o gorro vermelho saiu e permaneceu flutuando na superfície; e, tão logo o mar se acalmou, eu pudevê-lo lado a lado com Israel, ambos oscilando com o trêmulo movimento da água. O'Brien, embora ainda bastante jovem, era bem calvo. Ali ele ficou, com aquela cabeça careca sobre os joelhos do homem que o tinha matado, e os peixes velozes nadando de um lado para o outro sobre ambos.

Agora estava sozinho em cima do navio; a maré acabava de mudar. O sol estava a tão poucos graus de se pôr, que a sombra dos pinheiros sobre a orla oeste começava a alcançar o ancoradouro e a cair em desenhos sobre o convés. A brisa da noite havia surgido, e embora estivessem bem protegidos pela colina com dois picos do lado leste, os cordames tinham começado a cantar baixinho para si mesmos e as velas folgadas começaram a bater para lá e para cá.

Comecei a ver um perigo para o navio. As bujarronas eu rapidamente recolhi e as fiz desabar sobre o convés, mas a vela grande era uma tarefa mais difícil. É claro, quando a escuna tombou, a retranca havia batido por cima da amurada, e a ponta dela, bem como trinta ou mais centímetros de vela, pendiam sobre a água. Pensei que isso tornava tudo ainda mais perigoso; mesmo assim, a tensão era tão pesada que eu sentia certo temor em me meter. Finalmente, peguei minha faca e cortei as adriças. O topo da vela caiu no mesmo instante, e uma grande barriga de vela solta começou a flutuar largamente sobre a água, e como, por mais que eu puxasse, não consegui recolher a adriça para puxar a vela, foi tudo o que pude fazer. Quanto ao

resto, o *Hispaniola* deveria ser confiado à sorte, tanto quanto eu.

A essa altura, todo o ancoradouro tinha sido encoberto pelas sombras – os últimos raios, eu me lembro, estavam caindo em uma clareira no bosque e brilhando forte como joias no manto florido do naufrágio. Começou a esfriar; a maré puxava para alto-mar; a escuna pendia mais e mais sobre o costado.

Arrastei-me para a frente e dei uma olhada. Parecia-me bastante raso, e segurando a espia cortada em ambas as mãos para uma última medida de segurança, deixei-me cair suavemente ao mar. A água mal chegava à minha cintura; a areia era firme e estava coberta com marcas de ondulação, e eu pisei em terra com muito ânimo, deixando o *Hispaniola* tombado, com sua vela principal estendida largamente pela superfície da baía. Quase ao mesmo tempo, o sol desceu um bom tanto, e a brisa assobiou baixo no crepúsculo entre os pinheiros que jogavam ao vento.

E, enfim, eu estava fora do mar, mas também não havia saído dele de mãos abanando. Ali estava a escuna, por fim livre dos bucaneiros e pronta para que nossos próprios homens pudessem embarcar e retornar ao mar. Eu não desejava nada mais do que voltar para a paliçada e me gabar dos meus feitos. Possivelmente, levaria um pouco de culpa pela minha molecagem em fugir, mas a recaptura do *Hispaniola* era uma resposta contundente, e eu esperava que até mesmo o capitão Smollett fosse admitir que eu não desperdiçara tempo.

Pensando assim e nos ânimos da fama, comecei a pegar o caminho para a casamata e para junto de meus companheiros. Lembrei-me de que o rio mais oriental que desaguava no Ancoradouro do capitão Kidd corria da colina

de dois cumes, à minha esquerda, e dobrei o curso na direção que passaria pelo riacho onde ainda era estreito. A floresta era bem esparsa e, seguindo ao longo dos arbustos mais baixos, eu logo virei no canto da colina e não muito depois avancei pelo curso d'água, que batia nas minhas panturrilhas.

Isso me levou próximo de onde havia encontrado Ben Gunn, o homem ilhado; e andei com mais circunspecção, de olho em todos os lados. O ocaso chegara quase por completo, e quando saí na fenda entre os dois picos, tomei ciência de um brilho bruxuleante contra o céu, onde, como julguei, o homem da ilha estava cozinhando o jantar diante de uma fogueira alta. E ainda assim eu me perguntava, no fundo do coração, por que ele se mostraria tão desocupadamente. Pois se eu enxergava a luz, ela não deveria alcançar também os olhos do próprio Silver, onde ele estava acampado na praia entre os pântanos?

Pouco a pouco, a noite foi ficando cada vez mais preta; o máximo que conseguia fazer era me guiar nem que fosse precariamente para meu destino; a visão da colina dupla atrás de mim e da Luneta à direita assomava-se fraca e ainda mais fraca; as estrelas eram poucas e pálidas; e na terra baixa onde eu seguia, tropeçava vez ou outra entre os arbustos e rolava em buracos de areia.

De repente, um tipo de brilho recaiu sobre mim. Olhei para cima; uma radiância pálida de luar havia iluminado o cume da Luneta, e, logo depois, vi algo amplo e prateado em movimento descendo atrás das árvores e soube que a lua havia se erguido no céu.

Com isso para me ajudar, repassei rapidamente o que ainda restava da jornada e, às vezes, andando, às vezes, correndo,

impacientemente aproximei-me da paliçada. Ainda assim, quando comecei a trilhar o bosque que ficava diante dela, não fui tão imprudente a ponto de não afrouxar o ritmo e não caminhar com um pouco mais de cautela. Teria sido um final sofrível para as minhas aventuras se eu fosse alvejado pelo meu próprio grupo por engano.

A lua estava subindo cada vez mais alto, sua luz começando a cair aqui e ali em massas em pontos mais abertos da floresta, e, bem na minha frente, uma luminescência de cor diferente apareceu entre as árvores. Era vermelha e quente, e de vez em quando escurecia um pouco – ao que parecia, eram as brasas de uma fogueira ainda incandescente.

Eu jurava pela minha vida que não conseguia pensar no que poderia ser.

Enfim, cheguei às bordas da clareira. A porção oeste já estava mergulhada em luar; o resto e a casa em si ainda continuavam em uma sombra negra entrecortada por longas listras prateadas de luz. Do outro lado da casamata, uma imensa fogueira tinha se consumido em brasas límpidas e radiava uma reverberação vermelha e constante que contrastava fortemente com a suave palidez da lua. Não havia uma alma se mexendo e nem um som que não fosse o assobio do vento.

Parei; com muitos questionamentos no coração e talvez também um pouco de terror. Construir grandes fogueiras não teria sido nosso jeito de fazer as coisas; estávamos, pelas ordens do capitão, um tanto sovinas com a lenha, e comecei a temer que algo tinha dado errado enquanto eu estava ausente.

Dei a volta sorrateiramente na ponta leste, tentando não fazer sombra, e, em um local conveniente, onde a escuridão

era mais espessa, cruzei a paliçada.

Para me garantir ainda mais, coloquei-me sobre as mãos e os joelhos e comecei a engatinhar, sem fazer som, em direção ao canto da casa. À medida que me aproximava, meu coração, de súbito, ficou imensamente mais leve. Não era um ruído agradável, e eu já reclamara dele em outras ocasiões, mas ali, naquela hora, era como música para os meus ouvidos o ronco unido dos meus amigos, fazendo um barulho tão grande e pacífico em seu sono. O grito do mar da vigia, aquele belo “Está tudo bem”, nunca foi mais reconfortante.

Entretanto, não havia dúvida de uma coisa; eles montavam uma péssima vigia. Se fosse Silver e os rapazes dele que estivessem ali se aproximando sorrateiramente, nem uma alma sequer teria visto o raiar do dia. Era assim que acontecia, pensei eu, quando tínhamos o capitão ferido; e mais uma vez eu me culpei intensamente por deixá-los naquele perigo com tão poucos para montar guarda.

A essa altura eu havia chegado até a porta e me levantado. Tudo estava escuro lá dentro, de forma que não conseguia distinguir nada com um olhar. Quanto a sons, havia a ladainha constante do ronco e um pequeno e ocasional ruído, um tamborilar que eu não conseguia saber o que era.

Com os braços na frente do corpo, entrei com passos seguros. Eu deveria me deitar no meu próprio lugar (pensei com uma risadinha silenciosa) e me deliciar com a cara deles quando me encontrassem pela manhã.

Meu pé enroscou em algo firme – era a perna de um adormecido; e ele se virou e gemeu, mas não acordou.

Foi quando, de repente, uma voz estridente irrompeu da escuridão:

– Moedas de prata! Moedas de prata! Moedas de prata!  
Moedas de prata! Moedas de prata! – e assim por diante,  
sem pausa ou mudança, como o ruído constante de um  
pequeno moinho.

O papagaio verde de Silver, capitão Flint! Ele é que eu  
tinha ouvido bicar um pedaço da casca de árvore; era ele,  
que vigiava melhor do que qualquer ser humano, que então  
anunciava minha chegada com seu cansativo refrão.

Não tive tempo para me recuperar. Com o tom afiado e  
brusco do papagaio, os adormecidos despertaram e se  
levantaram de um salto; e com um poderoso xingamento, a  
voz de Silver exclamou:

– Quem vem lá?

Virei para correr, esbarrei violentamente em uma pessoa,  
recuei e corri em cheio para os braços de uma segunda,  
que, de sua parte, cobriu o espaço que nos separava e me  
segurou firme.

– Traga uma tocha, Dick – disse Silver, quando minha  
captura foi assim garantida.

E um dos homens deixou a casa de troncos e retornou  
prontamente com um ferro incandescente.



Parte 6

# CAPITÃO SILVER

---



# No acampamento do inimigo



O brilho vermelho da tocha, iluminando o interior da casamata, mostrou-me que a pior das minhas apreensões tinha se tornado realidade. Os piratas estavam de posse da casa e dos suprimentos: havia um barril de conhaque, a carne de porco e o pão, como antes, e o que multiplicou meu horror por dez era que não se via sinal de nenhum prisioneiro. Eu só poderia julgar que todos haviam perecido, e meu coração me castigava dolorosamente por eu não estar ali para perecer com eles.

Havia seis dos bucaneiros, era tudo; nenhum outro homem fora deixado vivo. Cinco deles estavam em pé, vermelhos e inchados, despertos repentinamente do primeiro sono da bebedeira. O sexto só se erguera sobre os cotovelos; estava mortalmente pálido, e a bandagem sangrenta ao redor da cabeça dizia que o ferimento era recente, e que o curativo era ainda mais recente. Eu me lembrei do homem que havia levado o tiro e corrido de volta para o meio da floresta durante o grande ataque, e duvidei que não fosse esse.

O papagaio estava aprumando a plumagem sobre o ombro de Long John. Ele mesmo, pensei, parecia um pouco mais pálido e mais sisudo do que eu estava acostumado. Ainda vestia o casaco elegante de tecido de boa qualidade no qual tinha cumprido sua missão, mas parecia mais surrado pelo uso, coberto de lama e rasgado pela sarça afiada do bosque.

– Então – disse ele – aqui está Jim Hawkins, macacos me mordam! Deu uma passadinha, ao que parece, hein? Ora, mas encaro sua chegada de forma amigável.

E então ele se sentou do outro lado o barril de *brandy* e começou a encher um cachimbo.

– Empreste-me o fogo, Dick – disse ele; e então, quando tinha uma boa chama: – Isso já serve, rapaz – Silver acrescentou. – Espete a tocha na pilha de madeira, e vocês, cavalheiros, parem com isso! Não precisam ficar em pé para o sr. Hawkins; ele vai desculpar vocês, podem contar com isso. E assim, Jim – parando o tabaco –, aqui estava você, uma surpresa agradável para o pobre e velho John. Vi que era esperto da primeira vez que coloquei meus olhos em você, mas por isso aqui eu não esperava, não mesmo.

A tudo isso, como pode ser inferido, não dignei resposta. Haviam me colocado encostado na parede, e eu fiquei ali, encarando Silver, com bastante ousadia, eu esperava, em todo o meu exterior, mas com um desespero negro no coração.

Com grande serenidade, Silver deu uma pitada ou duas no cachimbo e voltou à carga:

– Agora, você vê, Jim, já que você está *mesmo* aqui – começou ele –, vou falar o que eu acho. Eu sempre gostei de você, eu gostei, pois é um rapaz espirituoso e uma imagem de mim quando eu era jovem e bonito. Sempre quis que você se unisse a nós, ficasse com uma cota e morresse como um cavalheiro, mas agora, meu garoto atrevido, é o que vai ter que fazer. O capitão Smollett é um bom marujo, o que eu estaria disposto a admitir a qualquer dia, mas duro no quesito disciplina. “Dever é dever”, diz ele, e está certo. Só se mantenha afastado do capitão. O próprio médico está louco da vida com você “aquele pirralho ingrato”, foi o que ele disse; e o resumo da história é este: você não pode voltar para a sua gente, pois eles não querem você; e a menos que junte uma terceira tripulação sozinho, o que pode ser solitário, você vai ter que se juntar ao capitão Silver.

Até aqui, tudo bem. Pois então meus amigos ainda estavam vivos e, embora eu acreditasse parcialmente na verdade da declaração de Silver – de que o grupo da cabine estava furioso comigo por eu ter desertado –, eu me sentia mais aliviado do que perturbado pelo que acabara de ouvir.

– Não falo nada sobre você estar em nossas mãos – continuou Silver –, embora aí esteja você, e pode contar com isso. Sou todo ouvidos para uma boa discussão; nunca vi nada de bom vir de ameaça. Se você gostar do serviço, bem, junte-se; e se não gostar, Jim, ora, você é livre para responder “não”; livre e bem-vindo, camarada; e se existe coisa melhor a ser dita por marujos mortais, macacos me mordam!

– Então eu tenho que responder? – perguntei com uma voz muito trêmula. Ao longo de toda essa conversa de sarcasmos, acabei me convencendo da ameaça da morte que pairava sobre mim, e senti as bochechas arderem e o coração bater dolorosamente no peito.

– Rapaz – disse Silver –, ninguém aqui está pressionando você. Fique à vontade. Nenhum de nós vai apressá-lo, marujo; o tempo na sua presença passa que é um prazer, você vê.

– Bem – disse eu, ficando um pouco mais ousado –, se posso escolher, declaro que tenho o direito de saber o que é o quê e por que vocês estão aqui e onde estão os meus amigos.

– O que é o quê? – repetiu um dos bucaneiros, com um rosnado profundo. – Ah, ele seria um sujeito de sorte se soubesse disso!

– Talvez seja melhor recolher suas velas até que alguém se dirija a você, meu amigo! – exclamou Silver, em tom truculento, para o homem que tinha falado. E, então, retomando a gentileza de antes, ele respondeu-me. – Ontem de manhã, sr. Hawkins, na primeira vigia, apareceu o dr. Livesey com uma bandeira de trégua. Ele disse: “Capitão Silver, você foi derrotado. O navio se foi”. Bem, talvez nós estivéssemos tomando um copo, cantando uma canção para ajudar a descer. Não digo que não. Como se vê, nenhum de nós tinha prestado atenção. Quando olhamos, com mil trovões, o velho navio tinha desaparecido! Nunca vi um bando de tolos de olhos mais esbugalhados; e pode contar com isso, se eu digo que eram os olhos mais esbugalhados de todos. “Bem”, disse o doutor, “vamos negociar”. E nós negociamos, ele e eu, e aqui estamos: provisões, *brandy*, casamata, a lenha que vocês tiveram o cuidado de cortar, e, em certo modo de dizer, o bendito barco inteiro, das

cruzetas até a carlinga. Quanto a eles, eles já se mandaram; não sei onde estão.

Ele pitou de novo tranquilamente no cachimbo.

– E para que você não coloque na sua cabeça – ele prosseguiu – que foi incluído no tratado, aqui está a última palavra que foi dita: “Quantos de vocês”, perguntei, “vão partir?”. “Quatro”, disse ele. “Quatro e um de nós está ferido. Quanto àquele menino, não sei onde ele está, o maldito”, disse ele, “não que eu me importe. Já estamos fartos dele.” Essas foram as palavras dele.

– Isso é tudo? – questionei.

– Bem, é tudo o que você vai ouvir, meu filho – retrucou Silver.

– E agora eu devo escolher?

– E agora você deve escolher, e pode contar com isso – concluiu Silver.

– Bem – disse eu –, não sou tolo, mas sei muito bem o que me aguarda. Que o pior aconteça sobre o pior, eu não me importo. Já vi muitos morrerem desde que conheci você. Mas há uma coisa ou duas que eu tenho para lhe dizer – falei, e por esta altura eu estava muito exaltado. – E a primeira é esta: aqui está você, em desvantagem: navio perdido, tesouro perdido, os homens perdidos, seu esquema inteiro arruinado; e se quer saber quem foi que fez isso, fui eu! Eu estava no barril de maçãs na noite em que avistamos terra, e eu ouvi você, John, e você, Dick Johnson, e Hands, que agora está no fundo do mar e que me contou tudo o que você disse antes que chegasse a hora dele. E quanto à escuna, fui eu quem cortei a amarra da âncora, e fui eu que matei os homens que estavam a bordo dela, e fui eu que a levei até onde você nunca mais vaivê-la, nenhum de vocês. Sou eu que rio por último; eu estou por cima desse assunto todo desde o início; não temo você mais do que temo uma mosca. Mate-me, se quiser, ou poupe a minha vida. Mas uma coisa eu digo e nada mais; se me poupar, o passado é o passado, e quando vocês estiverem diante de um tribunal, acusados de pirataria, vou salvá-los o quanto puder. A escolha é sua. Matar

mais um e não ter vantagem nenhuma, ou me poupar e manter uma testemunha para salvá-los da força.

Parei, pois, confesso, eu estava sem fôlego e, para minha admiração, nenhum homem se moveu; todos ficaram me encarando como se fossem ovelhas. E enquanto ainda me fitavam, retomei a palavra:

– E agora, sr. Silver – prossegui –, acredito que o senhor é o melhor homem daqui, e se o pior acontecer, vou falar bem do senhor para o doutor saber como foi que eu fiz as coisas.

– Vou pensar nisso – respondeu Silver, com uma entonação tão curiosa que não pude, nem para salvar a própria vida, decidir se ele estava rindo do meu pedido ou se minha coragem o afetara de maneira favorável.

– E tem mais uma coisa! – gritou o velho marinheiro com cara cor de mogno, Morgan era seu nome, o mesmo que eu tinha visto na taverna de Long John, no cais de Bristol. – Era ele que conhecia o Cão Preto.

– Bem e vejam só – acrescentou o cozinheiro. – Eu incluo mais uma coisa, com mil trovões! Pois esse é o mesmo garoto que tomou o mapa de Billy Bones. Do começo ao fim, nós cruzamos com Jim Hawkins!

– Então aqui vai! – disse Morgan com um xingamento.

E ele se levantou subitamente, sacando a faca como se tivesse vinte anos.

– Alto, lá! – gritou Silver. – Quem você pensa que é, Tom Morgan? Talvez pensasse que era o capitão aqui, quem sabe. Pelos poderes, mas vai ver o que é bom para tosse! Desafie-me e você vai parar onde muitos bons homens já foram antes de você, o primeiro e o último, por esses trinta anos, alguns enforcados na verga, raios que os partam, e alguns andaram pela prancha e todos viraram comida de peixe. Nunca houve um homem que me olhasse no meio dos olhos e visse um bom dia depois, Tom Morgan, você pode contar com isso.

Morgan parou, mas um murmúrio rouco foi emitido pelos outros.

– Tom está certo – disse um.

– Já fui humilhado o suficiente por certo homem – acrescentou outro. – Prefiro ser enforcado antes de ser humilhado por você, John Silver.

– Algum de vocês quer se resolver *comigo*? – rugiu Silver, dobrando-se para a frente da posição em que se encontrava no barril, com o cachimbo ainda brilhando na mão direita. – Dê nomes aos bois; você não é mudo, suponho. Quem procura acha. Eu vivi todos esses anos, e o filho de um barril de rum vem pisar no meu calo depois de tudo pelo que eu já passei? Você sabe como é; vocês todos são cavalheiros da fortuna, até onde eu sei. Bem, estou pronto. Pegue uma espada, quem se atrever, e vou ver de que cor você é por dentro, com muleta e tudo, antes de esvaziar esse cachimbo.

Nem um homem se agitou; nenhum homem respondeu.

– Então vocês são desse tipo, é? – ele acrescentou, devolvendo o cachimbo à boca. – Ora, são uns bobos alegres, todos vocês. Não são muito dignos de uma luta, não são. Talvez entendam o inglês do rei George. Eu sou o capitão aqui por eleição. Eu sou o capitão aqui porque sou o melhor homem por uma légua de diferença. Você não querem lutar como os cavalheiros da fortuna deveriam lutar; então, com mil trovões, vão obedecer, e podem contar com isso! Eu gosto desse menino, pois bem; nunca vi um menino melhor do que esse. Ele é mais homem do que qualquer par de ratos de vocês aqui nesta casa, e o que eu digo é o seguinte: ai de quem relar a mão nele, é o que eu digo, e podem contar com isso.

Seguiu-se uma longa pausa. Eu continuava encostado na parede, meu coração ainda batendo como uma marreta, mas com um raio de esperança que agora brilhava no meu peito. Silver inclinou as costas contra a parede, de braços cruzados, o cachimbo no canto da boca, tão calmo como se estivesse em uma igreja; ainda assim, seus olhos não paravam de vagar furtivamente, e ele mantinha o canto deles fixo em seus seguidores indisciplinados. Os homens, por sua parte, reuniam-se pouco a pouco em direção à extremidade

mais distante da casamata, e o zumbido baixo de seus sussurros soava no meu ouvido, incessante como um riacho. Um após o outro, eles olhavam para cima, e a luz vermelha da tocha recaía por um segundo em seus rostos nervosos; mas não era para mim, era para Silver que eles viravam os olhos.

— Vocês parecem ter muito a dizer — observou Silver, cuspido longe no ar. — Desembuchem e me deixem ouvir ou fiquem quietos.

— Com o seu perdão — respondeu um dos homens —, o senhor é muito leniente com algumas das regras; talvez faça a gentileza de observar o resto delas. Esta tripulação está insatisfeita; esta tripulação não admite humilhação de jeito nenhum; esta tripulação tem seus direitos como as outras tripulações, e eu falo com liberdade; e pelas suas próprias regras, eu creio que possamos conversar em pé de igualdade. Peço seu perdão, senhor, reconheço que é o capitão neste momento; mas eu clamo meu direito, e desejo sair para uma assembleia.

E com uma saudação elaborada do mar, esse sujeito, um homem comprido, doentio e de olhos amarelos, de uns 35 anos, saiu tranquilamente em direção à porta e desapareceu fora da casa. Um após o outro os demais seguiram seu exemplo, cada um fazendo uma saudação ao passar, cada um adicionando um pedido de desculpas.

— De acordo com as regras — disse um.

— Assembleia de proa — disse Morgan. E então, com uma observação ou outra, todos saíram marchando e deixaram Silver e eu sozinhos com a tocha.

O cozinheiro removeu o cachimbo no mesmo instante.

— Agora, olhe aqui, Jim Hawkins — ele continuou, com um sussurro firme que mal era audível —, você está à meia prancha da morte, e do que é muito pior, da tortura. Eles vão me expulsar. Mas, marque minhas palavras, estou do seu lado pelos bons e maus momentos. Eu não pretendia; não, não até você se pronunciar. Eu estava quase desesperado de perder todo aquele tesouro e ser enforcado em troca. Mas vejo que você era do tipo certo. Eu disse para mim

mesmo, fique do lado do Hawkins, John, e Hawkins vai ficar ao seu lado. Você é a última cartada dele, e pelo trovão vivo do céu, John, ele é seu! Um protege o outro, digo eu. Você salva a testemunha e ele vai salvar seu pescoço.

Comecei a entender pouco a pouco.

– Quer dizer que tudo está perdido? – perguntei.

– Sim, por Deus, é o que eu digo! – ele respondeu. – O navio se foi, praticamente sem volta, esse é o tamanho do problema. Assim que olhei para aquela baía, Jim Hawkins, e não vi escuna nenhuma, bem, eu sou durão, mas naquela hora eu desisti. Quanto àquele bando e à assembleia deles, marque minhas palavras, eles são tolos e completos covardes. Vou salvar a sua vida, se for possível, daqueles lá. Mas, veja aqui, Jim, é olho por olho, e você salva Long John da força.

Fiquei confuso; parecia uma coisa irremediável o que ele estava pedindo – ele, o velho bucaneiro, o líder do bando desde o início.

– O que eu puder fazer, vou fazer – respondi.

– Trato feito! – exclamou Long John. – Sua fala é corajosa e, com mil trovões, eu tenho uma chance!

Ele cambaleou até a tocha onde estava apoiada a lenha e reacendeu o cachimbo.

– Entenda-me, Jim – disse ele, ao retornar. – Tenho a cabeça no lugar, isso eu tenho. Agora estou do lado do fidalgo. Eu sei que você está com aquele navio seguro em algum lugar. Como você fez isso, eu não sei, mas que é seguro, é. Aposto que Hands e O'Brien amoleceram. Nunca acreditei muito em nenhum deles. Agora me ouça bem. Não faço perguntas, e também não vou deixar que os outros façam. Eu sei quando um jogo acabou, eu sei; e eu conheço um rapaz que é fiel. Ah, você é jovem, você e eu poderíamos ter feito uma imensidão de coisas boas juntos.

Ele virou um pouco de conhaque do barril em um canequim de lata.

– Quer um gole, ajudante? – ele perguntou; e depois que recusei: – Bem, eu vou tomar um gole, Jim – disse ele. – Preciso me

fornir, pois há problemas à vista. E falando em problemas, por que aquele médico me deu o mapa, Jim?

Meu rosto expressou um espanto tão sincero que ele viu que não havia necessidade de mais perguntas.

– Ah, bem, ele deu, porém – disse ele. – E aí tem coisa, sem dúvida, alguma coisa, certamente, debaixo disso, Jim, boa ou má.

E ele tomou outra golada do *brandy*, balançando a grande cabeça clara como um homem que espera pelo pior.

# A marca negra novamente



A assembleia dos bucaneiros já durava por algum tempo, quando um deles retornou à casa e, repetindo a mesma saudação – o que tinha, aos meus olhos, um ar irônico –, pediu a tocha emprestada por um momento. Silver concordou brevemente, e esse emissário retirou-se de novo, deixando-nos juntos no escuro.

– Há uma brisa chegando, Jim – disse Silver, que adotava, a essa altura, um tom bem amigável e familiar.

Virei para o buraco na parede mais perto de mim e dei uma espiada. As brasas da grande fogueira tinham até agora se consumido e exibiam um brilho tão tênue que eu entendia por que aqueles conspiradores desejariam uma tocha. Mais ou menos no meio do caminho pela encosta que levava à paliçada, eles estavam reunidos em um grupo; um segurava a tocha, outro estava de joelhos no meio deles, e eu vi a lâmina de um canivete aberto reluzir em sua mão com cores cambiantes ao luar e sob a radiância da tocha. Os demais estavam, de certa maneira, curvados, como se observando as manobras do primeiro. Com alguma dificuldade, enxerguei que ele tinha também um livro além do canivete na mão, e ainda estava me perguntando como algo tão incongruente tinha chegado às suas posses, quando a figura ajoelhada se levantou novamente e ficou em pé, e todo o grupo começou a se movimentar em conjunto rumo a casa.

– Aí vêm eles – disse eu; e voltei ao meu lugar anterior, pois parecia incompatível com a minha dignidade que eles me vissem observando-os.

– Bem, deixe que eles venham rapaz, deixe que venham – falou Silver, em tom alegre. – Ainda tenho uma carta na manga.

A porta se abriu, e os cinco homens, amontoados logo que entraram, empurraram um deles para a frente. Em qualquer outra circunstância teria sido cômicovê-lo avançar lentamente, hesitante em cada passo, mas com a direita fechada na frente do corpo.

— Venha, rapaz — exclamou Silver. — Eu não mordo. Passe para cá, grumete. Eu conheço as regras, eu conheço; não vou fazer mal a um porta-voz.

Assim encorajado, o bucaneiro deu um passo adiante, mais apressado, e tendo passado algo a Silver, de mão em mão, voltou ainda mais depressa para junto de seus companheiros.

O cozinheiro olhou para o que lhe havia sido dado.

— A marca negra! Achei que era isso mesmo — ele observou. — Onde foi que vocês arranjaram o papel? Ora, mas sim! Olhe aqui, agora, se isso não é sorte? Vocêis foram e cortaram isso aqui da Bíblia. Que tolo corta uma Bíblia?

— Ah, aí! — disse Morgan. — Aí! O que eu disse? Nada de bom vai sair disso, foi o que eu disse.

— Bem, vocês já selaram esse assunto entre vocês — continuou Silver. — Vocêis todos vão para a forca, eu acho. Qual grumete de miolo mole tinha uma Bíblia?

— Era Dick — disse um.

— Dick, foi? Então Dick pode começar as orações — retrucou Silver.

— Ele já viu sua fração de sorte, Dick já viu, e vocês podem contar com isso.

Mas foi então que o homem comprido de olhos amarelos entrou na conversa.

— Guarde essa conversa para depois, John Silver — ele disse. — Esta tripulação colocou a marca negra em você depois de uma assembleia completa, como manda o dever; assim como você vai virar o papel, como manda o dever, e ler o que está escrito aí. Então você pode falar.

— Obrigado, George — respondeu o cozinheiro. — Você não brinca em serviço e sabe as regras de cor, George, estou contente em ver. Bem, o que é, afinal? Ah! “Deposto”, é isso, é isso? Muito bem

escrito, decerto que sim; como se fosse impresso, eu juro. Essa é sua letra, George? Ora, você estava se mostrando um homem de liderança aqui nesta tripulação. Você será o próximo capitão, não iria me admirar. Apenas me faça a gentileza de passar essa tocha de novo, por favor? Esse cachimbo não fica aceso.

– Bem, então – disse George –, você não engana mais esta tripulação. Você é um homem engracado, na sua opinião; mas você já era agora, e talvez desça desse barril e ajude na votação.

– Pensei que você havia dito que conhecia as regras – retrucou Silver, em tom hostil. – Pelo menos, se você não a conhecer, eu sei; e eu espero aqui, e ainda sou o seu capitão, veja bem, até vocês acabarem com suas queixas e eu responder; nesse meio-tempo, sua marca negra não vale um biscoito. Depois disso, veremos.

– Oh – respondeu George –, não precisa ficar sob nenhum tipo de apreensão; pois nós já decidimos, já sim. Em primeiro lugar, você arruinou com essa viagem. Seria muita ousadia sua dizer que não arruinou. Em segundo lugar, você mandou o inimigo para fora desta armadilha aqui a troco de nada. Por que eles quiseram sair? Eu não sei, mas é bastante claro para mim que isso é o que eles queriam. Em terceiro lugar, você não quer nos deixar ir atrás deles. Ah, nós enxergamos além da sua fachada, John Silver; você só está aqui em benefício próprio, esse é o seu problema. E então, em quarto lugar, há este menino aqui.

– Isso é tudo? – Silver perguntou, tranquilamente.

– O suficiente, também – replicou George. – Vamos todos balançar na força e secar ao sol por causa das suas tramoias.

– Bem, agora, olhe aqui, eu vou responder a esses quatro pontos; um depois do outro, eu vou responder. Eu arruinei essa viagem, não arruinei? Pois muito bem, todos sabem o que eu queria, e todos sabem que se isso tivesse acontecido, estaríamos todos muito bem a bordo do *Hispaniola* esta noite como sempre, todos nós vivos, e bem, e cheios de um bom pudim de ameixas, e o tesouro a bordo, com mil trovões! Bem, quem me contrariou? Quem forçou a minha mão, se não foi aquele capitão que segue as leis? Quem foi que me

deu a marca negra no dia em que desembarcamos e começamos essa dança? Ah, é uma bela dança, eu com vocês aí, e se parece muito com uma dança na ponta de uma corda na Doca de Execução no centro de Londres, é o que parece. Mas quem foi que começou? Ora, foi Anderson e Hands, e você, George Merry! E você é o último homem vivo daquela tripulação intrometida; e você tem a insolência de Davy Jones para vir querer ser capitão por cima de mim; você, que afundou todos nós. Pelos poderes! Mas isso faz o conto mais absurdo de todos parecer peixe pequeno.

Silver parou de falar, e eu podia ver pelo rosto de George e seus últimos camaradas que aquelas palavras não haviam sido ditas em vão.

– Isso é pelo número um! – exclamou o acusado, enxugando o suor da testa, pois ele tinha falado com uma veemência que chegava a sacudir a casa. – Ora, mas lhes dou minha palavra, estou farto de falar com vocês. Não têm nem juízo nem memória, e eu só me pergunto onde é que a mãe de vocês estava quando os deixou virem para o mar. O mar! Cavalheiros da fortuna! Eu acho que o ofício de vocês deveria ser o de alfaiate, isso sim.

– Prossiga, John – disse Morgan. – Fale dos outros pontos.

– Ah, os outros! – retornou John. – São uns belos pontos, não são? Vocês dizem que essa viagem foi arruinada. Ah! Por Deus, se pudessem entender o quanto ela foi arruinada, veriam só! Estamos tão perto da força que meu pescoço está duro só de pensar. Vocês já os viram, talvez, pendurados em correntes, pássaros em cima deles, homens do mar apontando para eles ao seguirem com a maré. “O que é aquilo?”, diz um. “Aquilo! Ora, é John Silver. Eu o conhecia bem”, diz outro. E vocês podem ouvir as correntes tilintando de um lado para o outro e alcançando a outra boia. Muito bem, é aqui onde estamos, cada filho da mãe que nós somos, graças a ele, e a Hands, a Anderson e aos outros tolos arruinados que vocês são. E se querem saber qual é o número quatro, aquele menino, ora, raios que o partam, não é o refém? Por acaso, vamos desperdiçar um refém? Não, nós não; ele pode ser nossa última

chance, e eu não deveria me espantar. Matar aquele garoto? Eu não, companheiros! E o número três? Ah, bem, há um acordo para dizer o número três. Talvez vocês não deem valor a ter um verdadeiro médico formado cuidando de vocês todos os dias; você, John, com sua cabeça quebrada; ou você, George Merry, que tinha os tremores da malária não faz nem seis horas, e que está com os olhos da cor do limão grudados no relógio neste exato momento? E talvez, talvez, vocês não soubessem que há um bote auxiliar vindo para cá também? Mas é verdade, e não vai demorar muito; e vamos ver quem vai estar contente por ter um refém quando chegar a hora. E quanto ao número dois, e é por isso que eu faço uma barganha; bem, vocês vieram andando de joelhos para eu fazer isso, de joelhos vocês vieram, de tão desalentados que estavam, e teriam morrido de fome também se não fosse por mim, mas isso aqui não tem a menor importância! Olhe ali: é por isso!

E ele jogou no chão um papel que reconheci no mesmo instante – nada mais do que o mapa em papel amarelado com as três cruzes vermelhas que eu havia encontrado no pano encerado, no fundo do baú do capitão. Por que motivo o médico havia lhe dado aquilo era mais do que eu poderia imaginar.

Mas se era inexplicável para mim, a aparição do mapa era inacreditável para os amotinados sobreviventes. Eles saltaram sobre o papel como se fossem gatos sobre um rato. Foi passando de mão em mão, um arrancando do outro; e pelos xingamentos, gritos e risadas infantis que acompanharam o exame que eles faziam daquilo, vocês teriam pensado, não só eles estavam com as mãos no ouro, como já estavam no mar com ele, e além disso, em segurança.

– Sim – disse um –, é o do Flint, com certeza. J. F. e uma linha logo abaixo, com uma volta do fiel em cima,<sup>9</sup> como ele sempre fazia.

– Muito bonito – disse George. – Mas como vamos fazer alguma coisa com isso, nós, que estamos sem navio?

Silver de repente levantou-se, segurando-se com a mão apoiada na parede:

– Eis o meu alerta, George! – exclamou. – Mais uma palavra do seu atrevimento e eu vou chamá-lo para um combate homem a homem. Como? Ora, como eu sei? É você que tinha que me dizer isso; você e os outros, que perderam a minha escuna por causa da sua interferência, que vocês ardiam! Mas não vocês, vocês não podem; vocês não têm a engenhosidade nem de uma barata. Mas falar com civilidade você pode, e deve, George Merry, e pode contar com isso.

– É justo – disse o velho Morgan.

– Justo! Eu acho que sim – disse o cozinheiro. – Você perdeu o navio; eu encontrei o tesouro. Quem é homem melhor do que isso? E agora eu me demito, com mil trovões! Elejam quem vocês quiserem agora para ser o capitão de vocês; eu estou farto disso.

– Silver! – eles gritaram. – Homem do Churrasco para sempre! Churrasco para capitão!

– Então é assim, não é? – gritou o cozinheiro. – George, acho que você vai ter que esperar outra rodada, amigo; e sorte sua que eu não sou um homem vingativo. Mas eu nunca fui assim. E agora, companheiros, esta marca negra? Não vai servir para muita coisa agora, vai? Dick testou a sorte e estragou a Bíblia dele, e isso é tudo.

– Ainda vai resolver beijar o livro, não vai? – rosnou Dick, que estava evidentemente desconfortável por ter trazido aquela maldição sobre si mesmo.

– Uma Bíblia com um pedaço cortado fora! – replicou Silver, ironicamente. – Essa não. Não é mais sagrada do que um livro de baladas.

– Não, é? – exclamou Dick com uma espécie de alegria. – Bem, acho que vale ter uma, mesmo assim.

– Aqui, Jim, aqui está uma curiosidade para você – falou Silver, e ele me atirou o papel.

Tinha por volta do tamanho de uma moeda de coroa. Um lado estava em branco, pois tinha sido a última página da Bíblia; o outro continha um versículo ou dois da Revelação – essas palavras entre

as demais, que atingiram minha mente com força: “Ficarão de fora os cães e os homicidas”. O lado impresso tinha sido escurecido com cinza de madeira, que já começava a sair e a manchar meus dedos; do lado em branco, uma única palavra escrita com o mesmo material: “Deposto”. Tenho esse objeto curioso comigo neste momento, mas nenhum traço de escrita resta além de um único rabisco, tal como um homem faria com a unha do polegar.

Esse foi o fim do assunto da noite. Logo depois, com uma rodada de bebida para todos, deitamos para dormir, e a demonstração da vingança de Silver foi colocar George Merry de sentinela e ameaçá-lo com a morte se ele se provasse infiel.

Muito tempo se passou antes que eu pregasse um olho, e Deus sabe que eu tinha assunto o suficiente para pensar – a respeito do homem que eu matara naquela tarde, na minha posição mais arriscada –, e, acima de tudo, no jogo notável no qual eu agora via Silver empenhado: com uma das mãos manter os amotinados unidos e, com a outra, agarrar todos os meios possíveis e impossíveis para se reconciliar e salvar sua vida miserável. Ele próprio dormia pacificamente e roncava alto, mas meu coração doía por ele, por mais perverso que Silver fosse, de pensar nos perigos sombrios que o cercavam e na força vergonhosa que esperava por ele.

“Clove hitch”: nó volta do fiel. Um tipo de nó rápido utilizado em navegação. (N.T.)

# Em liberdade condicional



Fui desperto – na verdade, nós todos fomos despertos, pois vi até mesmo a sentinela sacudir-se, onde tinha caído contra o batente da porta – quando uma voz clara e vigorosa nos chamou das franjas do bosque:

– Ô da casamata, alô! – gritou. – Aqui é o médico.

E era mesmo o médico. Embora eu estivesse contente de ouvir o som, minha alegria não era plena. Lembrei-me, com confusão, da minha conduta insubordinada e furtiva, e quando vi aonde ela havia me levado – até junto daquela má companhia e cercado por aqueles perigos –, senti vergonha de olhar o doutor no rosto.

Ele devia ter se levantado ainda no escuro, pois o dia mal tinha nascido; e quando corri até o buraco na parede e olhei para fora, eu o vi parado, como Silver antes, envolto até o meio da perna pelos vapores do amanhecer.

– O senhor, doutor! A melhor das manhãs para o senhor! – gritou Silver, muito acordado, de sorriso aberto e de bom humor, de um instante para o outro. – Está cedo e fresco, decerto que está; e Deus ajuda quem cedo madruga, como diz o ditado. George, mexa-se, filho, vá cuidar da vida e ajude o dr. Livesey a subir pelas amuradas. Todos indo bem, seus pacientes estavam, todos, de vento em popa.

E ele continuou tagarelando, parado no topo da colina com a muleta debaixo do cotovelo e uma das mãos encostada na casa de troncos – o Long John de antes, na voz, nos modos e na expressão.

– Temos uma surpresa para o senhor também – ele continuou. – Temos um pequeno estranho aqui... ele! Ele! Um novo inquilino,

tinindo e trincando; dormiu como um capitão, ele dormiu, bem ao lado de John, lado a lado, a noite toda.

O dr. Livesey a essa altura já havia cruzado a paliçada e se encontrava bem perto do cozinheiro. Pude ouvir a alteração na voz dele, quando disse:

– Não é Jim, é?

– O mesmo Jim de sempre – respondeu Silver.

O médico parou de chofre e, embora não falasse nada, alguns segundos se passaram antes que ele parecesse capaz de se mover.

– Bem, bem – disse ele, finalmente. – Primeiro o dever e depois o lazer, como você mesmo poderia ter dito, Silver. Vamos dar uma olhada nesses seus pacientes.

Um momento depois ele entrou na casamata e, com um aceno sombrio para mim, prosseguiu com sua obra entre os doentes. Parecia não estar sob nenhuma apreensão, embora devesse saber que sua vida, entre aqueles demônios traiçoeiros, estava por um fio; e ele mexeu nos pacientes como se estivesse fazendo uma visita profissional comum na casa tranquila de uma família inglesa. Seus modos, eu suponho, faziam os homens reagirem, pois eles se comportavam na presença dele como se nada houvesse acontecido, como se ele ainda fosse o médico do navio e eles ainda fossem os marujos confiáveis da tripulação a vante do mastro.

– Está indo bem, meu amigo – ele disse para o homem com a cabeça enfaixada –, e se algum homem sobreviveu pelo fio da navalha, esse foi você; sua cabeça deve ser dura como ferro. Bem, George, como vão as coisas? Você está com uma cor bonita, certamente; ora, seu fígado, homem, está de cabeça para baixo. Tomou aquele remédio? Ele tomou aquele remédio, homens?

– Sim, sim, senhor, decerto que ele tomou – respondeu Morgan.

– Porque, vejam só, já que sou médico dos amotinados, ou o médico da prisão, como eu prefiro chamar – prosseguiu o dr. Livesey na sua forma mais agradável –, tenho como questão de honra não perder nenhum homem destinado a encontrar o rei George (Deus o abençoe!) e seu cadafalso.

Os patifes entreolharam-se, mas engoliram a espetada a seco e em silêncio.

– Dick não está se sentindo bem, senhor – disse um.

– Não está? – respondeu o médico. – Bem, venha cá, Dick, e deixe-me ver a sua língua. Não, eu ficaria surpreso se ele estivesse bem! A língua do homem está de um jeito que assustaria os franceses. Outra febre.

– Ah, isso aí! – disse Morgan. – Isso aí veio de estragar bíblias.

– Isso vem, como vocês dizem, de serem uns grandessíssimos de uns asnos – retrucou o médico – e de não terem juízo suficiente para diferenciar um ar limpo de um veneno, e a terra seca de um vil e pestilento atoleiro. Acho que é mais provável, embora, é claro, seja apenas uma opinião, que vocês comam o pão que o diabo amassou antes de tirarem essa malária do organismo. Acamparem em um pântano, pois? Silver, estou surpreso com você. Você é menos tolo do que muitos, vou lhe ser sincero; mas não me parece ter nem sequer os rudimentos de uma noção do que são regras de saúde.

– Bem – ele acrescentou depois de ter passado a medicação de todos, e de eles terem tomado, com uma humildade realmente risível, mais como crianças de obra de caridade do que como amotinados e piratas sedentos de sangue –, bem, isso é tudo por hoje. E agora eu gostaria de ter uma conversa com aquele menino, por favor.

E ele acenou com a cabeça na minha direção, despreocupadamente.

George Merry estava na porta, cuspindo e espumando depois de algum remédio de gosto ruim; mas, à primeira palavra da proposta do médico, ele girou nos calcanhares, todo corado, e gritou:

– Não! – E praguejou.

Silver bateu no barril com a mão aberta.

– Silêncio! – rugiu e olhou ao seu redor como faria um leão. – Doutor – ele prosseguiu em seus tons usuais –, eu estava pensando nisso, sabendo que o senhor tinha uma afeição pelo menino.

Estamos todos humildemente gratos pela sua gentileza e, como o senhor vê, acreditamos no senhor e tomamos os remédios como se fosse rum. E acredito que encontrei um jeito que vai servir bem a todos nós. Hawkins, você vai me dar sua palavra de honra como um jovem cavalheiro, pois um jovem cavalheiro você é, embora nascido pobre, e sua palavra de honra não é uma amarra frouxa, é?

Prontamente fiz o juramento que ele me pediu.

– Então, doutor – retomou Silver –, vá até o lado de fora dessa paliçada, e quando estiver lá, vou levar o menino pelo lado de dentro, e acredito que vão poder ter seu dedo de prosa com a cerca no meio. Bom dia para o senhor, e todos os nossos préstimos ao fidalgo e ao capitão Smollett.

A desaprovação dos homens, incontida por nada que não fosse os olhares negros de Silver, explodiu imediatamente após o doutor ter deixado a casa. Silver foi rotundamente acusado de jogada dupla, de tentar garantir a própria paz, de sacrificar os interesses de seus cúmplices e vítimas e, em uma palavra, era idêntica e exatamente o que ele estava fazendo. No caso em questão, pareceu-me tão óbvio que eu não podia imaginar como é que ele conseguiria se safar da ira dos marujos. Mas Silver era duas vezes mais homem do que o resto deles, e sua vitória na noite anterior tinha lhe dado uma enorme preponderância na mente dos amotinados. Ele chamou a todos de tolos e idiotas, podem imaginar, disse que era necessário que eu falasse com o doutor, esfregou o mapa na cara deles, perguntou se eles podiam se dar ao luxo de quebrar o tratado naquele exato dia em que iriam partir para a caça ao tesouro.

– Não, com mil trovões! – ele exclamou. – Nós é que devemos quebrar o tratado quando chegar a hora; e até lá, vou fazer o doutor jogar o nosso jogo, nem que eu tenha que engraxar as botas dele com *brandy*.

E, então, ele lhes deu ordens para acender o fogo e saiu com a muleta, uma das mãos sobre o meu ombro, deixando-os para trás perturbados; silenciados pela volubilidade de Silver, não por terem sido convencidos por ele.

– Devagar, rapaz, devagar – pediu. – Eles podem se voltar contra nós em um piscar de olhos se virem que estamos com pressa.

Muito deliberadamente, então, avançamos pela areia até onde o médico nos aguardava do outro lado da paliçada, e assim que estávamos em um raio fácil de conversa, Silver parou.

– Tome nota disto aqui também, doutor – disse ele –, e o menino vai lhe dizer como foi que eu salvei a vida dele, e fui deposto justamente por isso, e pode contar com isso. Doutor, quando um homem está navegando tão próximo do vento como estou,<sup>10</sup> ou vivendo como se fosse um jogo de azar com o último fôlego do corpo... o senhor não pensaria que seria demais, porventura, dar-lhe uma boa palavra? Por favor, tenha em mente que agora não é apenas a minha vida; é a desse menino que está na berlinda; e fale comigo às claras, doutor, e me dê um pouco de esperança para prosseguir, em nome da misericórdia.

Silver era outro homem, tão logo tinha saído de lá e estava de costas para seus amigos e para a casamata; suas faces pareciam ter perdido o sorriso, sua voz tremia; nunca uma alma pareceu mais morta.

– Por que, John, não está com medo? – perguntou o dr. Livesey.

– Doutor, não sou covarde nenhum; não, não eu, não desse jeito!

– E ele estalou os dedos. – Se eu fosse, não diria. Mas vou admitir, justiça seja feita, tremo só de pensar na forca. O senhor é um bom homem de verdade; nunca vi homem melhor! E não esquecerá o que fiz de bom, não mais do que esquecerá do que foi de ruim, eu sei. E eu saio do caminho, veja aqui, e deixo o senhor e Jim sozinhos. E o senhor coloque isso também na minha conta, pois é algo grande, é sim!

Assim dizendo, ele recuou um pouco, até que estava fora de alcance da voz e lá se sentou em cima de um toco de árvore e começou a assobiar, de vez em quando girando em seu assento, a fim de lançar um olhar, às vezes, para mim e para o médico e, às vezes, para seus rufiões indisciplinados que iam para lá e para cá na areia entre a fogueira – que eles estavam ocupados a

reacendendo – e a casa, de onde trouxeram carne de porco e pão para fazer o desjejum.

– Então, Jim – disse o médico tristemente –, aqui está você. Você colhe o que planta, meu garoto. Deus sabe que não consigo encontrar motivo para culpá-lo, mas isso eu vou dizer, doa a quem doer: quando o capitão Smollett estava bem, você não se atreveu a fugir; mas quando ele estava doente e indefeso, por São Jorge, foi plenamente covarde!

Admito que comecei a chorar.

– Doutor – disse eu –, o senhor precisa me poupar. Eu já me culpei bastante; minha vida está em risco, de qualquer maneira, e eu estaria morto agora se Silver não tivesse ficado do meu lado; e, doutor, acredice nisso, eu posso morrer e uso dizer que mereço, mas o que eu temo é a tortura. Se eles vierem a me torturar...

– Jim – interrompeu o médico, e sua voz estava muito mudada. – Jim, não vou admitir isso. Pule a paliçada e nós vamos sair daqui correndo.

– Doutor – insisti –, eu dei a minha palavra.

– Eu sei, eu sei! – ele gritou. – Agora não podemos fazer nada quanto a isso, Jim. Eu assumo o fardo nos meus ombros, sem tirar nem pôr, a culpa e a vergonha, meu garoto; mas que você fique aqui eu não posso deixar. Pule! Um pulo e você está fora, e nós vamos fugir daqui como antílopes.

– Não – respondi. – Sabe muito bem que o senhor não teria feito isso se estivesse no meu lugar; nem o senhor, nem o fidalgo e nem o capitão; e também não farei. Silver confiou em mim; eu dei minha palavra e por isso tenho que voltar. Mas, doutor, o senhor não me deixou terminar. Se eles vierem a me torturar, eu posso deixar escapar uma palavra de onde está o navio, pois eu consegui o navio, em parte por sorte, em parte por assumir riscos, e a escuna está na Enseada Norte, na praia mais ao Sul, e logo abaixo da linha da maré alta. Na meia-maré, deve estar flutuando e seca.

– A escuna! – exclamou o médico.

Rapidamente, descrevi-lhe minhas aventuras, e ele me ouviu em silêncio.

– Há um tipo de destino nisso – ele observou quando eu havia terminado. – A cada passo, é você que salva nossas vidas; e você acha por acaso que nós vamos deixá-lo perder a sua? Isso daria um retorno infeliz, meu garoto. Você descobriu a conspiração; você encontrou Ben Gunn, seu melhor feito até o momento ou no futuro, embora você vá viver até os noventa anos. Ah, por Júpiter, e falando em Ben Gunn! Aquilo é a malícia em pessoa. Silver! – ele gritou. – Silver! Vou lhe dar um pequeno conselho – ele continuou, à medida que o cozinheiro se aproximava novamente. – Não se apresse para encontrar aquele tesouro.

– Por que, senhor, eu faço o meu possível, o que não seria isso – disse Silver. – Eu só posso, pedindo-lhe perdão, salvar minha vida e a do menino se eu sair para procurar aquele tesouro; e pode contar com isso.

– Bem, Silver – respondeu o médico –, se é assim, vou um passo além: cuidado com as borrascas, quando você o encontrar.

– Senhor – disse Silver –, cá entre nós, de homem para homem, isso é demais e ao mesmo tempo não é nada. De que vocês estão atrás, por que saíram da casamata, por que me deram aquele mapa lá, eu não sei, por acaso, sei? E ainda assim, fiz o que o senhor pediu de olhos fechados e nunca recebi uma palavra de esperança! Mas não, isso aqui é demais. Se não vai me contar o que está querendo dizer com isso, claro e simples, fale de uma vez e abandone o leme.

– Não – disse o médico, pensativo. – Não tenho direito de dizer mais nada; O segredo não é meu, entenda, Silver, senão eu lhe daria minha palavra e lhe contaria. Mas com você só posso ir até onde eu me atrevo, e um passo além, pois o capitão já vai acabar com a minha peruca, ou estou enganado! E, em primeiro lugar, vou lhe dar um pouco de esperança; Silver, se ambos sairmos vivos desta armadilha de lobo, vou fazer meu melhor para salvá-lo, sem perjúrio.

O rosto de Silver ficou radiante.

– O senhor não poderia ter dito mais, tenho certeza, não se o senhor fosse minha mãe! – ele exclamou.

– Bem, essa é minha primeira concessão – acrescentou o médico.

– A segunda é um conselho: mantenha o menino ao seu lado e, quando precisar de ajuda, chame! Vou sair e procurar ajuda para você, e essa atitude sozinha vai mostrar se estou jogando palavras ao vento ou não. Adeus, Jim.

E o dr. Livesey apertou minha mão por entre a paliçada, acenou com a cabeça para Silver e partiu em um ritmo acelerado pela floresta.

Navegar próximo ao vento, ou à bolina, ou à bolina cerrada, é navegar contra o vento, nos menores ângulos possíveis, sem que a embarcação fique parada e com as velas totalmente caçadas (esticadas e tensas). É uma técnica utilizada em ventos não favoráveis. Silver quer dizer que ele já está vivendo perigosamente, que seu fim é próximo. (N.T.)

# A caça ao tesouro: o ponteiro de Flint



– Jim – falou Silver quando estávamos sozinhos –, se eu salvei sua vida, você salvou a minha; e não vou me esquecer disso. Eu vi o doutor incitando você a fugir, de rabo de olho, eu vi; e vi você dizer não, tão claro como se ouvisse sua voz. Jim, isso é ponto a seu favor. Esse é o primeiro lampejo de esperança que tive desde que o ataque falhou, e devo a você. E, agora, Jim, vamos partir para essa caça ao tesouro, com ordens seladas também, e isso não me agrada; e você e eu devemos ficar perto um do outro, um dando cobertura para o outro, e nós vamos salvar nosso pescoço apesar de destino e da sorte.

Bem nesse momento, um homem nos chamou de perto da fogueira, dizendo que o desjejum estava pronto, e logo estávamos sentados sobre a areia, comendo biscoitos e carne frita. Eles haviam acendido um fogo que dava para assar um boi, e agora se tornara tão quente que só poderiam se aproximar contra o vento, e mesmo assim, não sem precaução. No mesmo espírito perdulário, eles tinham cozinhado, suponho, três vezes mais do que aguentávamos comer; e um dos homens, com uma risada boba, jogou o que sobrou na fogueira, que inflamou e rugiu novamente sobre aquele combustível incomum. Nunca na minha vida vi homens tão irresponsáveis com o amanhã; esbanjando, é a única palavra que pode descrever seu modo de fazer as coisas; e a somar com alimento desperdiçado e sentinelas adormecidas, se eles eram suficientemente ousados para alguma

atividade perigosa e passageira, eu percebia sua total inaptidão para qualquer coisa que fosse uma campanha prolongada.

Até mesmo Silver, esbaldando-se de comer, com capitão Flint em cima do ombro, não proferiu uma palavra que fosse de repreensão àquela imprudência. E isso foi o que me surpreendeu mais que tudo, pois achei que ele nunca tinha se mostrado tão dissimulado como se mostrou ali.

– Sim, companheiros – disse ele –, é uma sorte que vocês tenham o Homem do Churrasco para pensar por vocês com essa cabeça aqui. Conseguí o que eu queria, eu consegui. Com certeza, eles têm o navio. Onde eles o têm, isso eu não sei ainda; mas assim que acharmos o tesouro, vamos ter que nos mexer e descobrir. E, então, companheiros, nós que temos os botes, eu acho, temos a vantagem.

Assim, ele continuou falando, com a boca cheia de toucinho quente; assim foi que ele restaurou a esperança e a confiança dos homens, e, eu mais do que suspeito, reparou as suas também.

– Quanto ao refém – continuou –, essa foi a última vez que ele falou, eu acho, com aqueles que ele ama tanto. Tenho minhas notícias, e agradeço a ele por isso; mas isso já está feito e acabado. Vou amarrá-lo em uma corda de navio quando sairmos para a caça ao tesouro, pois temos que mantê-lo conosco como se fosse ouro, em caso de acidentes, percebam, e enquanto isso. Uma vez que tivermos tanto o navio quanto o tesouro, vamos partir para o mar como felizes companheiros, ora, vai ser quando vamos convencer o sr. Hawkins aqui, vamos sim, e vamos dar a ele a parte que lhe cabe, decerto que vamos, por toda a gentileza.

Não admirava que os homens estivessem de bom humor agora. Eu, de minha parte, sentia-me horivelmente deslocado. Se o estratagema que ele agora tinha esboçado se mostrasse viável, Silver, já duplamente traidor, não hesitaria em adotá-lo. Ele ainda tinha um pé em cada campo, e não restava dúvida de que preferiria riqueza e liberdade com os piratas a uma fuga por um fio da força, o que era o melhor que ele tinha chances de esperar de nossa parte.

Não, e mesmo que coisas acontecessem de maneira que ele acabasse forçado a manter a sua palavra com o dr. Livesey, mesmo assim o perigo assomava-se diante de nós! Que momento seria quando as suspeitas de seus seguidores se transformassem em certeza e ele e eu tivéssemos que lutar pela nossa vida – ele, um aleijado, e eu, um menino – contra cinco marinheiros fortes e ativos!

Fosse adicionado a essa dupla apreensão o mistério que ainda pendia sobre o comportamento dos meus amigos, sua deserção inexplicada da paliçada, sua entrega inexplicável do mapa, ou ainda mais difícil de entender, o último aviso do doutor a Silver, “cuidado com as borrascas, quando você o encontrar”, e prontamente vocês vão acreditar como foi pequeno meu gosto naquele desjejum, e com um coração inquieto assim, parti atrás de meus captores à caça ao tesouro.

Fazíamos uma figura curiosa, se houvesse alguém ali para nos ver – todos em trajes de marinheiro imundos e, todos, menos eu, armados até os dentes. Silver tinha duas armas penduradas nele – uma na frente e outra atrás – além da enorme espada curva na cintura e da pistola em cada bolso de seu casaco de cauda quadrada. Para completar sua aparência estranha, capitão Flint estava empoleirado em cima de seu ombro e tagarelando miséria, fragmentos de ditos do mar. Eu tinha uma corda de navio amarrada na cintura e seguia, obediente, atrás do cozinheiro do navio, que segurava a ponta solta da corda, ora em sua mão livre, ora entre os poderosos dentes. Em todos os aspectos, eu era conduzido como se fosse um urso dançarino.

Os outros homens estavam paramentados de formas variadas, alguns carregando picaretas e pás – pois foram os primeiríssimos itens necessários que eles trouxeram para a ilha quando desembarcaram do *Hispaniola* – outros carregados de carne de porco, pão e *brandy* para a refeição do meio-dia. Todas as provisões, observei, vinham do nosso suprimento, e eu podia ver a verdade das palavras do Silver na noite anterior. Se ele não houvesse feito um acordo com o médico, ele e seus amotinados,

abandonados pelo navio, seriam levados a subsistir de água doce e do que pudessem caçar. Água seria pouco para seu gosto; um marinheiro geralmente não é um bom atirador; e além de tudo isso, quando estivessem com a comida curta, não é provável que tivessem com grande abundância de pólvora.

Bem, assim equipados, todos nós partimos – até mesmo o cara da cabeça quebrada, que certamente deveria ter se mantido na sombra

–  
e nos esforçamos, um após o outro, a caminho da praia, onde os dois escalerões nos aguardavam. Até mesmo eles exibiam traços da algazarra ébria dos piratas, um com o banco quebrado, e os dois em um estado lamacento e cheios d'água. Ambos deviam ser levados conosco por razões de segurança; e então nos dividimos entre eles e seguimos pelo centro do ancoradouro.

Quando paramos, houve alguma discussão sobre o mapa. A cruz vermelha era, naturalmente, demasiado grande para ser um guia; e os termos das anotações feitas no verso, como vocês ouvirão, admitia certa ambiguidade. Elas diziam, o leitor pode se lembrar, o seguinte:

*Árvore alta, flanco da Luneta, com uma ponta para o N de NNE.*

*Ilha do Esqueleto ESE e por E.*

*Três metros.*

Uma árvore alta, portanto, era o alvo principal. Agora, bem diante de nós, o ancoradouro era limitado por um planalto de altura que aparentava alcançar algo em torno de sessenta a noventa metros de altura, adjacente, ao Norte, à encosta sul da Luneta e subindo de novo em direção ao Sul, rumo à proeminência acidentada chamada de Colina Mastro de Mezena. O topo do planalto era pontilhado por uma cobertura espessa de pinheiros de diferentes alturas. Aqui ou acolá, um pinheiro de uma espécie diferente subia a doze, a quinze metros acima de seus vizinhos, e qual dessas era a específica “árvore alta” do capitão Flint, isso só poderia ser decidido no local e pelas leituras da bússola.

Ainda assim, embora fosse esse o caso, todos os homens a bordo dos barcos já tinham escolhido uma árvore favorita própria antes que estivéssemos na metade do caminho até lá; Long John sozinho encolhia os ombros e lhes pedia que esperassem até que chegassem lá.

Remávamos com calma e sem esforço demais, seguindo as instruções de Silver, para que não cansássemos as mãos prematuramente, e, depois de uma longa passagem, desembocamos na foz do segundo rio – o que descia por uma fissura arborizada desde a Luneta. Dali, dobrando à esquerda, começamos a subir a encosta em direção ao planalto.

No primeiro trecho, o leito pesado e repleto de lodo e cheio de juncos atrasou profundamente nosso progresso; mas pouco a pouco a colina começou a ficar mais íngreme e se tornou rochosa sob os nossos pés, e o bosque começou a mudar suas características e a ficar mais esparsa. Era, de fato, a uma belíssima porção da ilha que estávamos chegando agora. Giestas com um forte perfume e muitos arbustos floridos quase tinham tomado o lugar da grama. Arvoredos de noz-moscada, verdes, estavam salpicados aqui e ali com as colunas vermelhas e a ampla sombra dos pinheiros; e os primeiros misturavam o perfume apimentado com o aroma dos outros. O ar, além do mais, era fresco e estimulante, e isso, debaixo dos raios de sol implacáveis, era um refresco maravilhoso para os nossos sentidos.

O grupo se espalhava pelo espaço em forma de leque, gritando e saltando para cá e para lá. Por volta do centro, e um bom tanto atrás dos demais, Silver e eu seguíamos – eu, puxado pela minha corda, ele com dificuldade, ofegando bastante, entre o cascalho escorregadio. De vez em quando, de fato, eu tinha que lhe dar uma ajuda, ou ele teria perdido o equilíbrio e caído de costas colina abaixo.

Assim procedemos por uns oitocentos metros e estávamos nos aproximando do topo do planalto, quando o homem mais à

esquerda começou a gritar como se em terror. Grito apôs grito veio dele, e os outros começaram a correr em sua direção.

– Ele não pode ter encontrado o tesouro – disse o velho Morgan, correndo por nós pela direita –, pois claramente está no topo.

Em verdade descobrimos, quando também chegamos àquele ponto, que era algo muito diferente. Ao pé de um pinheiro grande e envolto em uma trepadeira verde, que até mesmo levantara parcialmente alguns dos ossos menores, estava um esqueleto humano, com alguns retalhos de roupa, no chão. Acredito que um arrepiô atingiu por um instante todos os corações.

– Ele era um marujo – disse George Merry, que, mais corajoso do que o resto, tinha ido lá perto e estava examinando os trapos de roupas. – Ao menos, isso é bom pano de mar.

– Sim, sim – falou Silver. – É o suficiente; vocês não iriam encontrar um bispo aqui, eu acho, mas que jeito é esse de os ossos ficarem? Isso não é da natureza.

Com efeito, em um segundo olhar, parecia impossível imaginar que o corpo estivesse em uma posição natural. Entretanto, por alguma desordem (o trabalho, talvez, dos pássaros que tinham se alimentado dele ou da trepadeira que foi crescendo devagar e envolvendo seus restos mortais), o homem estava perfeitamente reto – seus pés apontando em uma direção, as mãos erguidas acima da cabeça, como as de um mergulhador, apontando diretamente para o lado oposto.

– Estou aqui pensando uma coisa na minha cabeça de velho tolo – observou Silver. – Aqui está a bússola; aqui está a pontinha da Ilha do Esqueleto, projetando-se como um dente. Apenas faça uma medição, por favor, ao longo da linha dos ossos.

Foi feito. O corpo apontava diretamente para a ilha, e a bússola lia ESE e por E.

– Foi o que eu pensei – declarou o cozinheiro. – Este aqui é um ponteiro. Bem ali em cima fica a nossa linha para a Estrela Polar e o dinheiro bem-vindos. Só que, com mil trovões!, se não me deixa gelado por dentro pensar em Flint. Esta é uma das brincadeiras

*dele*, sem erro. Ele e aqueles seis estavam sozinhos aqui; ele os matou, todos os homens; e esse ele içou aqui e aprumou na direção da bússola, raios que o partam! São ossos longos, e o cabelo era amarelo. Sim, esse seria Allardyce. Está lembrado do Allardyce, Tom Morgan?

– Sim, sim – retornou Morgan. – Estou lembrado; ele me devia dinheiro, devia sim, e levou minha faca com ele quando desembarcou.

– Falando em facas – disse outro –, por que não encontramos a *dele* aqui por perto? Flint não era o homem de afanar coisas de um homem do mar; e os pássaros, eu acho, deixariam-no em paz.

– Pelos poderes, e isso é verdade! – exclamou Silver.

– Não sobrou nada aqui – emendou Merry, ainda tateando entre os ossos. – Nem uma bagatela de cobre e nem uma caixa de tabaco. Isso não me parece nada natural.

– Não, diabos que não – concordou Silver. – Nada natural e nem bonito de se ver, diria você. Diabos, sim! Companheiros, mas se Flint estivesse vivo, esse lugar seria perigoso para vocês e para mim. Seis eles eram, e seis nós somos; e ossos é o que eles são agora.

– Eu o vi morto com esses olhos que a terra há de comer – disse Morgan. – Foi Billy que me levou. Lá ele estava, com moedas sobre os olhos.

– Morto, sim, com certeza, ele está morto e enterrado a sete palmos – acrescentou o sujeito com o curativo. – Mas se algum espírito fosse andar, esse seria o de Flint. Pelo sagrado coração, mas Flint morreu em uma pior, morreu sim!

– Sim, isso ele fez – observou outro. – Ora ele se encolerizava, ora se esbaldava de rum e ora ele cantava. “Quinze homens” era sua única canção, companheiros; e lhes digo a verdade, nunca mais gostei de ouvi-la desde então. Estava bem quente, e o vento soprava, e eu ouvia aquela velha canção vindo tão clara como a claridade, e o chamado de morte já assombrava o homem.

– Ora, ora – disse Silver. – Chega dessa conversa. Ele está morto, e ele não anda, isso eu sei; ao menos, ele não vai andar durante o dia, e vocês podem contar com isso. De tanto pensar morreu um burro. Vamos buscar os dobrões.

Começamos, certamente; mas, apesar do sol quente e da luz do dia ofuscante, os piratas já não corriam separados e gritando entre a floresta, mantinham-se lado a lado e falavam aos sussurros. O terror do bucaneiro morto tinha encoberto os humores.

# A caça ao tesouro: a voz entre as árvores



Em parte pela influência de seu alarme desalentador, em parte para dar um descanso a Silver e seu pessoal enfermo, o grupo todo se sentou assim que alcançou o topo da subida.

Como o planalto era um pouco inclinado para o Oeste, o ponto em que estávamos nos dava uma ampla visão dos dois lados. Diante de nós, sobre a copa das árvores, víamos o Cabo da Floresta margeado pelas ondas do mar; atrás, não apenas tínhamos uma visão aérea do ancoradouro e da Ilha do Esqueleto, mas víamos – claramente do outro lado da restinga e das terras baixas orientais – um grande espaço de mar aberto a Leste. Íngreme acima de nós, erguia-se a Luneta, ora pontuada com pinheiros solitários, ora com negros precipícios. Não havia nenhum som, além da arrebentação distante, subindo e descendo a toda, e o gorjear de incontáveis insetos nos arbustos. Não havia homem nem vela sobre o mar; a própria grandeza da vista aumentava o sentimento de solidão.

Silver, sentado como estava, fez algumas medições com a bússola.

– Há três “árvore altas” – disse ele –, mais ou menos na linha à direita da Ilha do Esqueleto. O “flanco da Luneta”, eu presumo, é aquela parte mais baixa ali. Agora é brincadeira de criança encontrar as coisas. Estou pensando em almoçar primeiro.

– Não estou me sentindo bem – rosnou Morgan. – Pensar no Flint, acho que foi isso, mexeu comigo.

– Ah, bem, meu filho, louve as estrelas que ele esteja morto – falou Silver.

– Ele era um diabo horroroso – exclamou um terceiro pirata, com um estremecimento. – Com aquela cara azulada, inclusive!

– Aquilo foi o que o rum fez com ele – acrescentou Merry. – Azul! Bem, acho que ele era azul e melancólico. Não poderia ser dito melhor.

Desde o encontro com o esqueleto e de terem entrado nessa sequência de pensamentos, eles estavam falando cada vez mais baixo, e quase sussurravam a essa altura, de modo que o som de sua conversa quase não interrompia o silêncio da floresta. De repente, do meio das árvores diante de nós, uma voz fina, alta e trêmula chegou ao ritmo bem conhecido e aos versos:

*Quinze homens sobre o baú do defunto –  
lô-ho-ho, e uma garrafa de rum!*

Nunca vi homens mais terrivelmente impressionáveis do que os piratas. A cor sumiu de suas faces como se fosse por um feitiço; alguns levantaram-se com um salto, alguns se agarraram aos outros; Morgan abaixou-se no chão.

– É Flint, com mil...! – gritou Merry.

A canção parou tão de repente como começara – sumiu e, como se diria, no meio de uma nota, como se alguém tivesse colocado a mão sobre a boca do cantor. Saindo da atmosfera clara e ensolarada entre as copas verdes das árvores, achei que soava

etérea e doce; e o efeito sobre meus companheiros era mais estranho.

— Venham — disse Silver, movendo os lábios pálidos, com dificuldade para pronunciar a palavra. — Assim não dá. Preparem-se para ir. Este é um começo esquisito e eu não sei dizer a quem pertence a voz, mas é alguém zombando de nós; alguém de carne e osso, e podem contar com isso.

Sua coragem retornara quando ele falou e, com ela, um pouco da cor de seu rosto. Os outros já haviam começado a dar ouvidos a esse encorajamento e estavam retornando um pouco a si, quando a voz irrompeu de novo — desta vez não cantando, mas em um tenuíssimo chamado distante que ecoava ainda mais tênue entre as fendas da Luneta.

— Darby M'Graw — gemia, pois essa é a palavra que melhor descrevia o som —, Darby M'Graw! Darby M'Graw! — De novo e de novo e de novo; e então ficou um tom mais alto, e com uma blasfêmia que deixo de fora, prosseguiu: — Traga o rum, Darby!

Os bucaneiros ficaram plantados no chão, seus olhos arregalados na face. Muito tempo depois de a voz ter sumido, eles ainda estavam embasbacados, em silêncio, fitando o espaço diante deles.

— Isso resolve o problema! — ofegou um. — Vamos lá.

— Foram as últimas palavras dele — gemeu Morgan —, as últimas palavras a bordo.

Dick tinha pegado a Bíblia e estava rezando em um fluxo só. Ele havia sido bem-criado, Dick havia, antes de ter partido para o mar e sido colocado entre má companhia.

Apesar disso, Silver permanecia impassível. Eu podia ouvir seus dentes rangendo, mas ainda não havia se rendido.

— Ninguém aqui nesta ilha já ouviu falar de Darby — ele murmurou.  
— Ninguém que não seja nós aqui. — E, então, fazendo um grande esforço: — Companheiros! — exclamou —, estou aqui para buscar aquela coisa e não vou ser derrotado nem por homem nem por diabo. Eu nunca temi Flint quando era vivo e, pelos poderes, vou enfrentá-lo agora que está morto. Há setecentas mil libras a nem

quinhentos metros daqui. Quando é que um cavalheiro da fortuna depara com esse monte de dinheiro de um velho homem do mar beberrão e com a cara azul de tanto beber, e ele também já morto?

Mas não houve sinal de a coragem de seus companheiros retornar; em vez disso, pairava um terror cada vez maior pela irreverência de suas palavras.

– Espere aí, John! – disse Merry. – Não vá atentar um espírito.

E os demais homens estavam apavorados demais para responder. Eles teriam saído correndo, cada um para um lado, se ousassem; mas o medo os mantinha juntos, e os mantinha junto de John, como se a bravata do cozinheiro os ajudasse. Ele, de sua parte, tinha afugentado muito bem sua fraqueza.

– Espírito? Bem, talvez – disse ele. – Mas uma coisa não está clara para mim. Houve um eco. Pois bem, nenhum homem jamais viu um espírito com sombra; bem, então, o que ele estava fazendo com um eco, eu gostaria de saber? Isso não é da natureza, decerto?

Esse argumento me pareceu bem fraco, mas nunca se sabe o que afeta os supersticiosos e, para meu espanto, George Merry sentiu um enorme alívio.

– Bem, mas é assim que é – disse ele. – Você tem uma cabeça em cima do pescoço, John, disso não há dúvida. – Arribar, marujos! Essa tripulação aqui está navegando no bordo errado, creio eu. E parando para pensar nisso, parecia a voz do Flint, eu admito, mas não está assim tão claro, afinal. Agora parece a voz de outra pessoa, parece...

– Pelos poderes, Ben Gunn! – rugiu Silver.

– Sim, e era mesmo! – exclamou Morgan, levantando-se de repente sobre os joelhos. – Ben Gunn era mesmo!

– Não parece muito improvável, parece, agora? – perguntou o Dick. – Ben Gunn não está aqui em corpo mais do que Flint.

Mas os marujos mais velhos receberam essa observação com desprezo.

– Ora e quem se importa com Ben Gunn? – gritou Merry. – Vivo ou morto, quem se importa com ele?

Era extraordinário como seus ânimos tinham retornado e como a cor natural reavivara-se em suas faces. Logo estavam conversando entre si, com intervalos para ouvir; e não muito depois, sem ouvir outro sim, eles penduraram as ferramentas nos ombros e partiram de novo, Merry na frente, com a bússola de Silver para mantê-los no caminho para a Ilha do Esqueleto. Ele dissera a verdade: vivo ou morto, ninguém se importava com Ben Gunn.

Dick sozinho ainda segurava a Bíblia e observava ao redor à medida que prosseguia, lançando olhares amedrontados. Contudo, não encontrou compaixão nenhuma, e Silver até zombou dele e de suas precauções.

– Eu disse – comentou ele –, eu disse que você tinha profanado a sua Bíblia. E se não presta para você rezar em cima, por acaso você acha que um espírito teria medo dela? Dessa não! – E ele estalou os dedos grandes, parando um momento na muleta.

Mas Dick estava inconsolável; com efeito, logo me era evidente que o rapaz estava adoecendo; piorada pelo calor, pela exaustão e pelo choque de seu alarme, a febre, prevista pelo dr. Livesey, evidentemente estava se intensificando depressa.

Era tudo bem aberto nesse ponto, sobre o cume; nosso caminho descia um pouco, pois, como eu disse, o planalto era um pouco mais baixo seguindo para o Oeste. Os pinheiros, grandes e pequenos, iam ficando mais esparsos; e mesmo entre as touceiras de noz-moscada e azaleia, amplos espaços abertos cozinhavam debaixo do sol quente. Chegando, como estávamos, cada vez mais perto da ponta noroeste da ilha, por um lado, estávamos cada vez mais perto dos flancos da Luneta e, por outro, tínhamos uma visão cada vez mais ampla da baía oeste, onde eu havia sacolejado a bordo do coracle.

A primeira das árvores altas foi alcançada e, pelas coordenadas, mostrou-se ser a errada. Assim como a segunda. A terceira se erguia a quase sessenta metros no ar acima de uma moita de

vegetação rasteira – uma gigante vegetal, com uma coluna vermelha tão grande como uma casa de campo e uma grande sombra em torno dela, na qual uma companhia inteira poderia ter feito manobras. Era visível de longe, tanto do mar quanto do Leste e do Oeste e poderia ser incluída como um marco de navegação no mapa.

Mas não era seu tamanho que impressionava meus companheiros naquele momento; era a tomada de consciência de que setecentas mil libras em ouro estavam em algum lugar enterradas debaixo daquela sombra espalhada. Pensar no dinheiro, à medida que se aproximavam, afogava seus terrores prévios. Seus olhos fulguravam no rosto; seus pés estavam cada vez mais velozes e mais leves; toda a sua alma havia sido encontrada diante daquela fortuna, a vida inteira de extravagância e prazer, que aguardava por cada um deles.

Silver claudicava, grunhindo, com a muleta; as narinas dilatadas e trêmulas; ele praguejava como um louco quando as moscas pousavam em seu semblante acalorado e brilhoso de suor; ele puxava furiosamente a corda que me prendia a ele e, de tempos em tempos, desferia um olhar mortífero em minha direção. Certamente, não se esforçava para esconder seus pensamentos, e certamente eu os lia como se estivessem impressos. Na proximidade imediata do ouro, todo o resto foi esquecido: sua promessa e o alerta do médico eram ambas coisas do passado, e eu não poderia duvidar de que ele esperava colocar as mãos no tesouro, encontrar e embarcar no *Hispaniola* sob a cobertura da noite, cortar todas as gargantas honestas sobre aquela ilha e partir velejando como ele havia intencionado de início, carregado de crimes e de espólios.

Agitado como eu estava com essas preocupações, achava difícil acompanhar o ritmo acelerado dos caçadores de tesouro. De vez em quando eu tropeçava, e era então que Silver puxava a corda com enorme força e me desferia um de seus olhares assassinos. Dick, que havia ficado para trás de nós e agora vinha na retaguarda, tagarelava para si mesmo tanto rezas como blasfêmias, em sua

febre que não parava de subir. Isso também aumentava a minha desaventurança e, para coroar tudo, eu era assombrado pelo pensamento da tragédia que um dia assolara aquele planalto, quando aquele bucaneiro ímpio de cara azulada – aquele morto em Savannah, cantando e gritando por bebida – havia, naquele lugar e com suas próprias mãos, ceifado a vida de seus seis cúmplices. Esse bosque, que agora se mostrava tão tranquilo, devia ter ecoado em gritos naquele dia, pensei; e, mesmo na mente, achei que ainda conseguia ouvir os ecos.

Agora estávamos nas franjas do bosque.

– Vamos, companheiros, todos juntos! – gritou Merry; e os primeiros começaram a correr.

E, de repente, nem dez metros depois, nós os vimos parar. Veio um grito baixo. Silver dobrou o ritmo, andando e andando com o pé da muleta como se estivesse possuído; e no momento seguinte ele e eu também paramos de chofre.

Diante de nós havia uma grande escavação, não muito recente, pois os lados haviam desmoronado e a grama havia brotado na parte inferior. No fundo, o cabo de uma picareta quebrado em dois e as tábuas de várias caixas de armazenamento espalhadas em volta. Em uma dessas tábuas eu vi, marcado com a ferro quente, o nome *Walrus*, o nome do navio de Flint.

Tudo estava claro a ponto de não precisar ser provado. O depósito havia sido encontrado e saqueado; as setecentas mil libras haviam desaparecido!

# A queda do líder de um bando



Nunca houve tal reviravolta neste mundo. Era como se cada um daqueles seis homens tivesse sido atingido por um raio. Mas com Silver o golpe passou quase no mesmo instante. Todos os pensamentos de sua alma haviam sido direcionados com força total, como um corredor, para aquele dinheiro; bem, era como se, em um único segundo, ele houvesse sido morto; e ele manteve a cabeça no lugar, encontrou o autocontrole e mudou os planos antes que os outros tivessem tempo de assimilar a decepção.

– Jim – ele sussurrou –, pegue isso e se prepare para a confusão. E ele me passou uma pistola de cano duplo.

Ao mesmo tempo, começou a se mover discretamente para o Norte, e alguns passos haviam colocado o vão entre nós e os outros cinco. Então ele me olhou e assentiu, e depois disse:

– Estamos em posição difícil. – Eu concordava. O aspecto geral de Silver não era necessariamente amigável, e fiquei tão revoltado com essas mudanças constantes que não consegui evitar sussurrar:

– Então você mudou de lado outra vez.

Não houve tempo para resposta. Os bucaneiros, com perjúrios e gritos, começaram a saltar, um após o outro, dentro do poço e a cavar com os dedos, jogando as tábuas de lado enquanto faziam isso. Morgan encontrou uma moeda de ouro. Ele a segurou proferindo uma ladainha perfeita de blasfêmias. Era uma moeda de dois guinéus, e passou de mão em mão entre os homens durante um quarto de minuto.

– Dois guinéus! – rugiu Merry, sacudindo-a na cara de Silver. – Isso aqui que são as setecentas mil libras, por acaso? Você é o

homem das barganhas, não é? Você que nunca fez nada errado, seu grumete cabeça de bagre!

– Cavem, rapazes – disse Silver, com a insolência mais fria. – Vocês encontrarão algumas trufas e eu não iria me admirar.

– Trufas! – repetiu Merry, com um grito. – Companheiros, ouviram isso? Vou lhes dizer agora que esse homem já sabia desde o princípio. Olhem no rosto dele e vocês vão ver escrito ali.

– Ah, Merry – observou Silver –, outra vez se fazendo de capitão? Você é um rapaz insistente, decerto que é.

Mas dessa vez, todos estavam inteiramente a favor de Merry. Eles começaram a sair da escavação aos trancos e barrancos, lançando olhares furiosos por cima dos ombros. Uma coisa eu observei, que parecia boa para nós: todos subiram do lado oposto de onde estava Silver.

Bem, lá estávamos, dois de um lado e cinco do outro, o abismo entre nós, e ninguém em posição de dar o primeiro golpe. Silver nunca se moveu; ele os observava, muito ereto, apoiado na muleta e parecia frio e impassível como eu nunca o vira igual. Ele era corajoso, eu não podia negar.

Enfim, Merry pareceu achar que um discurso poderia ajudar os acontecimentos.

– Companheiros – disse ele –, ali estão dois deles sozinhos; um é o velho aleijado que nos trouxe todos até aqui para esse fracasso; o outro é um filhote, de quem eu quero arrancar o coração. Pois bem, companheiros...

Ele estava erguendo o braço e a voz, e claramente pretendia liderar uma investida. Mas nesse momento – *Rá! Tá! Tá!* –, três tiros de mosquete fulguraram de dentro do bosque. Merry tombou de cabeça dentro da escavação; o homem com a bandagem girou como um pião, e todo o seu comprimento caiu de lado, onde ele ficou, morto, mas ainda tremendo; e os outros três se viraram e correram com todas as suas forças.

Antes que se pudesse piscar, Long John disparara duas vezes com uma pistola em Merry, que se debatia, e quando o homem

revirou os olhos para ele em sua última agonia:

– George – disse Long John –, acho que acertei as contas com você.

No mesmo momento, o médico, Gray e Ben Gunn se juntaram a nós, com mosquetes fumegando, entre os pés de noz-moscada.

– Avante! – gritou o médico. – Rápido, rápido, meus rapazes. Temos que chegar aos botes antes deles.

E partimos em um grande ritmo, às vezes, mergulhando nos arbustos até a altura do peito.

Vou falar, Silver estava ansioso para nos acompanhar. O esforço que aquele homem fez, pulando com a muleta até os músculos do peito estarem prestes a estourar, foi um esforço que nenhum homem inteiro jamais fez; e o doutor pensava o mesmo. Do jeito que estava, ele já se encontrava trinta metros para trás de nós e às beiras de sufocar, quando alcançamos o ápice da encosta.

– Doutor – ele chamou –, veja lá! Sem pressa!

Com certeza não havia mais pressa. Em uma parte mais aberta do planalto, vimos os três sobreviventes ainda correndo na mesma direção em que tinham iniciado, diretamente para a Colina Mastro de Mezena. Já estávamos entre eles e os barcos; e então, nós quatro sentamos para respirar, enquanto Long John, enxugando o rosto, chegou devagar até nós.

– Muitíssimo agradecido, doutor – disse ele. – O senhor apareceu pela hora da morte, eu acho, para mim e para Hawkins. Assim como você, Ben Gunn! – ele acrescentou. – Bem, você é bom rapaz, decerto que é.

– Eu sou Ben Gunn, sou sim – respondeu o ilhado, contorcendo-se como uma enguia no seu embarço. – E – acrescentou, após uma longa pausa –, como vai, sr. Silver? “Muito bem, eu lhe agradeço”, dirá o senhor.

– Ben, Ben – murmurou Silver –, e pensar no que você fez para mim!

O médico mandou Gray buscar uma das picaretas, abandonadas durante a luta pelos amotinados e, depois, à medida que

procedíamos em ritmo vagaroso colina abaixo até onde estavam os botes, relatou em algumas palavras o que ocorrera. Foi uma história que interessou Silver profundamente; e Ben Gunn, o ilhado meio paspalho, foi o herói do começo ao fim.

Ben, em suas andanças longas e solitárias pela ilha, tinha encontrado o esqueleto – fora ele que remexera nos ossos; ele encontrara o tesouro; ele o desenterrara (era o cabo de sua picareta que estava quebrado na escavação); então havia carregado o tesouro nas costas, em muitas jornadas cansativas, do pé do pinheiro alto até uma caverna que ele tinha na colina de picos duplos, no ângulo nordeste da ilha, e lá o tesouro permanecia armazenado em segurança desde dois meses antes da chegada do *Hispaniola*.

Quando o médico arrancou esse segredo dele na tarde do ataque e, quando, na manhã seguinte, viu o ancoradouro deserto, ele procurara Silver e lhe dera o mapa, que então já era inútil, depois as provisões – pois a caverna de Ben Gunn era bem abastecida de carne de cabra salgada por ele mesmo –, e dado tudo e qualquer coisa para ter uma chance de passar em segurança da paliçada para a colina de duas pontas, lá para ficarem livres da malária e montar guarda sobre o dinheiro.

– Quanto a você, Jim – disse ele –, foi contra o meu coração, mas eu fiz o que achei melhor para aqueles que permaneceram fiéis ao seu dever; e se você não fosse um desses, de quem seria a culpa?

Naquela manhã, descobrindo que eu estaria envolvido na decepção horrível que ele havia preparado para os amotinados, o doutor correra até a caverna e, deixando o fidalgo para proteger o capitão, levara Gray e o ilhado em uma linha diagonal pela ilha para ficarem de prontidão ao lado do pinheiro. Logo, no entanto, ele viu que o nosso grupo já se aproximava com vantagem; assim, ele despachara Ben Gunn, que tinha passos velozes, na frente para fazer o melhor que pudesse sozinho. Assim, ocorreu a Ben trabalhar sobre as superstições de seus antigos companheiros, e teve sucesso até que Gray e o médico aparecessem e já estivessem

preparados para a emboscada antes da chegada dos caçadores de tesouro.

— Ah — disse Silver —, sorte a minha ter Hawkins aqui perto de mim. O senhor teria deixado o velho John virar picadinho e nem pensaria em mim, doutor.

— Não pensaria mesmo — respondeu o dr. Livesey, alegremente.

E a essa altura tinham chegado os escaleres. O médico, com a picareta, demoliu um deles, e então nós todos subimos a bordo do outro e partimos para dar a volta na ilha até a Enseada Norte.

Foi uma corrida em torno de quinze quilômetros. Silver, embora já quase morto de fadiga, recebeu um remo, como o resto de nós, e logo estávamos deslizando rapidamente sobre um mar liso. Logo passamos por fora dos estreitos e dobramos a ponta sudeste da ilha, ao redor da qual, quatro dias antes, tínhamos levado o *Hispaniola*.

À medida que passávamos a colina de duas pontas, vimos a boca preta da caverna de Ben Gunn e uma figura de pé na entrada, apoiada sobre um mosquete. Era o fidalgo, e nós acenamos com um lenço e lhe demos três vivas, aos quais a voz de Silver se uniu com o mesmo entusiasmo das demais.

Cinco quilômetros mais adiante, logo dentro da desembocadura da Enseada Norte, o que encontrariamos, se não o *Hispaniola*, flutuando sozinho. A última enchente o levantara, e se houvesse muito vento ou uma corrente forte de maré, como no ancoradouro sul, nunca mais o teríamos encontrado, ou o acharíamos desgarrado além de onde seria possível recuperá-lo. Da forma que estava, havia pouca coisa de errado com o navio além do estrago feito na vela grande. Outra âncora foi aprontada e solta em uma braça e meia de água. Todos nós remamos novamente até a Enseada do Rum, o ponto mais próximo de casa do tesouro de Ben Gunn; e então Gray voltou sozinho com o bote até o *Hispaniola*, onde ele passaria a noite de guarda.

Uma inclinação suave seguia da praia até a entrada da caverna. No topo, o fidalgo nos encontrou. Para mim ele foi cordial e gentil,

sem dizer nada da minha fuga; nem para me repreender nem para me elogiar. Já quanto à saudação educada de Silver, ele se mostrou um tanto ruborizado.

– John Silver – ele disse –, você é um vilão prodigioso e um impostor; um impostor monstruoso, senhor. Disseram-me que não devo levá-lo a julgamento. Pois bem, então não vou. Mas os homens mortos, senhor, estão pendurados no seu pescoço como fardos.

– Muitíssimo agradecido, senhor – respondeu Long John, saudando-o novamente.

– Eu o desafio a me agradecer! – gritou o fidalgo. – É uma negligência imperdoável do meu dever. Afaste-se.

E então todos nós entramos na caverna. Era um lugar grande, arejado, com uma pequena fonte e uma piscina de água límpida, com samambaias dependuradas. O chão era de areia. Na frente de uma grande fogueira, estava deitado o capitão Smollett; e, em um canto mais distante, iluminado pelo bruxuleio de uma chama, contemplei os grandes montes de moedas e quadriláteros construídos em barras de ouro. Era o tesouro de Flint, o que tínhamos vindo de tão longe procurar e que já custara a vida de dezessete homens do *Hispaniola*. Quanto tinha custado no total, quanto sangue e tristeza, quantos bons navios naufragados no fundo do oceano, quantos homens corajosos andaram na prancha de olhos vendados, quantos tiros de canhão, quanta vergonha e mentiras e残酷, talvez nenhum homem vivo poderia dizer. Mas, ainda assim, havia três homens naquela ilha – Silver, o velho Morgan e Ben Gunn –, cada um com sua parte nesses crimes, assim como cada um deles tivera esperanças vãs de obter uma parte da recompensa.

– Entre aqui, Jim – disse o capitão. – Você é um bom rapaz na sua linha, Jim, mas não acho que você e eu vamos voltar ao mar. Você é privilegiado demais para mim. É você, John Silver? O que o traz aqui, homem?

– Voltei para o meu dever, senhor – retorquiu Silver.

– Ah! – disse o capitão, e foi tudo o que ele disse.

Que jantar eu tive naquela noite, com todos os meus amigos ao meu redor; e que refeição foi aquela, com o bode salgado de Ben Gunn e algumas iguarias e uma garrafa de vinho envelhecido do *Hispaniola*. Nunca, tenho certeza, existiram pessoas mais alegres ou mais felizes. E ali estava Silver, sentado para trás, quase fora da luz da fogueira, mas comendo com gosto, pronto para levantar-se com presteza sempre que se queria alguma coisa, até mesmo rindo conosco discretamente – o mesmo homem do mar, brando, educado e obsequioso, de quando a viagem iniciou.

# Enfim



Na manhã seguinte, nós nos colocamos cedo ao trabalho, pois o transporte de uma quantidade tão grande de ouro por quase dois quilômetros de terra até a praia, e depois sete quilômetros de barco até o *Hispaniola*, era uma tarefa considerável para um número tão pequeno de trabalhadores. Os três sujeitos ainda em algum lugar da ilha não fizeram muito para nos perturbar; uma única sentinela no flanco da colina foi suficiente para nos dar segurança contra qualquer ataque repentino, e pensávamos, além disso, que eles já tinham passado por sua cota de lutas.

Portanto, o trabalho foi desempenhado vigorosamente. Gray e Ben Gunn iam e vinham com o bote, enquanto os demais, em sua ausência, empilhavam tesouro na praia. Duas das barras, penduradas na ponta de uma corda, já eram um bom fardo para um homem adulto – um com o qual se teria gosto em caminhar devagar. Quanto a mim, como não era de grande ajuda para carregar, fui mantido ocupado na caverna empacotando o dinheiro cunhado, em sacos de pão.

Era uma estranha coleção, como o tesouro acumulado de Billy Bones, pela diversidade de cunhagens, mas tão maior e tão mais variada que eu acho que nunca tive mais prazer do que quando estava separando as moedas. Inglesas, francesas, espanholas, portuguesas, Georges e Louises, dobrões e guinéus duplos emoidores e cequins, as imagens de todos os reis da Europa nos últimos cem anos, estranhas peças orientais estampadas com o que pareciam ser tufo de corda ou pedaços de teias de aranha, peças redondas e

peças quadradas e peças furadas no meio, como se para usá-las no pescoço – quase toda a variedade de dinheiro no mundo deve, penso eu, ter encontrado um lugar naquela coleção; e quanto ao número, tenho certeza de que eram como folhas de outono, pois fiquei com dores nas costas, por me abaixar, e com dores nos dedos, por separá-las.

Dia após dia, esse trabalho continuou; a cada noite, uma fortuna era carregada a bordo, mas havia outra fortuna esperando o amanhecer; e, durante todo esse tempo, não soubemos nada dos três amotinados sobreviventes.

Por fim – acho que foi na terceira noite –, o doutor e eu estávamos passeando no flanco da montanha com vista para as terras baixas da ilha, quando, da escuridão espessa abaixo, o vento nos trouxe um ruído que era entre um grito estridente e um canto. Foi apenas um fragmento que chegou aos nossos ouvidos, seguidos pelo silêncio anterior.

– Que Deus os perdoe – disse o médico. – São os amotinados!

– Todos bêbados, senhor – respondeu a voz de Silver, atrás de nós.

A Silver, devo dizer, fora concedida toda a liberdade e, apesar de suas grosserias diárias, pareceu se dar conta mais uma vez de seu privilégio e da necessidade de depender da cordialidade. Na verdade, era notável o quanto ele suportava essas descortesias e, com uma polidez incansável, ele continuou tentando cair nas boas graças de todos. Ainda assim, eu acho, ninguém o tratou melhor do que um cão, a não ser Ben Gunn, que ainda tinha muito medo de seu antigo contramestre, ou eu, que tinha realmente algo por que lhe agradecer; embora nesse quesito, suponho, eu tinha razão para pensar pior dele do que qualquer um dos outros, pois eu o vira meditar uma

nova traição quando estávamos no planalto. Nesse sentido, foi com muita rispidez que o médico respondeu a ele:

– Bêbados ou delirantes.

– Está certíssimo, senhor – respondeu Silver. – O que é um bom augúrio para o senhor e para mim.

– Penso que você dificilmente me pediria para chamá-lo de um homem compassivo – retrucou o médico, em tom de escárnio –, portanto, meus sentimentos podem surpreendê-lo, mestre Silver. Mas se eu estivesse seguro de que eles estavam delirando, tenho a certeza moral de que pelo menos um, dentre eles, está com a febre. Eu deveria deixar este campo e, sob qual for o risco para minha própria carcaça, levar a eles a assistência do meu ofício.

– Peço seu perdão, senhor, mas o senhor estaria muito errado – contradisse Silver. – Perderia sua preciosa vida, e o senhor pode contar com isso. Eu estou do seu lado agora, a mão e a luva; e não desejo ver o grupo se enfraquecer, que dirá o senhor, ainda mais levando em conta o que eu sei que devo ao senhor. Mas esses homens lá embaixo, eles não manteriam a palavra; não, não suponho que eles desejassem; e, além do mais, eles não acreditariam que o senhor fosse manter a sua.

– Não – disse o médico. – Você é o homem que mantém a palavra e nós sabemos disso.

Bem, essa foi basicamente a última notícia que tivemos dos três piratas. Apenas uma vez ouvimos um tiro a longas distâncias e imaginamos que estivessem caçando. Realizou-se um conselho, e foi decidido que deveríamos abandoná-los na ilha – para a enorme alegria, devo dizer, de Ben Gunn, e com a forte aprovação de Gray. Deixamos um bom estoque de pólvora e munição, a maior parte da carne de cabra

salgada, alguns medicamentos e algumas outras necessidades, ferramentas, roupas, uma vela de reposição, uma braça ou duas de corda, e pelo desejo particular do doutor, um generoso presente de tabaco.

Esse foi nosso último feito na ilha. Antes disso, tínhamos guardado o tesouro e levado bastante água a bordo e o restante da carne de bode, para o caso de qualquer perturbação; e, finalmente, uma bela manhã, içamos âncora, o que necessitou de quase todos os nossos esforços, e saímos pela Enseada Norte, com as mesmas cores que o capitão hasteara e pela qual lutara na proteção da paliçada.

Os três camaradas deviam estar nos observando mais de perto do que pensávamos, o que logo confirmamos. Para passar pelos estreitos, tivemos de ficar muito próximo do ponto mais ao Sul, e lá vimos os três ajoelhados juntos em uma ponta de areia, com os braços erguidos em súplica. Doeu-nos o coração, eu acho, deixá-los naquele estado deplorável; mas não podíamos arriscar outro motim; e levá-los para a força teria sido um tipo cruel de bondade. O médico chamou-os e contou das provisões que tínhamos deixado, e onde poderiam encontrá-las. No entanto, continuaram a nos chamar pelo nome e fazer apelos, pelo amor de Deus, para que tivéssemos misericórdia e não os deixássemos morrer em um lugar daqueles.

Por fim, notando que o navio ainda se mantinha no curso e que agora estava saindo rapidamente do alcance da voz, um deles – não sei qual era – levantou-se com um salto e um brado rouco, fez um movimento ágil para encaixar o mosquete no ombro e disparou um tiro que passou assobiando por cima da cabeça de Silver e pela vela principal.

Depois disso, ficamos sob a proteção dos baluartes e, quando olhamos novamente, eles haviam desaparecido da ponta de areia, e a própria ponta quase se dissolvera da visão, a distância cada vez maior. Esse foi, enfim, o desfecho daquilo; e antes do meio-dia, para minha alegria inexpressável, a rocha mais alta da Ilha do Tesouro mergulhou na imensidão azul do mar.

Estávamos com tão poucos homens que todos a bordo precisavam ajudar – apenas o capitão permaneceu deitado sobre um colchão no tombadilho e dando as ordens, pois, embora se recuperasse de modo considerável, ele ainda precisava de repouso. Apontamos o rumo para o porto mais próximo na América Espanhola, pois não poderíamos arriscar a viagem para casa sem uma nova tripulação; e, assim, com ventos instáveis e algumas rajadas novas, estávamos exaustos antes de alcançá-lo.

O sol se punha quando lançamos âncora no golfo mais lindo, cercado de terra por todos os lados, e fomos imediatamente rodeados por barcos vindos da costa cheios de negros e de índios mexicanos e de mestiços vendendo frutas e legumes e oferecendo mergulhos em troca de um dinheirinho. A visão de tantos rostos bem-humorados (especialmente os negros), o sabor das frutas tropicais e, acima de tudo, as luzes que começaram a brilhar na cidade criaram um contraste muito encantador com a nossa permanência sombria e sangrenta na ilha; e o médico e o fidalgo, levando-me com eles, desembarcaram para passar o início da noite.

Ali eles encontraram o capitão de um grande navio militar da Marinha Inglesa, começaram a conversar com ele, subiram a bordo de seu navio e, em suma, passamos um

momento tão agradável naquele dia que foi desalentador quando voltamos ao *Hispaniola*.

Ben Gunn estava no convés sozinho e, assim que viemos a bordo, ele começou com digressões absurdas a nos fazer uma confissão. Silver tinha desaparecido. O ilhado havia sido conivente com a fuga dele em um dos barcos vindos da costa, fazia algumas horas, e agora nos garantia que só tinha feito isso para preservar nossas vidas, que certamente seriam postas em risco se “aquele homem de uma perna só tivesse ficado a bordo”. Mas isso não era tudo. O cozinheiro não tinha partido de mãos abanando. Ele cortara uma antepara sem que ninguém visse e removera um dos sacos de moeda, no valor de, talvez, trezentos ou quatrocentos guinéus, para ajudá-lo em suas andanças vindouras.

Acho que ficamos todos satisfeitos por termos nos livrado dele a um preço tão baixo.

Bem, para encurtar a história, trouxemos alguns homens a bordo, fizemos uma boa viagem para casa, e o *Hispaniola* chegou a Bristol bem quando o sr. Blandly estava começando a pensar em partir com seu barco auxiliar. Apenas cinco homens daqueles que zarparam com a escuna voltaram com ela. “A bebida e o diabo já haviam cuidado do resto”, de forma muito incisiva, no entanto, pois certamente não éramos um caso tão grave como aquele outro navio sobre o qual cantavam:

*Na tripulação só restava um homem vivo,  
Que partira ao mar com setenta e cinco.*

Todos nós recebemos uma ampla cota do tesouro e a usamos com sabedoria ou tolice, de acordo com a natureza de cada um. Capitão Smollett agora está aposentado do mar. Gray não apenas guardou seu dinheiro, mas, querendo

se tornar ferreiro com o desejo de subir na vida, também estudou sua profissão, e ele agora é imediato e sócio de uma bela fragata completa, inclusive casou-se e é pai de família. Quanto a Ben Gunn, ele recebeu mil libras, quantia que gastou ou perdeu em três semanas, ou, para ser mais exato, em dezenove dias, pois ele estava de volta e implorando no vigésimo. Então ele recebeu uma cabana de guarda-caça, exatamente do jeito que ele havia temido quando estava na ilha; e ainda vive lá, com grande estima, embora seja algum motivo de zombaria dos rapazes do interior, e é um cantor notável na igreja aos domingos e em dias santos.

De Silver não ouvimos mais nada. Aquele formidável homem do mar, com uma perna só, finalmente foi erradicado da minha vida; mas eu me atrevo a dizer que ele reencontrou sua antiga negra e talvez ainda viva confortavelmente com ela e com capitão Flint. É de se esperar, suponho, pois suas chances de conforto em outro mundo são muito pequenas.

As barras de prata e as armas ainda estão, até onde eu sei, onde Flint as enterrou; e certamente, se dependerem de mim, lá ficarão. Nem amarrado a bois eu voltaria para aquela ilha amaldiçoada; e o pior dos sonhos que costumo ter é quando ouço a arrebentação estrondosa das ondas nas orlas ou acordo com um sobressalto, sentando-me na cama, com a voz aguda de capitão Flint ainda ecoando nos meus ouvidos:

– Moedas de prata! Moedas de prata!





# GEORGE ORWELL



# -1984-



Principia



# 1984

Orwell, George

9786555522655

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado em 1949, o texto de Orwell nasceu destinado à polêmica. Traduzido em mais de sessenta países, virou minissérie, filmes, quadrinhos, mangás e até uma ópera. Ganhou holofotes em 1999, quando uma produtora holandesa batizou seu reality show de Big Brother. 1984 foi responsável pela popularização de muitos termos e conceitos, como Grande Irmão, duplopensar, novidioma, buraco da memória e 225. O trabalho de Winston, o herói de 1984, é reescrever artigos de jornais do passado, de modo que o registro histórico sempre apoie a ideologia do Partido. Grande parte do Ministério também destrói os documentos que não foram revisados, dessa forma não há como provar que o governo esteja mentindo. Winston é um trabalhador diligente e habilidoso, mas odeia secretamente o Partido e sonha com a rebelião contra o Grande Irmão.

[Compre agora e leia](#)

# O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

EMILY BRONTE



# O Morro dos Ventos Uivantes

Bronte, Emily

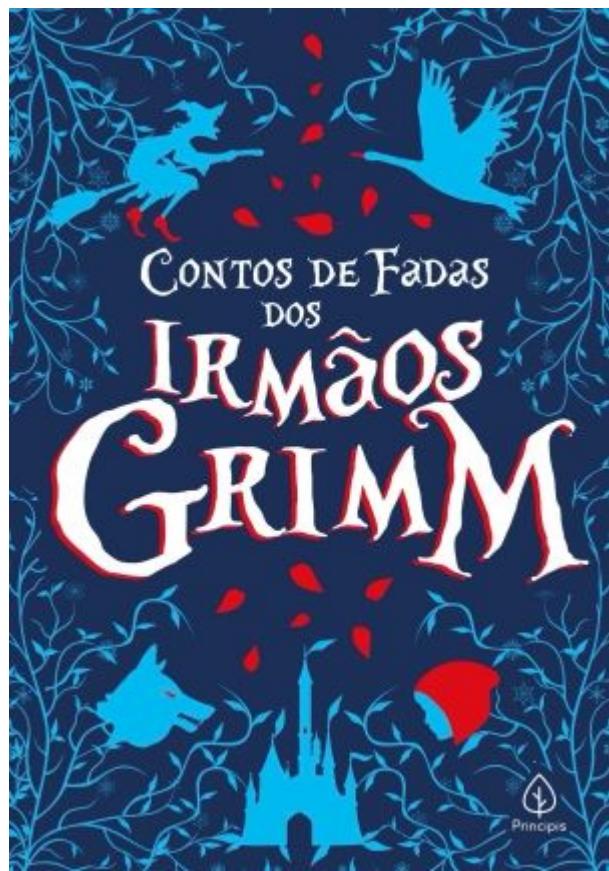
9786555520415

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Único romance da escritora inglesa Emily Bronte, O morro dos ventos uivantes retrata uma trágica história de amor e obsessão em que os personagens principais são a obstinada e geniosa Catherine Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Grosseiro, humilhado e rejeitado, ele guarda apenas rancor no coração, mas tem com Catherine um relacionamento marcado por amor e, ao mesmo tempo, ódio. Essa ligação perdura mesmo com o casamento de Catherine com Edgar Linton.

[Compre agora e leia](#)



# Contos de fadas dos Irmãos Grimm

Irmãos Grimm

9786555520859

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reconhecidos mundialmente pela qualidade dos contos que produziram desde o começo do século XIX, os irmãos Grimm diziam estar só escrevendo as histórias que escutavam de camponeses e amigos. Concomitantemente aos registros do cotidiano, começaram a pesquisar documentos e recolher histórias da Alemanha para a preservação da memória e das tradições populares. Neste livro encontram-se contos fantásticos que mantêm viva a memória da criação folclórica da população alemã.

[Compre agora e leia](#)

O diário de  
**ANNE  
FRANK**



# O Diário de Anne Frank

Frank, Anne

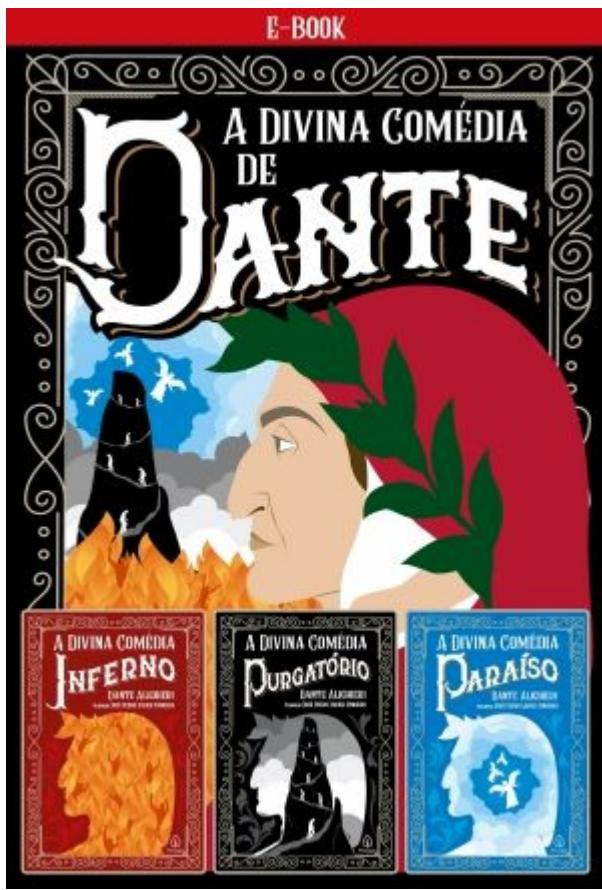
9786555520538

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

É a história real de uma garota judia de 13 anos que ficou escondida com a família durante a ocupação nazista da Holanda. O nome dela era Annelies Marie Frank, nasceu em 12 de junho de 1929 em Frankfurt, na Alemanha, e morreu em um campo de concentração, pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Foi escondida, no último andar de um prédio, que Anne Frank escreveu durante mais de 2 anos em dos registros mais detalhados do dia a dia daquela faze em que os nazistas, liderados por Hitler, espalharam o horror entre seus perseguidos.

[Compre agora e leia](#)



# A Divina Comédia

Alighieri, Dante

9786555520088

720 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Divina Comédia é um poema clássico da literatura italiana e mundial com características épica e teológica, escrito por Dante Alighieri no século XIV período renascentista e dividido em três partes: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso. São cem cantos protagonizados pelo próprio Dante em companhia do poeta romano Virgílio , que percorreu uma jornada espiritual pelos três reinos além-túmulo.

[Compre agora e leia](#)